UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE FILOSOFIA

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF–FILO

JOSÉ AÉRCIO DOS SANTOS OLIVEIRA

O MITO GREGO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA APRENDER FILOSOFIA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL MARIA DE LOURDES ARAÚJO EM SANTA RITA-PB

CAMPINA GRANDE – PB

2024

JOSÉ AÉRCIO DOS SANTOS OLIVEIRA

O MITO GREGO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA APRENDER FILOSOFIA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL MARIA DE LOURDES ARAÚJO EM SANTA RITA-PB

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia PROF–FILO, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes

CAMPINA GRANDE – PB

2024

O48m Oliveira, José Aércio dos Santos.
O mito grego como recurso pedagógico para aprender filosofia: um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB / José Aércio dos Santos Oliveira. – Campina Grande, 2024.
433 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes".
Referências.

1. Mitologia Grega. 2. Mito. 3. Teatro e Logos. 4. Filosofia – Estudoe Ensino. I. Lopes, Ricardo Leon. II. Título.

CDU 2-264(38)(043)

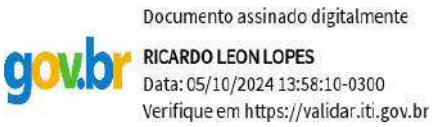
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

JOSÉ AÉRCIO DOS SANTOS OLIVEIRA

O MITO GREGO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA APRENDER FILOSOFIA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL MARIA DE LOURDES ARAÚJO EM SANTA RITA-PB

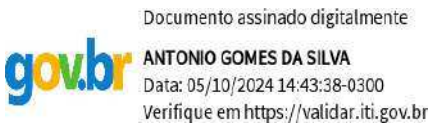
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia PROF–FILO, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em: 17 / 09 / 2024.



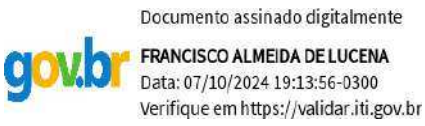
Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes

Orientador – PROF–FILO/UFCG



Prof. Dr. Antônio Gomes da Silva

Avaliador Interno – PROF–FILO/UFCG



Prof. Dr. Francisco Almeida de Lucena

Avaliador Externo – IFPB

ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Às quatorze e trinta horas do dia dezessete de setembro de dois mil e vinte e quatro, em sala do Google Meet, o discente do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da UFCG, **JOSÉ AÉRCIO DOS SANTOS OLIVEIRA**, matrícula 3102202209, compareceu para Defesa Pública da sua Dissertação, intitulada **"O MITO GREGO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA APRENDER FILOSOFIA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL MARIA DE LOURDES ARAÚJO EM SANTA RITA - PB"**. Constituiu a Banca Examinadora, os professores Ricardo Leon Lopes (Orientador), Antonio Gomes da Silva (Examinador Interno) e Francisco Almeida de Lucena (Examinador Externo – IFPB de Patos). Após o ato da Defesa e realizadas as arguições pelos referidos examinadores, ao trabalho foi atribuído o conceito **APROVADO**. Eu, Ricardo Leon Lopes, na condição de Presidente dessa Banca Examinadora, lavrei a presente Ata que segue assinada por mim e pelos demais examinadores.

Observações:

Atender às solicitações feitas pelos Membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca Examinadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
RICARDO LEON LOPES
Data: 28/09/2024 12:49:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes

gov.br Documento assinado digitalmente
ANTONIO GOMES DA SILVA
Data: 05/10/2024 14:43:38-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Antonio Gomes da Silva

gov.br Documento assinado digitalmente
FRANCISCO ALMEIDA DE LUCENA
Data: 27/09/2024 17:00:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Francisco Almeida de Lucena

Dedico esta dissertação especialmente à minha família e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a sua conclusão.

“Tentei contar como se a tradição desses mitos ainda pudesse se perpetuar. Essa voz que outrora, por séculos a fio, se dirigia diretamente aos ouvintes gregos, e que se calou: eu gostaria que ela fosse novamente ouvida pelos leitores de hoje, e que, em certas páginas deste livro, se tive êxito, ela continue a ressoar como um eco.”

Jean-Pierre Vernant.

AGRADECIMENTOS

Chegando ao final desta dissertação quero agradecer a aqueles (as) que fizeram com que ela fosse realizada.

Inicialmente, agradeço ao Deus da vida e da sabedoria eterna que me dotou de inteligência para que pudesse perscrutar os enigmas do saber. A Ele, todo o meu louvor e agradecimento.

Ao Prof. Dr. Luciano Silva, meu primeiro orientador, que me levou aos primeiros passos na pesquisa de uma temática tão interessante que é a mitologia grega. Ao Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes que, através de sua orientação, me fez ficar encantado com os autores por ele citados, tornando assim a pesquisa mais instigante. Gratidão por sempre ser prestativo e atencioso, pelas bibliografias apresentadas e por toda paciência e estima. Não posso deixar de lembrar o Prof. Dr. Antônio Gomes e o Prof. Dr. Francisco de Almeida por suas ricas contribuições para a pesquisa a deixando cada vez mais necessária para o desenvolvimento do ensino de filosofia.

Não devo esquecer os companheiros e companheiras da turma 2022 do PROF-FILO. Fizemos uma boa amizade e espero que esta não venha a se acabar com a chegada da defesa da dissertação, mas continue sempre firme. E, entre os amigos, quero destacar o meu irmão Daniel Leite. A ele, todo o meu agradecimento pela confiança e perseverança sempre manifestada através de nossos diálogos e partilhas de conhecimento.

Quero agradecer também a minha esposa, Profa. Ana Lúcia de Freitas. Suas palavras, testemunhos e carinho por mim, sempre me deram forças para continuar. Não tenho palavras para expressar a minha gratidão.

Agradeço também à minha família, que sempre acreditou em mim e, através do seu incentivo, me ajudou a chegar à conclusão desta dissertação.

A toda a equipe da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo, gestão, coordenação, professores e funcionários, por esta vida de docência compartilhada, pelo carinho e compreensão, minha gratidão.

Por fim, aos estudantes que, todos os dias, me ensinam a importância de exercer uma docência responsável, tendo como foco o projeto de vida de cada um, muito obrigado. Foi gratificante compartilhar cada momento desta pesquisa com vocês.

RESUMO

O mito é definido como uma narrativa simbólica que busca explicar a realidade e transmitir ensinamentos morais, culturais e religiosos. Neste contexto, a presente pesquisa objetiva analisar a possibilidade de a mitologia grega se tornar um recurso pedagógico para o aprendizado da filosofia na ECI Maria de Lourdes Araújo, no bairro de Tibiri 2, em Santa Rita – PB. Para dar sustentação a nossa pesquisa, a análise começa com a discussão sobre a natureza dos mitos, questionando se são verdades ou falsidades. A crítica positivista de Auguste Comte é abordada, uma vez que ele considera os mitos como formas primitivas de pensamento que pertencem a um estágio inicial do desenvolvimento humano, contrastando com a definição de Mircea Eliade, que vê os mitos como verdades fundamentais que revelam as estruturas profundas da realidade da existência humana. Destaca-se também as contribuições de Claude Lévi-Strauss e Georges Gusdorf para o estudo e a valorização dos mitos, à medida que aquele vê os mitos como construções estruturadas que revelam padrões universais de pensamento, enquanto este os ver como construções da consciência coletiva e individual, oferecendo uma base para a compreensão do mundo e do lugar do ser humano nele. A nossa dissertação também examina os mitos Olimpianos de Homero e os mitos originários de Hesíodo, explorando como essas narrativas influenciaram a cultura e a filosofia grega. A tragédia grega é outro foco importante, com a análise das obras de os três grandes tragediógrafos: Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Nas tragédias desses autores foram exploradas questões existenciais, morais e sociais, vividas pelos gregos. Acrescenta-se a estes estudos, a contribuição de Jean-Pierre Vernant sobre os mitos da Grécia antiga, discutidos, especialmente na sua obra "Mito e Sociedade na Grécia Antiga", com destaque para a transição da cosmovisão mítica para o logos grego. Neste sentido, refletindo a influência dos mitos no pensamento filosófico, quando do seu surgimento entre os pré-socráticos, seja sendo utilizados ou negados por estes. O uso de mitos como recurso pedagógico promove o pensamento crítico ao desafiar os estudantes a refletir, analisar e questionar. Neste sentido, a pesquisa feita com os discentes do 1º ano do ensino médio caracterizou-se numa abordagem qualitativa/descritiva. Como procedimento, a pesquisa foi configurada como uma pesquisa-ação, um tipo de investigação participativa que envolve colaboração ativa entre pesquisadores e participantes. O estudo incluiu a aplicação de questionários

de pesquisa, inicialmente preenchidos por 20 discentes e, posteriormente, por 16. A análise dos dados coletados forneceu resultados valiosos sobre a eficácia do uso dos mitos nas aulas de filosofia, permitindo avaliar seu impacto no processo de ensino-aprendizagem. Finalmente, após intervenções em sala de aula sobre mitologia grega e filosofia, a elaboração de um produto educacional, uma cartilha filosófica, acreditando ser uma iniciativa relevante, na medida em que é um material propedêutico sobre os estudos do mito e da filosofia, que pode trazer inúmeros benefícios educacionais não só para os discentes, mas também para os docentes de filosofia e pesquisadores de áreas afins.

Palavras-chave: Mitologia grega; Poesia; Tragédia; Filosofia Grega; Cartilha Filosófica.

ABSTRACT

Myth is defined as a symbolic narrative that trys to explain reality and transmit moral, cultural and religious teachings. In this context, this research aims to analyze the possibility of Greek mythology becoming a pedagogical resource for the learning of philosophy at ECI Maria de Lourdes Araújo, in the district of Tibiri 2, in Santa Rita – PB. To support our research, the analysis begins with a discussion on the nature of myths, questioning whether they are truths or falsehoods. Auguste Comte's positivist critique is approached, since he considers myths to be a primitive forms of thinking that belong to an early stage of human development, in contrast to Mircea Eliade's definition, which sees myths as fundamental truths that reveal the deep structures of the reality of human existence. We also highlight the contributions of Claude Lévi-Strauss and Georges Gusdorf to the study and valorization of myths, as the first one sees myths as structured constructions that reveal universal patterns of thought, while the second sees them as constructions of collective and individual consciousness, offering a basis for understanding the world and the place of human beings in it. Our dissertation also investigates Homer's Olympian myths and Hesiod's origin myths, exploring how these narratives influenced Greek culture and philosophy. Greek tragedy is another important focus, with the analysis of the works of the three great tragediographers: Aeschylus, Sophocles and Euripides. On tragedies by these authors, were explored, existential, moral and social issues experienced by the Greeks. In addition to these studies, the contribution of Jean-Pierre Vernant on the myths of ancient Greece is discussed, especially in his work “Myth and Society in Ancient Greece”, with emphasis on the transition from the mythical cosmovision to the Greek logos. In this sense, reflecting the influence of myths on philosophical thinking, when they emerged among the pre-Socratics, whether they were used or denied by them. The use of myths as a teaching resource promotes critical thinking by challenging students to reflect, analyze and question. In this way, the research carried out with first-year high school students was characterized by a qualitative/descriptive approach. As a procedure, the research was configured as research-action, a type of participative investigation that involves active collaboration between researchers and participants. The study included the application of survey questionnaires, initially completed by 20 students and subsequently by 16. The analysis of the data collected provided valuable results on the effectiveness of the use of myths in philosophy classes, making it possible to assess their impact on the teaching-learning process. Finally, after classroom interventions on Greek mythology and philosophy, the development of an educational product, a philosophical primer guide, we believe to be a relevant initiative, insofar as it is a propaedeutic material on the study of myth and philosophy, which can bring numerous educational benefits not only to students, but also to philosophy teachers and researchers in related areas.

Keywords: Greek mythology; Poetry; Tragedy; Greek philosophy; Philosophical primer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo.....	129
Figura 2	Roda de conversa com os estudantes sobre mitologia e filosofia.	135
Figura 3	Poster do filme.....	136
Figura 4	Exibição do filme “A Odisseia”.....	137
Figura 5	Estudantes assistindo o filme “A Odisseia”.....	137
Figura 6	Questionário com perguntas sobre o filme.....	138
Figura 7	Estudantes assistindo o vídeo sobre as divindades gregas.....	139
Figura 8	Estudantes divididos em grupo para a criação da atividade.....	140
Figura 9	Estudantes divididos em grupo para a criação da atividade.....	140
Figura 10	Desenho produzido por um dos grupos dos estudantes.....	141
Figura 11	Estudantes, em grupos, construindo a atividade.....	142
Figura 12	Desenho produzido por um dos grupos dos estudantes.....	143
Figura 13	Palavras iniciais do Professor motivando a ação e explicando a sua importância.....	144
Figura 14	Estudantes participando do debate.....	145
Figura 15	Estudantes respondendo o 1º Questionário.....	146
Figura 16	Estudantes respondendo o 2º Questionário.....	147

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO.....**	**15**
2	**CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DOS MITOS PARA O SURGIMENTO DAS CIVILIZAÇÕES.....**	**19**
2.1	Mitos: Verdades ou Falsidades.....	20
2.1.1	A Crítica do Positivismo de Auguste Comte sobre o Mito: Irrealidade e Fantasia.....	23
2.1.2	A Definição de Mito por Mircea Eliade: Verdade intuída, origem das civilizações e do tempo histórico.....	28
2.1.3	A Contribuição de Lévi-Strauss para o estudo e a valorização do mito	33
2.1.4	A Contribuição de Georges Gusdorf para o estudo e a valorização do mito.....	38
2.1.5	Os Mitos Olimpianos de Homero.....	43
2.1.6	Os Mitos Originários de Hesíodo.....	49
2.1.7	As Tragédias e os Mitos utilizados pelos tragediógrafos.....	53
2.1.7.1	Ésquilo.....	62
2.1.7.2	Sófocles.....	70
2.1.7.3	Eurípides.....	79
3	**OS ESTUDOS DE JEAN-PIERRE VERNANT SOBRE OS MITOS DA GRÉCIA ANTIGA.....**	**87**
3.1	Quem é Jean-Pierre Vernant?.....	88
3.2	A Obra: Mito e Sociedade na Grécia antiga.....	96
3.3	A Influência do Pensamento de Vernant para o estudo dos Mitos.....	101
3.4	Histórias para ninar: Narrativas e Mitos.....	106
4	**A TRANSIÇÃO DO MITO À FILOSOFIA.....**	115
4.1	A Cosmovisão que precedeu o logos grego.....	116
4.2	Da Narrativa Mítica ao Pensamento Filosófico.....	119
5	**A FILOSOFIA NA SALA DE AULA: O MITO COMO PORTA DE ENTRADA PARA A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO.....**	**129**
5.1	Caracterização do Campo de Pesquisa.....	129
5.2	Público Alvo.....	130

5.3 Materiais e Método..... 130
5.4 Intervenção Pedagógica..... 133
5.4.1 Aplicação do Questionário de Pesquisa..... 145
5.4.2 Análise dos dados..... 148
5.5 Produto Pedagógico: A Cartilha Filosófica..... 162
5.6 Discussão..... 164
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 167
REFERÊNCIAS..... 171
APÊNDICES..... 174
ANEXOS..... 415

1 INTRODUÇÃO

O mito grego, com suas narrativas ricas e complexas, oferece um recurso pedagógico poderoso para o ensino da filosofia. Essas histórias, que misturam elementos divinos com questões humanas universais, servem como uma ponte entre o pensamento mítico e o filosófico ao oferecer narrativas que, ao mesmo tempo, que exploram o comportamento e os dilemas humanos, atribuem a esses eventos um sentido transcendental, facilitando a compreensão de conceitos abstratos e complexos, como o bem e o mal, a justiça e a ordem, etc. Utilizar os mitos gregos no ensino da filosofia permite aos estudantes explorar questões éticas, morais e existenciais de forma acessível e envolvente, pois quando eles se conectam emocionalmente com os personagens e suas histórias, eles se envolvem mais ativamente no processo de aprendizado. Ao analisar os heróis e as aventuras dos deuses, os estudantes podem refletir sobre temas como a justiça, o destino e a virtude, tornando o aprendizado filosófico mais dinâmico e significativo. Esse dinamismo ocorre à medida que os discentes participam ativamente, construindo o conhecimento de maneira fluida e em constante evolução. Simultaneamente, o aprendizado se torna significativo ao se conectar com as experiências e conhecimentos prévios dos estudantes, proporcionando uma compreensão profunda e duradoura. Dessa forma, o mito não apenas enriquece a compreensão filosófica, mas também promove uma abordagem mais integrada e criativa da filosofia no ambiente educacional. De fato, ao interpretar e reimaginar histórias mitológicas, os estudantes exercitam a imaginação e a capacidade de pensar de forma crítica e inovadora. Isso os leva a explorar múltiplas perspectivas e a desenvolver suas próprias interpretações, tornando o estudo da filosofia não apenas uma análise teórica, mas também uma prática criativa.

O objetivo desta pesquisa foi investigar se a mitologia grega poderia ser utilizada como um recurso pedagógico eficaz para o ensino da filosofia. O estudo foi conduzido na Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo, localizada no bairro de Tibiri 2, em Santa Rita. A pesquisa envolveu 20 estudantes do 1º ano do ensino médio. Entre eles, poucos haviam tido contato prévio com a mitologia grega, e aqueles que tiveram, o fizeram por meio de livros, filmes ou séries. Em relação à filosofia, a maioria dos estudantes estava sendo introduzidos à disciplina pela primeira vez, já que no ensino fundamental não tinham acesso a esse conteúdo.

Para verificar a consistência de nosso objetivo, dividimos o texto em quatro capítulos. O primeiro apresentará o mito enquanto uma narrativa tradicional, ou seja, que é transmitida de geração em geração dentro de uma cultura que aborda questões fundamentais da experiência humana por tratarem de temas universais e essenciais que fazem parte da vida de todos os seres humanos, independentemente do tempo ou lugar. Por exemplo, o herói que enfrenta desafios, a figura do sábio mentor e o antagonista que representa o caos são modelos que aparecem em muitas tradições culturais. Esses elementos sugerem que os mitos abordam verdades que transcendem contextos culturais específicos. Em contraste, outros estudiosos os consideram meras ficções culturais. Auguste Comte, crítico do positivismo, via os mitos como representações de irrealidade e fantasia, em contraste com o conhecimento científico empírico. Mircea Eliade, por sua vez, descreveu os mitos como verdades intuídas que revelam a origem das civilizações e a organização do tempo histórico, proporcionando uma visão sobre a relação entre o sagrado e o profano. Por sua vez, Claude Lévi-Strauss contribuiu para a valorização dos mitos ao analisá-los como sistemas de significados universais os vendo como uma forma de linguagem simbólica que organizava e expressava a maneira como os seres humanos pensavam sobre o mundo, enquanto Georges Gusdorf destacou seu papel na construção da identidade cultural e da consciência histórica de um povo, contribuindo para a coesão social e a continuidade cultural. Os mitos olímpicos de Homero e os mitos originários de Hesíodo forneceram narrativas fundamentais da tradição grega, explorando temas como heroísmo e a origem do mundo. Já a tragédia grega, exemplificada por Ésquilo, Sófocles e Eurípides, utilizou os mitos para examinar questões morais e existenciais, refletindo sobre o sofrimento, a justiça e a condição humana.

O segundo capítulo, apresentará os estudos de Jean-Pierre Vernant sobre os mitos da Grécia antiga. No entanto, o ponto de partida será uma breve biografia do estudioso. Em seguida, dentro da vastidão de seus escritos, será dado destaque, particularmente, a sua obra "Mito e Sociedade na Grécia Antiga” na qual será analisada, de modo especial, a relação entre mito e logos. Vernant destacou como os mitos não apenas refletem, mas também moldam as normas e práticas sociais, tendo um papel ativo ao serem repetidos e interpretados ao longo do tempo, influenciando ativamente as decisões e comportamentos dos indivíduos e grupos. Sua abordagem inovadora revelou a influência das narrativas míticas na formação

da identidade coletiva e na organização social, influenciando significativamente o campo dos estudos dos mitos. Além disso, Vernant enriqueceu a compreensão dos mitos ao compará-los com as "histórias para ninar" que contava ao seu neto, sugerindo que os mitos desempenham um papel fundamental na transmissão de valores e explicações culturais. Eles moldam a percepção das crianças sobre o mundo e a sociedade desde cedo. Nesse sentido, sua obra destaca a importância dos mitos como veículos de sabedoria e normas culturais, proporcionando interpretações e análises valiosas para a compreensão da função social e psicológica das narrativas míticas.

Já o terceiro capítulo, abordará as cosmogonias que precederam o logos grego. Elas foram transmitidas por explicações míticas e simbólicas do mundo, nas quais os deuses e seres divinos desempenhavam papéis centrais na compreensão dos fenômenos naturais e humanos. Essa visão estava profundamente enraizada em narrativas que misturavam o sagrado e o profano, refletindo as crenças e valores da sociedade grega antiga. Por exemplo, a Ilíada de Homero não só relatou a guerra de Troia, mas também mostrou como os deuses interferiam diretamente nos assuntos humanos, refletindo a crença de que o divino estava sempre presente nas ações humanas. A transição do mito à filosofia marcou uma mudança fundamental na forma como os gregos abordavam o conhecimento sobre o mundo, a natureza, o ser humano e a compreensão da realidade. Com o surgimento da filosofia, pensadores como os pré-socráticos começaram a buscar explicações racionais e sistemáticas, baseadas na observação, para questões sobre a natureza do mundo e da existência humana. Esse movimento representou uma transformação de uma abordagem narrativa e religiosa para uma abordagem crítica, caracterizada pela prática de questionar, analisar e investigar de maneira sistemática os fundamentos do conhecimento. Os Sofistas também foram fundamentais ao introduzir a noção de que a verdade pode ser relativa e ao valorizar a habilidade de argumentar na vida pública e política, especialmente no contexto de debates persuasivos. Enquanto isso, Sócrates contribuiu de maneira significativa ao focar no autoconhecimento por meio de seu método de questionamento e diálogo. Esse enfoque promoveu o pensamento crítico e a autoreflexão, deixando uma marca duradoura no desenvolvimento da filosofia.

Por fim, o quarto capítulo detalha a implementação da filosofia no contexto da sala de aula na ECI Maria de Lourdes Araújo. Começaremos com a caracterização

do campo de pesquisa, incluindo a aplicação de questionários e a descrição das cinco intervenções realizadas. Em seguida, apresentaremos o produto educacional desenvolvido: uma cartilha filosófica projetada para facilitar a integração dos mitos no ensino da filosofia. A discussão final abordará os resultados da pesquisa, enfatizando como a abordagem mítica pode ser um recurso eficaz para estimular o pensamento crítico e promover a reflexão filosófica entre os estudantes.

Neste trabalho, apresentamos um ensaio motivacional com o objetivo de inspirar os leitores a aprimorar a proposta e explorar novas abordagens que vão além do convencional. Não pretendemos oferecer uma solução definitiva sobre o uso da mitologia grega como recurso pedagógico para o ensino da filosofia, mas sim propor uma abordagem pedagógica eficaz. Nosso objetivo é compartilhar possibilidades, experiências vividas e a aspiração de que a mitologia grega possa servir como uma porta de entrada para a compreensão do surgimento da filosofia e seus pressupostos.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS SOBRE OS MITOS PARA O SURGIMENTO DAS CIVILIZAÇÕES

Mesmo tendo desempenhado um papel central na vida cultural, religiosa e social de várias sociedades, os mitos sempre foram associados ao domínio do fictício ou do fantástico. Por isso, historicamente, foi levantada a questão se eles eram verdades ou mentiras. Ou até mesmo se seriam compreendidos como lendas. A tentativa de resposta teria levado, a partir do século XIX, vários estudiosos a uma diversidade de interpretações. Portanto, este capítulo terá como objetivo analisar a complexa natureza dos mitos por meio de diferentes perspectivas histórico-teóricas.

Dentre a diversidade de interpretações sobre o mito, destaca-se o Positivismo, movimento filosófico criado por Auguste Comte em 1855. Nele, o filósofo propôs uma visão de mundo baseada nos dados empíricos e científicos. Por isso, criticou os mitos os concebendo como narrativas primitivas e irracionais que deveriam ser substituídas pela ciência. Em sua visão, os mitos foram vestígios de um estágio arcaico do desenvolvimento humano voltado para o sobrenatural, para o divino e por isso incapazes de fornecer verdades significativas para a modernidade. Em contraposição a esta visão, Mircea Eliade argumentou que os mitos eram verdadeiras expressões profundas e simbólicas da experiência humana, pois contavam a origem do mundo, dos deuses e da humanidade. Em sua concepção, os mitos revelavam verdades sagradas que ultrapassaram o tempo e espaço ajudando a humanidade a se compreender e encontrar o sentido de sua existência.

Outra contribuição para os estudos dos mitos veio com Claude Lévi-Strauss. Ele os entendia como estruturas profundas que refletiam a mente humana e suas formas universais de pensar. Portanto, não como mera ficção. Já outro olhar valorizador dos mitos se deu com o filósofo e historiador Georges Gusdorf. Ele os concebia enquanto expressões essenciais da condição humana e da maneira como as sociedades compreendiam e organizavam a sua experiência de mundo.

As análises das teorias de Mircea Eliade, Lévi-Strauss e Gusdorf buscaram a compreensão mais profunda da função e do significado dos mitos na vida humana fazendo um contraponto a teoria crítica de Auguste Comte que tinha uma visão negativa dos mitos ao concebê-los como uma manifestação de um estágio primitivo da humanidade. No entanto, também se pode encontrar na tradição literária grega figuras como Homero e Hesíodo que, com os mitos, moldaram a cultura e a

cosmovisão da Grécia antiga não só entretendo, mas educando e transmitindo valores, crenças e práticas sociais. Homero trouxe com suas narrativas voltadas para a nobreza uma visão do mundo e dos valores da sociedade grega. Como exemplo a Ilíada e a Odisseia que se tornaram o fundamento da educação grega por muitos séculos tendo os heróis como modelos de virtudes que se tornaram o ideal da vida dos gregos. Já Hesíodo, por meio de suas narrativas, instruiu seus leitores sobre a moralidade e forneceu explicações mitológicas para a origem do mundo e dos deuses. Com também ressaltou o valor do trabalho e da justiça por meio de uma poesia voltada para o contexto rural. Além deles, os tragediógrafos Ésquilo, Sófocles e Eurípides também utilizaram a mitologia para explorar temas universais e as complexidades da condição humana através de suas tragédias que podem ser entendidas como expressões artísticas e literárias da antiguidade. Ésquilo, com a peça “Prometeu Acorrentado” explorou questões de poder, liberdade e moralidade. Já Sófocles, com “Édipo Rei”, aprofundou a tensão entre vontade e destino. Por fim, Eurípides, trouxe uma abordagem mais realista e crítica à tragédia, por meio da peça “Medeia” que apresentou personagens envolvidos em complexidades e conflitos revelando a ambivalência da natureza humana e os seus dilemas éticos.

2.1 Mitos: Verdades ou Falsidades

O mito desempenhou um papel central na vida cultural, religiosa e social de várias sociedades tais, como: grega, egípcia, mesopotâmica, romana, indiana, etc. Etimologicamente, segundo Chauí (2002, p. 28), “a palavra vem do grego Mythos, e deriva de dois verbos: Mytheio (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo Mytheo (conversar, contar, anunciar, nomear, designar).” Eles não foram considerados apenas explicações para fenômenos naturais e eventos históricos, mas tinham a força de articular valores, crenças e normas sociais. Eles desempenharam um papel fundamental na formação e sustentação das civilizações antigas ao oferecer uma narrativa para a origem do mundo e dos deuses. Os romanos, por exemplo, adotaram e adaptaram muitos dos mitos gregos, renomeando deuses (Zeus tornou-se Júpiter) e incorporando-os em sua própria mitologia e religião. Neste sentido, segundo Rocha (1985, p. 7):

> O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais.

O falar sobre o mundo simbolizado pelo mito estava impregnado do desejo humano de afugentar a insegurança, os temores e a angústia diante do desconhecido, do perigo e da morte. Para tanto, os relatos míticos se sustentavam na crença, na fé em forças superiores que protegiam ou ameaçavam, recompensavam ou castigavam. Entre as mais antigas comunidades tribais, os mitos se constituíram como um discurso de grande força que se estendia por todas as esferas da realidade vivida. Assim, o sagrado, ou seja, a relação entre o homem e o divino, permeava todos os campos da atividade humana. Por isso que os modelos de construção mítica eram de natureza sobrenatural, isto é, recorria-se aos deuses para essa compreensão do real.

No entanto, os mitos também foram compreendidos como maneira fantasiosa de explicar a realidade, quando esta ainda não teria sido justificada pela razão. Xenófanes, filósofo grego, que viveu no século VI a. C, argumentava esta concepção ao criticar os mitos de Homero e Hesíodo como inapropriados e sem fundamento. Nesta visão, os mitos seriam lendas, fábulas, crendices e, portanto, um tipo inferior de conhecimento a ser superado por explicações mais racionais. No entanto, diz Rocha (1985, p. 8) "se o mito fosse uma narrativa ou fala qualquer, estaria diluído completamente". Pelo contrário, o mito descrevia eventos reais contendo verdades profundas sobre a origem do universo, dos deuses e da humanidade.

O mito não é uma lenda. Existe uma diferença significativa entre estas duas narrativas. Etimologicamente a lenda vem do latim *'legere'* que significa o que deve ser lido. Por isso ela está sujeita a diversas interpretações que vão se completar ou se contradizer dependendo de quem a narra ou recebe. Ela pode ser considerada como elemento fundamental na construção de uma identidade social, cultural, local e até mesmo religiosa de determinado grupo em determinado tempo e espaço. Elas carregam em si não só meras histórias de acontecimentos imaginários, mas são constituídas de todo um cenário de um povo específico historicamente. Como exemplo, se pode citar a lenda de Gilgamesh que foi um rei da cidade de Uruk, na antiga Mesopotâmia que viveu por volta de 2700 a.C. Ela foi registrada em tábuas

de argila cuneiforme. A lenda do semideus conhecido por sua força sobre-humana e arrogância abordou temas como amizade, mortalidade e a busca da imortalidade.

A característica fundamental de uma lenda era a oralidade, ou seja, a transmissão de boca em boca, por meio dos contadores de histórias, anciãos ou membros da comunidade que eram considerados verdadeiros guardiões da memória cultural. Segundo Zumthor (1993, p. 45):

> A oralidade foi fundamental na preservação e transmissão das lendas, proporcionando uma flexibilidade e adaptabilidade que permitiram às narrativas evoluírem com o tempo e refletirem os valores da comunidade que as mantiveram.

A oralidade contribuiu para as lembranças das memórias do passado vir à tona e reaparecer. Neste sentido, as lendas teriam usado destas lembranças como elemento crucial na sua divulgação e perpetuação na comunidade humana.

Mas o que diferencia o mito da lenda? A lenda pode ser entendida como uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. Já o mito procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, a origem do mundo e dos homens, das coisas. São narrativas tradicionais com características simbólicas e explicativas. Enquanto conhecer os mitos é aprender a origem das coisas, por exemplo, a origem do universo por meio do mito de Gaia e Urano, que juntos, do caos, geraram os titãs, os ciclopes e os hecatônquiros (ou Centimanos, criaturas caracterizadas por sua aparência peculiar e aterradora), estruturando o universo, conhecer as lendas é aprender a fugir do presente, esquecer as dificuldades e as amarras do cotidiano, buscando na fantasia remediar as dores existenciais, ou seja, é permitir ao indivíduo conectar-se com narrativas que oferecem consolo, esperança e um alívio das adversidades da vida.

Mesmo diante do valor do mito enquanto narrativa estruturante de várias sociedades antigas, alguns estudiosos o criticaram como obsoleto e irracional. Neste sentido, destaca-se a concepção de Auguste Comte e a sua doutrina filosófica, o Positivismo como forma de desvalorização dos mitos, como se verá no próximo item.

2.1.1 A Crítica do Positivismo de Auguste Comte sobre o Mito: Irrealidade e Fantasia

O mito pode ser entendido como uma narrativa que possibilita explicações, fazer interpretações e responder às realidades dos acontecimentos como uma história considerada única e verdadeira. Através deles foi tratada a origem do mundo e dos fenômenos nos seus mais variados aspectos, como por exemplo, o mito da criação segundo a mitologia egípcia. Nele, o deus Atum emerge das águas do caos chamado Nu. Com isso, Atum cria Shu (ar) e Tefnut (a umidade) que dão origem a Geb (terra) e Nut (céu) dando ordem ao caos.

Desde o início dos tempos, os mitos fazem parte da vida dos homens com o intuito de acomodar e confortar seus medos e anseios dentro do seu imaginário. Mas nem sempre o mito foi validado como narrativa explicativa dotado de sentido. A corrente filosófica conhecida como Positivismo defendia que apenas os conhecimentos científicos eram verdadeiros, pois eram baseados em fatos observáveis e verificáveis. Portanto, as crenças religiosas, inclusive os mitos, não eram válidos.

O filósofo Auguste Comte nasceu em 1798, em Montpellier, na França, e morreu em 1857 em Paris. Ele desenvolveu a doutrina filosófica do Positivismo que começou no início do século XIX. Esta corrente filosófica marcou e ainda marca a constituição das ciências modernas, especialmente as humanas e sociais representando o apogeu da racionalidade científica como um pilar fundamental do conhecimento e do progresso humano. A sua influência persiste na forma como se concebe e se conduz a investigação científica, assegurando a busca da verdade por meio da razão, da evidência e da objetividade.

Na primeira parte do livro *Discurso Preliminar sobre o Espírito Positivo* de 1844 que tem como título “Superioridade Mental do Espírito Positivo”, Comte lança as bases de seu pensamento sócio-político-filosófico. Ele descreve a trajetória histórica da evolução intelectual da humanidade adotando uma visão linear e evolucionista do conhecimento que, em sua visão, passou por três estágios teóricos, distintos e sucessivos. Eles foram: o teológico, o metafísico e o positivo.

O primeiro estágio intelectual na filosofia de Comte foi o teológico. Nele, as explicações para os fenômenos naturais e sociais eram atribuídas aos deuses, espíritos e forças sobrenaturais. Cada evento ou mudança do mundo era visto como

resultado da intervenção direta de uma entidade divina. Na mitologia grega, por exemplo, Zeus, Hera, Poseidon e Atenas eram vistos como controladores de diferentes aspectos da natureza e da sociedade. As tempestades e guerras eram frequentemente atribuídas às ações ou desejos destes deuses. Portanto, as explicações sobre a realidade eram buscadas no sobrenatural, ou seja, nos mitos. A humanidade recorria a forças transcendentes divinas ou diabólicas, seria a forma mais primitiva da especulação espontânea do ser humano sobre a realidade desprovida de uma preocupação maior com a veracidade concreta dos dados, pois estas eram baseadas na fé e na tradição. Neste sentido, houve uma sobreposição do dado abstrato sobre o dado concreto, já que a imaginação teológica se transformou em argumento. Segundo Comte (1983, p. 04):

> No estado teológico, o espírito humano, dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra para conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo.

Comte, em suas análises teceu fortes críticas ao estágio teológico, ele o via como uma fase primitiva da humanidade, onde a compreensão do mundo era baseada em explicações sobrenaturais vindas das ações das entidades divinas. Isto limitava o progresso do conhecimento humano.

O segundo estágio intelectual do conhecimento foi chamado de metafísico, se tornando um prolongamento do anterior e uma transição para o estágio positivista. Neste sentido, afirma Comte (1978, p. 46):

> Como a teologia, a metafísica tenta, antes de tudo, explicar a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas, o modo essencial de produção de todos os fenômenos. Mas, em vez de empregar para isso agentes sobrenaturais propriamente ditos, ela os substitui progressivamente por essas entidades ou abstrações personificadas, cujo uso, verdadeiramente característico, permitiu muitas vezes designá-las sob o nome de ontologia.

Tanto a teologia como a metafísica objetiva compreender as questões fundamentais da existência, como: a essência dos seres, a origem e o destino do universo e o funcionamento dos fenômenos naturais. Elas procuram fornecer uma visão abrangente do mundo e da vida. No entanto, a teologia recorre aos deuses e entidades sobrenaturais para explicar a realidade. Já a metafísica busca conceitos como essência, força e alma para entender a natureza das coisas. Buscando nestas abstrações, a metafísica frequentemente é associada a ontologia que é a parte da filosofia que lida com a natureza do ser, da existência e da realidade. A ontologia lida com as mesmas questões da teologia, mas não envolvendo agentes sobrenaturais.

No estágio metafísico, a imaginação sofreu uma transformação significativa. Em vez de ser usada para criar histórias e explicações baseadas em entidades divinas e sobrenaturais, ela se voltou para a criação de conceitos abstratos, como: essência, força vital e natureza. A imaginação metafísica personificou abstrações dando-lhes características quase tangíveis. Por exemplo, a natureza foi vista como uma entidade com sua própria vontade e propósito. Como enfatizou Comte (1978, p. 46), “não é mais a pura imaginação que domina, embora não seja ainda a verdadeira observação". Com isso, o raciocínio adquiriu muita extensão e se preparou ainda confusamente para o exercício verdadeiramente científico.

A Escolástica Medieval foi considerada por Comte como a síntese européia do estágio metafísico no qual, mesmo diante dos limites, ou seja, o fato dos escolásticos usarem a razão para elaborarem conceitos filosóficos complexos mais ainda sem as observações empíricas ou experimentação científica, foi, em sua visão, importante por “[...] manter certo exercício indispensável para o espírito de generalização, até que ele pudesse enfim receber melhor alimento” (Comte, 1978, p. 46). Este alimento veio com o último degrau da escada hierárquica do conhecimento, o estágio positivo. Nele, a inteligência humana se mostrou emancipada das especulações teológico-metafísicas, constituindo o que Comte chamou de sã filosofia, ou seja, o pensamento que não se baseava mais em suposições não verificáveis, mas sim em princípios científicos fundamentados em evidências concretas. Neste ponto, o saber atingiu a sua maturidade e cientificidade plena no homem. A evolução intelectual chegou a seu termo encerrando-se a marcha progressiva do espírito humano em direção ao conhecimento racional, próprio do homem adulto, detentor da virilidade mental. Neste sentido, cumpre

lembrar que, para Comte, a fase teológica na qual se encontrava os mitos corresponderia à infância da inteligência da humanidade, portanto, irreal e fantasiosa. Já o período metafísico a sua juventude, ou seja, a fase do desenvolvimento intelectual onde a humanidade ainda estava buscando as suas próprias respostas através de conceitos abstratos e especulativos, de forma mais idealista e menos baseada em evidências empíricas e a fase positiva "[...] o estado viril da inteligência" (Comte, 1978, p. 4).

Mediante a exaltação do conhecimento positivo, Comte se deteve ressaltando suas vantagens em detrimento das formas anteriores de apreensão e compreensão da realidade. E neste sentido revelou uma perspectiva teleológica e progressiva da história da ciência, como se ambas estivessem sempre caminhando para encontrar e realizar, de forma predestinada o "espírito positivo" que estava de forma embrionário nos estágios anteriores da humanidade por meio de impulsos subjacentes em direção ao conhecimento racional e sistemático. Neste sentido, Comte enfatizou conceitos evolucionistas do século XIX, como: civilização, estado e hierarquias do conhecimento, progresso, ordem, evolução, raça, espécie, entre outros.

O grande desafio para Comte foi elevar toda a humanidade ao estado positivo, mesmo reconhecendo que, levando em consideração a sua época, a humanidade ainda estava arraigada ao estado teológico, portanto, fantasioso e infantil. O terceiro estágio se distinguiu dos anteriores, pois embora não abandonasse a especulação, tomava como referência a observação sistemática e o modelo de racionalidade. Segundo o filósofo:

> Seja qual for, porém, o modo, racional ou experimental, de proceder à sua descoberta, é sempre de sua conformidade, direta ou indireta, com os fenômenos observados que resultam exclusivamente em sua eficácia científica. A pura imaginação perde assim irrevogavelmente sua antiga supremacia mental, e se subordina necessariamente à observação, de maneira a constituir um estado lógico plenamente normal, sem cessar, entretanto, de exercer, nas especulações positivas, ofício capital e inesgotável, para criar ou aperfeiçoar os meios de ligação definitiva ou provisório. Numa palavra, a revolução fundamental, que caracteriza a virilidade de nossa inteligência, consiste essencialmente em substituir em toda parte a inacessível determinação das causas propriamente ditas pela simples pesquisa das leis, isto é, relações constantes que existem entre os fenômenos observados. (Comte, 1978, p. 47-48)

Assim caracterizada, a ciência positiva poderia se colocar como a base técnica racional, madura e ordenada da ação humana tendo como aspecto a previsibilidade metódica de suas leis. Portanto, não seria interesse imediato da investigação científica apreender o mistério de produção dos fatos gerais, também não seria do seu desejo acumular uma vã erudição, sem o estabelecimento de leis e relações lógico-empíricas sobres estes. Pelo contrário, diz Comte (1978, p. 49), "[...] o verdadeiro espírito positivo consiste sobretudo em ver para prever, em estudar o que é, a fim de concluir disso o que será".

Como homem que vivenciou os primórdios da Revolução Industrial, Comte concebia a necessidade de progresso técnico, de intervenção humana planejada na realidade e de superação dos resquícios do estado teológico. Com isso, ele continuou a lógica do método cartesiano ao defender que o espírito positivo se elevava do simples ao complexo, de forma gradativa fazendo com que os "[...] simples fatos gerais devem sofrer a tendência de reduzi-los ao menor número possível" (Comte, 1978, p. 52), contrário ao espírito teológico que pretendia abarcar de uma só vez as mais complexas questões existenciais.

Para Comte, o estágio positivo levaria à plena comunhão intelectual entre os indivíduos e, consequentemente, à coesão social, sendo, portanto, mais eficaz que os estágios anteriores. É neste sentido geral da eficiência e eficácia do conhecimento que ele utilizou o termo Positivismo com o qual balizou a sua filosofia. Ele ratificou o significado de sua teoria afirmando que ela trabalhava com o útil em contraste com o ocioso; estabelecendo a primazia da certeza sobre a indecisão; a precisão, em vez de vaga especulação e das divagações do espírito teológico-metafísico; a autoridade da ciência previsível, com suas leis e métodos para organizar logicamente as realidades sociais, políticas e naturais contra a autoridade sobrenatural e a onipotência divina. Assim, ficou evidente a crítica de Comte a tudo aquilo que era do domínio do sobrenatural, inclusive os mitos, pois eles fariam parte do estágio em que a humanidade, em sua visão, se encontrava infantil e, portanto, envolta em fantasias. Para ele, as potências científicas seriam o novo motor da história e o único válido e eficaz por ser "[...] o regime definitivo da razão humana" (Comte, 1978, p. 43) representando o ponto mais alto da civilização moderna. Em outras palavras, a ciência seria a única forma de conhecimento para legitimar a apreensão da realidade, sendo o estágio teológico e o metafísico fases transitórias da evolução do conhecimento.

Percebe-se que, com o Positivismo de Comte, forja-se uma significação do Mito fortemente associada à mentira, à ilusão, à infantilidade. Por isso muitas vezes ele foi visto como um elemento inferior da cultura, vindo da superstição, do irracional, do erro, simples deformação do imaginário coletivo, pelo medo, pela quimera. Por isso deveria ser superado, como foi visto, nos estágios da sociedade como pregou o conceito de progresso linear do Positivismo. No entanto, dentre estudiosos com uma interpretação diferente acerca do valor do mito, dos símbolos e do seu imaginário, destacou-se Mircea Eliade valorizando os elementos próprios de cada sociedade. Em sua concepção, estes elementos permitiram a interpretação da realidade e a compressão das sociedades em que se apresentavam.

2.1.2 A Definição de Mito por Mircea Eliade: Verdade Intuída, Origem das Civilizações e do Tempo Histórico.

Como narrativa de culturas tradicionais, os mitos têm sido redescobertos e recebido novas concepções desde a segunda metade do século XX. A nova exegese procurou contemplá-lo e contextualizá-lo no valor que ele tinha dentro de uma comunidade específica naquilo que ele significava para a determinada comunidade em que estava inserido. Neste sentido, passou a ser sustentada uma postura teoricamente mais empírica e menos especulativa, mais fundamentada na experiência direta com o objeto, ou seja, o mito passou a ser baseado mais fortemente em observações e experiências com os objetos de estudo, isto implicou uma busca por evidências concretas e verificáveis que pudessem sustentar as interpretações e análises feitas e não mais interpretações subjetivas. Assim, o mito deixou de ser visto como uma categoria que deveria ser excluída e passou a ser visto como uma capacidade humana de expressar a existência.

O historiador das religiões e filósofo romeno Mircea Eliade (1907-1986) através de uma vasta quantidade de dados advindos da arqueologia, da antropologia e da etnografia, em pesquisas de campo, foi um desses pensadores a desenvolver tal exegese. Para ele, o mito cumpriu uma relevante função social participando em sua acepção arcaica da dimensão do sagrado da vida, promovendo e mantendo um estado psíquico e social necessário ao estar no mundo. Ele viu os mitos em sua dimensão funcional, por exemplo, no fato deles contarem a história sagrada de uma comunidade, explicando suas origens, suas tradições e seus

valores fundamentais. Com isso, conectavam o presente ao passado mítico, conferindo continuidade e identidade cultural.

Eliade se tornou um referencial para afirmar que ao longo da segunda metade do século XX, especialistas em mitologia passaram a situar o mito numa perspectiva bem diferente daquela que se manteve no século XIX no qual ele foi tratado como “fábula, invenção e ficção”. Ele passou a ser visto como uma história verdadeira, sagrada e significativa. Como uma narrativa não ilusória, o mito tornou-se uma fonte de saber da ordem do sentido da vida exercendo uma importante função existencial sendo, portanto, parte do acervo da cultura. Assim, em meados do século XX, os mitos passaram a serem vistos como estruturas de sentido, que embora desafiassem a mentalidade racionalista moderna, exerceram uma função prática, no sentido de mediar as relações do ser humano com o mundo. O filósofo o define como:

> A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (Eliade, 2016, p. 11)

Eliade entendeu que havia uma relação profunda e necessária do mito com o rito. Eles eram indissociáveis. O seu sentido primeiro era o de revelar e o de fixar, através das contínuas repetição rituais uma espécie de modelo exemplar para as atividades humanas mais significativas numa determinada comunidade, seja a universalidade biológica do nascer ou do morrer, do alimentar-se e do reproduzir-se, seja em dimensões específicas da vida, como a caça e o cultivo, a cura feita por

xamãs e a entronização recebida por reis, como também a iniciação de adolescentes.

Ao evocar um passado indeterminado por meio do rito, o mito representou um acontecimento ocorrido numa era primordial, num tempo passível de ser idealizado como não histórico, como afirma Eliade: "*in illo tempore" (naquele tempo)*. A expressão representou um tempo sagrado em que os eventos fundamentais do cosmos e da humanidade ocorreram. Na sua visão, este tempo não era apenas um passado remoto, mas uma era marcada pela presença dos deuses, heróis e seres sobrenaturais.

À luz disso, por mais remoto que seja o *in illo tempore* dos acontecimentos primordiais, para o filósofo, ele foi um tempo sagrado e seus resultados perduram até o tempo presente. Assim, uma conexão entre o chamado tempo primordial e o tempo histórico fica implícita na continuidade de seus efeitos na condição humana atual. Portanto, o mito tem poder grandioso. Quando recitado, torna-se um modo de atualizar determinados fenômenos, compactuando com a constante manutenção ou continuidade do mundo. Para Eliade (1989, p. 120):

> O mito garante ao homem que aquilo que ele se prepara para fazer já foi feito, ajuda-o a dissipar as dúvidas que poderia ter quanto ao resultado do seu cometimento. Por que hesitar perante uma expedição marítima, uma vez que o Herói mítico já a efetuou num Tempo lendário? Basta seguir seu exemplo. Do mesmo modo, porque temer instalar-se num território selvagem e desconhecido, se se sabe o que é necessário a fazer? [...] O modelo mítico é susceptível de aplicações ilimitadas.

O mito foi, essencialmente, uma hierofania, uma manifestação, uma modalidade do sagrado na visão de Eliade. Reduzi-lo a uma atividade puramente pré-lógica ou pré-científica seria inadequado. Ele não foi no desenvolvimento do pensamento humano um obstáculo a ser superado para que se possa alcançar um estágio dito mais civilizado e racional como afirmava Auguste Comte com a doutrina filosófica do Positivismo. Pelo contrário, sem deixar de ser uma criação espiritual, o mito tinha um conteúdo de verdade para o homem que nele acreditava utilizando-o ou praticando-o no complexo teatro das relações sociais inserindo-o nos papéis da vida individual e por isso não o concebendo como ficção. Assim reconhecido, valorizado e sentido, o mito extrapolou o conceito contemporâneo de literatura como

arte elitista, acessível quase que exclusivamente para círculos sociais restritos, detentores de um saber inacessível a todos. Ele foi diferenciado de outros gêneros narrativos que frequentemente com ele buscava-se mesclar, tais como: lendas, contos folclóricos, contos de fadas, pois estes viam, ao seu modo, a questão das origens, de como as coisas todas vieram, realmente, a ser ou deixaram de ser, de como todas as coisas eram como eram. O nascimento e a morte constituíram os temas capitais da mitologia. Para Eliade (2016, p. 16):

> Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio".

Ao interessar-se por tudo aquilo que é verdadeiro e real na condição humana, Eliade entendeu que a existência real do mundo não se encontraria na ciência nem na filosofia, mas nas religiões e nos mitos. Esses deveriam ser buscados em sua viva condição, ou seja, nas sociedades que melhor os preservaram frente ao secularismo. Em sua argumentação, ele defendeu que o mito foi uma história sagrada que revelou uma história verdadeira por se referir a realidades. Portanto, considerar os mitos como falsificações ou ficções seria equivalente a negar o próprio mundo que eles relataram. Segundo Eliade (2016, p. 12) "o mito cosmogônico é verdadeiro porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente verdadeiro porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante". Assim, a narrativa mitológica atribuiu um significado a um acontecimento, ela conferiu realidade aos acontecimentos. Neste sentido, a realidade se tornou uma condição do acontecimento uma vez integrado a uma estrutura mítica por meio de um relato.

Na concepção de Eliade a recordação de um acontecimento histórico ou de uma personagem histórica não permanecia por mais de dois ou três séculos na memória de um povo. Esta fugacidade seria a forma de explicar sua condição de irrealidade. Ele diz que a memória popular tinha dificuldade em reter acontecimentos individuais e figuras autênticas porque esses não tinham raízes na memória. Por isso, ela recorria a outras estruturas a fim de preservar o que é essencial, ou seja,

categorias ao invés de acontecimentos e arquétipos ao invés de personagens históricos. Com isso, ao narrar os acontecimentos em forma de mitologias, as sociedades primitivas se defenderam da história por atribuir aos acontecimentos um significado meta-histórico. Neste sentido, o mito foi entendido como uma linguagem específica, capaz de atribuir de fato ao evento histórico um status de realidade ou atemporalidade. Para Eliade (2016, p. 123-124) é:

> [...] pelos mitos, aos quais compete acima de tudo despertar e manter a consciência de um outro mundo, do além, - mundo divino ou mundo dos ancestrais. Esse "outro mundo" representa um plano sobre-humano, "transcendente", o plano das realidades absolutas. É através da experiência do sagrado, do encontro com realidades transumanas, que nasce a ideia de que alguma coisa existe realmente, de que existem valores absolutos, capazes de guiar o homem e de conferir uma significação à existência humana. É através da experiência do sagrado, portanto, que despontam as ideias de realidade, verdade e significação [...].

Partindo da perspectiva deste mundo sobre-humano, Eliade falou do "terror da história" e o caracterizou como um aspecto insuportável do devir histórico no qual os acontecimentos instáveis não alcançaram sentido nem realidade. Em sua visão, a memória histórica, ou seja, a memória dos acontecimentos não se apresentou revestida da linguagem de um arquétipo, portanto, se tornando insuportável. Já a narrativa dos acontecimentos, na repetição de um arquétipo caracterizou estes acontecimentos como sobre-humanos, inserindo-os no domínio das divindades e dos eventos sagrados. Nesse processo, o ser humano encontrou um sentido para a sua existência, vendo-a como parte da realidade dos Seres Sagrados. Assim, afirma Eliade (2016, p. 34) "[...] tudo que o homem faz repete, de certa forma, "o feito" por excelência, o gesto arquetípico do Deus Criador: a Criação do Mundo".

As sociedades tradicionais consideraram o tempo histórico repetível, enquanto a concepção moderna afirmou a natureza irreversível da história. Para Eliade, o acontecimento primordial ou "*ab origine*" dos mitos, teria a característica de se repetir. Por isso, ele afirmou que "não há mito cosmogônico que não seja também uma história, visto que conta tudo o que se passou *ab origine*" (Eliade, 1989, p. 28). Esta narrativa não era histórica na moderna concepção do termo, ou seja, como um acontecimento irreversível e não repetível, mas poderia ser vista como uma história exemplar que podia repetir-se. Esta repetição não anulou o seu valor histórico dos

acontecimentos narrados. Por isso, Eliade (2000, p. 24) falou do tempo primordial como o "tempo em que o acontecimento teve lugar pela primeira vez". Tendo ocorrido pela primeira vez, o acontecimento precisou ter assumido um lugar no tempo histórico, e sua repetição só ocorreu através da narração do mito que o contou por meio de um rito. Para o filósofo, "ser" era viver na condição paradisíaca. Através do rito, o primitivo tentava manter sua conexão com o tempo que era, ou seja, o tempo paradisíaco. Por isso, ao recusar a história, o primitivo tentava preservar-se no tempo primordial. Em sua argumentação, ele diz:

> Tudo que sabemos acerca das recordações míticas do "Paraíso" mostra-nos, pelo contrário, a imagem de uma humanidade ideal, gozando de uma beatitude e plenitude espirituais inalcançáveis na condição atual do "homem pecador". [...] Efetivamente, os mitos de vários povos aludem a uma época longínqua, em que os homens não conheciam nem a morte, nem o trabalho, nem o sofrimento, e tinham todos os recursos ao seu alcance. *In illo tempore*, os deuses desciam à terra e misturavam-se com os homens [...]. Um pecado ritual interrompeu a comunicação entre o Céu e a Terra, e os deuses retiram-se para os céus mais elevados. Desde então, os homens têm de trabalhar para comer e já não são imortais. (Eliade, 2000, p. 105-106)

Na perspectiva de Eliade, os acontecimentos narrados nos mitos foram tomados como fatos reais e históricos, embora fossem narrados na linguagem própria do mito e das estruturas arquetípicas que os converteu em acontecimentos sagrados, pertencendo assim ao domínio do atemporal.

É inegável a importância das contribuições de Mircea Eliade para a redescoberta dos mitos no início da segunda metade do século XX dando a estas narrativas a possibilidade de colocar o ser humano em contato direito com as realidades do sagrado e da origem do mundo. No entanto, suas concepções tendo como objetivo a valorização do mito somam-se a outras à exemplo de Claude Lévi-Strauss e Georges Gusdorf que, ao seu modo, não reduziram o mito a uma espécie de lenda ou narração de acontecimentos fabulosos, mas o estudaram como uma narrativa dotada de sentido e importância.

2.1.3 A Contribuição de Lévi – Strauss para o Estudo e a Valorização do Mito.

Claude Lévi-Strauss (1908-2009) foi um antropólogo e filósofo francês que dedicou seus estudos aos mitos que, por décadas, estiveram fora das preocupações da etnologia religiosa, ficando abandonados às diversas interpretações que apenas contribuíram para abranger preconceitos e ingenuidades sobre o seu valor científico e estético. Nesta conjuntura, segundo Lévi-Strauss (1970, p.226) “eles pareciam se reduzir todos a um passatempo, um jogo gratuito, ou a uma forma grosseira de especulação filosófica”. Ou seja, os mitos eram vistos de maneira simplista e desdenhosa. Por exemplo, o mito de Édipo, neste sentido, não seria uma simples história de infortúnios, mas a maneira de explorar e entender as tensões e conflitos inerentes à condição humana.

Com sua abordagem estruturalista, Lévi-Strauss revelou os mitos em sua complexidade, profundidade e importância enquanto formas essenciais de pensamento e organização cultural. No século XX, ele foi considerado o fundador da antropologia estruturalista que teve como princípio a noção estrutural que partiu do intelecto, ou seja, esta antropologia se baseava na ideia de que existiam estruturas subjacentes e universais no intelecto humano que moldavam a forma como se percebia e se interpretava o mundo. Portanto, em sua visão, a mente humana funcionava através de estruturas binárias, exemplo: vida e morte, natureza e cultura, que eram comuns a todas as culturas. Para desenvolver tal metodologia estrutural, ele recorreu a duas fontes principais. Primeiro, à corrente psicológica criada por Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) e depois ao trabalho realizado no campo da linguística por Ferdinand de Saussure (1857-1913) que se chamou Estruturalismo. Segundo Lídório (2009, p. 8):

> O Estruturalismo dá um grande impulso à linguística de forma geral ao defender que é necessário compreender o padrão mental, de pensamento e comunicação de um povo, a fim de compreender a sua cultura. Nesta época, métodos fonológicos passam a ser aplicados para estudos culturais. A finalidade maior é encontrar o que foi chamado de pensamento coletivo, pois este aglutinaria impressões e valores de um povo. Valoriza-se o registro (interpretação) de lendas e mitos.

Com isso, surgiu a necessidade de se obter registro e promover as diversas interpretações dos mitos diante de vários retratos de cultura, ou seja, os mitos passaram a serem documentados. Este registro foi crucial para preservar as

narrativas que foram, inicialmente, transmitidas oralmente. Portanto, ao registrar os mitos, haveria a garantia de que suas histórias e significados poderiam ser estudados e apreciados por gerações futuras.

No que diz respeito à linguagem, para Lévi-Strauss, ela abarcava níveis diferentes. Em um sentido temporal, podia-se considerar que a língua apresentava um aspecto estrutural pertencendo a um tempo reversível, ou seja, a língua foi vista como um sistema de signos e regras estruturais que governavam a comunicação dentro de uma comunidade sendo reversível, pois podia retornar a estados anteriores do sistema de linguagens para ser estudada devido a suas regras estruturais serem consistentes ao longo do tempo. Como exemplo o latim, que mesmo não sendo mais falado como língua materna, as regras gramaticais e fonológicas podiam ser estudadas e reconstruídas a partir de textos antigos. Este processo permitiria voltar ao tempo e entender como o latim funcionava estruturalmente. Já a palavra tinha um caráter estatístico pertencendo a um tempo irreversível, pois se referia ao concreto da língua em situações específicas de comunicação. Este uso era variável dependendo do contexto, do falante e do momento específico. Seu caráter estatístico observava as frequências e padrões de seu uso, que mudavam de forma irreversível ao longo do tempo. De fato, cada ato de fala é sempre único e não pode ser exatamente repetido. Como exemplo, os discursos eleitorais onde o candidato pode usar palavras e slogans específicos que ressoam com o público naquele momento. Neste sentido, o mito apresentava a característica de pertencer aos dois níveis linguísticos, podendo ser analisados no domínio da língua ou da palavra e ainda situar-se além deles. Lévi-Strauss também explicitou a singularidade do mito ao compará-lo com a poesia referente a sua tradução, pois enquanto a poesia poderia ser difícil de compreender devido à sua linguagem poética e simbólica, o mito seria acessível em qualquer lugar e em qualquer período, ou seja, mesmo com uma tradução imperfeita, ele manteria a sua essência e explicação.

Na visão de Lévi-Strauss o sentido do mito só podia ser compreendido a partir de articulações de seus diferentes elementos e nunca de forma isolada. Portanto, o mito integrava a linguagem, mas possuía propriedades específicas que se caracterizavam por serem mais complexas que quaisquer outras. Assim, além dos fonemas (menor unidade sonora distintiva de uma língua), morfemas (unidades mínimas de significado) e semantemas (unidades mínimas de sentido), que intervêm

na estrutura da língua, os mitos possuíam unidades que lhes eram peculiares. Estas grandes unidades ele chamou de Mitemas que podiam ser entendidos como blocos de construção narrativos e simbólicos que viriam a compor as histórias míticas determinando a sua organização e significado. Como exemplo, os tabus e proibições encontrados nos mitos que ao serem quebrados resultariam em consequências adversas para os personagens. Este mitemas não se reduziram aos fonemas, morfemas e semantemas. Por isso o mito se diferenciava em relação às outras modalidades de discurso. Para Lévi-Strauss (1975, p.242):

> A substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na história que é relatada. O mito é linguagem; mas uma linguagem que tem lugar em nível muito elevado, e onde o sentido chega, se é lícito dizer, a decolar do fundamento linguístico sobre o qual começou a rolar.

O procedimento habitual de análise dos mitos no qual se buscava isolar as unidades constitutivas, demonstrou que independentemente do nível em que se buscava isolar estas unidades, sua natureza permanecia sendo a relação entre predicado e sujeito, ou seja, a estrutura narrativa e simbólica subjacente aos mitos, onde cada elemento contribuía para a construção de significado. Um exemplo ilustrativo seria o mito de Prometeu onde o sujeito (Prometeu) roubou o fogo (predicado) dos deuses para beneficiar os humanos, desencadeando, assim, uma série de consequências para ambos. No entanto, uma nova hipótese permitiu supor que as unidades constitutivas do mito não deveriam ser buscadas sob a forma de relações isoladas, mas por meio de feixes de relações, que combinados entre si, permitiriam compreender alguma função significante, preservando assim o caráter diacrônico (evolutivo ao longo do tempo) e sincrônico (em um dado momento). Por exemplo, no mito de Édipo, várias relações complexas como profecia, tentativa de evitar o destino e revelação da verdade, estariam entrelaçadas para explorar temas, como destino, livre-arbítrio e tragédia humana, destacando como as diferentes partes do mito funcionariam juntas para criar significado mais profundo e abrangente.

Para uma melhor compreensão dos dois conceitos de diacronia e sincronia é importante ressaltar que Lévi-Strauss entendia que mito e música tinham origem na

linguagem. Para ele, tanto o mito como a música eram manifestações humanas fundamentais que utilizavam sistemas simbólicos para transmitir significados profundos sobre a realidade e a experiência humana. A linguagem, neste contexto, serviria como um meio primordial de comunicação e expressão, onde mitos e músicas seriam formas elaboradas de linguagem simbólica que refletiriam e moldavam a visão de mundo de uma sociedade. Por exemplo, nos mitos de criação de diversas culturas ao redor do mundo, a narrativa era acompanhada por músicas rituais que reforçavam o poder das histórias mitológicas através de elementos sonoros e melódicos, demonstrando a interconexão entre mito, música e linguagem na transmissão cultural e na formação de identidades coletivas. Para Rocha (1985, p. 84):

> De saída vemos que a partitura musical, tal como o mito, permite a leitura "comum", "normal", linha após linha, da esquerda para a direita. Num movimento temporal que tem uma sequência de princípio, meio e fim. Esta dimensão de leitura pode ser chamada de diacrônica. Mas a partitura, para se transformar em boa música, requer uma leitura sincrônica. Esta, a sincrônica, é a outra dimensão de leitura que partituras musicais e mitos exigem para se dar a conhecer. A dimensão sincrônica de leitura vai nos dar o significado daquela música na pauta como um todo. Ela pode começar por um tema. Em seguida, apresentar variações, mudanças de tonalidade, inversões, retomada do tema, repetições, solos, etc. "Os movimentos" na música estarão fortemente relacionados uns com os outros. Só captaremos isso vendo a música como totalidade.

Na visão de Lévi-Strauss, dentre as principais limitações encontradas no método de análise estrutural existia uma que se destacou, ela correspondia às diversas variações e mutações que sofreram a versão original de um mito. Nestes casos, dever-se-ia proceder por meio da comparação entre os elementos correspondentes das variantes do mito, levando em conta ainda as interferências que estas mesmas variantes poderiam ocasionar, mas ainda assim considerar a necessidade de entender as variantes possíveis.

Existe uma consideração importante sobre os estudos de Lévi-Strauss. A estrutura do mito manifesta-se sempre por meio de repetição, estrutura que é sempre descontínua em oposição ao mito que é contínuo. Com isto ele superou velhas distinções como: particular e geral, individual e coletivo, permitindo pensar um aspecto essencial da linguagem mítica, ou seja, a sua repetição. Por exemplo, no mito da criação do mundo pelos deuses da mitologia grega, encontram-se

repetições de eventos cósmicos e temas fundamentais que reforçam a ordem e a significância dos elementos narrativos.

Partindo destes pressupostos, fica evidente a contribuição de Lévi-Strauss para os estudos e a valorização do mito. De fato, a partir do início da década de 50 ele reintroduziu a questão do mito no rol de fenômenos passíveis de uma análise sistemática e racional dentro do seu projeto de retomada estrutural de temas de pesquisas etnológicas que historicamente estiveram marcados como ininteligíveis ou primitivos. No entanto, nesta perspectiva da valoração dos mitos, destaca-se outro teórico importante, Georges Gusdorf. Sua contribuição sobre os mitos está em compreendê-los em relação à experiência humana e a cultura expressando verdades existenciais e coletivas de uma sociedade, como se verá no tópico seguinte.

2.1.4 A Contribuição de Georges Gusdorf para o Estudo e a Valorização do Mito.

Nascido em 1912, em Bordéus na França, Georges Gusdorf foi um filósofo e epistemólogo oriundo de uma família judia. Seus estudos sofreram forte influência do filósofo Søren Kierkegaard (1813 – 1855) e do teólogo protestante Karl Barth (1886 - 1968). Em sua obra “Mito e Metafísica” (1980), versou sobre a evolução da sociedade pré-histórica para a história. Ele afirma:

> Não basta dizer que a pré-história cedeu lugar para a história. Este não passa de um dos aspectos essenciais, sim, da mutação que estudamos. Quando o reino do mito chega ao seu fim, sua sucessão se vê partilhada entre diversas funções especializadas, chamadas a assumirem o mesmo papel. O advento da história é, pois, solidário com a aparição da razão. Ora, a razão retoma o papel de estabilizador do mito; sucede-o enquanto princípio de identificação. (Gusdorf, 1980, p. 109)

Nesta evolução, os seres humanos deixaram, processualmente, de viver o tempo mítico e ritualístico para ingressar no tempo histórico e racional, ou seja, no tempo linear e progressivo onde aconteceu a singularidade dos eventos e a evolução contínua da história. Neste momento de transição, a sociedade deixou de lado sua busca constante pela unidade com o meio ambiente e começou a

abandonar os rituais que a integravam ao grupo e à natureza e iniciou sua jornada em busca de explicações racionais para os fenômenos. Portanto, para o filósofo, o advento da história estava intrinsecamente ligado à aparição da razão e à lenta dissolução do tempo mítico.

Em sua visão, houve um paradoxo que diz respeito ao fato de que o advento do período histórico não se encontrava registrado dentro da própria História. Assim, o momento em que a humanidade começou a registrar e documentar eventos históricos (advento da história) não foi, ele próprio, documentado de forma clara e precisa. Isto revelou uma lacuna na compreensão da evolução da consciência histórica humana. Como exemplo, se pode citar a escrita. A sua invenção foi a que permitiu o início dos registros históricos, mas a história detalhada de como ela foi inventada e desenvolvida foi, em grande parte, baseada em evidências arqueológicas e conjecturas, em vez de registros contemporâneos à invenção. Assim, o evento que marcou o início da história escrita (da própria história), não foi totalmente documentado na própria história escrita. Diante deste paradoxo, apenas se sabe que o homem do tempo mítico encontrava nos rituais e também no eterno retorno à sua instabilidade ontológica. Assim, as sociedades primitivas tinham como base a certeza da repetição dos ciclos da natureza e dos rituais humanos, considerando-se a própria unicidade. Natureza, homem, religião, ciência, cultura e arte eram elementos constitutivos de um tecido social. Portanto, não havia diferenciação entre o indivíduo e o grupo, entre a coisa pública e a privada ou até mesmo entre a natureza e a cultura. O novo tinha pouco valor, já que a tradição e o mito respondiam aos possíveis questionamentos que surgiam no interior do homem. Na verdade, o mito impedia questionamentos e dúvidas, pois trazia a certeza oferecendo narrativas que eram consideradas como verdades incontestáveis dentro de uma cultura, proporcionando respostas definitivas para questões fundamentais sobre a existência, a natureza e o cosmos. Neste sentido, a grande capacidade criativa e racional da humanidade se limitava ou se desenvolvia muito lentamente, levando em conta as potencialidades racionais humanas. Sobre a importância da mitologia e do mito enquanto certeza, afirma o filósofo:

> A mitologia é, com efeito, o repertório dos mitos de todas as idades e de todas as origens, destacados do seu contexto vivido, isto é, desnaturados. A empresa mesma de uma mitologia já é o fato de uma época posterior. Ela

> traduz uma iniciativa reflexiva, um desejo de sistematização ao qual o homem da idade mítica permanece ainda estranho. Para ele, o mito não é o mito, mas a própria verdade. O mito está ligado ao primeiro conhecimento que o homem adquire de si mesmo e de seu contorno: mais ainda, ele é a estrutura deste conhecimento. Para o primitivo, não há duas imagens do mundo, uma "objetiva", "real" e outra "mítica", mas uma leitura única da paisagem. O homem se afirma ao afirmar uma dimensão nova do real, uma ordem nova manifestada pela emergência da consciência. (Gusdorf, 1980, p. 23)

Gusdorf afirmava que a razão, aos poucos, foi se libertando do repertório da imagem dos mitos e com isso a inteligência transcendeu o cativeiro do eterno retorno, encontrando autonomia e liberdade. Esta libertação se deu pela literatura que correspondia, por exemplo, às obras dos primeiros grandes escritores e poetas (Homero e Hesíodo), pelos textos filosóficos (Platão e Aristóteles) e científicos (Galileu) que emergiram com o tempo. Ela passou a substituir as fabulações primitivas, as quais eram parte integrante da constituição dos ritos. Com a chegada do tempo histórico, a literatura passou a ter um valor estético, pois os textos passaram a serem apreciados por sua forma, estilo e capacidade de provocar emoções e reflexões e, portanto, não mais de forma ritualística. Também o surgimento das religiões pode ser tomado como exemplo no que diz respeito à dissolução do tempo mítico, uma vez que o sagrado se institucionalizou e se compartimentou sem deixar de existir, alterando a forma como os indivíduos se relacionavam com o divino. Assim, o homem começou a separar-se do espaço e da natureza onde se sentia parte integrante estabelecendo um limite entre o que seria o "eu" e as "outras coisas.", ou seja, entre o indivíduo e o mundo exterior, promovendo uma maior introspecção e autoconsciência. Para Gusdorf (1980, p. 110):

> Na medida em que se dessolidariza das coisas o homem se descobre a si mesmo como capaz de remanejar as aparências, de transformar a configuração do mundo dado, de conferir um sentido ao movimento dos astros e à germinação das plantas. Em lugar de sofrer passivamente o jogo das forças naturais, ele aprende a utilizar cada vez mais essas diversas influências.

Assim, quando o homem se distanciou da natureza e das explicações míticas, ele começou a se perceber como um agente capaz de influenciar e transformar o mundo ao seu redor. Com isso, houve o controle e manipulação das forças naturais,

como na agricultura, na navegação astronômica e na medicina. No entanto, o universo do mito não desapareceu completamente, colocando-se como um elemento que deixou as suas marcas profundamente enraizadas no desenrolar da racionalidade. A consciência mítica passou a ter a função, na visão de Gusdorf, de manter o *status quo* graças à integração do homem com o meio, enquanto a razão rompeu com este estado de coisas e autorizou o homem a modificar o seu ambiente, a sua estrutura social e a natureza. O mito trouxe as suas próprias razões e a sua abrangência completa das coisas, já o universo histórico se tornou a possibilidade da investigação e da liberdade de espírito para o homem se localizar no mundo.

A dissolução da consciência mítica não foi um fenômeno que se deu por completo na civilização humana, mas permaneceu em maior ou menor grau. Contudo, a humanidade abandonou a existência mítica e incorporou a existência histórica se aproximando de algo que antes não lhe era caro: a assimilação do tempo. Na visão de Gusdorf, a consciência mítica não valorizava a passagem do tempo ou a sua rememoração. Dentro de uma existência cíclica, toda a vida se resumia ao tempo presente e ao tempo do eterno retorno, pois o homem tinha como medida para si mesmo as estações do ano, os ciclos do seu próprio corpo, os ciclos da vida dos vegetais e dos animais. As lendas e as histórias que faziam parte de alguns rituais que resgatavam acontecimentos passados serviam para estabelecer uma conexão com as atividades do tempo presente e não para remontar ao passado.

Para Gusdorf, a maior parte da evolução da humanidade se encontrou no período em que imperou a consciência mítica, portanto, contrário ao que se pensa que seria o tempo histórico e racional sendo este um advento relativamente recente para a humanidade. No entanto, em seu processo evolutivo, o ser humano percebeu que a assimilação do tempo era um fenômeno libertador, por meio do qual seria possível desligar-se da realidade imediata, refletir suas experiências e criar um universo de discurso, ou seja, gerar e compartilhar significados através da linguagem. Este universo incluía mitos, religiões, filosofias e ciências onde as ideias eram debatidas, os conhecimentos eram acumulados e culturas passaram a se desenvolver. Na visão de Gusdorf (1980, p. 119):

> Assim, o tempo se nos dá como um universo intermediário, um mundo de possíveis que corrobora e engloba o mundo real, um mundo de recursos tanto para a ação como para o sonho, porque, se o tempo multiplica a ação

> no presente, autoriza também a ausência, a colocação entre parênteses do universo e de suas urgências, assim como a evasão para o irreal. O tempo do homem é a possibilidade de contar o seu passado e de premeditar o seu futuro, assim como a de romancear a sua atualidade. Ele é uma das claves mais significativas do ser no mundo.

O tempo, segundo Gusdorf, não só multiplicou as possibilidades de ação no presente, mas também autorizou momentos de suspensão da realidade imediata, permitindo ao homem sonhar, imaginar e refletir. Essa capacidade de evasão para o irreal foi crucial para a criatividade, a introspecção e o desenvolvimento pessoal da humanidade.

O passado, para o homem da existência mítica, servia apenas como um cabedal de técnicas que podia ser reproduzido no presente com objetivos práticos e ritualísticos, ou seja, eram apenas a experiência e a tradição que ficava do passado para este homem. Porém, na idade histórica, o tempo passou a ser a possibilidade de o homem aprender com o passado, de pensar o futuro e de tomar consciência de seu próprio destino. Assim, ao situar-se dentro do passado, presente e futuro, o homem pôde dar sentido ao que estava por vir sem ficar aprisionado ao tempo cíclico, do eterno retorno. Na concepção de Gusdorf (1980, p. 123) “a história nasce com a passagem do reino do “se” ao reino do “eu”, com a entrada em cena do homem não mais como espécie, mas como indivíduo”.

A análise proposta por Gusdorf sobre o tempo mítico e o tempo histórico possibilitou a compreensão de uma questão primordial: quando o homem se constituiu como indivíduo, ele passou a um “eu” separado, ou seja, com uma maior consciência de si mesmo como um ente distintivo dos outros e do ambiente, promovendo a introspecção, a reflexão e a autonomia. Essa individualidade foi fundamental para o desenvolvimento da responsabilidade pessoal, da moralidade individual e da criatividade. Como ser histórico e racional, o homem livrou-se das amarras do mito e se desenvolveu numa velocidade técnica e científica sem precedentes. No entanto, ainda carregava em sua inconsciência, em sua gênese, a herança do período mais longo de sua evolução, a do tempo mítico. Portanto, ao discutir a migração da consciência mítica para a consciência histórica, Gusdorf afirmou que o homem histórico passou a viver em desequilíbrio com os rituais míticos que lhe garantiam a transcendência. De fato, o ego, enquanto identidade individual, estava resguardado pelo mito, o qual mantinha o equilíbrio do ser no

mundo, uma vez que o explicava de maneira coerente e simbólica, integrando o ser humano à ordem cosmológica. Por isso ele não precisava de religião formal e institucionalizada porque tudo que o cercava era transcendente e metafísico. Com o passar do tempo, ou seja, a partir da era moderna com o advento da ciência moderna e do pensamento crítico, na evolução da consciência começaram as explicações racionais da natureza e o homem passou a se entender como indivíduo em progressão técnica. Na visão de Gusdorf, à medida que o homem passou a existir de forma cindida, ela passou a buscar, inconscientemente, a ancoragem social que o mito lhe emprestava.

Após uma breve exposição sobre os estudos de Georges Gusdorf sobre a valorização das narrativas míticas é necessário, no próximo tópico, fazer um breve comentário sobre os mitos olimpianos de Homero que exaltavam as virtudes dos heróis e os deuses e tinham como público alvo a elite do seu tempo, ou seja, a aristocracia grega com o objetivo de educá-la e transmitir valores.

2.1.5 Os Mitos Olimpianos de Homero

A poesia grega teve sempre como preocupação central o destino do ser humano e a sua formação. Estas realidades ganharam sentido por meio da concepção antropocêntrica da cultura grega. De fato, a poesia como a Ilíada e a Odisseia, a retórica enquanto arte de argumentar e persuadir e a filosofia dos grandes pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles, tinham entre os gregos o sentido mais profundo da formação do homem para a sua verdadeira imagem ideal, portanto, ultrapassando o indivíduo isolado e chegando à coletividade. Esta imagem ocupava a mente dos poetas, filósofos, políticos e educadores da Grécia antiga. A tarefa de formar os indivíduos a partir de um modelo ideal de ser humano no contexto da pólis se tornou o trabalho constante e perseverante dos gregos. Assim, o ideal de homem formou-se na história do povo grego sempre sujeito a transformações históricas.

A poesia se tornou um grande estilo de expressão da alma grega espelhando os grandes ideais do corpo e do espírito que dominavam a vida e deram origem aos ideais de formação do homem belo e bom.

Dentre os vários poetas gregos destacou-se Homero que viveu no século VIII a.C. A sua influência estendeu-se por todo o período grego e, por toda a cultura ocidental. Ele teve a ideia de recolher e sistematizar as histórias populares de um passado lendário que era transmitido oralmente de pai para filho, como explicação da origem e do sentido das coisas, dos fenômenos naturais e espirituais. Os mitos continham uma sabedoria de vida e normas para se ter um bom comportamento, mas também eram cheios de conhecimentos práticos, mesclados com crendices e superstições populares. Eram uma forma de conhecimento, uma tentativa de explicação dos fenômenos naturais e espirituais. Os deuses, que eram figuras centrais destas histórias, eram representados por figuras humanas muito poderosas, capazes de dominar a natureza e influenciar o destino dos homens.

Homero reuniu os seus mitos na Ilíada e na Odisséia que se tornaram o fundamento da educação grega por muitos séculos. Seus heróis incorporaram as virtudes tanto através de suas ações quanto por meio de seus traços de caráter e se tornaram o ideal da vida dos gregos. O próprio poeta Homero (2004, p. 7) enfatizou: “Eis a história de um homem que jamais se desejou vencer. Viajou pelos confins do mundo, depois da tomada de Tróia, a impávida fortaleza. Conheceu muitas cidades e aprendeu a compreender o espírito dos homens”. Homero foi chamado de educador dos gregos. Sua obra ficou inserida na linguagem e nos costumes preservados na tradição oral que eram cultivados pelos declamadores, os rapsodos, que os levavam aos ouvidos do povo. Assim, ele não surgiu do nada, mas como fruto de uma tradição oral que foi marcada pela transmissão de histórias, mitos e conhecimentos através de gerações por meio da recitação e canto. No entanto, destaca-se a sua inovação poética não apenas compilando e preservando as narrativas existentes, mas também as elevando a um novo patamar literário e artístico.

A influência educativa de Homero através dos mitos não se deu apenas pela descrição dos comportamentos dos heróis Aquiles e Ulisses que se tornaram modelos a serem imitados por todos, mas também pela dimensão estética da sua arte poética. De fato, se as virtudes de seus heróis eram o modelo do comportamento moral, a sua poesia era o modelo do comportamento estético que correspondia a estrutura dos seus poemas, a habilidade que ele tinha para criar imagens vívidas, descrever batalhas com emoção e beleza, e tecer histórias complexas com maestria. Virtude e estética não deveriam ser vistas como elementos

separados, mas como as duas faces do ideal do ser humano, ou seja, o homem belo e bom. Assim, Homero já antecipava a grande busca e conquista dos gregos: a elaboração de um ideal do ser humano que fosse a combinação de virtudes físicas, intelectuais e morais. Neste sentido, a excelência humana seria alcançada através do equilíbrio e da harmonia de todas essas qualidades.

O modelo de Homero no que diz respeito à educação tinha como fundamento o comportamento virtuoso do herói. Este comportamento era representado por humanos excepcionais, aristocratas e nobres que serviam de referência para o comportamento de todos. Para Finley o mundo de Homero (1998, p. 87):

> É um mundo de heróis, uma classe guerreira cujos objetos de luxo e armas de guerra eram feitos de bronze. [...] Homero lembra-nos constantemente que está focalizando um passado deslumbrante, quando os homens tinham riqueza material, palácios de cinquenta aposentos, famílias patriarcalmente grandes e enorme força física.

A virtude que os heróis de Homero ostentavam através de suas atitudes, era chamada de *areté*. Esta não tinha a conotação moral da palavra virtude herdada do cristianismo. Ela representava o ideal de cavaleiro que reunia o refinamento do comportamento palaciano com a força e bravura do guerreiro, sem conotação moral, ou seja, elas eram apreciadas por si mesmas.

No período homérico (VIII e VII a. C) a educação estava relacionada somente aos nobres. A tarefa educacional da nobreza tinha como objetivo despertar um sentimento de compromisso com o ideal que permanentemente pairava ante os olhos de cada um. Os nobres tinham consciência que sua posição social só se justificava mediante a areté, pelo compromisso dos ideais de luta e de vitória. O valor era sempre o nobre tendo como méritos mais elevados a luta e a vitória que representavam o sentido da vida. Havia um domínio físico sobre o adversário, mas também uma severa disciplina para consigo mesmo no sentido de controlar as emoções, como a raiva e o medo, e de manter a honra e a integridade pessoal. Esta era a prova para o homem nobre. Toda a sua vida era uma grande competição para se tornar melhor na paz e na guerra. O herói lutava para não cair na mesmice e na igualdade. Assim, a educação baseava-se em estimular a vontade de ser melhor.

Ligada a *areté* estava também a honra. Ela foi sempre a contraparte da bravura e do mérito. Os heróis buscavam a honra, ou seja, o reconhecimento do seu valor por parte daqueles que tinham competência para julgá-los. Este reconhecimento era o atestado do quanto eram virtuosos. No período homérico este reconhecimento ainda estava focado fortemente nas ações externas das habilidades que envolviam a força física, já que em períodos posteriores, principalmente o período clássico da Grécia antiga (século V a.C) e o período helenístico que se seguiu após a morte de Alexandre, o Grande (323 a.C), os homens passaram a valorizar mais a vida interior e entender o reconhecimento dos outros como uma consequência de seus méritos espirituais. Isto refletiu uma evolução na concepção de virtude e na valorização da sabedoria e das qualidades éticas. No entanto, confirmar com seus atos que ele encarnava as virtudes de um nobre, consistia em dar sentido a sua vida. A virtude e a honra garantiam-lhe o pertencimento aos estamentos dos nobres.

A busca e a demonstração das virtudes nobres era o centro de todo o agir. Os heróis embora fossem considerados semidivinos, eram humanos e tinham que comportar-se de forma virtuosa, ou seja, com coragem, justiça e honra. Isto os distinguia como heróis, mas também determinava o seu legado e reconhecimento na sociedade. Já os deuses, pelo contrário, eram imortais não tendo que temer qualquer vingança futura. Por isso podiam proceder de forma irresponsável sem enfrentar as mesmas repercussões das ações dos mortais. Como exemplo, Zeus que ficou conhecido por suas várias aventuras amorosas e seus filhos semidivinos, o que demonstrou uma falta de responsabilidade em relação aos relacionamentos e suas consequências. De fato, eles não possuíam senso de realidade uma vez que suas ações não se prendiam às leis naturais. Os heróis conheciam sua condição de mortais, o que conferia aos poemas de Homero uma trágica intensidade humana.

Como o herói guerreiro era referencial modelo de virtude, a forma de alguém se tornar virtuoso era imitar o comportamento do herói. Nos períodos mais antigos da história humana, ou seja, durante o período pré-histórico (Paleolítico até cerca de 3000 a.C) e proto-histórico (final do Neolítico 3000 a.C até o início da idade de Bronze 1200 a.C) em que não existiam leis escritas, nem normas morais fixas e sistemáticas, não havia outro modelo a ser seguido a não ser os ensinamentos contidos nos mitos transmitidos de geração em geração. Nestas histórias condensava-se toda tradição da qual se alimentavam-se as novas gerações. Assim,

o exemplo dos heróis famosos tornou-se a parte essencial dos costumes e da educação. A vida do herói incorporava o modelo, a partir do qual as novas gerações pautavam seu comportamento. Esta forma de educação esteve presente em toda história do povo grego. O exemplo e a imitação, *a mimese,* dos deuses e heróis da mitologia, representava a categoria fundamental da vida e do pensamento grego.

A influência de Homero não foi um fato isolado da sua obra, mas sim um reflexo da vasta tradição cultural e literária da Grécia antiga, na qual se ele se inseriu e da qual emergiu como um dos principais expoentes. A poesia, de modo geral, tinha enorme força educativa entre os gregos. De fato, os poetas eram considerados educadores do povo. Esta tradição foi preservada ao longo de toda a história grega. Homero foi o poeta maior, o poeta modelo diante de todos os outros, pois suas obras moldaram profundamente a identidade cultural e os valores da sociedade grega. Foi através dos poetas que os valores que surgiram no interior da sociedade grega conquistaram sua validade para todos, ou seja, seu caráter educacional. Assim, a poesia congregava dois elementos pedagogicamente muito importantes: a validade geral, ou seja, a sua capacidade de transmitir valores universais para a sociedade e a vivência sensível enquanto capacidade de tocar as emoções e os sentidos dos ouvintes ou leitores.

Na Odisséia, o poeta Homero relatou a história de seu herói favorito Odisseu ou Ulisses por representar valores e virtudes da sociedade grega antiga e por servir como meio para explorar temas universais de perseverança, inteligência e lealdade. Ele foi o filho sucessor de Laerte, rei de Ítaca e marido de Penélope. Odisseu foi mostrado como um homem perspicaz. Se pode encontrar esta característica quando, usando a sua inteligência, ele engana Polifemo dizendo que seu nome é “Ninguém”, com isso cegando o Ciclope e escapando com seus homens. Também ele ficou conhecido como conselheiro atento e valente guerreiro. Ele representou o mundo dos nobres, da elite social e econômica daquele tempo por sua astúcia política e habilidade diplomática. De fato, sua capacidade de navegar pelas complexidades políticas e sociais da época o colocou como um exemplo de como a elite grega antiga via a si mesma: educada, estratégica e capaz de influenciar seu ambiente através da inteligência e habilidade. Na primeira parte da obra, Odisseu se afastou de seu reino (Ítaca) e foi forçado a vencer as dificuldades criadas pelo deus Poseidon, o deus dos mares que teve seu filho, o ciclope Polifemo, ferido pelas mãos de Odisseu vindo a ficar cego. Com isso, ele enfrenta tempestades e

obstáculos em seu caminho para voltar para casa. Este conflito é um dos elementos centrais do poema, ilustrando a luta do herói com forças divinas e naturais para alcançar seus objetivos. Já na segunda parte, Homero relatou o retorno de Odisseu a seu reino superando todas as dificuldades impostas no caminho (encontro com criaturas míticas, deuses hostis e circunstâncias adversas) com a ajuda da deusa Atena, a deusa do pensamento. Um exemplo seria o encontro com a feiticeira Circe que transforma alguns dos homens de Odisseu em porcos. Com a ajuda de Hermes (o mensageiro), ele resiste aos encantos de Circe e a convence a reverter o feitiço. O caminho para o reino foi o caminho da vida insegura, pois a viagem foi marcada por uma série de aventuras e perigos constantes. Ela também foi nômade, pois Odisseu se encontrava constantemente em movimento, sem local fixo para chamar de lar, enfrentando deuses geniosos e imprevisíveis que precisavam ser superados para que ele alcançasse o seu reino, o mundo da vida sedentária e instável, ou seja, a conquista de um estado de instabilidade e ordem que contrastava com a incerteza e o caos da jornada. Na concepção de Adorno e Horkheimer (1985, p. 78-79):

> a pátria é o estado de quem escapou. Por isso, a censura feita aos mitos homéricos de se "afastarem da terra" é a garantia de sua verdade. Elas voltam para a humanidade. A transposição dos mitos para o romance, tal como ocorre na narrativa das aventuras, é menos uma falsificação dos mitos do que um meio de arrastar o mito para dentro do tempo, descobrindo o abismo que o separa da pátria e da reconciliação.

Assim, a verdadeira pátria é alcançada por aqueles que conseguiram escapar dos perigos e desafios. Portanto, ela não é apenas um lugar físico, mas um estado de segurança e paz alcançado após uma jornada de superação. Neste sentido, há uma crítica feita aos mitos homéricos de que eles, frequentemente, se afastariam da realidade terrena, mergulhando no fantástico e no divino. No entanto, esta crítica garantiria a verdade dos mitos, pois mesmo se afastando da realidade terrena eles retornariam à humanidade trazendo verdades que são aplicáveis à vida humana. Já a transposição dos mitos para romances modernos não é vista como uma distorção, mas como uma forma de trazer os mitos para o contexto temporal e histórico, mostrando as lacunas entre o mito e a realidade da vida humana, ou seja, as aspirações humanas e a jornada necessária para alcançá-las.

Dentro da cultura grega, Homero se tornou seu mestre tanto pela sua capacidade de aproximar-se da vida de seu tempo como do seu povo captando e refletindo o cotidiano, os valores, as lutas e as aspirações, traduzindo aspectos mais humanos e profundos, reconhecendo seus traços. De fato, a partir de Homero, a poesia grega se tornou pedagógica. Para Jaeger (1986, 70) “o mito e as histórias dos heróis são a inexaurível reserva de exemplos que a nação possui e da qual ela extrai o seu pensar, seus ideais e normas para a vida”. A poesia, épica com Homero, teve, como nenhum outro estilo poético, um objetivo educacional porque representava toda a vida humana na sua luta com o destino por um objetivo mais elevado. De fato, os heróis homéricos não lutavam apenas por si mesmos, mas por algo maior e significativo que transcendia um ganho pessoal. Aquiles, por exemplo, buscava a glória eterna. Até mesmo a posterior tragédia herdou da poesia épica a sua importância e dignidade ético-pedagógica como se verá, no tópico seguinte, por meio de uma breve exposição acerca do poeta Hesíodo e seus mitos originários que valorizavam a justiça e o trabalho tendo como alvo o público camponês.

.

2.1.6 Os Mitos Originários de Hesíodo

Outro poeta de relevância para a formação dos gregos foi Hesíodo. Ele viveu no final do século VIII a.C. e ficou conhecido pelos seus principais poemas: *“Teogonia”* e *“Os Trabalhos e os Dias”.* Com eles, instruiu seus leitores sobre a moralidade e forneceu explicações mitológicas para a origem do mundo e dos deuses. Mesmo não tendo a mesma projeção que Homero, seu modelo de educação com conselhos práticos sobre agricultura, justiça, moralidade e comportamento humano representou um contraponto no que diz respeito à forma de fazer poesia. Por isso, o Hesíodo foi tradicionalmente ligado ao que se costuma chamar de “poesia didática”. Mesmo não havendo no universo grego arcaico uma distinção clara entre poesia heróica e poesia didática, o poeta foi logo colocado em oposição a Homero como representante de um tipo diferente de arte. Como se viu, os heróis da poesia de Homero eram nobres, aristocratas que viviam nos centros urbanos. Sua virtude era a virtude dos nobres. Ao contrário, o pensamento de Hesíodo estava ligado à cultura rural. No entanto, os dois representaram as duas faces da vida grega primitiva. Assim, enquanto o primeiro celebrou as façanhas

heróicas de personagens nobres e semideuses, o segundo, concentrou-se nos aspectos da vida cotidiana, particularmente no trabalho agrícola e nas questões de justiça social.

Hesíodo sentia-se chamado a anunciar a verdade e não falsidades que pareciam verdades, pois ele sentia um dever moral de transmitir verdades fundamentais sobre a vida, a justiça e a ordem natural. Esta era a missão que havia recebido das musas filhas de Zeus. Como pastor, falava por eles e pelos seus companheiros. Para isso, tinha consciência de ter recebido um mandato divino. Por isso anunciou a necessidade de uma nova postura na relação entre os homens e ultrapassou os limites das relações familiares. Convidando para a justiça, o poeta colocou no cenário do espaço público um novo ator que foi o trabalhador. Para Jaeger (1986, p. 89) esta mudança levou em conta "não apenas a luta do herói guerreiro contra o inimigo no campo de batalha, mas também a silenciosa e renhida luta do homem trabalhador com a terra dura e as adversidades do tempo em seu heroísmo".

A poesia de Hesíodo possibilitou perceber que a formação grega não se deu apenas a partir da nobreza, mas que teve a importante contribuição de outras camadas populares. Assim, colocando a força de sua poesia à serviço dos valores da vida rural e do campo, ele conseguiu fazer uma integração com o processo de formação do povo grego. Os elementos educativos do mundo rural trazidos por Hesíodo revelaram um cenário muito distinto daquele da elite nobre enfatizada por Homero. Na concepção de Jaeger (1986, p. 95):

> A educação e a sabedoria da vida do povo não conhecem nada da equilibrada formação do homem na totalidade de sua personalidade, da harmonia do corpo e do espírito, das competências polivalentes do manejo de armas e da palavra, do canto e da ação, como era exigido pelo ideal cavalheiresco. Em contrapartida, aqui tudo está impregnado por uma mentalidade originária da terra, com os conteúdos materiais da vida iguais a séculos do homem do campo, como o trabalho diário de sua profissão. Tudo é mais real e próximo da terra, porém carecendo de um objetivo mais elevado e ideal.

Hesíodo introduziu um aspecto ideal, a ideia de direito. Como Homero contava a luta dos seus heróis como um drama de deuses e homens, Hesíodo relatou o embate jurídico como uma luta entre as forças terrestres e divinas pela

vitória do direito e da justiça. Esta metáfora revelou a sua visão de que a busca pela justiça não era apenas um empreendimento humano, mas uma batalha cósmica onde as forças divinas e terrestres estavam alinhadas na promoção e na defesa dos princípios jurídicos. De fato, Homero idealizava a virtude do nobre urbano a colocando no centro do seu modelo educativo com a ideia de poder, mas Hesíodo idealizava o homem trabalhador do campo o colocando no centro de seu modelo educativo com a ideia de justiça ligada à ordem natural e a observância das leis divinas e humanas especialmente focadas nas questões sociais. Esta ideia que era clara para o poeta emergiu não da sua imaginação, mas das transformações materiais que aconteciam no interior da sociedade grega e, portanto, da sua sensibilidade de perceber e saber formular o sentido de tais transformações. Em suas palavras:

> A justiça escuta e o excesso esquece de vez! Pois esta lei aos homens Zeus dispõe: que peixes, animais e pássaros que voam devorem-se entre si, pois entre eles justiça não há; aos homens deu justiça que é de longe o bem maior; pois se alguém quiser as coisas justas proclamar sabiamente, a prosperidade lhe dá o logenvidente Zeus; mas quem deliberadamente jurar com perjúrios e, mentindo, ofender a justiça, comete irreparável crime; deste, a estirpe no futuro se torna obscura, mas do homem fiel ao juramento a estirpe é melhor. (Hesíodo, 2002, p. 270)

O Hesíodo trouxe um novo conceito de virtude que diferiu da *areté* do herói guerreiro que tinha como pressuposto a nobreza, a propriedade e a riqueza. A virtude passou a ser o trabalho pessoal e o resultado deste trabalho. O homem virtuoso do povo, por meio do seu trabalho, foi conquistando uma posse moderada e uma boa reputação em meio a sociedade grega. A *areté* guerreira, aristocrática e nobre passou a ser substituída pela virtude da constância do trabalho. Assim, o homem justo era aquele que ganhava a vida pelo trabalho. No entanto, não houve em Hesíodo uma glorificação do trabalho como atividade que, por si só, seria enobrecedora. O trabalho, para ele, era antes de tudo, uma necessidade. Os deuses o colocaram no caminho da prosperidade. Ele foi o resultado da separação entre os deuses e os homens narrado no mito de Prometeu e Pandora, e por isso possuía, em parte, uma aura de punição devido à desobediência aos deuses. Trabalhar não era vergonhoso. Foi parte da sabedoria de Hesíodo reconhecer que trabalhar era preciso e que só trabalhando era possível o homem ter uma boa vida.

O homem, na visão de Hesíodo, não devia temer e admirar os deuses como faziam os poderosos, mas estar convencido de que a justiça lhe era útil. Mesmo que as formulações do poeta estivessem apoiadas em antigos mitos populares nos quais os deuses estavam na origem do conhecimento e nas relações humanas ele também transpareceu uma ruptura com as divindades. Neste contexto, o povo não precisava mais olhar para as camadas superiores que se mostravam mais perto das divindades e por isso estavam com o monopólio do saber e da virtude para neles se inspirarem. Ele, agora, era capaz de construir seus próprios ideais a partir do contexto de sua vida e do seu trabalho. Com isso, o poeta conseguiu mostrar a autoformação de uma camada que até então estava esquecida. Neste sentido, se pode dizer que Hesíodo levou o povo a encontrar-se consigo mesmo, com sua própria cultura e construir a partir dela o seu ideal de vida. Isto se tornou a autoconstrução do trabalhador rural. Através desta realidade o poeta apontou para a necessidade de ultrapassar o isolamento de uma camada social humilde da população para colocá-la no todo de um povo. Assim, o poeta elevou e tornou acessível às formas de vida e as especificidades de toda uma parte da população até então esquecida.

Hesíodo, enquanto poeta e educador, não teve um papel importante apenas na cultura dos nobres, mas também na dos trabalhadores ligados à vida do campo. Esta é a questão central: ele se inspirou em Homero e se serviu de sua arte poética. No entanto, ele mostrou que a educação era possível e tinha todo um sentido para setores humildes da sociedade.

Os mitos também foram retratados nas tragédias gregas. O homem trágico, redescobriu no interior do mundo cultural e a partir da releitura dos mitos gregos a ressignificação de suas representações, a natureza ambivalente de seu ser porque existia biologicamente como os outros animais, mas diferente por sua capacidade simbólica, por sua possibilidade de abstração, de reflexão, de postular por novos significados às suas faltas percebidas como angústia, frente à condição humana. O herói trágico que foi revelado no teatro grego, apresentou conteúdo e extensão da condição humana como, por exemplo Édipo, numa nova perspectiva cultural da Grécia no século V a.C. que foi palco de transformações na vida social e política. Neste contexto da tragédia grega, dentre os seus maiores expoentes, destacou-se Ésquilo, Sófocles e Eurípides os quais serão apresentados com suas tragédias.

2.1.7 As Tragédias e os Mitos utilizados pelos tragediógrafos

A tragédia grega teve seu surgimento no culto de Dioniso, o deus do vinho, da alegria, da exuberância, das potências geradoras, ou seja, das forças criativas e vitais que promoviam o crescimento, a fertilidade e a regeneração na natureza e na vida humana. Seu momento de maior relevo se deu no século V a.C, quando a melhor produção trágica grega se iniciava com os Persas (472) de Ésquilo, e encerrava-se com a representação póstuma de Édipo em Colono (401) de Sófocles.

De início o culto a Dioniso era clandestino. A aristocracia que determinava os cultos oficiais não queria aceitá-lo, pois se tratava de um deus estrangeiro. Algumas fontes atribuem a Trácia ou a Frígia o seu lugar de origem. O culto era propiciador da embriaguez e por isso contrário ao ideal de harmonia e beleza. A teogonia olímpica é que deveria ser venerada, pois incluía Zeus, Hera e Atena, que representava um panteão mais equilibrado e racional, associando-se aos valores de ordem, proporção, perfeição e estética. Todavia, na visão de Civita (1973, p. 227):

> Pelo fato de personificar a liberdade, a desobediência à ordem e à medida, Dioniso conseguiu impor-se às populações submetidas pelos gregos (especialmente as agrícolas). Ao aceitá-lo às populações extravasaram, de certa forma, sua revolta contra o povo dominador.

Desejando o apoio da população do campo na luta que empreendiam pela conquista do poder tirânico, os anti aristocratas elevaram a adoração a Dioniso a culto oficial, cabendo a Pisístrato (600-527 a.C), um antigo tirano, ou seja, um governante que tomava o poder de forma muitas vezes não tradicional, trazê-lo para Atenas no ano de 535 a.C. Ele foi o responsável por erguer, aos pés da Acrópole, um templo dedicado ao deus e instituir em sua honra diversas festas, sendo as Grandes Dionísias Urbanas, que ocorriam na primavera, as mais relevantes. Tratava-se de um festival que ganhou status de realidade social politicamente instituída, pois estes festivais transcenderam suas origens religiosas para se tornarem elementos fundamentais da identidade cívica, oferecendo um espaço para a expressão cultural, a unidade social e a reafirmação política. Foi nesse contexto celebrativo que nasceu a tragédia grega.

O vocábulo “tragédia” derivou-se de “*tragoidia*”, uma palavra formada por duas outras “*trágos*”, que podia ser traduzido por “bode” e “*õidé*”, que queria dizer “canto”. Assim, etimologicamente, tragédia queria dizer “canto do bode”. Conta-se que Dioniso havia ensinado aos homens, pela primeira vez, a arte de cultivar vinhas. Assim que as videiras cresceram, um bode, acusado de tê-las destruído, fora castigado com a morte. Após persegui-lo e esquartejá-lo, os homens, em cima de sua pele, começaram a dançar e a beber até caírem desmaiados. Este acontecimento passou a fazer parte dos rituais dionisíacos e a ser rememorado anualmente. De fato, durante os festivais, após um bode ser oferecido a Dioniso, cantava-se e dançava-se até a exaustão. Os cantores e dançarinos transvestiam-se em “sátiros, que eram concebidos pela imaginação popular como ‘homens-bodes’” (Brandão, 1996, p. 10).

Um canto importante que ocorria nas celebrações dionisíacas era o ditirambo. Ele era um canto lírico composto por elementos alegres e dolorosos que, além de narrar os momentos tristes da passagem de Dioniso pelo mundo mortal e seu posterior desaparecimento exprimia, de forma exuberante, uma quase intimidade dos homens com a divindade que lhes possibilitava chegar ao êxtase. Este canto em coro acabou se definindo como trágico e dele resultou a tragédia, ou seja, representação viva feita por atores que narravam os fatos acontecidos no plano mítico e que, problematizando a situação do herói, discutiam os valores fundamentais da existência humana. De início os temas do ditirambo, bem como os da tragédia, estavam relacionados com a lenda de Dioniso. Depois, seu âmbito estendeu-se para toda a mitologia.

O crescimento rápido da produção teatral e o interesse que ela despertava foi responsável por introduzir nas Grandes Dionísias Urbanas o concurso de tragédias. Era um evento instituído oficialmente por Pisístrato que contava com o patrocínio do Estado. As representações teatrais tinham um forte cunho político, pois estava em jogo o apoio popular. A própria cidade, a pólis, ficava responsável pelos preparativos para a sua realização.

As apresentações aconteciam em três dias consecutivos. A cada dia era apresentada uma trilogia trágica e um drama satírico de um autor que já tinha sido selecionado trazendo alívio cômico parodiando os próprios mitos e heróis que eram temas das tragédias. Como exemplo, “Os Rastreados” de Sófocles que tratou do deus Hermes enquanto bebê tocando música pela primeira vez e os sátiros sem

saber quem estava tocando. Segundo Harvey (1998, p. 498) “essas quatro peças (uma tetralogia) podiam ser interligadas pela afinidade de assunto, porém raramente o eram”. Com isso, se tinham três trágicos em competição.

No dia do festival, todo o povo era convidado. A entrada para assistir aos espetáculos era cobrada, porém para aqueles que não pudessem pagar, o Estado se responsabilizava pelas despesas e ainda contribuía com uma quantia em dinheiro para pagar os seus dias de trabalho. A própria cidade de Atenas, fazia-se presente, desde as mulheres e os escravos até mesmo os estrangeiros. “Consequentemente, esse espetáculo adquiriu características de uma manifestação nacional” (Romilly, 1998, p. 15).

Ao final dos três dias, um tribunal, que funcionava como o tribunal de Atenas, cujo corpo era formado por indivíduos representantes das diferentes tribos, decidia quem deveria ocupar o primeiro, o segundo e o terceiro lugar entre os competidores. “A divisão era assim a expressão do corpo cívico em seu conjunto” (Vernant, 2001, p. 361). Sobre o vínculo do Estado com a tragédia Vernant e Naquet (1999, p. 10), afirmam:

> A tragédia não é apenas uma forma de arte, é uma instituição social que, pela fundação dos concursos trágicos, a cidade coloca ao lado de seus órgãos políticos e judiciários. Instaurados sob a autoridade do arconte epônimo, no mesmo espaço urbano e segundo as mesmas normas institucionais que regem as assembléias ou tribunais populares, um espetáculo aberto a todos os cidadãos, dirigido, desempenhado, julgado por representantes qualificados das diversas tribos, a cidade se faz teatro, ela se toma, de certo modo, como objeto de representação e se desempenha a si própria diante do público.

Foi inegável a importância do arconte epônimo para o espetáculo das tragédias na Grécia antiga. Ele foi caracterizado como uma das mais antigas magistraturas de Atenas, desempenhando funções tanto administrativas como religiosas e judiciais. Esta posição tinha um papel de suma importância na organização do calendário e na administração da cidade. Um exemplo de arconte epônimo pode ser encontrado em Sólon (594/593 a.C) que divulgou uma série de reformas legislativas para aliviar as tensões sociais e econômicas em Atenas. Suas melhorias foram fundamentais para a passagem de uma aristocracia para uma democracia de governo.

A primeira definição de tragédia que se tem conhecimento foi formulada por Aristóteles no século IV a.C. e encontra-se no sexto capítulo de sua *Poética*. Em sua visão, a parte mais importante da tragédia era aquela que se referia à organização dos fatos, pois ela não era imitação de pessoas, mas sim de ações da vida, da felicidade, da desventura. Assim, a bem-aventurança ou a mal-aventurança do homem dependia de suas ações. Era através do relato de seus atos que se delineava o seu caráter, pois os personagens eram colocados em situações que revelavam e testavam suas virtudes e falhas. Por isso, a maior parte das peças trágicas gregas colocava, diante dos espectadores, personagens que deveriam responder por seus atos quando tomavam decisões sobre questões de responsabilidade pessoal e moral.

O momento histórico da tragédia grega dizia respeito a um estado particular de articulação entre o mito e o pensamento jurídico que estava em pleno trabalho de elaboração. Tratava-se de duas categorias que iriam se confrontar nos palcos gregos, exprimindo o debate entre o passado mitológico e o presente da cidade, ou seja, a fase da transição entre um conjunto de valores marcadamente religiosos e os novos valores democráticos que diziam respeito a participação cidadã, o debate público e a lei que passaram a desempenhar papéis centrais na vida social. De fato, a tragédia nasceu quando se passou a olhar o mito com os olhos do cidadão. Ela voltou-se para o passado mítico que era pertencente a um mundo já decorrido, mas ainda presente na consciência do homem grego. Por isso a tragédia discutiu novas mudanças na organização social da pólis. O herói presente no teatro grego fazia parte da aristocracia e caracterizava-se pelos valores decadentes da mesma.

Com o advento do direito para a pólis, os mitos passaram a serem questionados tornando-se objeto de um debate que era colocado diante do público. Nele, o herói constituiu-se como sujeito responsável por seus próprios atos, sofrendo julgamentos por parte dos deuses e, também dos homens, marcando assim uma etapa na formação do homem interior que deveria pagar por suas atitudes. É necessário enfatizar que a derrota dos heróis não significava denegrir a imagem dos valores antigos. Ao mesmo tempo em que eram vencidos, sua derrota era gloriosa, pois demonstrava extraordinária nobreza, honra e superioridade na maneira como suportavam os seus sofrimentos. Embora, na maioria das peças, não conseguissem evitar a própria morte, os representantes das linhagens reais de outrora preservavam os seus nomes da difamação sendo vistos com respeito e admiração.

A tragédia grega apresentou-se como a expressão crítica de um desequilíbrio ou ainda como a manifestação estética do incerto momento da constituição de um equilíbrio novo. Para Vernant (2001, p. 355):

> Isto corresponde a um período em que os gregos estavam tentando distinguir claramente o plano humano [...] das forças físicas, naturais, dos deuses, etc. [...] A cidade vivia com uma imagem do homem oriunda da tradição heróica e viu surgir então um homem totalmente diferente, o homem político, o homem cívico, o homem do direito grego, aquele cuja responsabilidade é discutida nos tribunais em termos que nada têm a ver com a epopéia. A imagem do homem heróico, em contato direto com os deuses, agindo por eles, subsiste ao lado de outro homem que, quando matou sua mulher, não pode invocar as maldições ancestrais e que é interrogado sobre o porquê e como de seu ato.

As epopéias que se caracterizavam como as aventuras dos heróis históricos ou mitológicos e apresentavam uma visão grandiosa e idealizada dos seus feitos foram substituídas por uma nova visão do homem que seria responsável por suas ações dentro do sistema legal. Como exemplo, se pode destacar a morte Clitemnestra na trilogia “Orestíada” de Ésquilo onde a personagem é morta por seu filho Orestes como vingança pela morte do seu pai, Agamêmnon.

Qual é a relação entre o homem e o ato que realiza? Eis uma das grandes e inquietantes questões que a tragédia e os tribunais da época colocavam à sua maneira diante do público debatendo assuntos fundamentais sobre a existência humana, a moralidade e a justiça. No entanto, a tragédia não ofereceu resposta nem indicou soluções. Neste sentido, o herói grego apresentou-se para os espectadores daquele momento como um ser problemático, induzindo-os a um processo de reflexão.

No que diz respeito aos elementos constitutivos da tragédia destaca-se: a fábula, o enredo, o herói e o coro.

A fábula enquanto narrativa mais curta, muitas vezes com personagens animais, assim como sua antecessora, a epopeia, enquanto narrativa mais longa e poética que celebrava os feitos de heróis lendários, muitas vezes semidivinos e suas aventuras extraordinárias, estava ligada ao mito, pois frequentemente se baseava em lendas e histórias transmitidas oralmente ao longo das gerações. Elas preservaram a memória das grandes famílias reais e seus feitos. Não cabia aos

autores trágicos e épicos criarem personagens, nem ações possíveis, mas fazer uso do material narrativo existente na memória do homem grego, daquilo que ele acreditava ser o seu passado, ou seja, parte integrante da memória coletiva e do patrimônio cultural da Grécia antiga. No entanto, o mito tomado em seu estado puro não assinalava o efeito trágico, cumprindo ao tragediógrafo interpretá-lo. Neste sentido, afirma Vernant e Vidal-Naquet (1999, p. 271):

> O mito heróico não é trágico por si só, é o poeta trágico que lhe dá esse caráter. É certo que os mitos comportam, tanto quanto se queira, essas transgressões de que se nutriam as tragédias: o incesto, o parricídio, o matricídio, o ato de devorar os filhos, mas não comportam em si mesmos nenhuma instância que julga tais atos, como as que a cidade criou, como as que o coro exprime a seu modo. Em qualquer lugar onde se tem a ocasião de conhecer a tradição, onde se exprimiu o mito, contata-se que é o poeta trágico que fecha o círculo que é a tragédia.

Embora a epopeia e a tragédia estavam profundamente enraizadas na era heróica da Grécia antiga (séculos XV e XII a.C), o mito não foi explorado da mesma forma em ambas. Na epopeia, o herói mítico era o representante mais significativo de uma linhagem. Ele era forte, belo, inteligente, corajoso e virtuoso, um modelo a ser seguido, admirado e não questionado. Seus feitos eram apresentados ao leitor através de um processo de desvendamento gradativo. Por outro lado, na tragédia, o herói deixou de ser um modelo e passou a ser colocado com suas ações como um problema a ser resolvido diante dos espectadores. Suas qualidades eram as mesmas dos personagens épicos, e eram elas que lhes permitiram suportar com dignidade o seu destino.

Já o enredo de uma tragédia, assim como em qualquer obra de arte literária, se caracterizava pela mudança de sorte do herói que se realizava através da peripécia, ou seja, da mudança súbita e inesperada da boa para má sorte, do reconhecimento que podia ser entendido como o momento em que o herói ou outro personagem fazia uma descoberta crítica ou reconhecia uma verdade oculta, muitas vezes ligada à sua verdadeira identidade ou a natureza das circunstâncias que enfrentava e, algumas vezes, da catástrofe configurada como desfecho grotesco envolvendo morte, destruição ou sofrimento extremo. Para Cézar (1999, p. 145):

> O enredo de uma tragédia constitui-se, pois, como restabelecimento do equilíbrio perdido, némesis. Acontece impessoalmente, exibindo a onipotência de um destino exterior, a denominada moira, expressão da essência divina, seja por sua justiça, seja por sua providência, exibindo ainda a onipotência de uma necessidade, ananké, a existir independentemente da ação humana. O agente efetivador do restabelecimento da ordem, némesis, é variante, tanto pode ser a vingança de um deus quanto de um mortal, tanto pode ser a ação do acaso quanto da organização lógica das ações do herói. A ordem inevitavelmente se restabelece, transparecendo através desta ocorrência a pré-existência de uma lei, seja ela da natureza, seja ela divina, seja ela uma estrutura social rígida. O indivíduo nunca sai vitorioso numa obra de arte literária trágica.

Na tragédia, a narrativa era denominada pela inexorabilidade do destino (moira) e pela necessidade (ananké). Neste sentido, ela expôs a impotência do ser humano diante destas forças, por meio da justiça (nemesis) que tinha como ideia central a justiça retributiva para aqueles que cometiam atos de hubris (excesso de orgulho ou arrogância) recebendo a punição adequada e, restaurando assim, o equilíbrio. A tragédia grega, não tinha apenas o dever de entreter, mas também de ensinar sobre a complexidade da existência e a inevitabilidade do destino, refletindo profundas verdades sociais, à exemplo de “Agamemnon” de Ésquilo (458 a.C). Na narrativa Agamemnon retorna da Guerra de Tróia e é assassinado por sua esposa Clitemnestra como vingança pelo sacrifício de sua filha Ifigênia. Segundo Thiercy (2009, p. 40), “[...] Clitemnestra apresenta-se não apenas como uma esposa injuriada, mas também como o gênio vingador dos crimes da raça dos átridas – desde os filhos de Tieste mortos por Atreu até Ifigênia imolada por Agamênon”. Portanto, o estabelecimento da ordem (némesis) ocorre através da vingança da esposa, refletindo a inevitabilidade do destino (moira) e a necessidade (ananké) de retribuição, mostrando a derrota pessoal de Agamemnon diante das forças que governam seu destino.

A finalidade última da tragédia, segundo Aristóteles, em sua obra “Poética” (335 a.C e 323 a.C) era a catarse. Ela podia ser descrita como a purificação das emoções que os espectadores experimentavam ao assistir a uma peça trágica. Na medida que ela caminhava para o clímax, o espectador ia se envolvendo com a trama e os sentimentos, especialmente de compaixão e temor, faziam com que sofresse juntamente com o herói o seu destino. Assim, despertava-se a compaixão por sua desgraça imerecida e o temor pela possibilidade de vivenciar o mesmo infortúnio. Embora os acontecimentos funestos experimentados por tal herói

estavam localizados em um tempo imaginário, estes, por sua via poética, produziam efeitos como se fosse no tempo presente. Para Voilquin e Capelle (1964, p. 259):

> A tragédia bem concebida, deve determinar no auditório, que se deixou empolgar pelas paixões expressas, um gozo que, no final do espetáculo, dá impressão de libertação e de calma, de apaziguamento, como se a obra tivesse dado ocasião para o escoamento do excesso de emoções.

Portanto, a representação de uma tragédia funcionaria como uma espécie de remédio da alma, ajudando os espectadores a expelirem suas próprias dores e sofrimentos. O prazer sentido pelo público podia ser descrito em termos de alívio, sendo considerado tanto mais forte quanto mais afetado cada um pela compaixão e o temor.

Outro elemento constitutivo da tragédia era o herói. Ele vinha de uma linhagem real. Era um homem bom que equilibrava a virtude e o vício. No início da peça, apresentava-se como uma figura radiante, um vencedor que estava no esplendor da vida, no apogeu da fama e da prosperidade. Era belo, forte, jovem, rico, inteligente e possuía grande domínio da palavra e grande poder de persuasão. Mas, de repente, se viu vítima de uma mudança brusca imposta pelo destino. Um acontecimento terrível que o conduziu à desgraça sufocando as suas alegrias, arremessando-o num mundo de sofrimento. Tudo desabou ao seu redor. No entanto, foi graças às qualidades que ele possuía que conseguiu agir e reagir face a tais sofrimentos. O herói de uma obra de arte trágica demonstrava extraordinária nobreza na forma como os suportava e revelava dignidade na queda. Ele permanecia firme mesmo quando se tratava de uma posição insustentável ou impossível. Ele não recuava perante a própria ruína, como se seus desígnios e aspirações lhe importassem mais que a própria vida. O personagem Édipo da peça “Édipo Rei” de Sófocles (427 a.C) é um exemplo, pois ele enfrentou uma série de eventos trágicos descobrindo por meio do destino inexorável que ele seria o assassino do seu pai e o marido de sua mãe. Apesar de saber do seu destino selado que o levaria à ruína, ele persistiu em sua busca pela verdade e aceitou as consequências de seus atos, demonstrando a sua natureza destemida.

O erro do herói trágico era ser o produto de uma *hybris*, uma violação da medida, ou seja, do equilíbrio, da harmonia e da proporção que era fundamental para a ordem natural do universo determinada pelos deuses, ordem esta que não podia ser rompida. Por ter elevada reputação, o herói era movido pela soberba e pelo orgulho. Tratava-se de alguém caracterizado por uma excessiva confiança em si, de caráter transgressor. Como exemplo, pode ser citado Creonte da tragédia "Antígona" de Sófocles (442 a.C). Ele era rei de Tebas e era tido como um rei forte e justo, conhecido por elevada reputação e autoridade. No entanto, movido por sua soberba e orgulho emitiu um édito (anúncio de uma lei) que proibia o sepultamento do corpo de Polinices que era seu sobrinho e inimigo político, que foi morto em combate contra o seu próprio irmão, Éteocles. Confiando em sua autoridade e na justiça de suas decisões, Creonte considerava-se acima das leis divinas e humanas transgredindo tradições religiosas e morais da época que exigiam respeito aos rituais funerários. Com isso, ele confrontou sua própria família e a cidade de Tebas.

Já o último elemento fundamental que caracterizava uma tragédia era o coro. Ele tinha a função de externar por gestos e passos ensaiados os momentos de alegria ou de terror que permeavam a narrativa. Quando surgiu, o coro se manifestou pela fala, pela dança e pelo canto, passando, com o tempo, a contar com doze atores em dois grupos de seis. Naturalmente, com a evolução dos textos teatrais, também houve mudanças na função do coro. Sua finalidade inicial era de alegrar o espetáculo teatral falado, posteriormente, ele passou a ter papel narrativo. Na tragédia, o coro foi uma personagem coletiva que tinha a missão de cantar partes significativas do drama. Ele era composto pelos narradores das histórias que, através de representações, canções ou danças, relatavam façanhas do personagem. Ele ainda era o intermediário entre o ator e a platéia que trazia os pensamentos e sentimentos à tona, além de pronunciar também a conclusão da peça.

De início o texto do coro constituía a parte principal do drama, ao qual se interpolavam monólogos e diálogos. Com o desenvolvimento da tragédia, ele fixou-se como uma parte secundária do texto dramático, geralmente reservado ao comentário público. Com o desenvolvimento da dramaticidade o coro perdeu a sua configuração e importância original, abandonando a representação de uma personagem coletiva. Ele passou a ser executado por um só cantor. Sua função original não se perdeu neste contexto, mas continuou agindo como um espectador

ideal que se responsabilizava pelo equilíbrio das emoções e pela moderação dos discursos. Se pode encontrar um exemplo desta transição na peça “Édipo Rei” de Sófocles (427 a. C), onde o coro originalmente consistia em um grupo de cidadãos de Tebas que comentavam sobre os eventos e história e expressavam as reações do público. Porém, sua configuração foi reduzida, mas o coro continuou a desempenhar sua função de equilibrar as emoções da tragédia, oferecendo reflexões morais e éticas atuando como um espectador ideal que guiava a audiência através da narrativa trágica de Édipo.

Resumidamente, o coro tinha várias funções no teatro grego: era uma personagem da peça, fornecia conselhos, exprimia opiniões, colocava questões, e por vezes tomava parte ativa na ação. A ele competia também criticar os valores de ordem social e moral e, por outro lado, tinha o papel de espectador ideal ou voz da opinião pública.

Após breves considerações sobre o surgimento da tragédia grega e sua estrutura, nos próximos tópicos, serão destacados os mitos utilizados pelos pelos principais tragediógrafos Ésquilo, Sófocles e Eurípides.

2.1.7.1 Ésquilo

Ésquilo nasceu na cidade de Eleusis, em 525 a.C., mas passou sua vida na cidade de Atenas. Ele era filho de um nobre proprietário de terras chamado Eufórion, portanto, pertencia a aristocracia da sociedade grega. Na juventude, combateu nas batalhas de Maratona e Salamina contra os invasores Persas. Na vida adulta, tornou-se poeta trágico e escreveu, aproximadamente, 90 peças com as quais teve êxito e ganhou por doze vezes os concursos trágicos nas festividades dionisíacas urbanas. Ele morreu em 456 a.C na Sicília. Além de numerosos fragmentos, Ésquilo escreveu sete tragédias: Os Persas (472) que foi representada com duas tragédias de assunto mítico, Fineu e Glauco de Potnies. É importante destacar que esta peça não só refletiu os eventos dramáticos do conflito histórico da batalha de Maratona e Salamina, mas também foi entendida como uma expressão da experiência pessoal de Ésquilo como soldado e cidadão grego envolvido nestes conflitos contra os Persas. Os Sete contra Tebas (467) que foi a última peça de uma trilogia tebana que incluía Laio e Édipo, seguida do drama satírico A Esfinge, As Suplicantes, que

abriram uma trilogia dedicada às Danaides que foi datada, aproximadamente, em 463; A Oresteia (468) que foi a única trilogia completa que se possuía sobre Ésquilo composta por: Agamênon, As Coéforas e As Eumênides (e um drama satírico perdido: Proteu) e, por fim, Prometeu Acorrentado que fez parte de uma trilogia que terminava, certamente, com a libertação do Titã, mas não se sabe ao certo a sua data.

Ésquilo foi o primeiro poeta a transpor a narração lírica do ditirambo (primeira manifestação trágica) para uma apresentação encenada. Esta transição foi especialmente evidenciada na peça “Os Persas” (472 a.C). Ele também colocou, em primeiro lugar, um ator, no que até então era apenas uma narrativa coral, o que possibilitou o diálogo e a dramatização dos fatos narrados nas peças. Por estas transformações ele foi considerado o pai das tragédias em sua forma definitiva, com a qual ficou imortalizada. Segundo Lesky (1996, p. 96) “[...] a tragédia chegou à completude quando coincidiram o gênio de Ésquilo e a grande época de Atenas”. Esta convergência se deu pelo fato de Ésquilo ter se aproveitado da oportunidade e do público sofisticado de Atenas no século V a.C, que também ficou conhecido como a Era de Ouro por ter sido um notável período de florescimento cultural, político e intelectual. Dentro deste contexto, o poeta conseguiu explorar, por meio das tragédias, temas profundos, como justiça, vingança, destino e a relação do homem com os deuses.

O poeta não manteve o seu trabalho artístico apenas no âmbito das artes. Apesar de sua qualidade estética na evolução de sua poesia, nela se manteve o espírito do homem grego do período clássico. Com ele, o mito foi retomado e recriado para descrever a sua sociedade e, também, para instruir novas relações sociais. Assim, os conflitos dos heróis e dos deuses em suas peças não representavam só um conflito religioso, mas o conflito do homem da cidade diante das transformações na sua forma de comportamento social. Jaeger (1986, p. 271) afirma que:

> Infelizmente não temos qualquer ideia precisa das mais antigas formas da tragédia e, portanto, só podemos ajuizar das formas superiores da sua evolução. Na forma acabada que lhe vemos em Ésquilo, aparece como o renascimento do mito na nova concepção do mundo e do homem a partir de Sólon, cujos problemas morais e religiosos atingem em Ésquilo o seu mais alto grau de desenvolvimento.

Na forma como se encontra em Ésquilo, a tragédia grega apareceu como uma arte plenamente desenvolvida, refletindo a evolução do mito, mas também a nova concepção de mundo e do homem que surgiu em Atenas a partir de reformas do legislador e poeta ateniense Sólon no início do século VI a.C. Ele introduziu importantes reformas políticas, sociais e econômicas que moldaram a sociedade ateniense. Estas reformas criaram um ambiente propício para o desenvolvimento de uma consciência moral tendo como consequência a promoção da igualdade, a valorização e a participação cívica, o incentivo de um ambiente democrático por meio do debate público e a educação.

O mito nas obras de Ésquilo não estava num plano metafísico, mas foram narrados de uma forma atual para o período clássico. De fato, suas personagens eram voltadas para a realidade da pólis, e as ações, funções e obrigações deles perderam o caráter puramente religioso para assumirem uma postura política e social. Os deuses e heróis que antes eram vistos como ideais e autores de atos invejados pelos seres humanos, em Ésquilo, passaram a ter as mesmas dificuldades e temores que os homens da cidade-Estado. Isto ficou evidente nas personagens da peça *Prometeu Acorrentado* (465 a.C) nas quais o poeta procurou mostrar toda a força educativa da tragédia ao apresentar a relação do homem grego com a sociedade no momento da transição da cidade governada pelos tiranos, ou seja, pelos governantes com poderes ilimitados, para a pólis democrática. De fato, a peça serviu como um espelho para a sociedade ateniense, refletindo suas lutas, aspirações e valores como poder, justiça e resistência, pois explorou a dinâmica entre o poder de Zeus e a resistência de Prometeu. Zeus representava a figura do tirano que teve sua autoridade questionada e desafiada. Já Prometeu, personificou a ideia da verdadeira justiça e moralidade que exigia resistência ao poder despótico. Isto refletiu as tensões políticas de Atenas, onde os cidadãos estavam cada vez mais cientes da importância de questionar e equilibrar o poder para alcançar uma sociedade justa e democrática.

Os principais tiranos desse período foram: Drácon (624 a.C), Sólon (638-558 a.C), Pisístrato (546-527 a.C) e Clístenes (565-490 a.C) que criaram medidas que provocaram mudanças no cenário grego, tanto na estrutura social, que terminou sendo dividida em classes, como na estrutura política que passou a ser organizada pelos governos tiranos. Com as medidas reformadoras, a tirania pretendia anular o poder da aristocracia, já que seu poder era apoiado pelos setores mais pobres, que

recebiam benefícios dos tiranos. A partir delas mudou-se a estrutura da cidade e esta começou a tomar a forma do que viria a ser a pólis. Foi neste contexto que o ideal democrático se fortaleceu até que os cidadãos tomaram o poder e o comando da cidade, destituindo os tiranos. Isto aconteceu, especialmente, nas reformas de Clístines devido ao engajamento dos cidadãos e o fortalecimento das instituições democráticas, vindo a consolidar um sistema de governo onde a participação cívica e a igualdade foram valorizadas. Neste sentido, afirma Rostovtzelf (1983, p. 107):

> O poder das famílias aristocráticas foi enfraquecendo em parte porque a maioria delas foi banida e a sua terra distribuída entre os cidadãos pobres e, em parte, porque perderam totalmente a sua influência e começaram a fenecer, preparando assim, o solo para novas instituições democráticas no futuro.

Dentro deste contexto, a literatura passou a ocupar destaque na sociedade grega, com o apogeu do teatro trágico e a importância atribuída às obras deste gênero, que teve papel social significativo na vida do povo devido à influência exercida na formação de um novo pensamento. A obra trágica foi usada para descrever o processo de transformação que estava acontecendo e influenciando a formação do povo já que ela era reflexo da vida do grego representando o cotidiano da sociedade, sua administração, sua nova ordem social, seus conflitos. Neste sentido, a tragédia foi utilizada como um instrumento de formação de uma nova mentalidade do povo, servindo como instrumento didático educativo. Ela se tornou a expressão mais característica da democracia daquele período. Para Hauser (1990, p. 124) “a tragédia é a criação de arte mais característica da democracia ateniense, e em nenhuma outra forma de arte se discernem, tão direta e tão claramente como nela”, pois em sua forma, conteúdo e apresentação, ela refletiu os valores democráticos oferecendo uma base para a exploração de questões vitais para a sociedade.

A tragédia, neste contexto, não foi apenas vista como uma forma de entreter e divertir, mas possuía um cunho político que fora utilizado como artifício, inicialmente, pelo tirano Pisístrato depois por um grupo, ou seja, os magistrados e legisladores da pólis para auxiliar na organização e na administração da sociedade. Assim, por representar a sociedade ou apresentar como ela deveria ser para a sua

manutenção e como deveria agir para a sua continuação, é que o teatro trágico revelou o seu caráter didático. Com isso, a função do poeta trágico passou a ser de interpretar os mitos, não de acordo com uma visão simplesmente religiosa, mas de maneira a encontrar neles características e virtudes humanas que aproximassem esses mitos dos homens das cidades, educando os cidadãos da pólis de maneira a tornarem-se melhores para que servissem ao interesse desta forma de organização, ou seja, da cidade-estado grega enquanto unidade política, social e cultural. Para Bonnard (1980, p. 160):

> Estes mitos, e outros, muito anteriores ao nascimento da tragédia, é dever do poeta interpretá-los e fazê-lo em termos de moral humana. Esta é a função social do poeta quando fala, nas Dionísias, ao seu povo de Atenas. Aristófanes, à sua maneira, confirma-o pela voz de dois grandes poetas trágicos, Eurípides e Ésquilo, a quem põe em cena, e que, adversários na sua comédia, se estendem pelo menos na definição do poeta trágico e no objetivo que ele deve propor. “Em que deve ser admirado um poeta?... No fato de tornar melhores os homens nas cidades”. (E a palavra “melhores” significa mais fortes, mais adaptados ao combate da vida).

Assim a obra do poeta grego deste período não se voltou para educar qualquer homem, mas a sua poesia tinha um público direcionado, ou seja, os homens livres que eram os espectadores desses espetáculos. Com isso, o poeta trágico passou a ter influência na formação da sociedade devido à sua habilidade de trabalhar com palavras que agora eram sistematizadas, organizadas e racionais compondo as peças com uma estrutura clara e lógica, que facilitava a compreensão e a reflexão sobre os temas abordados. De fato, sua habilidade no domínio da linguagem e da escrita foi essencial para influenciar o espectador e para possibilitar que ele atingisse o seu objetivo quer fosse artístico ou político. Esse domínio que o poeta tinha sobre a arte trágica foi o que possibilitou a ele sedimentar sua importância no processo de organização da sociedade democrática no período clássico como um educador.

Como já fora mencionado, a peça *Prometeu Acorrentado* (465 a.C) se tornou a possibilidade do poeta Ésquilo mostrar toda a força educativa da tragédia ao apresentar a relação do homem grego com a sociedade que vivia a transição da cidade governada pelos tiranos para a pólis democrática. Na peça, isso pode ser evidenciado quando Prometeu foi acorrentado a um penhasco para sofrer a punição por ter roubado o fogo dos deuses e dado aos humanos. Em sua defesa, ele

procurou destacar, inicialmente, o sentimento de pena pela fragilidade do homem diante da ignorância da natureza humana. Ele diz: “Em seus primórdios tinham olhos, mas não viam / tinham os seus ouvidos, mas não escutavam [...]” (Ésquilo, 1993, p. 35, Prometeu Acorrentado, vv. 576-577). Originalmente, segundo a mitologia, o ser humano era totalmente desprovido de qualquer racionalidade. A humanidade era formada por seres que viviam num mundo confuso, e se aglomeravam em bandos sem nenhuma ordenação ou estruturação organizacional. Neste sentido, diz Prometeu “[...] e como imagens dessas que vemos em sonhos. Viviam ao acaso em plena confusão. Eles desconheciam as casas bem-feitas com tijolos endurecidos pelo sol, e não tinham noção do uso da madeira” (Ésquilo, 1993, p. 35, Prometeu Acorrentado, vv. 578-582). Considerados como seres fragilizados pela sua essência primitiva que demonstrava uma total falta de cultura e ciência para viver e se proteger, os mortais despertaram a comoção de Prometeu. Esta foi uma combinação de empatia profunda com um senso de responsabilidade. Segundo Guimarães (1999, p. 265) “para servir aos homens, Prometeu roubou de Hefesto um pouco do fogo da forja e deu-o a eles”.

No mito esquiliano o fogo carregava o sentido da ciência, da engenhosidade, da sabedoria, da cultura. O fogo era o que tinha o poder de iluminar o que antes estava nas trevas e não se podia enxergar, ajudando a eliminar o medo do desconhecido. Foi só pela posse e uso desse fogo que a humanidade teve revelado o dom das artes. Foi somente por meio do fogo que a raça humana conseguiu atingir a consciência da sua existência e das suas possibilidades. Assim, ao dominar o fogo roubado pelo Titã, a raça humana conseguiu atingir elevados fins que foram fundamentais para o progresso e a civilização, como por exemplo, a metalurgia. Dominando o fogo, os homens começaram a fundir metais, dando origem à criação de ferramentas, armas e outros artefatos essenciais para a construção e a defesa. A partir deste momento, o homem dotado de razão, tornou-se apto a dar os primeiros passos na direção de uma nova forma de conduzir a vida e a sua existência de maneira madura e consistente, deixando de ser como criança irracional. Diz Prometeu: “falar-vos-ei agora das misérias todas dos sofridos mortais e em que circunstâncias fiz das crianças que eles eram seres lúcidos, dotados de razão, capazes de pensar” (Ésquilo, 1993, p. 35, Prometeu Acorrentado, vv. 568-571). Por essa interferência transformadora na forma de guiar a existência humana, o titã

tornou-se o espírito criador, o formador e educador da cultura desse homem. Neste sentido, afirma Jaeger (1986, p. 287):

> Prometeu é o que traz a luz à humanidade sofredora. O fogo torna-se o símbolo sensível da cultura. Prometeu é o espírito criador da cultura, que penetra e conhece o mundo, que o põe ao serviço da sua vontade por meio da organização das forças dele de acordo com os seus fins pessoais, que lhe confere os tesouros e assenta em bases seguras a vida débil e oscilante do Homem.

Com essa apresentação do mito, o poeta buscou trazer para o espectador o processo de transição no qual, ele, o espectador, estava inserido. De fato, a história mítica serviu como pano de fundo para que Ésquilo pudesse encenar esse homem que passava por um processo de transformação na sua forma de viver em sociedade, que começava a se desgarrar de uma religião mítica controladora, onde o homem dependia da crença nos deuses e num destino predeterminado, e que precisava ser educado para se integrar adequadamente às exigências da nova ordem que surgia. A sua preocupação, como de todo poeta deste período, era falar de uma maneira acessível e didática, para que sua mensagem chegasse aos cidadãos dos diferentes setores sociais que assistiam a sua apresentação.

Neste sentido, o mito de Prometeu serviu muito bem ao propósito educativo do poeta. Sua história fazia parte da religião grega e estava inserida na cultura do povo, como também por ser o mito de Prometeu "[...] o germe dum imortal símbolo humano" (Jaeger, 1986, p. 287) que carregava em si o símbolo de uma humanidade que buscava respostas para a sua existência conflituosa. De fato, Prometeu simbolizou a tensão entre os homens e os deuses, entre a liberdade e a opressão, entre o conhecimento e a ignorância. Estas temáticas suscitadas se tornaram atemporais e, por isso, continuando a ressoar na experiência humana.

Mesmo o homem retratado por Ésquilo não estando totalmente desprendido da influência religiosa grega e, portanto, da crença nos deuses, a nova estrutura da cidade, a sua organização já fazia com que o grego vislumbrasse e utilizasse diferentes maneiras para conduzir a vida em sociedade e educar o cidadão. Foi neste contexto que se acelerou o processo de transição de uma sociedade guiada por preceitos divinos para uma sociedade organizada sobre a técnica, a engenhosidade e a racionalidade. Esta aceleração se deu por fatores filosóficos,

políticos e culturais. No que diz respeito à transição, ela se deu quando a submissão dos homens aos deuses, não tinha mais sentido. No entanto, este homem deveria primeiro conhecer a si mesmo para somente então poder elaborar a estratégia para superar as mudanças sociais. “[...] conhece-te a ti mesmo, amigo e adaptando-te / a duros fatos, lança mão de novos modos” (Ésquilo, 1993, p. 29, Prometeu Acorrentado, vv. 409-410). Uma vez conhecendo a si mesmo, ele teria o entendimento claro de suas capacidades, limitações, valores e motivações. Assim, ele seria capaz de romper as correntes da antiga tradição que o prendia à crença nos deuses e, consequentemente, à crença no destino que não mais regia ou norteava sua vida.

Por meio do coro, Ésquilo buscou para a peça personagens míticos que dessem sustentação a sua intenção. Neste sentido, ele trouxe o guerreiro Odisseu, que foi um dos heróis da guerra de Tróia e foi uma personagem da Ilíada e da Odisseia de Homero. O poeta o mostrou como um homem engenhoso que desafiou os deuses e reclamou para si as glórias dos seus feitos e de suas ações. A retomada proposital do herói grego foi providencial para mostrar que o verdadeiro homem sábio era o cidadão que tomava para si suas responsabilidades na sociedade da qual fazia parte. Com isso, o poeta procurou reformar a ideia de que o tempo de submissão aos deuses já não mais se sustentava ao enfatizar a discussão da sua peça no sistema de desarticulação da figura divina de Zeus. Portanto, para Ésquilo, a queda de Zeus e a libertação do Prometeu se tornaram o símbolo da libertação da humanidade. Como afirma Jaeger (1986, p. 288) “todos os séculos viram nele a imagem da humanidade”. As correntes que prendiam o titã eram as representações dos preceitos divinos que mantinham os seres humanos acorrentados à religião e aos deuses, vivendo sob a sombra da crença mítica. E o verdadeiro conhecimento pelo qual o homem da pólis deveria ser educado, que foi simbolizado pelo fogo divino, o ajudou a se desprender dos grilhões da ignorância e da submissão da mesma forma que Prometeu se livrou das correntes de Zeus. Sua libertação se deu com a ajuda de Hércules (Heracles) quando durante seus doze trabalhos chegou ao Cáucaso, região onde Prometeu estava preso à rocha. Ao ver o sofrimento do titã, o grande herói grego resolveu ajudá-lo matando com o seu arco e flecha a águia que vinha diariamente devorar o fígado de Prometeu. Depois disso, ele quebrou as correntes que prendiam o titã e o tirou da punição imposta por Zeus.

O que se constatou com a tragédia esquiliana foi o seu desejo de educar ao apresentar no teatro o conflito existente entre as suas personagens. Ésquilo, de fato, formou os seus espectadores, encenando de forma didática, como o novo homem da nova cidade deveria se comportar diante dos embates políticos e das novas exigências da sociedade frente às transformações que estavam acontecendo. Com isso, a peça esquiliana não deixou de expressar e de auxiliar no processo de reestruturação da pólis, demonstrando a sua característica educadora e a importância formativa que a tragédia teve na vida do grego no período clássico. No entanto, não foi apenas o poeta Ésquilo que utilizou os mitos em suas peças teatrais de forma intencional para formar e instruir o povo grego. É necessário também destacar, no próximo tópico, as contribuições de Sófocles que utilizou toda a força educativa das tragédias para conceber uma nova forma de homem para uma nova sociedade grega que estava surgindo.

2.1.7.2 Sófocles

Dentre os poetas tragediógrafos, Sófocles foi o que mais expressou como se deu o processo de transformação pelo qual passou a sociedade de sua época. Ele discutiu em suas peças os padrões morais, políticos e religiosos que eram exigidos aos atenienses para a manutenção da ordem social. E refletiu como se poderia manter a organização e a hegemonia da cidade.

Sófocles foi a expressão da pólis grega. Apesar de ele ter nascido na cidade de Colono no ano de 496 a.C., ele presenciou e viveu o apogeu e a derrota da "cidade grega por excelência" (Mossé, 1997, p. 5), ou seja, da cidade de Atena, onde passou quase toda a sua vida. Na infância, Sófocles presenciou as guerras da sua pátria contra os Persas (498-479 a.C). Já na sua adolescência, fez parte do coro dos rapazes que cantaram para celebrar a vitória do seu povo sobre os Persas na batalha de Salamina (480 a.C). Segundo Lesky (1996, p. 141) "[...] depois da batalha de Salamina, em que Ésquilo lutou como homem maduro, Sófocles cantava na peã triunfal do coro dos meninos". Esta peã triunfal era a celebração na qual os gregos festejavam a vitória sobre os Persas. Isto mostra que o poeta Sófocles estava envolvido no meio artístico da cidade de Atenas já na sua juventude, apesar de não pertencer a uma descendência aristocrática. Ele não era nobre de nascimento, mas

a posição social conquistada pelo seu pai, que era membro do setor da sociedade que emergiu pelas oportunidades econômicas propiciadas pelas novas relações comerciais, possibilitou a ascensão social da família e, consequentemente, a sua educação e sua formação intelectual. Segundo Levi (1991, p. 240) “Sófocles [...] era um dos membros da nova classe dirigente que não tinha as mesmas tradições da nobreza, mas apenas as disponibilidades econômicas e o nível de educação”. Foi justamente esta formação que possibilitou a sua participação nos setores mais elevados da sociedade ateniense, nos quais a educação intelectual era fundamental para a manutenção das relações políticas, mais precisamente para os que almejavam alcançar cargos diretivos. Na visão de Levi (1991, p. 241):

> Essa nova classe devia contar com recursos econômicos, sem os quais não se podia ter uma educação superior, nem ter acesso às magistraturas financeiras, nem exercer uma função, como a estratégia, que durante um ano absorvia todas as atividades de seus titulares. O requisito essencial para a nova classe era precisamente a educação, a capacidade de comunicar-se, a superioridade da cultura, que proporcionavam a superioridade na vida pública.

A sua educação acabou sendo o meio para que ele não só se tornasse um tragediógrafo, mas também para que participasse da vida política da cidade, ocupando cargos de prestígio e exercendo altas funções na administração de Atenas, principalmente durante o governo de Péricles (444-429 a.C), com o qual tinha amizade.

Sófocles, quando adulto, presenciou o momento em que a cidade de Atenas alcançou grandes conquistas, como: o advento da moeda que possibilitou a expansão comercial e o enriquecimento da cidade; a criação de códigos de leis escritas para legislar a Cidade-Estado; a substituição do governo tirânico pela democracia e as vitórias gregas sobre o inimigo Persa que propiciaram uma hegemonia militar a Atenas. Ele não só presenciou essas conquistas, mas também com suas tragédias, procurou mostrar como a sociedade lidava com essas mudanças que transformaram toda a sua organização social. Sua relação com a cidade era bem próxima, por ter sido um político de destaque nos cargos que ocupou em Atenas, mesmo não sendo um grande guerreiro que era uma

característica honrosa para um grego. No entanto, apresentou durante a sua vida qualidades cívicas em todas as áreas de sua atuação. Para Lesky (1996, p.143):

> A estreita relação de Sófocles com a sua cidade natal, vinculação que, ao contrário de Ésquilo e de Eurípides, não lhe permitiu atender ao chamamento de príncipes estrangeiros, se nos manifesta em tríplice forma: em sua obra literária, no seu desempenho de cargos públicos e no serviço do culto de Atena [...].

A profunda vinculação de Sófocles com Atenas o manteve comprometido com sua cidade em várias dimensões da sua vida. Nem mesmo príncipes estrangeiros conseguiram o tirar desta realidade. Além do seu papel como dramaturgo e político, ele desempenhou funções religiosas em Atenas. Ele foi sacerdote de Asclépio, filho do deus Apolo e participou dos cultos e festivais dedicados aos deuses, especialmente Atena, a deusa patrona da cidade. Sua participação enfatizou sua devoção religiosa e sua integração nas tradições espirituais de Atenas. Este serviço religioso não só reforçou sua conexão com a cidade, mas influenciou sua obra com temas, como: piedade, destino e intervenção divina.

Com isso, Sófocles acabou mostrando à cidade o seu patriotismo e buscou, com sua habilidade de criar obras trágicas, ajudar na organização do seu povo, na medida em que a tragédia ocupava um lugar de destaque na vida dos atenienses e os influenciava pela sua força educativa. Na visão de Jaeger (1986, p. 298) é “[...] em Sófocles que culmina a evolução da poesia grega considerada como processo de objetivação progressiva da formação humana”.

O poeta apresentou o novo em sua obra. O que ele queria com esse processo de formação humana era propor em suas tragédias, ao contrário de Eurípides, um modelo de homem tal como deveria ser. Assim, a sua preocupação era apresentar o homem real da cidade e mostrar como deveria ser este homem, como ele deveria se comportar na pólis, sua forma de agir, de se relacionar com os concidadãos. A busca por um ideal humano estava tão presente nas peças de Sófocles que ele foi comparado a um escultor de homens. Sua obra foi considerada algo que despertava na consciência humana a necessidade de uma formação sistematizada para a organização da sociedade. Com isso, o poeta ateniense se tornou um inovador, ao tentar despertar na consciência do homem a necessidade de

uma formação na busca de um ideal que não estava apenas na adesão a normas sociais ou religiosas, mas na busca contínua pela verdade e pelo bem. Isto ainda não havia sido destacado por nenhum tragediógrafo anterior. Segundo Jaeger (1986, p. 298):

> Um escultor de homens como Sófocles pertence à história da educação humana, e como nenhum outro poeta grego. E num sentido inteiramente novo. É na sua arte, que pela primeira vez se manifesta o despertar da educação humana. É algo totalmente diverso da ação educativa, no sentido de Homero, ou da vontade educadora, no sentido de Ésquilo [...].

A característica educadora das tragédias sofoclianas estava presente na busca pelo ideal de conduta do homem. Ele procurou apresentar em suas peças a narrativa de homens reais diante dos seus conflitos. Mesmo utilizando-se dos heróis dos mitos, ele procurou humanizar suas personagens. Segundo Ferreira, na obra sofocliana (1992, p. 29) “o homem é o centro de tudo e os heróis obedecem ao ideal humano”. Portanto, para educar o homem, o poeta procurou falar aos homens do seu tempo como os homens eram e como eles viviam os seus conflitos.

Para Sófocles, o herói era o modelo ideal de homem tal como deveria ser, pois mesmo sendo humanos, os heróis tinham virtudes que os tornavam superiores aos homens do quotidiano. O herói foi descrito pelo poeta como detentor de nobreza, sabedoria, prudência, justiça, lealdade, honestidade e demais virtudes que deveriam ser almejadas pelos homens comuns para que se tornassem homens melhores, homens ideais. Mas também representavam homens cheios de paixões violentas, como: ódio, ciúmes, arrogância e remorso. Todas estas características conflitantes do homem comum do quotidiano e do herói idealizado se misturavam na construção dos seus caracteres. Para Jaeger (1986, p. 296):

> A indelével impressão causada por Sófocles sobre o Homem atual, a base de sua imortal posição na literatura são os seus caracteres. [...] ele ergueu figuras humanas de carne e osso, repletas das paixões mais violentas e dos sentimentos mais ternos, de grandeza heróica e altiva humanidade, tão semelhantes a nós e ao mesmo tempo dotados de tão grande nobreza.

Para trazer a solução para o problema criado na tentativa de humanizar o herói, ou de dar ao homem virtudes heróicas mais elevadas, Sófocles apresentou uma característica essencial que marcou o caráter de cada personagem de suas tragédias: o constante estado de conflito vivido por elas como resultado da falta de medida, ou seja, de autocontrole, de moderação. O homem ideal do poeta não era o herói mítico perfeito, que não cometia falta alguma. O seu homem ideal era aquele que buscava o autocontrole; que convertia as ações virtuosas do herói em atitudes humanas e procurava fugir das paixões, das emoções que eram guiadas pelo instinto, as mesmas emoções das quais eram dotadas as suas personagens, as quais acabavam por conduzi-las a um fim trágico. Para isto, o poeta propôs em suas obras a justa medida tendo em vista que ele sempre revelava a atitude impulsiva da maioria das suas personagens nas tragédias. De fato, elas cometiam faltas desmedidas nas suas ações e acabavam por causar os problemas por eles enfrentados, culminando com todo o mal que lhes acontecia na vida. Mal que, na maioria das vezes, era prenunciado pelo coro das peças, como afirma Jaeger (1986, p. 302): “não é sem razão que o coro das tragédias de Sófocles repete constantemente que a fonte de todo o mal é a ausência de medida [...]”. Um exemplo claro desta ausência de medida se pode encontrar em Édipo. Apesar das profecias que estavam prevendo que ele mataria seu pai e se casaria com sua mãe, ele acreditava que podia escapar do seu destino. Sua confiança excessiva em sua própria capacidade de alterar o curso dos eventos se tornou uma forma de ausência de medida.

Esta ideia da moderação apresentada por Sófocles em suas tragédias não era algo que foi criado por ele, mas já estava presente no pensamento do homem grego. No entanto, o poeta utilizou essa ideia da medida como princípio necessário para o seu homem ideal da pólis. Segundo Jaeger (1986, p. 302):

> [...] essa consciência, que enche a época inteira, é uma expressão tão natural da essência mais profunda do povo grego, fundada na sophrosyne, que a exaltação da medida em Sófocles parece reboar, em mil ecos concordantes, por toda vastidão do mundo grego. Na realidade, a ideia não era nova. Mas a influência histórica e a importância absoluta de uma ideia não dependem nunca de sua novidade, mas sim da profundidade e da força com que foi compreendida e vivida. É em Sófocles que atinge o apogeu o desenvolvimento da ideia grega de medida, considerada como o mais alto valor. É a ele que leva e é nele que encontra a sua clássica expressão poética, como força divina que governa o mundo e a vida.

Sófocles fez uso dessa ideia num momento em que a moderação das relações entre os homens na sociedade ateniense era algo essencial. A manutenção da organização social era responsabilidade do cidadão e para preservar esta organização o homem da pólis deveria obedecer às normas da continência social fossem elas impostas pelas leis escritas ou pela tradição no período clássico que se estendeu aproximadamente do século V ao IV a.C.

As personagens das tragédias de Sófocles levavam ao extremo os ideais e acabavam por provocar conflitos trágicos em suas vidas. O que o poeta pretendia ao apresentar personagens com estes ideais que muitas vezes divergiam era mostrar o conflito que acabava por provocar pela falta de moderação entre os princípios que cada um defendia. Era somente pela medida que se evitava o fim trágico e se encontrava o ponto de equilíbrio na busca da manutenção da ordem. Isso era princípio básico não só para as personagens do poeta, mas também para os seus espectadores que viviam numa sociedade democrática em que a igualdade era basilar entre os seus componentes manifestando-se em diversas esferas da vida pública e privada. Esse princípio influenciava a política, a educação e a cultura, moldando a maneira como os cidadãos viviam e participavam da sociedade.

Pode-se perceber que as concepções do modelo e as ideias de medida apresentadas por Sófocles em sua obra foram importantes para a estruturação da pólis, em vista do valor dado ao caráter didático que nesse momento teve a tragédia, enquanto prática educativa, para a formação da consciência do homem grego. Esta concepção do modelo de homem e da ideia de justa medida proposta nas obras sofoclianas para organização e manutenção da sociedade ideal pode ser encontrada com maior clareza e objetividade nas tragédias: Édipo Rei, Édipo em Colono e em Antígona. Como exemplo, em Édipo em Colono, Teseu o rei de Atenas representou um governante equilibrado, justo e passivo que respeitou tanto as leis divinas quanto as humanas. Ao encontrar Édipo, que estava em busca de asilo em Colono, o rei demonstrou uma combinação de respeito pela tradição religiosa e humanitária.

Em toda a sua obra, Sófocles mostrou o conflito vivido pelo homem grego. No entanto, o seu objetivo não era apenas mostrar o embate entre as leis divinas e as leis escritas, a tradição gentílica e a justiça da Cidade-Estado, o mito e a razão. O que ele propunha nas suas tragédias era a busca por um homem que fosse ideal para viver na cidade criando leis e fazendo acontecer a justiça para vencer os conflitos no momento de transição, enfim, o homem idealizado por Sófocles deveria

produzir a sua existência. Foi este ser humano que o poeta considerou como a maior maravilha entre todas as existentes. O poeta usou o modelo do herói para descrever os feitos desse homem que ele propôs, uma vez que eram os heróis, segundo a tradição grega, os mais virtuosos entre os seres humanos. Segundo Bonnard (1980, p. 294) “os heróis, na religião antiga, eram seres poderosos, por vezes intratavelmente benévolos, por vezes claramente malévolos”.

O herói de Sófocles tinha um caráter universal e coletivo, não mais um caráter individual e particular como o herói de Homero, por exemplo. Seu papel na sociedade não era mais o de ser um guerreiro que defendia a cidade com força, coragem e valentia, mas passou a ser a do cidadão que deveria manter a ordem social. Na tragédia “Antígona” a personagem, Antígona, demonstra este caráter universal e coletivo ao colocar os deveres familiares e os valores morais acima de suas prioridades.

Os desvios de conduta do herói eram as falhas dos homens comuns da cidade. Ao narrar o conflito do herói, se narrava os conflitos dos cidadãos da pólis; assim, a dor do herói se transformava na dor dos homens, criando uma identificação profunda e um espaço para a reflexão sobre a condição humana e a vida cívica.

A personagem de Édipo é a representação mais completa desta humanidade expressa no herói sofocliano. Para Bonnard (1980, p. 287) a tragédia de Édipo “[...] é a tragédia do homem em plena posse de todo o poder humano”. De fato, sua história encapsula elementos importantes da experiência humana, como a busca de identidade, o confronto com a verdade, e a luta contra o destino, todos apresentados com uma profundidade e complexidade moral que torna Édipo um símbolo universal da condição humana.

O poeta utilizou Édipo como modelo exemplar de cidadão da pólis democrática, pois toda a sua busca pelo conhecimento não teve como objetivo o seu próprio interesse. Toda a reflexão e ação que levaram o herói a percorrer a trajetória trágica foram executadas como forma de buscar o interesse coletivo. O seu objetivo era beneficiar Tebas. Desde o início quando resolveu o enigma da Esfinge e se tornou rei, até o fim quando se exilou para salvar a cidade da maldição, Édipo sempre colocou os interesses da cidade e de seus habitantes acima de tudo. Sua tragédia pessoal, foi, portanto, inextricavelmente ligada ao seu compromisso com o interesse coletivo. Na concepção de Bonnard (1980, p. 287):

> Édipo põe sempre esta ação refletida a serviço da comunidade. Esse é o aspecto essencial da perfeição do homem. Édipo tem uma vocação de cidadão e de chefe. Não a realiza como um "tirano" (apesar do falso título em grego), mas em lúcida submissão ao bem da comunidade. [...] Édipo está pronto, a todo momento, a dedicar-se inteiramente à cidade.

Sófocles retratou Édipo como um herói cuja essência era servir a comunidade. Ele encarnou a perfeição do homem ao colocar suas ações e reflexões a serviço da pólis, demonstrando ter a vocação de cidadão e líder. Esta dedicação à comunidade foi um aspecto central do personagem, refletindo a visão grega de que o bem individual está intrinsecamente ligado ao bem coletivo. No entanto, esta virtude foi na contramão da ação desmedida, enquanto ato particular, praticado por Édipo, pois ele acreditava que podia solucionar, sozinho, os problemas da cidade. Ele não aceitava ajuda dos seus concidadãos por se considerar superior a todos eles e até mesmo superior às divindades. Neste sentido, diz Sófocles (1990, vv. 476-479, p. 39) "[...] pois cheguei, sem nada conhecer, eu Édipo / e impus silêncio à esfinge; veio a solução / de minha mente e não das aves agoureiras [...]". Édipo tinha confiança em sua própria inteligência e capacidade de resolver problemas sem depender de métodos tradicionais e supersticiosos da época, como a consulta às aves agoureiras, que eram usadas para prever o futuro. Com isso, ele também destacou a importância do raciocínio humano e sua capacidade intelectual que se tornaram valores emergentes da Atenas democrática no século V a.C.

Ao se declarar como superior aos homens e aos deuses, Édipo agiu como um tirano arrogante e pretensioso, e seus atos e suas palavras desmedidas fizeram com o que até o então sábio e justo rei de Tebas acabasse por tornar-se vítima da própria arrogância, levando-o a desrespeitar até mesmo o que a cidade considerava sagrado.

Esta ação particularizada numa sociedade da igualdade de direitos coletivos, como a pólis democrática, revelou a falta de medida do herói. Isso acabou por provocar seus males, levando-o ao sofrimento, ao seu fim trágico. Por isso, nas obras sofoclianas era sempre ressaltada a ideia de *sophrosyne*, ou seja, a idéia da justa medida que correspondia a imagem de uma ordem política que estava a impor um equilíbrio a todas as forças contrárias estabelecendo um acordo entre os elementos rivais, ou seja, entre governantes e cidadãos. De fato, para Sófocles, o homem precisava equilibrar as forças contrárias para que pudesse bem viver. Assim,

o homem que se deixasse dominar pelas paixões desmedidas e não controlasse os seus instintos violentos causava a desordem social e estava fadado a um fim trágico.

Ao pensar Édipo, que na trama ficou cego por seu ato desmedido, ou seja, por pensar que sozinho salvaria a cidade, fica evidente que ele não fez uso da sensatez, agindo por impulso de suas paixões. Ele agiu pela vontade particular, sem refletir sobre a melhor forma de proceder. Suas ações se tornaram falhas e o assassinato do rei Laio na encruzilhada se tornou a causa dos males e da desordem social da cidade que ele governava, e também dos próprios males que causaram a sua desgraça. Ao mostrá-lo caído na infelicidade diante da descoberta do seu parricídio e do incesto, e cego após vazar os seus olhos, Sófocles apresentou a ignorância e a limitação do homem considerado um ser frágil. No entanto, os prejuízos causados por Édipo foram além do sofrimento pessoal. Seus crimes e a revelação de sua verdadeira identidade geraram desordem social, destruição familiar, perda de legitimidade governamental e um legado de maldição. Neste sentido afirma Sófocles (1990, vv. 1393-1401, p. 83):

> Vossa existência, frágeis mortais, é aos meus olhos menos que nada. Felicidade só conheceis imaginada; vossa ilusão logo é seguida pela desdita. Com teu destino por paradigmas, desventurado, mísero Édipo, julgo impossível que nesta vida qualquer dos homens seja feliz.

De fato, a vida é trágica e a felicidade é uma ilusão efêmera, como também o sofrimento que é inevitável. Em Édipo se encontra a incapacidade dos mortais de alcançar uma felicidade duradoura, pois o destino e a desventura são partes inextricáveis da existência humana. Por isso se pode entender Édipo como um paradigma, pois sua história serve como um exemplo universal do que pode acontecer com qualquer ser humano que pode ser derrubado por forças para além do seu controle.

Segundo o poeta, aquele que antes guiava a cidade com a soberania, que governava a pólis com a autonomia, passou a ser guiado por outros após perder a visão e ser exilado em Tebas. Édipo, antes um homem poderoso e sábio, começou apresentar as suas limitações. Assim, o privilégio de depender só de si mesmo acabou quando o homem representado por Édipo não buscou conduzir a sua vida

pela justa medida e provocou males para si mesmo. Ao mesmo tempo, é nesta condição que Édipo conseguiu descobrir que o verdadeiro homem sábio é o que busca no conhecimento não apenas saber, mas a possibilidade de usar esse conhecimento para tornar-se prudente. Nas palavras de Sófocles (1990, vv. 133-134, p. 109) "[...] quero ouvir-lhes as palavras, / pois as informações nos fazem ser prudentes". Portanto, somente na prudência, que vem da disposição de ouvir e considerar diferentes pontos de vista, o homem vai encontrar a moderação e o autocontrole necessários para a manutenção da ordem e do bem comum na Cidade-Estado. De fato "destaca-se a prudência sobre-modo / como a primeira condição para a felicidade [...]" (Sófocles, 1990, vv. 1485-1487, p. 251).

A obra sofocliana, não só apresentou o conflito vivido pelo homem do século V a.C, mas ela tinha como proposta apresentar um modelo de homem que seria ideal para superar este conflito. Foi pela ideia de justa medida que o poeta trágico apresentou a condição básica para esse homem alcançar uma condição ideal. Somente encontrando-se o ponto de moderação entre as forças contrárias que provocavam o estado de conflito é que se teria o homem ideal para viver em sociedade e se alcançaria o estágio de cidadão para viver na pólis democrática.

Dando continuidade a apresentação dos tragediógrafos e sua importância para a mitologia teatralizada será mostrado, no próximo tópico, o último dos três poetas, Eurípides. Ele revolucionou como um dos grandes nomes da tragédia grega. Suas obras exploraram a dimensão psicológica e moral de seus personagens. Com isso, ele trouxe um novo nível de realismo a este gênero dramático.

2.1.7.3 Eurípides

A maioria das informações que os biógrafos antigos trazem sobre a vida de Eurípides são gracejos dos poetas cômicos, especialmente do dramaturgo Aristófanes (446-386 a.C), que fez dele um de seus alvos favoritos. Mas a tradição diz que Eurípides nasceu em Salamina, no ano de 480 a.C, no mesmo dia da famosa batalha, num meio muito modesto. Ele era filho de uma vendedora ambulante. Alguns biógrafos afirmam que ele nasceu quatro anos mais tarde do que o ano geralmente aceito numa família bem estabelecida que lhe deu uma excelente educação. Ele quis ser atleta, depois tentou ser pintor. Foi influenciado por Anaxágoras, Protágoras e Sócrates no que diz respeito ao gosto pela retórica. Isto

ficou muito evidente e frequente em suas obras. Por fim, sua vocação foi decidida em 455 a.C, quando apresentou no teatro de Atenas sua primeira trilogia que incluía *As Pelíades*. Esta peça se refere a história das filhas de Pélias, rei de Lolco. A trama envolve a personagem Medeia, que promete as filhas de Pélias que, através de seus conhecimentos mágicos, poderá rejuvenescer seu pai. No entanto, Medeia engana as filhas e, em vez de rejuvenescer Pélias, ela termina o matando. Com esta peça, ele ficou classificado em terceiro lugar. Treze anos depois ele se classificou em primeiro lugar no concurso teatral das Dionísias em 441 a.C. com uma trilogia que incluía a peça "Asmoforai" (Mulheres na Tesmofória). Foram somente três vitórias num período de 36 anos, quando já teria escrito 92 peças. Dos três poetas trágicos, Eurípides foi o que teve as obras mais conservadas. São 19 peças completas, entre as quais o drama satírico *O Ciclope* e uma tragédia chamada *Resos* que foi ambientada durante a Guerra de Tróia. Ela gira em torno do herói Trácio Reso, que chega para ajudar os troianos com um exército poderoso e cavalos magníficos. Uma profecia dizia que, se seus cavalos bebessem da água do rio Escamandro e pastassem na planície de Tróia, a cidade nunca seria capturada. Para evitar isso, os gregos, liderados por Ulisses e Diomedes, invadem o acampamento troiano durante a noite e matam Reso, roubando seus cavalos. A sua morte e o roubo de seus cavalos são os eventos centrais da peça. Eurípides também possuiu numerosos fragmentos cuja autenticidade foi colocada em dúvida desde a antiguidade. É importante ressaltar que sua obra teve uma grande difusão após a sua morte.

Da sua existência não se sabe praticamente nada a não ser que se manteve afastado da vida pública. Quando era maltratado pelos poetas cômicos ele se refugiava para compor em Salamina, numa gruta que dava para o mar. Em 408 a.C, no final da Guerra do Peloponeso, deixou Atenas e se retirou na Macedônia, em Pela, na corte do rei Arquelau, onde morreu em 406 a.C, atacado por uma matilha de cães. Um de seus filhos Eurípides, o Jovem, representou no ano seguinte em Atenas as peças que ele compusera na Macedônia, *Ifigênia em Áulis*, *Alcméon em Corinto* e *As Bacantes*. Dele, se tem oito tragédias conservadas: *Alceste* (438), *Medeia* (431), *Hipólito* (428), *As Troianas* (415), *Helena* (412), *Orestes* (408), *Ifigênio em Áulis* e As *Bacantes* (405). *Os Heraclidas*, *As Suplicantes*, *Andrômaca* e *Hécuba* devem ser sido representadas antes de 421; *Héracles Furioso, Íon Electra, Efigênia em Táurida* e *As Fenícias* entre 418 e 409.

A arte de Eurípides desconcertou os seus contemporâneos, pois ele mostrava muita originalidade em relação aos poetas concorrentes, tanto pela música quanto pelas modificações feitas nos mitos que utilizava em suas tragédias. Para Thiercy (2009, p. 11):

> Em suas peças, Eurípides apresenta situações complexas, com muitos personagens, peripécias, lances teatrais e espectadores, recorrendo com frequência ao *deus ex machina* para resolver suas intrigas. Encontramos muitas tiradas de caráter filosófico e retórico, em algumas tragédias há inclusive passagens romanescas, triviais ou cômicas. Os atores cantam frequentemente nos diálogos em detrimento dos cantos do coro que às vezes têm uma relação bastante fraca com os episódios, apresentando lamentações um tanto convencionais.

É necessário enfatizar que o uso do deus ex machina enquanto técnica correspondia ao fato de que uma divindade ou força sobrenatural aparecia no final da peça para resolver um conflito insolúvel. Esta técnica foi criticada por ser uma solução fácil e artificial, permitindo a resolução dos conflitos de maneira surpreendente e simbólica. No entanto, ela representou também a ideia de que nem todos os problemas podiam ser resolvidos por meios humanos, introduzindo uma dimensão divina que servia como lembrete da fraqueza e limitação da humanidade.

Explorando temas antigos, o poeta soube lhes dar um aspecto novo que apareceu não somente por meio da crítica, mas também por meio da forma especial que conferia às tragédias. De fato, foi pela primeira vez que, de forma bem natural, se introduziu no palco a loucura de uma personagem que era afligida pelo conflito interno de matar os próprios filhos e se vingar do marido que a traiu. Com isso, Eurípides abriu novas possibilidades à tragédia, por meio da representação de enfermidades da alma humana originadas na vida instintiva que contribuíam para a determinação do destino.

A personagem em questão foi Medeia. A peça, que foi escrita em 431 a.C, conta uma história capaz de provocar no espectador a reflexão sobre diversos aspectos: existencial, ritualístico, antropológico, poético, realista, performático e resistente. Estruturalmente o texto foi considerado uma ação séria e complexa, com toda a desmedida, o terror e a crueza carregada pela essência da tragédia. Nele, o que estava em foco era a discussão sobre como é possível dar sentido ao mundo e a existência humana. Na visão de Lesky (1996, p. 201) “a altitude que a modelagem

euripidiana atingiu neste drama se nos evidencia também pelo fato de que nenhuma outra de suas peças apresenta construção tão uniforme".

A personagem Medeia, de Eurípides, apresentou como conflito existencial as angústias e as lamúrias de uma mulher injustiçada. O poeta atribuiu a sua figura características de um comportamento enraivecido e inseguro, expresso através da dor existencial por conta da traição de Jasão, pai de seus dois filhos. Por isso foi possível ver na tragédia um clima de vingança por parte da esposa traída, enlouquecida de ciúmes e de ódio, que planejou matar as três pessoas que lhe fizeram mal: Creonte, o rei de Corinto, Jasão e a nova esposa dele Glauce (também chamada de Creúsa). Contudo, Medeia, diante do pensamento de tirar a vida de Jasão, percebeu que sua ação imediata não provocaria nele o sofrimento que ela desejava. Por isso, resolveu mantê-lo vivo, mas não sem passar por um tribunal emanado e representado pelos atos da esposa ferida que o julgou e o puniu em nome da dor causada por ele na mesma medida da extensão do sofrimento vivido pela mulher desprezada. Além do desejo de justiça, a personagem também foi movida pela sobrevivência, pois com a morte do rei e da princesa, ela e seus filhos não seriam poupados. A macabra decisão prevaleceu sobre seus sentimentos de mãe. Afirma a personagem da obra do poeta Eurípides (2007, p. 93):

> Não volto atrás em minha decisão, amigas; sem perder tempo matarei minhas crianças e fugirei daqui. Não quero, demorando, oferecer meus filhos aos golpes mortíferos de mãos ainda mais hostis. De qualquer modo eles devem morrer e, se é inevitável, eu mesmo que os dei à luz, os matarei. Avante, coração! Sê insensível! Vamos!

Havia uma intensidade e profundidade na tragédia pessoal de Medeia onde se podia encontrar determinação, desespero e a complexidade de suas motivações. Neste sentido, Eurípides explorou os extremos do sofrimento humano desafiando o público de suas peças a entender a profundidade das emoções e decisões da personagem.

A peça trágica de Eurípides enfatizou bem como o ser humano podia agir em circunstâncias excepcionais e adversas. Através dos diálogos se pode compreender os pensamentos, os sentimentos e a herança cultural em cada situação da trama, marcada pelo ritmo, pelo canto e pelo verso em linguagem literária.

O poeta demonstrou em sua obra os pensamentos, os motivos e as razões que justificaram os atos de Medeia. Isto foi tão provável que se acabou entendendo a personagem por meio de suas dores e até mesmo por meio de suas ações que passaram a serem vistas como plausíveis. A leitura da peça apontou para questões existenciais, ligadas ao sofrimento o que levou a compreender o que há por trás dos atos brutais da protagonista, entre eles o assassinato dos seus dois filhos. O trauma vivido por Medeia, devido às forças conflitantes que a cercavam, como amor e ódio, vingança e maternidade, orgulho e desespero, estava enraizado e, portanto, concebido segundo o sistema social em que ela encontrava-se inserida, ou seja, numa sociedade patriarcal, onde a honra e a dignidade eram valores fundamentais. Neste sentido, a sua resistência se deu por meio da busca pela restituição de sua dignidade contrariamente às decisões e atitudes de Jasão que foram egoístas e insensíveis sempre buscando vantagens pessoais.

A história de Medeia levou a uma reflexão: na pior das circunstâncias, a vida humana não era trágica, mas desprovida de sentido, sem esperanças, pois foi o que aconteceu com ela ao abandonar sua terra Colchis por amor de Jasão, seu povo e sua família originária. Como estrangeira e indo viver nos domínios de seu esposo ela foi obrigada a aculturar-se, para mais adiante ser rejeitada e traída pela conduta do seu cônjuge. Neste sentido, todo o esforço e as energias afetivas utilizadas pela personagem para dar conta dessa aculturação foi substituído pelo ressentimento, que invocou tanto o reconhecimento dos seus direitos perdidos, quanto a reparação. Não sendo possível corrigir a desgraça que alcançou o âmbito do sistema cultural vigente, Medeia decidiu realizar a reparação da sua forma ao punir Jasão com o sofrimento máximo que poderia lhe causar, ou seja, a morte dos seus dois filhos. E assim aconteceu o desfecho da peça euripidiana. Para Lesky (1996, p. 201):

> A princesa de Colchis que Jasão tirou da sua pátria e abandonou em terra estranha é, sobretudo, a mulher que opõe à ofensa ao sofrimento o caráter desmedido de sua paixão. Por isso esquecemos a feiticeira com seus truques mágicos, ainda que possam também ser utilizados para ação, no devido lugar. Não como bruxa e sim como pessoa humana é demoníaca esta Medeia, que é transformada por Eurípides em assassina dos próprios filhos.

É necessário enfatizar que Colchis foi uma região histórica situada na costa oriental do Mar Negro, no que atualmente é a parte ocidental da Geórgia. Na mitologia grega, Colchis ficou famosa como a terra do Velocino de Ouro (lã de ouro do carneiro alado Crisómalo) e o reino do rei Eetes, pai de Medeia. Foi a terra para onde Jasão e os Argonautas viajaram em busca do Velocino de Ouro, e de onde Jasão levou Medeia como sua esposa.

Não se pode analisar a peça Medeia sem entender o contexto histórico em que ela foi idealizada por Eurípides. De fato, a obra foi inserida no momento em que a mulher tinha um papel definido na sociedade grega, pois ela era considerada um símbolo de fraqueza. Ela não podia ter os mesmos direitos que os homens, nem mesmo realizar as mesmas funções que eles. Era considerada como um ser inferior. Ela não era tida como cidadã, mas apenas filha de um cidadão. Cidadão era um título atribuído aos homens.

As mulheres, as crianças e os escravos eram considerados membros da família, mas só indiretamente é que eram membros da cidade, por ser essa sua pátria, mas não faziam parte do domínio público, porque, segundo os homens, não faziam parte do gênero de coisas que constituíam a vida pública. A elas não era permitido discutir temas polêmicos, política ou filosofia, pois seu lugar era dentro de casa (oikos), e sua ocupação era com o trabalho doméstico. Segundo Júnior (1993, p. 27): “A casa era a sede da família e as relações familiares eram baseadas na diferença: relação de comando e de obediência”. De fato, na cultura grega, a casa era o centro da vida familiar, econômica e social. O pai (paterfamilias), exercia uma autoridade quase absoluta dentro de casa, sendo responsável por todos os membros. Portanto, discutir era algo exclusivo para os homens, e nada restava às mulheres, que aprendiam, desde muito cedo, a tecer e a cozinhar. Sua instrução não era proibida, mas também não era encorajada. Isto reforçava a desigualdade de gênero na sociedade grega, vendo as mulheres como inferiores e destinadas ao papel doméstico. Por outro lado, havia várias maneiras das mulheres aparecerem em público. Elas podiam participar de competições atléticas femininas, em Esparta. Já na esfera ritual, elas tinham uma posição semelhante à dos homens, pois podiam servir como sacerdotisas em diversos cultos e santuários. Um exemplo que se pode citar é o da sacerdotisa de Delfos, conhecida como Pítia, que proferia oráculos e tinha grande influência. O seu momento de realização era apenas destinado ao ofício do matrimônio. Sendo assim, no plano da natureza sua função era produzir

cidadãos, isto é, os herdeiros dos chefes de família que constituíam a cidade. Fora isso, eram oprimidas e submetidas a uma educação rígida que as levava a acreditar na própria inferioridade e em seu dever de submissão. Por isso Eurípides escolheu Medeia para mostrar a natureza elementar da mulher, livre das limitações da moral grega.

O tragediógrafo representou os sofrimentos das mulheres do seu tempo. Por isso ele se tornou um inovador colocando a personagem como um ser crítico que buscava a liberdade e justiça para a sua vida. Isto, mesmo diante do preconceito masculino tão evidente na sociedade da época. A antiga sociedade clássica subtraiu do seu povo a influência da inteligência e da sabedoria da mulher. No entanto, sempre houve homens inovadores e críticos como Eurípides em relação a aquilo que vivenciava.

Sua personagem Medeia representou a fortaleza da mulher que era reprimida e desvalorizada como resultado da ideologia patriarcal que vigorava na Grécia antiga. A peça causou grande espanto, pois além de imprimir uma ruptura com o conceito de tragédia, acabou também por produzir uma ruptura com a própria construção desse gênero. De fato, ela rompeu com os conceitos tradicionais e desafiou as convenções de gênero ao apresentar uma protagonista feminina complexa e uma narrativa que questionava a moralidade e a justiça.

Para Eurípides, a trama da tragédia não se regia mais pela tradição, pela origem dos mitos, mas pela originalidade individual, criação do próprio autor, o que resultou numa grande ruptura em relação à própria concepção de tragédia, pois ele não se contentava em apenas repetir as histórias tradicionais, mas explorava as complexidades psicológicas dos personagens, conferindo-lhes uma profundidade e um realismo que raramente era visto anteriormente nos tragediógrafos. Ele passou a criar não apenas os versos, mas também a trama, o que foi totalmente ousado para a época. O grande ponto da ruptura foi evidenciado na salvação de sua personagem, que só viria com o incremento do erro como forma de reparação à sua honra, aspecto completamente grandioso numa tragédia grega. Este enfoque subverteu a concepção tradicional de heroísmo e redenção, introduzindo uma dimensão mais humana e introspectiva à tragédia. Com isso, a abordagem de Eurípides não apenas enriqueceu a complexidade moral e psicológica de suas obras, mas também desafiou o público a reconsiderar suas noções de honra, justiça e redenção.

De fato, o célebre poeta, usando de recursos estilísticos próprios imprimiu à sua obra uma profunda avaliação da condição social da mulher diante da sociedade em que vivia, tornando Medeia uma das mais complexas e intrigantes personagens da literatura.

Após breve passagem sobre os principais tragediógrafos e suas utilizações dos mitos no teatro, será de suma importância apresentar, no próximo tópico, as contribuições de Jean-Pierre Vernant para os estudos do mito grego. No entanto, antes será necessário apresentar quem é o homem por trás dos mitos e dentre as suas obras destacar os seus estudos sobre uma delas: “Mito e Sociedade na Grécia Antiga”, com ênfase na sua análise sobre a relação de ruptura e continuidade entre o mito e o logos. Ainda será abordada a maneira como ele se dedicava a contar os mitos para o seu neto, tendo este gesto simples como uma forma profunda e humanizada do seu trabalho.

3 OS ESTUDOS DE JEAN-PIERRE VERNANT SOBRE OS MITOS DA GRÉCIA ANTIGA.

Jean-Pierre Vernant é tido como um estudioso basilar na análise dos mitos e religião da Grécia antiga. Sua abordagem caracterizada como inovadora e multidisciplinar trouxe um novo olhar sobre a compreensão dos mitos gregos. Por ser historiador e antropólogo, buscou reunir perspectivas históricas, sociológicas e psicológicas para compreender a complexidade da cultura grega. Vernant foi profundamente influenciado pelo Marxismo ao ser ajudado na compreensão materialista e dialética da história e da sociedade. Essa influência levou-o a perceber que os mitos gregos não eram apenas narrativas atemporais e isoladas, mas um reflexo das condições sociais, econômicas, políticas e religiosas da época em que foram criadas. Com a influência do Estruturalismo que tinha a ideia de que os fenômenos culturais, sociais e linguísticos deveriam ser analisados em termos das estruturas que faziam a sua composição, em vez de suas manifestações individuais, lhe foi proporcionado um método para analisar os mitos como sistemas de significados inter-relacionados, explorando as estruturas organizativas das narrativas culturais. Com isso, ele adotou a ideia de que os mitos podiam ser decodificados para revelar padrões universais de pensamento e comportamento humano.

Dois nomes também foram significativos para Vernant na sua construção enquanto estudioso dos mitos: Louis Gernet e Ignace Meyerson. Inspirado no primeiro, ele aprofundou-se na análise das interações entre os mitos, as práticas religiosas e as instituições sociais gregas tendo em vista desenvolver uma metodologia que integrasse múltiplas disciplinas para uma compreensão mais integrada do homem grego. Já sobre o segundo, Vernant foi inspirado a explorar os mitos como reflexo das mentalidades e dos estados psicológicos das sociedades antigas, considerando assim a dimensão psicológica como uma parte integrante da análise cultural.

Dentre suas obras, uma que se tornou muito influente foi “Mito e Sociedade na Grécia Antiga”. Nela, ele abordou a temática da continuidade e ruptura da passagem do mito ao logos. De fato, Vernant trouxe a rica compreensão da relação entre estes dois modos de pensamento mostrando que eles não eram antagônicos, mas complementares. Sua análise mostrou que os mitos se tornaram parte integral da construção do logos, fornecendo uma base narrativa para o desenvolvimento do

pensamento racional e filosófico. Assim, ao integrar mito e logos, Vernant teve uma visão abrangente e profunda da evolução da consciência grega destacando a complexidade da cultura e do pensamento da Grécia antiga. Sua análise sobre a tragédia de Édipo Rei se tornou um exemplo ao integrar o conceito mítico do destino inevitável com o logos da responsabilidade individual. De fato, embora Édipo estivesse preso ao seu destino, a peça explorou sua responsabilidade pessoal por suas ações, refletindo a transição da mentalidade mítica para a racional.

A influência de Vernant sobre os mitos foi profunda e abrangente. Ele fez surgir uma nova perspectiva ao considerá-los como expressões simbólicas das experiências humanas e das estruturas sociais. Sua abordagem abriu caminhos para novas interpretações sobre estas narrativas influenciando diversas áreas do conhecimento à exemplo da antropologia cultural e social que passou a interpretar os mitos não apenas como histórias antigas, mas como reflexos das estruturas sociais, culturais e mentais das sociedades em que tiveram origem. Para compreendê-los, Vernant se utilizou de três níveis de análise pelos quais será examinado o mito de Prometeu de Hesíodo em “Os Trabalhos e os Dias” e na “Teogonia”. Com isto, ele demonstrou que quando estudadas, estas históricas podiam resgatar a organização, a compreensão do curso da narração, ou seja, a lógica interna que refletia a maneira como os gregos entendiam o mundo, a ordem, o sistema e a forma de ideologia do pensamento.

No entanto, os mitos não foram apenas fonte de estudos acadêmicos para Vernant. Eles se tornaram verdadeiras histórias de “ninar” que eram contadas por ele ao seu neto destacando a importância da transmissão oral e a vivacidade das tradições presentes nestas narrativas. Com isso, os laços familiares eram fortalecidos e os mitos perpetuados e adaptados às gerações, mantendo-se relevantes e significativos. Neste sentido, para enfatizar a faceta de Vernant enquanto contador de histórias, será tomado, por exemplo, o mito da ilha de Calipso.

3.1 Quem é Jean-Pierre Vernant?

Jean-Pierre Vernant nasceu em 1914 e morreu em 2007 aos 93 anos. Ele teve uma longa vida na qual, desde a juventude, engajou-se politicamente, buscando participar das questões sociais e políticas que marcavam a sua época. Na

adolescência integrou uma organização revolucionária ateia com sede em Moscou que era chamada *Jeunesses Communistes*. Já em 1932, entrou para o Partido Comunista Francês e o deixou em 1970. No período da II Guerra Mundial foi membro ativo da resistência francesa. Com o término da guerra, voltou a ensinar filosofia, disciplina em que havia se graduado para ministrar aulas no sistema escolar francês. Em 1948, passou a integrar o Centro Nacional de Pesquisa Científica. Em 1958, foi nomeado diretor da VI sessão da Escola Prática de Autos Estudos. Em 1964 fundou seu próprio centro de pesquisas, o Centro de Pesquisas Comparadas Sobre as Sociedades Antigas. Já de 1975 a 1984, fez parte do corpo de professores do *College de France*, lecionando a disciplina de História Comparada das Religiões Antigas. Vernant, como militante, compartilhou os ideais revolucionários do contexto em que vivia. Ele se engajou no comunismo que se espalhava por toda a Europa após a Revolução Russa de 1917. Sua rica participação nas questões políticas e sociais de seu tempo mostra a importância de sua obra. Na condição de intelectual, professor e pesquisador, propiciou uma perspectiva inovadora aos estudos clássicos, desafiando e ampliando as práticas tradicionais. Ele formulou novos problemas de pesquisa, redefiniu objetos de estudo e desenvolveu procedimentos metodológicos que revolucionaram a maneira como a antiguidade grega era estudada e compreendida. Esse conjunto de contribuições destacou a importância de sua obra, mostrando que o estudo do passado podia e devia dialogar com o presente, levando a uma compreensão mais rica e profunda da cultura e do pensamento humano.

No seu caminho intelectual, absorveu influências variadas das correntes de pensamento que estavam presentes no século XX europeu. Em suas obras sempre foram enfatizadas as marcas da sua militância, da influência do marxismo, da sociologia de Durkheim e do estruturalismo francês, especialmente, Claude Lévi-Strauss. Vernant aplicou o estruturalismo ao estudo dos mitos gregos, examinando-os como sistemas de significado interligados que revelavam as estruturas subjacentes do pensamento humano. Assim, os mitos passaram a não serem compreendidos como histórias isoladas, mas parte de uma rede complexa de narrativas que refletiam e moldavam a compreensão do mundo pelos gregos antigos. Particularmente, se deve destacar a importância de duas pessoas em sua formação que se tornaram seus mestres o orientando no início de sua vida acadêmica: Louis Gernet e Ignace Meyerson. A maneira como se referia a eles e as

qualidades com que os caracterizava são ótimas maneiras de se ter uma visão de como ele atuava em sua vida acadêmica. O próprio Vernant (2001, p. 158) afirma:

> Gernet era um especialista em todos os campos, um mestre em filologia, em ciência do direito, em história social e econômica. Era também um daqueles que entenderam de maneira mais refinada e mais profunda as formas de religiosidade grega. Habituado tanto com debates filosóficos quanto com os dos tribunais, conhecedor das obras dos poetas assim como as dos historiadores ou dos médicos, Gernet podia sempre considerar o homem grego total, respeitando, contudo, a especificidade dos diversos setores da experiência humana, sua língua e sua lógica própria.

De fato, Gernet se tornou um grande exemplo para Vernant. Ele considerava perfeito o seu conhecimento sobre os assuntos de seu interesse. Na sua visão, ele não tinha pedantismo e não buscava autopromoção ou honrarias, mas fazia de sua erudição apenas um instrumento pelo qual buscava colocar corretamente, e com clareza, as questões propostas por suas pesquisas.

Vernant também destinava grande apreço a Ignace Meyerson. Ele teve um papel fundamental na formulação dos procedimentos metodológicos do que viria a ser chamado Psicologia Histórica da França. Ao resumir com uma máxima o que fundamentava os procedimentos metodológicos que caracterizam a sua psicologia histórica, Meyerson teria contribuído para colocar a psicologia histórica no encontro com o seu verdadeiro objeto: o homem tal como agiu, experimentou e construiu a sua vida, abandonando a posição teórica e formal que até então predominava no campo da psicologia. Assim, suas formas de imaginação, mentalidades e funções psicológicas deveriam ser buscadas naquilo que foi produzido em seus atos culturais.

A mentalidade de Vernant de que o homem formava uma totalidade indissolúvel com todos os campos da organização da vida social o levou a produzir explicações em que o mental, o social, o econômico, o político e o religioso não formassem compartimentos isolados uns dos outros. Na verdade, o religioso, para ele, era econômico e vice-versa. As esferas da organização da humanidade viviam em relação de dependência umas das outras. Com isso, a perspectiva integradora das realidades, humanas, não entendendo as diversas esferas da vida social como entidades isoladas, umas das outras, contribuiu para a multidisciplinaridade, pela

qual se visou integrar diversos campos do saber com o objetivo de buscar sempre novas análises que pudessem recortar seus objetos de estudos de forma a produzir questionamentos múltiplos e variados.

Vernant começou suas pesquisas sobre a antiguidade grega buscando reformular as bases sobre as quais eram colocadas a questão sobre a emergência do pensamento racional no âmbito da cultura grega antiga. Até então ela era colocada como um “milagre grego” no qual a chegada do pensamento racional era visto como manifestação da genialidade, sendo expressão do espírito, ou seja, de uma capacidade completamente nova que não possuía contato com a religião e o mito que a teria antecedido. A ideia do milagre reforçava a concepção de mudança brusca sem relações com as condições sociais, econômicas e políticas. Portanto, o milagre não seria a contrapartida de condições sociais objetivas, mas um fenômeno exterior às relações sociais concretas. Com isso, a racionalidade grega foi vista como manifestação de um espírito absoluto, ou seja, da ideia de que a razão e a lógica gregas representavam uma forma de verdade eterna e universal, independente das circunstâncias históricas e sociais. Um exemplo desta perspectiva pode ser encontrado na forma como a filosofia de Platão (428 a.C – 347 a.C) foi interpretada. Sua teoria afirmava que haveria um mundo transcendente de ideias perfeitas e imutáveis, das quais o mundo sensível era apenas uma cópia imperfeita. O conhecimento verdadeiro seria alcançado apenas com a contemplação destas ideias que existiam independentemente do mundo físico e das circunstâncias humanas. Vernant, via a filosofia de Platão não apenas como uma busca atemporal pela verdade, mas também como uma resposta aos conflitos e crises políticas de Atenas no século V a.C. Em sua concepção, as ideias filosóficas de Platão como justiça e a organização da sociedade estavam profundamente ligadas às lutas políticas e sociais do contexto em que foram formuladas.

Esta concepção a-histórica da irrupção do racionalismo grego fez Vernant construir sua obra chamada “As Origens do Pensamento Grego”. Buscando reformular esta compreensão, ele afirmou que a história do espírito puramente individual, teria raízes na vida material e social dos homens, excluindo tanto o acaso como a predestinação. Neste sentido, afirma Vernant (2001, p. 54):

> Uma sociedade é um sistema de relações entre homens, atividades práticas que se organizam no plano da produção, da troca, do consumo, em primeiro lugar, e depois em todos os outros setores. E na concretude de sua existência, os homens também se definem pela rede de práticas que os ligam uns aos outros e da qual eles aparecem, em cada momento da história, ao mesmo tempo como autores e como produtos.

Na sua visão, a racionalidade grega, do período clássico, não poderia ser tomada como obra de um espírito metafísico e a-histórico que existisse fora das relações humanas, mas como uma criação humana. Portanto, não seria uma força transcendental que faria a história, mas sim os homens que, no processo concreto de suas vidas, moldavam suas formas e condutas, sendo o verdadeiro comportamento, o que ele fazia como ser social em suas relações com os outros. Assim, as origens da racionalidade grega deveriam ser procuradas no âmbito das relações sociais concretas e não em uma irrupção milagrosa de uma força metafísica fora do tempo.

A sua preocupação com a racionalidade grega o conduziu ao estudo da religiosidade daquele povo e suas formas míticas de se expressar. O estudo a respeito das origens do pensamento racional grego o levou ao encontro do mito e da religião, pois para ele as novas formas de pensar, que caracterizavam a Atenas clássica, não poderia ser obra do acaso ou da predestinação de um povo com um espírito fora das relações sociais. O pensamento racional somente poderia ter surgido nas bases do pensamento mítico, caracterizando-se, ao mesmo tempo, por uma relação de continuidade e de ruptura em relação a ele. Um exemplo pode ser encontrado na transição da explicação mítica para a explicação racional dos fenômenos naturais. Na mitologia grega, os trovões podiam ser explicados como a manifestação da ira de Zeus. No entanto, com o surgimento do pensamento racional, especialmente com os filósofos pré-socráticos, houve uma tentativa de explicar fenômenos naturais de maneira mais sistemática e lógica, através de princípios como a água enquanto elemento fundamental de todas as coisas como afirmava Tales de Mileto (624 a.C – 546 a.C). Com isso, Vernant deu o ponto de partida que o guiou para o *College de France* como especialista em História Comparada das religiões antigas.

Sua primeira produção na área da antiguidade foi uma tese sobre a noção de trabalho em Platão. De início ele abordou o trabalho como uma categoria psicológica perfeitamente delimitada e constante, mas depois foi levado, por meio de seus

estudos, à conclusão de que a verdadeira questão seria se os gregos comungavam, nas suas formas de pensar e sentir, a mesma noção de trabalho que se conhece hoje. Para ele, ficou evidente que a categoria trabalho não poderia ser empregada de modo universal, pois se referia a percepção cultural e histórica de cada sociedade e não apenas a dos gregos antigos. Assim fala Vernant (2001, p. 65):

> A verdadeira questão, na verdade, era: existia o que nós chamamos de trabalho, ou seja, um comportamento, uma atitude geral oposta ao lazer, que possui valor econômico, que implica a ideia de que o homem é produtor e que, nessa atividade produtiva, ele estabelece relações sociais com os outros? Nada disso, a própria categoria era problemática [...] certamente o homem trabalha, mas não existe o trabalho, existem diversos tipos de trabalho muito diferentes dependendo se são agrícolas, artesanais; e o homem está longe de ter vivido suas atividades de trabalho da mesma forma que nós.

A questão estava naquilo que Vernant chamou de psicologia histórica, ou seja, as formas de pensar e de ter sensibilidade dos gregos antigos eram diferentes da sociedade atual, portanto, não poderiam ser estudadas a partir de categorias próprias da sociedade atual. Assim, a missão do estudioso dessas sociedades seria a de pesquisar suas formas de comportamento dentro de seus próprios quadros mentais, deixando emergir as formas de sensibilidade que lhes eram peculiares. Neste sentido, o papel da religião passou a ter grande importância, pois no pensamento antigo o mundo surgiu perpassado por realidades que, hoje, seriam classificadas como religiosas. Assim a política, a organização social, o trabalho não eram vistos como realidades autônomas, mas vistas e sentidas como realidades com forte conotação religiosa. Portanto, a religião perpassava os diversos setores do mundo grego.

Na visão de Vernant, tudo no homem seria simbólico e a religião seria a esfera de sua vida que mais estaria presente esta característica do pensamento humano. Para ele, o homem construiu a sua vida produzindo um mundo cultural repleto de símbolos, cuja significação remeteria às mais variadas experiências de seu ser, sendo a religião o aspecto da vida em que a dimensão simbólica estaria mais enfatizada. Neste sentido, diz Vernant (2001, p. 64) “a religião consiste em afirmar que, por trás de tudo que se vê, de tudo que se faz, de tudo que se diz, existe outro plano, um além”. Ele também acreditava que a religião era um símbolo

em ação por ser um sistema simbólico dinâmico que moldava e refletia as estruturas sociais, políticas e culturais da época.

Vernant buscou abordar as religiões antigas dentro de seus próprios ambientes de significação. Na sua concepção, elas não seriam nem menos ricas espiritualmente nem menos complexas e organizadas intelectualmente do que as religiões atuais. Elas seriam apenas diferentes. O que se modificou foi o próprio estatuto da religião, o seu papel, suas funções, o seu lugar dentro do indivíduo. Com isso, o pesquisador teria que ter muito cuidado ao estudar as sociedades para não conduzir suas pesquisas a partir de pressupostos próprios do mundo atual.

O instrumento metodológico aplicado em seus trabalhos era variado, porém destacou-se a presença de duas correntes importantes: o marxismo e o estruturalismo. Sobre o marxismo, Vernant absorveu o sentido de que a história não passava de uma transformação contínua da natureza humana que não se limitava apenas ao desenvolvimento material das sociedades, como destacado por Marx, mas também à evolução das instituições, das mentalidades e das formas de pensar ao longo do tempo. Ele via a história como um processo dinâmico no qual as estruturas sociais e as ideias eram moldadas e transformadas pela interação humana e pelas condições materiais e sociais. Ao se aprofundar nos mitos gregos e na religião grega, ele compreendeu que a relação entre religião e sociedade não era algo simples, o que o direcionou tanto para empreender uma leitura mais cuidadosa dos próprios textos de Marx e do marxismo, quanto a desenvolver uma análise interna do pensamento religioso grego. Com isso, ele chegou à conclusão de que uma sociedade não podia ser compreendida se não se analisasse não só as instituições religiosas oficiais, mas também todos os grupos divergentes, sectários, marginais e o que constituiu o centro da vida social e o cerne da experiência religiosa. Já o estruturalismo, para ele, proporcionou um instrumental sem o qual seria possível fazer história da religião. Neste sentido, afirma:

> Fui profundamente marcado pelo marxismo, no qual mergulhei desde minha adolescência. [...] Falo do marxismo de Marx, não desse catecismo revisto e corrigido, às vezes censurado, ao qual foi reduzido, primeiro para justificar determinada prática política, em seguida para justificar um sistema de Estado burocratizado e de governo autoritário. [...] Quanto ao estruturalismo, o termo não me parece menos ambíguo. Se o entendermos no sentido da moda que assolou por algum tempo o meio intelectual parisiense e que levou a expulsar a história do campo das ciências sociais, em proveito de modelos formais, de esquemas abstratos, não me sinto estruturalista. Mas se levarmos em conta o que os estudos linguísticos trouxeram de novo [...] direi que não se pode mais

> fazer história das religiões sem ser, nesse sentido estruturalista. (Vernant, 2001, p. 56)

Ao explicar uma distinção entre o marxismo original de Karl Marx e suas versões subsequentes, Vernant se referiu a uma teoria crítica e revolucionária desenvolvida por Marx, contrastando com a forma como foi transformada, ou seja, numa doutrina rígida para justificar práticas políticas específicas de sistemas de governo autoritários. Neste sentido, Vernant teve uma desilusão pela forma como o marxismo foi institucionalizado e distorcido em regimes que, em sua visão, traíram o espírito revolucionário original idealizado por Marx. Já no que diz respeito a sua concepção sobre o estruturalismo ele compreendeu que, enquanto moda intelectual, esta corrente de pensamento se afastou da história e das ciências sociais em favor de modelos abstratos e formais. No entanto, o estruturalismo mais voltado para os estudos linguísticos e antropológicos trouxeram novas concepções sobre a construção de significado e estruturas sociais. Para Vernant, o estruturalismo não podia desconsiderar a dimensão histórica e social das culturas antigas, por isso ele foi entendido como uma abordagem útil para a análise das religiões ao considerar as estruturas e os modelos que foram aplicados nos estudos de práticas e crenças.

Na concepção de Vernant, o bom resultado de uma pesquisa sobre os povos antigos não estaria apenas na explicação de métodos criteriosos de análise mesmo sendo a metodologia sempre importante para a boa solução de uma questão. O trabalho de compreensão do universo mental e psicológico dos antigos não poderia ser obtido somente pela explicação de procedimentos analíticos como se fosse regras prontas para a condução da pesquisa histórica e antropológica. Em sua visão, além da explicação de métodos precisos, era necessário que o pesquisador se aproximasse do texto com simpatia, ou seja, envolvendo-se emocional e intelectualmente com o material estudado, procurando compreender não apenas o que os textos diziam, mas também como foram pensados e sentidos pelos antigos. O próprio Vernant (2001, p. 68), afirma: “conhecer o outro é, em um dado momento [...] simpatizar repentinamente com ele [...] essa condição humana, não é diferente quando procuramos entender um texto”. Portanto, era necessário se colocar no lugar dos autores antigos e entender não apenas o significado superficial das palavras, mas também os contextos culturais, sociais e emocionais que influenciaram a sua criação.

Como foi visto, a vida de Vernant influenciou as suas obras. Nelas, podemos encontrar marxismo, estruturalismo, crítica filológica e até mesmo simpatia quando se quer analisar um texto. Ainda se acrescenta o rigor científico e a sensibilidade romântica que se manifestou na sua abordagem apaixonada e profundamente engajada com o material estudado. Esta sensibilidade contribuiu para sua capacidade de captar os aspectos mais humanos e emocionais das culturas antigas que ele estudava. De fato, foi uma mistura de elementos que podiam ser vistos de forma contraditória, mas que em seu pensamento tinham uma perfeita harmonia.

Após uma passagem breve pela biografia de Vernant ficou evidente as influências que ele teve para a construção de suas concepções sobre a mitologia grega. Dentre a vastidão de sua obra, será destacada uma delas para se verificar, especialmente, a sua análise sobre a relação entre o mito e o logos. Logos que pode ser entendido dentro do contexto grego antigo, ou seja, como razão, palavra, discurso racional e ordem. Neste sentido, será analisada a obra “Mito e Sociedade na Grécia Antiga”.

3.2 A Obra: Mito e Sociedade na Grécia Antiga

Para Jean-Pierre Vernant a mitologia foi o ponto de partida para filosofia grega. Em sua visão, o grego sabia quem ele era por conhecer as narrativas míticas, ou seja, foi por meio delas que aconteceu o processo de identidade e o grego aprendeu a viver em sociedade. Ele afirmou que foi com Homero, por exemplo, que o grego aprendeu a trabalhar, navegar, guerrear e morrer. Em sua concepção, o mito foi um relato, uma narração, uma forma de explicação da vida e do mundo por meio de palavras. Ele diz que o mito “contém o tesouro de pensamento, formas linguísticas, imaginações cosmológicas, cosmogônicas, preceitos morais, etc, que constituem herança comum dos gregos na época pré-clássica” (Vernant, 2005, p. 14).

Na cultura grega, ao se transpor a discussão do mito para o plano da filosofia, destituiu-se o elemento da fabulação e adotou-se a alegoria como forma de abordar a verdade pressentida no mito.

Na obra “Mito e Sociedade na Grécia Antiga”, Vernant explica que houve uma mudança no conceito de logos o distanciando do mito. O logos passou a ser escrito

e foi levado à praça pública, não mais somente como palavra, mas assumindo o valor de racionalidade demonstrativa, se contrapondo assim ao mito. Esta contraposição se deu por dois motivos: primeiro, pela forma através da separação entre a demonstração argumentada e a textura figurativa e simbólica da narrativa mítica. Segundo, através da distância que existia entre as entidades abstratas da filosofia e as potências divinas. Assim, o logos se propôs a estabelecer o verdadeiro após investigação crítica. Portanto, a separação entre mito e logos gerou a não comunicação entre eles mesmo quando pareciam visar o mesmo objeto. Assim, quando se escolhia umas das linguagens, isto implicava abandonar a outra. Sobre esta separação nos diz Vernant (2005, p. 174):

> [...] mas o filósofo pensa numa língua que é do escrito filosófico. Na e pela literatura escrita instaura-se esse tipo de discurso onde o *logos* não é mais somente a palavra, onde ele assumiu o valor de racionalidade demonstrativa e se contrapõe nesse plano, tanto pela forma quanto pelo fundo, à palavra do *mythos*. Contrapõe-se pela forma através da separação entre a demonstração argumentada e a textura narrativa da narrativa mítica; contrapõe-se pelo fundo através da distância entre as entidades abstratas do filósofo e as potências divinas, cujas aventuras dramáticas são contadas pelo mito.

Mesmo trazendo a realidade da separação entre o mito e o logos, Vernant apresenta uma de suas principais contribuições para a compreensão da relação entre eles, tentando mostrar que o surgimento do logos enquanto categoria discursiva se deu a partir do mito. Em sua visão, a racionalidade grega foi um produto das relações sociais concretas. Ela surgiu das bases do pensamento mítico apresentando uma relação de afirmação e negação, de continuidade e ruptura. O mito forneceu um delineamento contextual do desenvolvimento da racionalidade grega.

Para Vernant, foi na cidade que este pensamento se ampliou atingindo sua plenitude. Assim, foi preciso esperar pelo fim do mundo micênico (a última fase da idade de Bronze da Grécia antiga) no qual a religião e a mitologia estavam profundamente arraigadas para que isto acontecesse. Portanto, quando o poder micênico desabou, toda uma forma de vida também foi destruída. Esta forma de vida era social e centrada em torno do palácio do rei divino. Isto transformou o homem grego. De fato, o nascimento da razão grega só foi possível quando ela conseguiu se libertar de uma mentalidade religiosa. Com isso aconteceu o surgimento do

pensamento político e, consequentemente, o advento da filosofia. De fato, o contexto da nova vida organizada na pólis, que teve o seu advento entre os séculos VIII e VII a.C, se tornou uma verdadeira invenção por promover uma nova vida social e relação entre os gregos, centralizada na ágora que se tornou a catalisadora do novo processo, ou seja, a transição do mito ao logos.

A ágora foi o espaço público mais visitado e valorizado de Atenas. Era por meio dela que as pessoas se relacionavam. A vida política de uma cidade-estado se desenvolvia em torno deste espaço, como também o comércio. Ela se tornou um referencial para a circulação de ideias, de bens materiais, de pessoas, etc. Nela os gregos deliberavam os assuntos de interesse dos cidadãos através de uma série de práticas e instituições que promoviam a participação direta nos assuntos públicos. Ela ocorria, por exemplo, na assembleia (Ekklesia) dos cidadãos de Atenas na qual eles votavam decisões importantes e elegiam magistrados e também nos tribunais populares que era compostos por cidadãos escolhidos por sorteio para serem jurados. Eles decidiam sobre questões legais e disputas tanto civis como criminais participando diretamente da justiça.

Neste contexto, houve uma passagem de uma civilização oral com uma cultura escrita/poética (Homero e Hesíodo) para um discurso lógico e demonstrativo (Platão e Aristóteles). Foi na ágora que o mito foi perdendo espaço para o logos. Para Vernant (2005, p. 174):

> [...] Os próprios gregos eram plenamente conscientes disso: à sedução que a palavra deve provocar para manter o auditório sob o encanto, eles contrapuseram, frequentemente dando-lhe preferência, a seriedade um pouco austera, mas mais rigorosa do escrito. De um lado colocaram o prazer inerente à palavra falada: incluindo na mensagem oral, esse prazer nasce e morre com o discurso que suscitou; de outro, do lado da escrita, colocaram o útil, visado por um texto que se pode conservar sob os olhos e que retém em si um ensinamento cujo valor é durável.

Os gregos compreendiam as forças e as limitações tanto da oralidade quanto da escrita. Cada forma tinha seu papel e valor específico, contribuindo de maneira única para a vida cultural e intelectual da Grécia antiga. A preferência por uma e por outra dependia do contexto, do propósito e da necessidade de impacto emocional imediato ou de durabilidade que garantia a continuidade do conhecimento.

Se por um lado houve continuidade na passagem do mito ao logos, também houve rupturas. Na visão de Vernant, a principal delas foi a racionalização que

ocorreu na filosofia. A partir dela, o mundo se tornou um evento natural e não sobrenatural. Nas cidades gregas, o homem viu seu espaço transformado e se percebeu enquanto responsável por estas mudanças, se tornando ele próprio o agente causador delas.

Portanto, a filosofia apareceu como uma tentativa de formular e desmistificar a verdade que o mito já pressentia expressa em relatos alegóricos. Na concepção de Vernant, o que ocorreu foi uma reintegração do mito no universo da razão filosófica, ou seja, o mito prefigurou a filosofia, pois nele já havia um elemento de verdade, o não-oculto (*alethéia*). Para ele, o mito foi uma espécie de esboço do discurso racional, o primeiro balbucio do logos. Assim, em sua visão, a razão superou o mito o deixando para trás, manifestando-se a partir do logos. Este raciocínio colocou o mito como sendo algo definitivamente distinto da razão que seria caracterizada por outras formas de discurso, como a filosofia. Esta foi marcada, desde o seu nascimento, pela ambiguidade no que diz respeito aos seus métodos e inspirações aparentando-se com as iniciações dos mistérios e as controvérsias da ágora. Neste sentido, o filosófo passou a flutuar entre os segredos das seitas naquela época existentes e a publicidade do debate contraditório que era característico da política. Neste sentido, afirma Vernant (2011, p. 64):

> [...] Dessa ambiguidade que marca a sua origem, a filosofia grega talvez jamais se tenha libertado inteiramente. O filósofo não deixará de oscilar entre duas atitudes, e de hesitar entre duas tentações contrárias. Ora afirmará ser o único qualificado para dirigir o Estado, e, tomando orgulhosamente a posição do rei-divino, pretenderá, em nome desse "saber" que o eleva acima dos homens, reformar toda a vida social e ordenar soberanamente a cidade. Ora ele se retirará do mundo para recolher-se numa sabedoria puramente privada; agrupando em torno de si alguns discípulos, desejará com eles instaurar, na cidade, uma cidade diferente, à margem da primeira e, renunciando à vida pública, buscará sua salvação no conhecimento e na contemplação.

Havia uma ambiguidade fundamental na filosofia grega, onde os filósofos oscilavam entre a tentativa de reformular a sociedade a partir de uma posição de autoridade e a escolha de se retirar para uma vida de contemplação filosófica. Como exemplos, se pode citar a ideia de Platão sobre o governante filósofo da República como solução para alcançar a justiça e a harmonia na sociedade e Epicuro que com os seus seguidores se retiraram para um jardim em busca da felicidade através do

conhecimento e da amizade, evitando a participação na vida política. Esta tensão revelou a complexidade da busca pela verdade e pela justiça na Grécia antiga, refletindo a diversidade de abordagens filosóficas em relação ao papel do indivíduo na sociedade.

Na visão de Vernant a filosofia, enquanto saber do tipo racional, teve data e lugar de nascimento. Foi no século VI a.C que em várias regiões se desenvolveu o pensamento filosófico na Grécia antiga, como por exemplo, na Magna Grécia onde Pitágoras de Samos fundou uma escola filosófica em Crotona ensinando matemática e sua teoria da transmigração da alma e nas colônias gregas na Sicília onde Empédocles de Agrigento com sua teoria dos quatro elementos fundamentais do universo introduziu a noção de forças opostas, amor e ódio, como princípios de união e separação. No entanto, foi no importante centro intelectual da Jônia (costa ocidental da Ásia Menor) que Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto e Anaxímenes de Mileto fizeram surgir um novo modo de reflexão referente às explicações naturais por meio de uma investigação sistemática, tentando encontrar explicações lógicas e consistentes para os fenômenos naturais através da observação e raciocínio desinteressado por ser uma investigação sem motivações religiosas ou míticas. Neste sentido, eles propuseram explicações livres de toda imaginação dramática das teogonias, cosmologias e cosmogonias antigas e buscaram pensar a origem do mundo, sua composição, sua ordem, seus fenômenos não mais nas grandes potências primordiais sobrenaturais ou na religião oficial de cultos aos deuses. Portanto, o surgimento da filosofia causou uma revolução intelectual súbita, profunda e histórica que foi considerada um verdadeiro milagre grego. De fato, foi na Jônia que o logos se desprendeu gradualmente do mito. Com isso, a luz da razão não deixou mais de iluminar o desenvolvimento do espírito humano e a filosofia teve que criar para si uma linguagem, elaborar seus conceitos, edificar uma lógica e construir a sua própria racionalidade.

Mediante a análise da obra “Mito e Sociedade na Grécia Antiga” de Vernant e sua concepção sobre a continuidade e ruptura da passagem do mito ao logos, será de suma importância compreender a influência do seu pensamento para os estudos do mito. Para tanto, será analisado o mito prometeico de Hesíodo em “Os Trabalhos e os Dias” e na “Teogonia”.

3.3 A Influência do Pensamento de Vernant para o Estudo dos Mitos

O mito foi um tema muito trabalhado e questionado por Jean-Pierre Vernant em praticamente todas as suas obras. Para compreender a sua visão, é necessário se abstrair de generalização e convencionalismos. De fato, a forma como ele abordou o tema se tornou alvo de críticas e aclamações.

Seguindo e adaptando Louis Gernet, Ignace Meyerson e Lévi-Strauss, o autor envolveu o mito numa complexa rede que compreendeu todos os planos da vida do homem grego, sejam eles mentais ou concretos que faziam parte de sua vivência na sociedade. isto ficou claro em obras, como: Mito e Pensamento entre os Grego e Mito e Tragédia onde diversos temas foram justapostos, associados e contrastados. De fato, nestas obras, Vernant buscou quais as relações e rupturas do mito com o pensamento racional, com a pólis, com os seus novos conceitos jurídicos e com a tragédia como questionamento.

Suas pesquisas sobre o mito foram norteadas por algumas questões, como:

> Qual é o estatuto social e intelectual deste gênero de discurso? Em qual medida ele constitui um modo específico de expressão tendo a língua, seu pensamento, sua lógica particular? Como situar o mito no conjunto da vida coletiva de uma sociedade, e o diferenciar das crenças e dos ritos religiosos de todos os fatos da tradição oral: contos, provérbios e das ficções propriamente literárias? Qual o lugar, neste caso, lhe designar no indivíduo e no grupo, que dimensão humana lhe reconhece quando nos colocamos numa perspectiva antropológica? (Vernant, 2005, p. 171)

Todos estes questionamentos não se restringiam ao aspecto simbólico e linguístico do mito, mas Vernant buscou analisá-los por completo para compreendê-los como um fato social. Sua análise trilhou pelos caminhos do Estruturalismo e da Psicologia Histórica buscando decodificar o mito, ou seja, quebrar a narrativa mítica para, por trás dela, ir de encontro aos elementos primeiros que a constituíam colocando-os frente a frente com os elementos de outras versões do mesmo mito. Com isso, como numa próxima etapa, ele verificou qual a bagagem psicológica que o mito carregava. Por meio destas diretrizes ele enfatizou que por trás das histórias desordenadas, confusas e absurdas que eram narradas no mito, quando analisadas para resgatar sua organização, se compreendia no curso da narração, uma ordem,

um sistema, uma forma de ideologia do pensamento referente a busca por ordem racional e sistematização na compreensão da natureza e do mundo.

Para compreender esta ideologia Vernant se utilizou de três níveis de análise, são elas: 1º Análise formal da narrativa: tinha como objetivo entender a organização da narrativa, ou seja, texto, sintaxe e lógica; 2º Análise dos conteúdos semânticos: tinha como objetivo reconhecer os detalhes na estrutura do texto e compreender a complexa rede de relações entre os elementos das diversas sequências e 3º Análise do contexto sociocultural: buscava o aspecto mental (quadros de classificação, recorte, codificação do real, delimitação dos campos semânticos) no qual a narrativa mítica foi produzida.

Neste sentido, será analisado o mito de Prometeu de Hesíodo tanto em “Os Trabalhos e os Dias” como na “Teogonia” verificando como Vernant utilizou as três análises acima citadas. Porém, é importante destacar que, quando ele as confrontou, observou que as duas versões se complementavam formando um só conjunto.

No primeiro nível da análise, ou seja, no que diz respeito a formalidade da narrativa, Vernant destaca os agentes, as ações e o enredo.

1. Os agentes:

1.1 (Os Trabalhos e os Dias): de um lado Prometeu e Epimeteu representam os homens no que diz respeito à previdência versus a irreflexão, pois um possui a capacidade de antecipação e capacidade de refletir e preparar-se para o futuro, o outro, age de maneira impulsiva sendo imprudente. Por outro lado, Zeus representa os deuses encarnando a ordem divina e a justiça.

1.2 (Teogonia): de um lado Prometeu definido por sua métis (astúcia), por sua arte de enganar, manipular e pensar estrategicamente em benefício próprio ou para ajudar os mortais. Por outro lado, Zeus, Atena e Hefaistos, sendo Zeus definido por sua métis de soberano, consolidando o seu poder e mantendo a ordem divina e a justiça entre os deuses e os mortais.

2. As ações (consistem, segundo Vernant, num duelo de astúcias):

2.1 (Os Trabalhos e os Dias): o duelo tem o seu desenrolar num momento em que os deuses e homens já estão separados devido às diferenças essenciais de poder, imortalidade e relação com o cosmos. Nas duas conjunturas, as ações de Zeus e Prometeu parecem ter conveniências: a) tanto Prometeu quanto Zeus preparam, arquitetam seus planos. O primeiro, para enganar Zeus e beneficiar os mortais. Já o segundo, prepara a punição por ter sido enganado; b) Há um esquema formado por detrás da troca de presentes ardilosos que resume a lógica das narrativas.

2.2 (Teogonia) o duelo, ou seja, o estabelecimento de limites se desenrola com os deuses afetando a vida da humanidade a fazendo participar da ordem cósmica por meio de rituais e sacrifícios, devendo o resultado do duelo determinar a divisão definitiva onde os humanos deverão seguir as leis e regras impostas pelos deuses e em troca esperarem receber proteção e favor divino.

3. O enredo (Organização da narrativa)

3.1 (Os Trabalhos e os Dias):

1ª Sequência: Após ser enganado por Prometeu, Zeus, esconde o fogo celeste para que os humanos não possam mais usá-lo para cozinhar alimentos, forjar ferramentas ou aquecer a sua moradia. Com isso, a humanidade ficou privada de uma das mais importantes descobertas que a levaria à civilização e o progresso.

2ª Sequência: O presente dos deuses é preparado, na criação de Pandora. Cada deus ou deusa contribui para a sua criação resultando numa criatura bela, mas também portadora de desgraças. Os presentes foram: roupas elegantes, artes femininas, tecelagem e habilidades domésticas (Atenas), forma de uma bela mulher (Hefaístos), caráter astuto e enganador, voz persuasiva e eloquente (Hermes), ornamento e jóias que acentuam a sua beleza (Cárites), habilidade de persuadir e convencer (Peithós) e graça irresistível e charme sedutor (Afrodite).

3ª Sequência: Epimeteu recebe e aceita o presente dos deuses das mãos de Hermes. Quando compreende seu erro, o mal já estava feito.

4ª Sequência: Pandora ergue a tampa da jarra e liberta os males que não podem ser vistos ou ouvidos por ela.

Conclusão: é impossível escapar do espírito de Zeus, pois ele simboliza a ordem, a justiça e o poder divino absoluto. A sua vontade prevalece sempre, implacável.

3.2 (Teogonia):

1ª Sequência: Prometeu oferece as partes do boi. Ele separa o que será oferecido aos homens e o que será oferecido aos deuses.
2ª Sequência: Zeus envolvido em sua cólera, recusa o fogo celeste aos homens, mas Prometeu rouba um pouco da forja de Hefesto e o entrega aos homens que poderão cozinhar seus alimentos.
3ª Sequência: Por causa do roubo, Zeus cria a mulher.
4ª Sequência: Zeus presenteia os homens com o mal: a mulher. A partir de então, entre os humanos, o bem e o mal estarão, irreversivelmente, unidos.
Conclusão: Prometeu roubou o fogo, mas não escapou da cólera de Zeus. Com isso, os homens passaram a pagar com o trabalho, o alimento cozido e o casamento.

No que diz respeito ao segundo nível da análise, ou seja, a dos conteúdos semânticos (análise dos elementos significativos de cada sequência) Vernant (2005, p. 163) conclui que “entre as partes do animal sacrificado, o fogo roubado, a primeira mulher e o cultivo de cereais, há, em toda a série de planos, homologias e correspondências”. Pode-se esquematizar estas relações da seguinte maneira:

1) Pandora corresponde às partes do boi imolado: enquanto presente sedutor; enquanto armadilha que esconde a realidade interna e enquanto gáste (ventre): alimentar (sustento) e sexual (reprodução).
2) Pandora corresponde ao fogo: enquanto dolos – o fogo, as partes do boi e Pandora são armadilhas; Pandora é a contrapartida do fogo. Mas segundo Vernant (2005, p. 165) “[...] na medida em que ela própria é um fogo que queima o homem [...]” e Pandora é o fogo “roubador” e o fogo de Prometeu é “roubado”. De fato, Pandora é o fogo roubador, pois assim como o fogo ela tem a capacidade de consumir e transformar. Ela veio para queimar a humanidade ao trazer todos os infortúnios e os sofrimentos, alterando a condição humana de forma significativa.

3) Pandora diz respeito ao Bios: ela tem em seu ventre a semente que gerará o homem, assim como Prometeu escondeu no gáster (ventre) a parte comestível do boi, ou no nártex (caule de uma planta) a semente do fogo.

Nas palavras de Vernant (2005, p. 166-167):

> Ao final desta análise, limitada aos aspectos mais importantes do mito, notar-se-á que a gramática da narrativa (lógica das ações) e o conteúdo semântico aparecem imbricados um no outro. [...] Todo o jogo de relações semânticas se organiza em torno do mesmo tema ilustrado pela rede de correspondências e desenvolvido por ela em níveis e direções múltiplas, para dar corpo a essa ideia que, sob todas as formas e na diversidade de seus aspectos, a existência humana, pela operação do 'esconder' divino, está situada sob o signo da mistura entre bens e males, do ambíguo e da duplicidade.

Sobre o terceiro nível da análise, ou seja, sobre o contexto sociocultural, Vernant analisou que há uma estreita relação entre o fogo roubado, a mulher, o casamento, agricultura e o trabalho. As conclusões desta observação, são:

1) A condição humana é definida pelas referências acima citadas.
2) Esta relação pode ser percebida de diversas formas: para uma refeição sacrifical é necessário o fogo; o fogo está associado à agricultura: plantas cultivadas são consideradas cozidas. De fato, o fogo não era apenas essencial para a prática dos sacrifícios como uma das atividades religiosas mais importantes da Grécia antiga, mas também na mitologia grega, as plantas cultivadas eram frequentemente associadas ao conceito de serem "cozidas" pelo sol e pelo trabalho humano sendo preparadas para o consumo; "As afinidades entre casamento e agricultura se exprimem na organização do panteão, nos ritos de Himeneu, nas festas religiosas como as tesmofórias [...]" (Vernant, 2005, p. 168). Estas festas eram religiosas e dedicadas a Deméter. Eram realizadas anualmente para honrar a deusa da agricultura e da fertilidade. Elas incluíam rituais secretos e sacrifícios que tinham como objetivo assegurar a fertilidade da terra e o sucesso das colheitas.
3) O mito mostra a diferença entre deuses, homens e animais: os homens comem carne cozida (não qualquer uma); os homens casam-se seguindo

regras, diferente dos animais; os deuses são imortais devido a uma alimentação diferente da dos homens e dos animais.

Nas conclusões de Vernant (2005), após Prometeu enganar Zeus, tudo tem o seu reverso: o contato com os deuses se torna possível, mas apenas por meio de sacrifícios; a felicidade se contrapõe a infelicidade; o nascimento se contrapõe a morte; a abundância só surge com o esforço; não há humanidade sem Pandora, pois ao abrir a caixa que continha todos os males do mundo, ela também liberou a esperança. Assim, os seres humanos passaram a enfrentar adversidades, mas também a terem esperança diante delas.

As antinomias apresentadas por Vernant (2005) são as seguintes:

1) Antes da divisão das partes do boi: os homens e os deuses vivem juntos. Tudo surgia espontaneamente; nenhum mal afligia os homens; não havia raça maldita.
2) Depois da astúcia de Prometeu: homens e deuses começam a viver separadamente; é preciso plantar a semente para se obter algo; males e bens começam a se misturar; Pandora vem representar o mal que se vê e se ouve, mas que também se ama.

Após a análise da influência de Vernant sobre os estudos dos mitos, será importante expor outra de suas facetas no que diz respeito ao seu contato com as narrativas míticas, o seu gesto de contar histórias para o seu neto. Neste sentido, será feita a exposição de três mitos que por ele foram analisados na obra “Universo, os Deuses, Os Homens”: O reinado de Zeus, Prometeu, o ardiloso e Pandora ou a invenção da mulher. E, por fim, se verá como esta ação simples de narração se tornou uma prática contendo diversas características.

3.4 Histórias para Ninar: Narrativas e Mitos

Jean-Pierre Vernant ficou amplamente conhecido por suas contribuições nos estudos referentes à Grécia antiga, com destaque para a mitologia e as formas de pensar do povo grego. Dentre o seu contato com mitos, um ganhou destaque: a maneira como ele se dedicava a contar mitos para o seu neto. Este gesto simples, revelou uma dimensão profunda e humanizada do trabalho de Vernant trazendo a

importância da transmissão cultural e atemporal dos mitos para a humanidade. O próprio Vernant (2000, p. 10) diz:

> Há um quarto de século, quando meu neto era criança e passava férias com minha mulher e comigo, estabeleceu-se entre nós uma regra tão imperiosa quanto o banho e as refeições: toda noite, quando chegava a hora de Julien ir para cama, eu o ouvia me chamar de seu quarto, quase sempre com impaciência: “Jipé, a história, a história!”. Eu ia me sentar perto dele e lhe contava uma lenda grega. Encontrava-a facilmente no repertório de mitos que eu passava meu tempo a analisar, destrinchar, comparar, interpretar a fim de tentar compreendê-los. Mas os transmitia de outra forma, de chofre, como me vinha à cabeça, à maneira de um conto de fadas, sem outra preocupação além de seguir o curso de minha narrativa do início ao fim, o fio do relato em sua tensão dramática: era uma vez... Julien parecia feliz. Eu também. Alegrava-me passar-lhe diretamente um pouco desse universo grego ao qual sou afeiçoado e cuja sobrevivência em cada um de nós me parece, no mundo de hoje, mais que nunca necessária. Também me alegrava que essa herança chegasse até ele oralmente, na forma do que Platão chamou de fábulas de ama-de-leite, com aquilo que se passa de uma geração para outra, fora de qualquer ensino oficial, sem transitar pelos livros, para formar uma bagagem de comportamento e saberes “fora do texto”: regras de boa conduta para falar e agir, bons costumes, técnicas corporais, estilos de marcha, corrida, nado, bicicleta, escalada...

O gesto de Vernant em contar mitos ao neto se mostrou como uma forma de conexão entre gerações e ao mesmo tempo como uma forma de preservação de uma continuidade cultural. Assim, quando ele narrava os mitos para o seu neto não apenas compartilhava um patrimônio embasado na intelectualidade acumulada ao longo de sua história, mas também alimentava a curiosidade daquela criança. De fato, os mitos gregos, com seus ensinamentos, deixaram lições universais sobre a condição humana, os dilemas morais, os medos e até mesmo as aspirações que ultrapassaram o tempo e o espaço. Na concepção de Vernant, estas histórias se tornaram formas de ensinar ao seu neto sobre o mundo de maneira envolvente e significativa. Além disso, esta prática também enfatizava como os mitos eram relevantes na vida contemporânea. Neste sentido, ele acreditava que estas narrativas não eram meras histórias do passado, mas estavam vivas oferecendo reflexões importantes para a modernidade. Assim, ao contar mitos para o seu neto, Vernant demonstrava como eles podiam ser reconhecidos como histórias antigas que se tornaram uma fonte de sabedoria capaz de se conectar com as novas gerações e ajudá-las a entender sua própria existência e os desafios que a cada dia enfrentavam. Por isso afirmava que “o mito também só vive se for contado, de

geração em geração, na vida cotidiana". (Vernant, 2000, p. 13). Esta era a sua vitalidade como componente essencial da cultura humana.

A face contadora de mitos de Vernant sublinhou a importância da oralidade na preservação do conhecimento grego. Mesmo levando em consideração que os seus trabalhos foram amplamente difundidos por meio de livros e artigos, a tradição de contar histórias teve um impacto diferente de forma pessoal e imediata. Este ato de contar mitos de forma íntima e familiar além de fortalecer os laços afetivos levou a uma experiência educativa distinta da leitura solitária. Foi, de fato, através da voz e da presença do contador que os mitos ganharam uma vivacidade, trazendo imagens e emoções que se tornaram essenciais para a compreensão destas histórias.

Dentre as diversas narrativas míticas contadas por Vernant na obra "Universo, os Deuses, Os Homens", será feita a exposição de três mitos que por ele foram analisados. Eles são: O reinado de Zeus; Prometeu o ardiloso, e Pandora ou a invenção da mulher. Por fim, será feita a exposição do mito da ilha de Calypso que foi recontada por Vernant ao seu neto com uma atenção cuidadosa aos temas e as tensões inerentes à narrativa de Homero. Vejamos:

História 1: O reinado de Zeus:

Zeus era filho dos titãs Cronos e Rea. Havia uma profecia que dizia que Cronos seria destronado por um de seus filhos. Por isso, ele passou a devorar cada um que nascia. No entanto, Rea conseguiu proteger Zeus ao escondê-lo numa caverna na ilha de Creta. A Cronos, ela deu uma pedra envolvida em panos para engolir ao invés do bebê. Quando ficou adulto, Zeus forçou Cronos a vomitar seus irmãos e com a ajuda deles e dos gigantes conhecidos como Hecatônquiros ou cem-braços e dos ciclopes, o derrotaram junto com outros titãs na Titanomaquia, estabelecendo assim o seu domínio sobre o universo. Com a vitória, Zeus dividiu o poder com seus irmãos. Poseidon recebeu o domínio dos mares e Hades recebeu o domínio do submundo. Ele ficou com o céu, tornando-se o supremo deus entre os deuses.

Ao falar da soberania de Zeus, diz Vernant (2000, p.36):

> Ao ver isso, os deuses do Olimpo, seus irmãos e irmãs, decidem que a soberania cabe a Zeus. Os Titãs pagaram o preço de sua infâmia e agora Zeus assume a soberania. Ele distribui entre os deuses honras e privilégios.

> Institui um universo divino hierarquizado, ordenado, organizado e que, por conseguinte, será estável. O teatro do mundo está instalado, o cenário, armado. No topo, reina Zeus, o ordenador de um mundo que originalmente saiu do caos.

Na visão de Vernant, Zeus não era apenas um soberano com um poder superior, mas também um deus da justiça e da ordem, um verdadeiro mediador entre os deuses e os humanos. Por isso ficou frequentemente ligado à lei e aos juramentos tendo a missão de fazer a harmonia entre os deuses do Olimpo e os mortais. De fato, Zeus era tido como fiador da verdade e da honestidade. Quebrar um juramento sob a sua invocação era considerado um ato grave, pois significava desafiar a autoridade suprema e a ordem cósmica que ele representava. Ele ainda foi lembrado como protagonista de diversos casos amorosos, tanto com deusas como humanas, gerando uma grande quantidade de filhos que incluía heróis e personalidades importantes da mitologia grega, como: Hércules, Atena, Apolo, Ártemis, Perseu e Helena de Tróia. Esses relacionamentos e descendências deixaram evidente uma maneira de expandir e consolidar o poder de Zeus e a sua influência através dos laços familiares divinos e heróicos.

As concepções de Vernant sobre o mito de Zeus destacaram o seu papel central no panteão grego como também na mitologia. De fato, Zeus representou a legitimidade e a manutenção do poder, a ordem e a justiça. Suas histórias e ações mostraram a complexidade da autoridade divina e a conexão entre o divino e a humanidade na antiguidade da cultura grega.

História 2: Prometeu, o ardiloso:

Prometeu foi um titã e filho de Jápeto e Climene. Ele ficou conhecido por ter moldado os primeiros homens por meio do barro. Ele também ficou lembrado por roubar o fogo dos deuses e dá-lo aos homens como um ato que simbolizou o dom do conhecimento e da civilização. Com tal feito, Prometeu desafiou a autoridade de Zeus que puniu a humanidade com a privação do fogo.

Num banquete da cidade mítica de Mecone, também conhecida como Sicyon, Prometeu enganou Zeus na divisão de um sacrifício. Na oportunidade, ele ofereceu

a Zeus duas porções de comida. Vernant (2000, p. 62) relata o episódio com riqueza de detalhes:

> Assim se apresenta a divisão: de um lado, o sebo apetitoso envolvendo só os ossos nus; de outro, um bucho pouco apetitoso dentro do qual está tudo que é bom para comer. Prometeu põe duas partes na mesa, diante de Zeus. Dependendo da escolha deste, vai-se traçar de uma ou outra forma a fronteira entre os homens e os deuses. Zeus olha os montinhos e diz: “Ah! Prometeu, tu que és tão esperto, tão ardiloso, fizeste uma divisão muito desigual!”. Prometeu olha-o com um sorrisinho. Zeus, é claro, percebeu de antemão a astúcia, mas aceita as regras do jogo. Alguém propõe que ele escolha o primeiro, e assim ele faz. Com ar de absoluta satisfação, Zeus pega então a parte mais bonita, o pacote com o apetitoso sebo branco. Todos o olham, ele abre o embrulho e descobre os ossos brancos totalmente descarnados. Tem então um tremendo ataque de raiva contra aquele que quis ludibriá-lo

Esta astúcia estabeleceu o padrão para o que diz respeito aos sacrifícios da humanidade aos deuses, onde os homens guardaram a melhor parte para si e ofereceram a parte indesejável às divindades. Como punição para tal ato e pelo roubo do fogo, Zeus impôs a Prometeu um terrível castigo. Ele foi acorrentado a uma rocha no Cáucaso onde uma águia vinha devorar seu fígado diariamente para depois se regenerar todas as noites dando continuidade ao seu sofrimento. Está tortura infinita simbolizou o resultado de desafiar a ordem divina e a punição imposta pela rebeldia contra o poder supremo de Zeus.

Uma das figuras mais intrigantes da mitologia grega foi Prometeu. Jean Pierre-Vernant ofereceu uma interpretação detalhada do seu mito. O seu nome teve como significado “aquele que pensa antes”. Este personagem ficou conhecido por sua astúcia e por sua atuação na criação e destino da humanidade. Vernant o compreendeu como um símbolo da inteligência e da resistência dos homens contra o despotismo divino. Por isso, ele foi visto como o benfeitor dos seres humanos quando trouxe luz (fogo) e progresso para eles. De fato, segundo Vernant (2000, p. 65) “[...] os homens dispunham do fogo como dispunham dos alimentos, dos cereais, que cresciam espontaneamente, ou das carnes, que já chegavam cozidas”. Ele ainda representou o espírito indomável da busca pelo conhecimento e a luta contra toda e qualquer opressão, assim como os inevitáveis sofrimentos que poderiam resultar dessa busca.

A análise de Vernant sobre o mito de Prometeu assinalou a sua complexidade dentro da mitologia grega, como também a sua beleza de sensibilidade. De fato, o titã encarnou tanto a inteligência e a engenhosidade quanto a resistência e o sacrifício. Ele desafiou a autoridade trazendo progresso e sofrimento para a humanidade. Por isso, seu mito ofereceu uma reflexão profunda sobre a condição da natureza humana, o poder e a justiça.

História 3: Pandora ou a invenção da mulher:

Pandora foi uma criação ordenada por Zeus para trazer uma punição para a humanidade depois que Prometeu roubou o fogo dos deuses. Hefesto, que era o deus ferreiro, fez Pandora por meio do barro e cada deus contribuiu com um presente para dotá-la de diversas qualidades positivas e negativas. Assim, Afrodite lhe deu a beleza, Hermes lhe cumulou de astúcia e habilidade para mentir e Atena lhe ensinou o artesanato. Essa combinação de talentos lhe tornou uma figura atraente fisicamente, como também perigosa. Sobre isto, afirma Vernant (2000, p. 69):

> [...] Essa estátua, que é a primeira mulher, da qual saiu toda a "raça das mulheres", tem uma aparência externa enganadora, tal como certas partes do touro sacrificado ou como o funcho. É impossível contemplá-la sem se sentir maravilhado. Ela possui a beleza das deusas imortais, sua aparência é divina. Hesíodo conta isso muito bem. Ficamos extasiados com sua beleza, realçada pelas jóias, o diadema, o vestido e o véu. Dela irradia-se a khadris, um charme infinito, um brilho que submerge e doma quem a ver.

Pandora foi entregue a Epimeteu, que era irmão de Prometeu, que apesar dos avisos para não aceitar presentes vindos dos deuses, ficou encantado com a sua beleza e a fez sua esposa. Ela trouxe consigo uma jarra (ou caixa) que, quando aberta, libertaria todos os males que afligiriam a humanidade, como: doença, dor e sofrimento. Apenas a esperança ficou presa na jarra trazendo uma pequena consolação para os seres humanos.

Vernant ao analisar o mito de Pandora, o explorou com o intuito de representar a origem da mulher e o impacto desta ação na humanidade. O nome Pandora significa "a que possui todos os dons". Ela foi uma personagem central na narrativa que correspondeu a entrada dos males no mundo. Assim, Vernant

interpretou a narrativa mitológica de Pandora como uma explicação da origem do mal e do sofrimento na vida dos seres humanos. De fato, como primeira mulher, ela refletiu uma criação divina que apesar de atraente, trouxe consigo uma grande quantidade de desgraças. Portanto, a introdução da mulher foi tida como um mal necessário trazendo tantos aspectos negativos (os males) como também positivos (as esperanças} que fortaleceram a humanidade para enfrentar as adversidades.

Também se pode dizer que a figura de Pandora indicou a visão ambivalente em que estava submetida a mulher da Grécia antiga. Por um lado, ela era vista como um sinal de beleza e encanto. Já por outro, ela era vista como portadora de perigos e desastres. A mulher foi percebida como fundamental para a continuação da vida humana. No entanto, ela também foi vista como aquela que, com sua presença, estava trazendo complicações e sofrimentos.

Na visão de Vernant, o mito de Pandora transpareceu a complexidade das relações entre deuses e humanos, bem como a dualidade que é própria da existência humana. Assim, sua criação marcou a chegada do feminino como uma força poderosa e ambígua, ou seja, trazendo tanto o mal quanto a esperança que foi indispensável para a humanidade. Sobre este dualismo existencial, afirma Vernant (2000, p. 71):

> Agora a humanidade é dupla, não mais é constituída unicamente do gênero masculino. É composta de dois sexos diferentes, ambos necessários à descendência humana. Desde que a mulher foi criada pelos deuses, os homens já não estão no mundo espontaneamente, mas nascem das mulheres. Para se reproduzirem, os mortais têm de se acasalar, e isso dá início a um movimento diferente do tempo.

A transição de uma origem espontânea para o nascimento através das mulheres pode ser vista como um movimento do mito para uma compreensão mais complexa e organizada da sociedade humana. Neste sentido, as mulheres tornaram-se essenciais para a continuidade da humanidade, e sua presença mudou a dinâmica da existência humana de uma espontaneidade divina para um ciclo de vida natural e biológico.

História 4: O Mito da Ilha de Calypso

Vernant contou de maneira envolvente a seu neto o mito da Ilha de Calypso, adicionando profundidade e nuances à famosa saga. Reproduzimos agora a sua narrativa ipsis litteris. Ele diz:

> Com o navio fulminado e quebrado, todos os marinheiros de Ulisses se afogam e ficam boiando como gralhas atiradas pelo mar de um lado a outro. Ulisses é o único sobrevivente. Agarra-se a um mastro, um resto de navio, e logo a corrente o leva na direção oposta, ou seja, para Caríbdis, onde ele enfrenta uma situação dramática. Escapa quase por milagre. Durante mais nove dias, sozinho, exausto, vive no meio das ondas, ao sabor das correntes, indo para o fim do mundo. Quando está quase se afogando, o navegador náufrago chega à ilha de Calypso. É uma ilha do fim do mundo, não se localiza nem sequer nos confins do espaço marinho, é separada tanto dos deuses como dos homens por imensidões de água. Não fica em lugar algum. Ulisses está ali deitado, exaurido, e Calypso o recolhe. Ao contrário do que acontecera na ilha de Circe, quando os marinheiros de Ulisses e o próprio Ulisses tinha ido até Ninfa implorar-lhe seu acordo, dessa vez é Calypso que salva Ulisses. Lá ele vai morar durante uma eternidade, cinco, dez, quinze anos, pouco importa, pois o tempo não existe mais. Ele está fora do espaço, fora do tempo. Cada dia é parecido com o outro. Ulisses vive um interlúdio amoroso com Calypso, um interlúdio contínuo, apaixonado, sem contato com quem quer que seja, sem mais ninguém, numa solidão total a dois. Num tempo em que nada se passa, em que nada ocorre e não há fatos, todo dia é idêntico aos outros. Com Calypso, Ulisses está fora do mundo, fora do tempo. Ela é extremamente amorosa com ele, muito solícita. Mas é também, como indica seu nome *Kalypsó* – que vem do verbo grego *kalýptein*, “esconder” –, aquela que está num espaço fora de tudo e esconde Ulisses de todos os olhares. (Vernant, 2000, p. 118-119)

A passagem de Ulisses pela ilha de Calypso é uma parte crucial da “Odisseia” de Homero. Após a guerra de Tróia, ele enfrenta uma longa e complicada jornada de volta para casa em Ítaca. Durante esta viagem ele acaba na ilha de Ogygia, onde se encontra a ninfa Calypso que representa tanto o amor como a prisão. Sendo acolhido e cuidado por ela, Ulisses se torna o seu amante, mas também o seu prisioneiro não podendo alcançar seu verdadeiro objetivo que é voltar para casa. Esta tensão reflete os dilemas humanos entre o desejo e o dever, o conforto e a liberdade.

Em sua faceta enquanto contador de histórias, Vernant revelou um aspecto profundamente humano e acessível de sua vasta erudição em mitologia grega. Sua abordagem se caracterizou com uma sensibilidade que equilibrou erudição acadêmica com a simplicidade necessária para cativar uma mente infantil. Ele conseguiu trazer os antigos mitos gregos e sua relevância contemporânea sem perder sua profundidade e complexidade. Cada história contada se tornou um

veículo para transmitir valores, lições morais e um entendimento mais profundo da condição humana, ressaltando que os mitos não eram apenas relíquias do passado, mas narrativas vivas que ressoam ainda hoje e ressoará futuramente. O próprio Vernant (2000, p. 16) afirma:

> Tentei contar como se a tradição desses mitos ainda pudesse se perpetuar. Essa voz que outrora, por séculos a fio, se dirigia diretamente aos ouvintes gregos, e que se calou: eu gostaria que ela fosse novamente ouvida pelos leitores de hoje, e que, em certas páginas deste livro, se tive êxito, ela continue a ressoar como um eco.

Ao contar as narrativas míticas para o seu neto, Vernant fez a união entre o rigor acadêmico e a ternura familiar na simplicidade das conversas de um avô para com o seu neto o querendo fazer “ninar”. Este gesto carinhoso de partilhar histórias ressaltou a beleza dos mitos como possibilidades de ensino e reflexão e como eles podiam continuar a trazer luz para a vida das gerações. Com isso, Vernant preservou a memória cultural, mas também cultivou na criança uma tradição de apreciação pelas narrativas que impactaram a civilização ocidental.

Após uma exposição sobre os estudos dos mitos e sua importância para o surgimento das civilizações, com ênfase nas contribuições de Jean-Pierre Vernant para a análise destas narrativas da Grécia antiga e sua influência no ocidente até os dias atuais, o próximo capítulo abordará a transição do mito à filosofia. Esse acontecimento alterou a estrutura do conhecimento e tornou-se um dos momentos mais significativos na história da civilização grega, devido à sua profundidade e originalidade.

4 A TRANSIÇÃO DO MITO À FILOSOFIA

Dando continuidade ao que foi abordado no capítulo 3, especificamente no tópico 3.2, desta dissertação, que explorou as contribuições de Jean-Pierre Vernant para os estudos dos mitos por meio de sua obra “Mito e Sociedade na Grécia antiga”, o presente capítulo se propõe a analisar a transição do mito à filosofia. Esta transição fundamentou um dos momentos mais significativos na história do pensamento ocidental. Ela não apenas redefiniu a maneira como os gregos compreendiam o mundo ao seu redor, mas também estabeleceu as bases para o desenvolvimento da ciência, da política e da ética. A mudança da visão através do mito para uma abordagem racional e sistemática da realidade não ocorreu de forma abrupta, mas foi um processo gradual que refletiu mudanças significativas na sociedade grega.

Nos séculos que antecederam o surgimento da filosofia, os mitos dominavam o pensamento grego. Estas narrativas míticas, ricas em simbolismo e alegoria, ofereciam explicações para a criação do universo, da natureza dos deuses e o funcionamento do mundo natural. Elas foram transmitidas oralmente, e seu poder residia, por exemplo, na construção de um senso de pertencimento e coesão social, pois ajudavam a unir pessoas por meio de uma compreensão compartilhada do mundo e do seu lugar nele. Como também contribuíam na sua função social de transmitir valores e normas coletivas.

A evolução das cidades-estado gregas, também chamadas de pólis, desempenhou um papel de suma importância nessa transição. Com o seu desenvolvimento, surgiram novos espaços de interação social, como a ágora, onde o debate público e a troca de ideias floresceram. Este novo ambiente propiciou o diálogo e a argumentação e incentivou uma nova forma de pensar, na qual a razão começou a substituir a narrativa mítica.

Foi na Jônia, uma região da Ásia Menor, de modo especial, que este modo de reflexão começou a surgir. Filósofos pré-socráticos como Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto e Anaxímenes de Mileto foram os primeiros a buscar explicações naturais e racionais para os fenômenos anteriormente baseados nas explicações míticas e religiosas. Por exemplo, em vez de atribuir a criação e as mudanças no mundo a ações de deuses, Tales de Mileto sugeriu que a água era a substância fundamental de tudo, e que processos naturais, como a transformação

da água em vapor e seu retorno ao estado líquido, poderia explicar muitos fenômenos naturais. De fato, estes pensadores estavam menos preocupados em contar histórias míticas e mais interessados em compreender a natureza (*physis*) através da observação e do raciocínio lógico. Como exemplo, se pode destacar Anaximandro que sugeriu que a vida surgiu a partir de formas simples e evoluiu para formas mais complexas. Com isso, ele procurou explicar a origem e a organização do cosmos sem recorrer a intervenções divinas. Ele se baseou na ideia de que a vida e o cosmos se desenvolveram a partir de princípios naturais e indefinidos.

Também foi de suma importância as contribuições dos Sofistas, que introduziram a ideia de que a verdade poderia ser relativa e que a habilidade de argumentar era crucial na vida pública e política, especialmente para persuadir em debates. Já Sócrates, ao enfatizar o autoconhecimento por meio de seu método de questionamento e diálogo, estimulou o pensamento crítico e a autoreflexão, moldando profundamente o pensamento filosófico.

Esta transição não apenas redefiniu o que significa saber, mas também alterou a própria estrutura do conhecimento. O *logos* (razão) começou a ser visto como uma ferramenta poderosa para desvendar os mistérios do universo, em contraste com a narrativa mítica que estava predominando anteriormente. O *logos* passou a ser registrado por escrito, permitindo uma disseminação mais ampla e duradoura do conhecimento.

A complexa e fascinante transição do mito à filosofia na Grécia antiga, aconteceu por meio de fatores sociais, culturais e intelectuais que possibilitaram essa transformação. Quando se entende este processo, se adquire a capacidade de apreciar a profundidade e a originalidade do pensamento grego, cujas influências ainda ecoam na cultura contemporânea.

4.1 A Cosmovisão que precedeu o *logos* grego

O desejo de conhecer ou de buscar o sentido para o mundo é inerente aos vários agrupamentos humanos em diferentes épocas e lugares. O ser humano diante do desconhecido, repleto de mistérios como o nascimento, a morte, a sucessão alternada de dias e noites, as mudanças climáticas, etc, sempre teve a necessidade de entender esse mundo. Esta necessidade é própria da condição humana, pois diante do medo, da admiração e do desconforto o homem precisa dar-

lhes sentido. O caos necessita ser ordenado para que o cosmos se estruture, permitindo ao ser humano encontrar seu lugar no mundo e acalmar suas inquietações. Os mitos desempenharam essa função de ordenação muito antes do surgimento da filosofia.

Embora exista uma diversidade de manifestações míticas entre os mais diferentes povos e em distintas épocas, existe um elemento comum entre eles, aquele que permite uma unidade na diversidade. Neste sentido afirma Cassirer (1976, p. 53):

> Os sujeitos do mito e os atos rituais são de uma infinita variedade; na verdade são incalculáveis e insondáveis. Mas os motivos do pensamento mítico, e da imaginação mítica são, em certo sentido, sempre os mesmos. Em todas as atividades e em todas as formas de cultura humana encontramos uma “unidade na diversidade”.

Este elemento em comum que configura a unidade na diversidade, no caso do pensamento mítico, é uma unidade de sentimento que tem como fundamento a “conscientização da universalidade e fundamental identidade da vida” (Cassirer, 1976, p. 53). De fato, esta universalidade, refere-se à percepção compartilhada de uma essência comum que une e dá sentido a diferentes aspectos da vida e do universo. Ela se manifesta na forma como os mitos abordam temas e questões universais relevantes para todas as culturas e sociedades. A essência do mito é regida pelo sentimento. A mente primitiva percebia o mundo de maneira integrada, sem estabelecer uma separação entre as formas de vida e os elementos da natureza. A relação da mente primitiva com sua comunidade e para com a natureza era de profunda comunhão. De fato, os sujeitos míticos não se concebiam como seres separados do resto da natureza, mas como seres que se sentiam unidos e participantes de um mesmo todo, em que os desejos, as sensações e as emoções manifestavam-se por meio de ritos. Um exemplo deste sentimento é o mito de Dionísio, o deus grego do vinho, da vegetação e das festividades. Ele representava a fusão entre o ser humano e a natureza, e suas festividades, conhecidas como dionisíacas. Elas eram eventos em que essa conexão se manifestava de forma intensa, pois durante as celebrações, os participantes se envolviam em rituais que incluíam danças, músicas e o consumo de vinho, buscando transcender a vida

cotidiana e alcançar uma experiência de unidade com a natureza e o divino. Na visão de Cassirer (1976, p. 54):

> [...] um profundo e ardente desejo dos indivíduos no sentido de se identificarem com a vida da comunidade e com a vida da natureza. Esse desejo é satisfeito pelos ritos religiosos. Aqui os indivíduos fundem-se num todo homogêneo.

O homem mítico se sentia membro de uma única sociedade, a sociedade da vida. Nela, os seres humanos e todos os elementos da natureza estavam num mesmo plano. O homem não se sentia num nível superior, nem numa situação privilegiada, mas se considerava partícipe do mesmo cosmos. Para que esta sociedade estivesse sempre viva, foi necessário renová-la constantemente. Esta renovação se deu através dos ritos. Os ritos de iniciação, assim como os ritos de vegetação, presentes nas sociedades primitivas guardavam uma estreita semelhança entre si. Ambos pertenciam a um mesmo processo de regeneração da vida e representavam a continuidade de um ciclo, ou seja, do que devia morrer para renascer. Por exemplo, havia um ritual específico por meio do qual a criança deixava de ser criança para ser adulta, assim como havia um ritual específico para garantir os ciclos das estações da natureza, e ambos estavam indissociáveis do conjunto da vida humana. Para cada estação do ano havia um ritual específico para garantir a continuidade do ciclo. Neste sentido, afirma Cassirer (1976, p. 57):

> O mesmo ciclo da vida que aparece na sociedade humana e que constitui a sua própria essência aparece também na natureza. O ciclo das estações não é devido às forças meramente físicas. Está indissoluvelmente ligado à vida do homem. A vida e morte da natureza é parte integrante do grande drama da morte e ressurreição do homem.

Havia uma profunda conexão entre os ciclos da natureza e a vida humana, ambos faziam parte de um processo essencial. Esta característica foi fundamental na visão de mundo das sociedades antigas, especialmente na Grécia, pois nela os ciclos da natureza e os ciclos da vida humana eram concebidos como interligados e interdependentes. Na mitologia grega esta interconexão era evidente. Por exemplo, no mito de Perséfone, ela foi raptada por Hades e passou parte do ano no

submundo. Isto explicava o ciclo das estações. Durante os meses em que Perséfone estava no submundo, sua mãe Deméter, deusa da agricultura, entristeceu, e a terra se torna estéril (outono e inverno). Quando Perséfone retornou, a alegria de Deméter fez a terra florescer novamente (primavera e verão). Portanto, o mito explicava o ciclo das estações e simbolizava a relação íntima entre os eventos naturais e a vida humana.

O mito foi uma forma de objetivação, uma tentativa de explicação da realidade. Diferente dos ritos mágicos nas cerimônias religiosas onde o ser humano agia de forma inconsciente, movido por profundos sentimentos, no mito surgiu um novo elemento: a busca por significado daquilo que se fazia no rito. De fato, os seres humanos buscaram os “porquês” por não mais se satisfazerem somente com o agir, eles queriam uma resposta mesmo que ela fosse fantástica, absurda ou improvável. O mais importante não era o conteúdo da resposta, mas o fato de que ela podia apaziguar uma inquietação e fazer o homem encontrar o seu lugar no mundo.

Diante deste contexto, o mito se tornou a primeira forma que o ser humano encontrou para dar sentido ao mundo. Ele se tornou um tipo de saber afetivo, coletivo e dogmático, se configurando como um relato construído coletivamente, mesmo sem a consciência desta construção. No pensamento mítico a força da tradição e do coletivo era muito intensa para se desconfiar das suas próprias concepções. Ele não deixou de ser uma forma de atribuir significado ao mundo e de ordenar o caos, isto é, o estado primordial de desordem e confusão que precedeu a formação do cosmos. No entanto, num dado momento do processo histórico, a explicação mítica, começou a ser questionada por aqueles que seriam conhecidos como os primeiros filósofos, os pré-socráticos, que estavam preocupados em buscar a *arkhé*, princípio fundamental das coisas. Como se verá no tópico seguinte, a partir disso, foram eles que buscaram uma explicação sustentada em argumentos racionais para o que existe.

4.2 Da Narrativa Mítica ao Pensamento Filosófico

O declínio do mito se deu pelo surgimento da filosofia, pela ascensão de um saber racional. Ele teve início na Mileto jônica no século VI a.C no momento em que os primeiros filósofos como Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto e Anaxímenes de Mileto iniciaram um novo tipo de reflexão em relação à natureza. Esses primeiros

pensadores tentaram entender o cosmos, procurando uma cosmologia, uma racionalidade que tivesse constituído o universo, pois não aceitavam mais as cosmogonias míticas. Eles buscavam a *arkhé*, ou seja, o princípio gerador de todas as coisas e por se preocuparem com o conhecimento racional, a *physis*, foram também chamados de físicos. A transição do pensamento mítico para o pensamento racional filosófico se deu num processo lento e gradual e não significou o desaparecimento por completo das concepções míticas, pois estas tinham caráter perene. Aconteceram fatores que intensificaram o surgimento da explicação racional em oposição ao pensamento mítico. As viagens marítimas e o crescimento do comércio, o uso da moeda, a utilização da escrita, a fixação das leis pela escrita e, de modo especial, o nascimento das cidades-estado contribuíram para a chegada emergente de um tipo de pensamento que não apenas questionasse o mito, mas também refletisse o poder político e a organização social. Para Jean-Pierre Vernant, esta transição foi propiciada pelas formas de organização social, política e econômica da cidade-estado. Ele afirma:

> O aparecimento da pólis constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, só no fim alcançará todas as suas consequências; a polis conhecerá etapas múltiplas e formas variadas. Entretanto, desde o seu advento, que se pode situar entre os séculos VIII e VII, marca um começo, uma verdadeira invenção; por ela, a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos. (Vernant, 2011, p. 41)

A nova forma de organização social dos gregos se deu com a queda do poder micênico, no século XII a.C, com a invasão das tribos dóricas e os seus consequentes desdobramentos. Tendo a dinastia Micênica sucumbido, aconteceu a destruição da realeza que tinha sua vida girando em torno do palácio tendo como centro o rei que era considerado divino. Ele ocupava o cume da organização social recebendo o título de *anax* e sua autoridade se exercia nas esferas militares, econômica e religiosa. A queda do seu reino inaugurou uma nova fase da civilização grega na qual várias transformações repercutiram no pensamento grego. Com a queda do poder micênico a expansão dos dórios se tornou mais forte e com isso aconteceu a chegada de novos valores e uma nova forma de organização social e a resolução de conflitos começou na sociedade grega.

Nesta nova estrutura social que foi surgindo, o palácio deixou de ser o centro da cidade, e a praça pública foi ganhando uma grande importância. A vida social passou a ser marcada por duas entidades divinas opostas: *Eris* (poder de conflito) e *Philia* (poder de união). As ideias de concorrência se uniram a ideia de união e dependência social, assim o espírito de *agón*, ou seja, de combate organizado e sujeito a certas regras, manifestou-se em vários domínios, como na guerra, na religião, e também na política. No que diz respeito à esfera política, o discurso e a oratória eram as armas deste combate, que teve como palco a praça pública, a *ágora*.

Na *ágora*, a palavra deixou de ser uma fórmula exata e ficou exposta ao debate, manifestando-se de forma autônoma. A palavra passou a ser valorizada e por isso foi transformada pelos gregos numa divindade, a *Pheitó*, que era uma das deusas Charites (Graças), que simbolizavam várias formas de beleza e encanto. Ela representava a força, a capacidade de persuasão moldando a opinião pública e alterando a dinâmica das interações sociais e políticas. Não era mais a palavra do rei divino, mas a palavra humana buscando, por meio de conflitos da discussão e da persuasão, um sentido e um convencimento. A palavra passou a não ser mais uma forma justa, mas ficou exposta a contestação. A polêmica, a discussão, a argumentação passaram a ser as regras do jogo intelectual e político praticado na *ágora* e tinha como juiz o público, os cidadãos. Os conhecimentos, os conteúdos das culturas não eram mais do domínio daqueles que viviam no palácio, mas eram expostos em praça pública e submetidos à apreciação de todos, possuindo um caráter de publicidade, passando a serem objetos de análise e interpretação.

Mediante a este contexto, surge o cidadão da *pólis*, o *politikó*s. Para Vernant (1998, p. 38) “esse quadro urbano define efetivamente um espaço mental; descobre um novo horizonte espiritual. Desde que se centraliza na praça pública, a cidade já é, no sentido pleno do termo, a *pólis*”.

Nesta nova conjuntura, os valores, os conhecimentos, as técnicas mentais foram colocados em praça pública, expostas as críticas e não mais eram guardados como garantia de poder. A polêmica, a discussão, a argumentação se tornaram as regras do jogo intelectual e político. A escrita, vinda dos fenícios e modificada de várias maneiras pelas culturas que a adotaram, como por exemplo, pelos gregos que adicionaram símbolos para as vogais, criando o seu alfabeto, permitiu perenizar a cultura, torná-la pública, e ao mesmo tempo, refletir os seus conteúdos. A *dike*

(justiça) passou a ser fixada em forma de leis garantindo sua permanência de forma comum a todos, não dependendo mais da arbitrariedade do monarca.

Os cidadãos passaram a ser considerados como semelhantes uns em relação aos outros. Este aspecto foi marcante para caracterizar a *pólis*. Essa semelhança uniu os gregos pela *Philia* (união) e foi ela que garantiu a unidade da *pólis*. A ideia de semelhança se converteu em igualdade no plano político, no conceito de isonomia, ou seja, da mesma participação no poder político por parte dos cidadãos. As leis escritas passaram a ser as mesmas para os cidadãos. Eles as seguiam e participavam dos tribunais e das assembleias. Na visão de Vernant (1998, p. 49):

> Todos os que participam do Estado vão definir-se como Hómoioi, semelhantes, depois, de maneira mais abstrata, como Isoi, iguais. Apesar de tudo o que os opõe no concreto da vida social, os cidadãos se concebem, no plano político, como unidades permutáveis no interior de um sistema cuja lei é o equilíbrio, cuja norma é a igualdade. Essa imagem do mundo humano encontrará no século VI sua expressão rigorosa num conceito, o de isonomia: igual participação de todos os cidadãos no exercício do poder. Mas antes de adquirir esse valor plenamente democrático e de inspirar, no plano institucional, reformas como as de Clístenes, o ideal de isonomia pôde traduzir ou prolongar aspirações comunitárias que remontam muito mais alto, até as origens da *polis*.

De fato, as reformas de Clístenes, realizadas em Atenas no período de 508 e 507 a.C, foram fundamentais para a consolidação da democracia ateniense. Ele reorganizou as quatro tribos existentes em dez novas tribos, cada uma combinando regiões urbanas, rurais e costeiras, e introduziu a divisão da cidade e do campo em pequenas unidades chamadas *demes*, fortalecendo a participação local. Ainda estabeleceu o Conselho dos Quinhentos (*Boulē*), composto por 50 representantes de cada nova tribo, e implementou a seleção por sorteio para garantir a representatividade e limitar o domínio das elites. Além disso, com ele, a Assembleia Popular (*Ekklesia*) ganhou mais poder na tomada de decisões, e o *ostracismo* foi introduzido como um mecanismo jurídico para prevenir abusos de poder e prevenir a tirania. Essas reformas promoveram uma maior equidade política e uma participação cidadã mais ampla, refletindo o desejo de isonomia.

O sistema político ateniense passou por várias reformas antes de chegar à isonomia, ou seja, a igual participação no poder e a igualdade perante a lei. Entre os séculos IX e VI a.C, o regime em Atenas era aristocrático. Nele, os chamados

eupátridas, ou seja, os “bem-nascidos”, os nobres, tinham a posse da maior parte das terras e o governo era realizado de acordo com os seus interesses. No outro lado da sociedade estavam os muitos camponeses e artesãos pobres que eram escravizados por dívidas.

Com os contatos e as transações comerciais se intensificando, uma parte do *demos*, ou seja, da população, passou a ter uma ascensão econômica, em especial um grupo de comerciantes, que entre os séculos VII e VI a.C tiveram seus rendimentos ampliados. Com mais poder econômico, a classe dos comerciantes passou a reivindicar maior participação no poder político. Dessa forma surgiram as pressões por reformas políticas. Em 621 a.C, o legislador Drácon foi o responsável por fixar leis na forma escrita, que seriam aplicáveis a todos, substituindo a simples oralidade das mesmas que existiam até então. Com a condição severa destas leis, o termo “draconiano” tornou-se conhecido como um sinônimo de medida desumana ou drástica. Dando continuidade, em 594 a.C, a reforma do arconte ateniense Sólon:

> [...] favoreceu o desenvolvimento econômico da indústria e do comércio, cancelou dívidas dos cidadãos pobres e acabou com o sistema de escravidão por endividamento, segundo o qual os atenienses pobres deviam pagar suas dívidas com o trabalho escravo. Sólon conferiu mais poderes à assembleia popular dos cidadãos (Eclésia) e vinculou os direitos políticos às fortunas e não mais aos privilégios de sangue ou às ligações familiares. (Funari, 2013, p. 33)

Entre os séculos VII e V a.C, Atenas passou por várias modificações protagonizadas por legisladores, que buscaram resolver o conflito de interesses que se intensificaram naquele momento. Começando por Drácon e passando por Sólon, Pisístrato e chegando até Clístenes e Péricles aconteceu a transição do poder aristocrático para a democracia que se configurou como direta o que significou que todos os cidadãos podiam participar das decisões discutidas na assembleia popular. Os cidadãos eram os homens adultos, com mais de 18 anos de idade, nascidos de pai e mãe atenienses. Segundo Funari (2013, p. 36) Eles tinham três direitos essenciais: “liberdade individual, igualdade com relação aos outros cidadãos perante a lei e o direito a falar na assembleia”. Esta igualdade tinha o amparo das leis. Os cidadãos nascidos em Atenas, do sexo masculino, tinham que cumprir serviço militar. Desta forma muitos ficavam de fora, como as mulheres, as crianças, os

estrangeiros e os escravos. Aqueles que não eram *politikós* eram considerados *idiotikós* (próprio, particular) no sentido de se preocuparem apenas consigo mesmo e não com as questões públicas. As leis que foram instituídas passaram a valer para todos os cidadãos, que podiam fazer parte dos tribunais e das assembleias. Essas leis passaram a substituir o uso da violência para a resolução de conflitos, situação em que os fortes triunfavam e colocavam em primeiro plano os seus interesses.

A dessacralização do poder e do saber estava intimamente ligada ao universo e a ordem da cidade em que se fez presente uma racionalização da vida social. Devido às estruturas sociais e mentais da *polis*, desenvolveu-se o pensamento racional filosófico. Assim, as várias transformações geradas tiveram como consequência a *pólis* democrática que se tornou o alicerce para o surgimento do pensamento racional filosófico, ou seja, a filosofia.

O que propiciou que o ser humano começasse a filosofar? Platão no seu diálogo sobre o conhecimento chamado "*Teeteto"* escrito em 369 a.C, afirmou que a filosofia começou com o *thaumázein*, ou seja, com o admirar-se, com o espantar-se diante de alguns fenômenos, entre os quais, a complexidade e a ordem do universo, desde o movimento dos astros até a regularidade das estações. Como também diante do mistério da vida, desde quando ela surge, se desenvolve e se diversifica. Esta tese também foi reafirmada por Aristóteles em sua obra "*Metafísica*" escrita por volta de 350 a.C. ele argumentou que a admiração foi o ponto de partida para a investigação filosófica, motivando os seres humanos a buscar explicações para fenômenos que observavam. O filósofo afirma:

> De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples, em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou os problemas relativos à geração de todo o universo. Ora, quem experimenta uma sensação de dúvida e de admiração reconhece que não sabe; e é por isso que também aquele que ama o mito é, de certo modo, filósofo: o mito, com efeito, é constituído por um conjunto de coisas admiráveis. De modo que, se os homens filosofaram para libertar-se da ignorância, é evidente que buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática. (Aristóteles, 1991, p.20)

No pensamento mítico também já existia a manifestação do *thaumázein* como impulso para a busca de respostas, mas os efeitos produzidos no mito e na

filosofia levaram a distintas elaborações. Enquanto para a consciência mítica a admiração produzia o assombro e uma resposta sobrenatural, no pensamento filosófico a admiração propiciou a visão de um problema e a busca de uma resposta racional. Enquanto as respostas produzidas pela consciência mítica configuraram-se como verdades vindas de deuses de tempos remotos, nas quais os conteúdos não eram questionados, o pensamento filosófico configurou-se pelo questionamento, pela investigação e argumentação racional para explicar a realidade. Neste sentido, a verdade sustentada pela tradição mítica não mais satisfazia os precursores da filosofia. Embora houvesse semelhanças entre os conteúdos das explicações dos filósofos com os mitos como, por exemplo, na tentativa de explicar a origem do mundo e dos fenômenos naturais a forma de explicar era diferente, era uma forma investigativa apoiada no *logos.* Esta característica os colocou em direção oposta ao pensamento mítico.

A filosofia teve data e lugar de nascimento. Ela se estabeleceu entre o final do século VII e início do VI a.C. segundo Vernant (1990, p. 476):

> Tudo começou no início do século VI a.C, na cidade grega de Mileto, no litoral da Ásia menor, onde os jônios estabeleceram colônias ricas e prósperas. No espaço de cinquenta anos sucederam-se três homens, Tales, Anaximandro e Anaxímenes, cujas pesquisas são bastantes próximas pela natureza dos problemas abordados e pela orientação espiritual para que os tenham considerado, desde a Antiguidade, como os formadores de uma única e mesma escola.

Foi na magna Grécia, que compreendia além do território continental, as várias colônias gregas, especificamente, a cidade de Mileto onde viveu Tales (624 a.C – 546 a.C), o primeiro filósofo. Ele iniciou o pensamento sobre o problema filosófico da origem buscando um princípio (*arché*). Em sua concepção a água era este princípio constituinte de todas as coisas por sustentar a vida humana, por transformar-se em diversas formas e por ser onipresente, ou seja, está em todos os aspectos da natureza e da vida, como: o ambiente, o corpo humano, os alimentos, a atmosfera. Também Anaximandro de Mileto (610 a.C – 547 a.C) propôs uma definição para o problema da origem e, consequentemente, da *arché.* Sua definição, assumiu o ponto de vista da “metafísica” tornando ainda mais abstrata a origem ou princípio de todas as coisas. Sua concepção não residia em nenhum elemento

empírico, mas no que ele chamou de *ápeiron* (“infinito”) e tinha como característica a sua indeterminação. Em sua concepção, o *ápeiron* mantinha a ordem e a justiça cósmica. Assim, quando um elemento predominava, ele era corrigido por uma força que emanava do *ápeiro*n, restaurando o equilíbrio natural do cosmos. Já Anaxímenes (588 a.C – 524 a.C), discípulo de Anaximandro e influenciado por Tales, afirmou que o ar, enquanto substância, era o princípio fundamental do universo. De fato, o ar quanto rarefeito tornava-se fogo e quando condensado tornava-se vento, nuvem, água, terra e finalmente, rocha. Esta teoria possibilitou pensar a unificação do cosmos em torno de um princípio material comum e facilmente observável, ou seja, embora invisível em sua forma pura, podia ser observado de maneira acessível e direta no cotidiano.

Com o advento dos sofistas no século V a.C a filosofia passou a abordar questões diretamente relacionadas ao ser humano e à sociedade. Sofistas como Protágoras (490 a.C. – 415 a.C.) e Górgias (485 a.C. – 380 a.C.) revolucionaram a abordagem da retórica, ética e política na Grécia antiga. Na retórica, eles mudaram a forma como os debates eram conduzidos e as decisões eram tomadas, enfatizando a persuasão sobre a busca pela verdade absoluta. Na ética, Protágoras aplicou o relativismo, argumentando que conceitos de bem e mal, justo e injusto, eram moldados pelas normas culturais e sociais, e não por verdades universais. Já na política, tanto Protágoras quanto Górgias sustentaram que o conhecimento e a verdade eram relativos, dependendo do contexto e da percepção individual, desafiando a ideia de uma verdade objetiva e universal e influenciando profundamente a prática política e social da época.

Este novo enfoque na retórica e na relatividade da verdade tornou-se particularmente relevante nas assembleias democráticas de Atenas onde era crucial falar bem, especialmente, a aristocracia eupátrida que, tradicionalmente, detinham o poder político e social. De fato, os “bem-nascidos” tinham *Skholê* (ócio)*,* ou seja, “escola”, tempo livre para se dedicarem aos estudos, à formação que correspondia aos estudos de filosofia, ao treinamento da retórica, ao desenvolvimento das virtudes cívicas e morais, a apreciação das artes e o treinamento militar e estratégico. Com isso, estariam mais preparados para fazer valer os seus interesses nos debates da ágora. Já o grupo dos comerciantes tinha *negócio,* ou seja, a negação do ócio, por seus afazeres lhes preencher o tempo. No entanto, à medida que os comerciantes tiveram seus rendimentos ampliados, com a intensificação do

comércio, sentiram a necessidade de ter seus interesses reconhecidos na ágora. Para isto, precisaram aprimorar-se no debate político. Dessa forma, o ensino dos sofistas foi essencial para os comerciantes mais ricos que passaram a contratar seus serviços. Aranha & Martins (2009, p. 152) afirmam:

> Os sofistas elaboraram o ideal da democracia, valorizada pelos comerciantes em ascensão, cujos interesses passaram a se contrapor aos da aristocracia rural. Nessas circunstâncias, a exigência que os sofistas satisfazem na Grécia de seu tempo é de ordem essencialmente prática, voltada para a vida, pois iniciavam os jovens na arte da retórica, instrumento indispensável para que os cidadãos participassem da assembleia democrática.

Ao cobrarem por suas aulas, os sofistas as tornaram acessíveis para aqueles que podiam pagar. Com isso, não só os comerciantes se beneficiaram da educação dos sofistas, mas também a própria aristocracia, que por ser rica poderia usufruir dos seus serviços e se aprimorar ainda mais para a atividade política.

Mas apesar da importante contribuição dos sofistas em formar cidadãos democráticos, eles também foram criticados por Sócrates, Platão e Aristóteles. Estas críticas eram feitas devido ao fato deles cobrarem por seus ensinamentos, como também por defenderem o relativismo e não se preocuparem com a verdade objetiva e universal, que poderia ser descoberta através do raciocínio filosófico e do método crítico como fazia Sócrates.

As críticas produziram por muito tempo uma visão negativa em relação aos sofistas. No entanto, eles desempenharam um papel importante na história da filosofia. As suas lições visavam formar cidadãos capazes de atuar de maneira eficaz na vida pública, especialmente na esfera política e jurídica das cidades-estado gregas. Contudo, esta educação era para aqueles que podiam pagar por ela. Em contraposição, Sócrates (470 a.C – 399 a.C) dizia realizar, como sua mãe, Fenareta, que era parteira, a arte de parir, mas não corpos e sim, ideias, através de questionamentos sistemáticos e a exposição de contradições, ajudando seus interlocutores a desenvolver um entendimento mais profundo e verdadeiro das questões discutidas. Este processo não apenas fazia surgir o conhecimento, mas também provocava a humildade intelectual e a busca contínua pela sabedoria. De fato, Sócrates estava em busca de conceitos verdadeiros e universais por meio de

um método filosófico rigoroso que envolvia diálogo, questionamento e a procura pela clarificação de ideias. Esse método conhecido como dialética ou método socrático, era caracterizado por uma série de técnicas específicas que visavam alcançar a compreensão profunda e verdadeira dos conceitos morais e éticos. Diferenciando-se dos sofistas, a maiêutica de Sócrates era a busca pela *epistéme,* ou seja, o verdadeiro conhecimento que superasse a *doxa,* as opiniões superficiais, que não penetravam nas essências das coisas. Sócrates julgava tão importante a busca do conhecimento que adotou o imperativo que se encontrava no templo de Apolo em Delfos: *"conhece-te a ti mesmo"* como motivo da sua filosofia no sentido de que todos deviam fazer a sua jornada contínua de introspecção, aprendizado e autodescoberta. Ele também adotou outras duas máximas: *"uma vida sem exame não vale a pena ser vivida"* no sentido de que são necessários a reflexão crítica e o autoconhecimento como fundamento para uma vida significativa e ética. E "só sei que nada sei" na qual reconhecia a vastidão de sua própria ignorância e via isso como um ponto de partida crucial para a sabedoria. Sua preocupação foi com o conhecimento de si e das coisas humanas e para isso adotou o diálogo como forma de investigação através da dialética. Sua arte foi realizada gratuitamente, nas praças e nas ruas de Atenas. Ele necessitava apenas que o interlocutor tivesse tempo e disposição para acompanhá-lo.

Esta contraposição entre os sofistas e Sócrates permitiu identificar algumas inter-relações entre política, educação e filosofia. Tanto a abordagem quanto os objetivos dos sofistas e de Sócrates desempenharam papéis essenciais no desenvolvimento da filosofia. Ambos, contribuíram para a riqueza e a complexidade do pensamento filosófico grego, lançando as bases para debates que continuam a influenciar a filosofia até os dias atuais.

Após breve exposição sobre a passagem do mito à filosofia, no último capítulo desta dissertação, será mostrado como a temática aqui abordada foi colocada em prática na sala de aula. Neste sentido, será levado em consideração desde a escola onde as ações aconteceram até o produto final como uma espécie de culminância de todo o trabalho que foi desenvolvido tendo como objetivo fazer do mito grego um recurso pedagógico para aprender a filosofia.

5 A FILOSOFIA NA SALA DE AULA: O MITO GREGO COMO PORTA DE ENTRADA PARA A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

5.1 Caracterização do Campo de Pesquisa

A Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo localiza-se na Avenida João Pessoa, Nº 188 no bairro Tibiri II – Santa Rita. Ela foi fundada em outubro de 1983, passando a ser Escola Cidadã Integral em 2020, através da ampliação do Programa das Escolas Cidadãs Integrais e Escolas Cidadãs Integrais Técnicas que foi implantado pelo Governo do Estado da Paraíba em 2016, conforme Medida Provisória n^0 267 de 07 de fevereiro de 2018 emitida pelo então Governador Ricardo Vieira Coutinho. A instituição atende estudantes do ensino médio que precisam de uma base educacional sólida, pois enfrentam vulnerabilidades decorrentes de dificuldades sociais e contextos familiares disfuncionais.

O prédio da escola tem a capacidade de acomodar em tempo integral 240 estudantes, mas atualmente conta com 189 que apresentam faixa etária de 14 a 18 anos, matriculados em 6 turmas do ensino médio. Já no turno da noite a escola comporta 121 alunos matriculados no ensino regular. Vale ressaltar que muitos têm alegria em, mesmo diante da fadiga do dia, buscar conhecimento por meio dos seus professores. No que diz respeito às dependências da instituição ela possui uma guarita, seis salas de aula, uma Secretaria, três banheiros e um pequeno almoxarifado. A carência de mais espaços que levem a uma melhor acomodação e aprendizado dos estudantes é visível, mesmo diante de solicitação ao Governo do Estado.

Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

5.2 Público Alvo

Diante deste contexto, as intervenções pedagógicas realizadas pelo Prof. José Aércio dos Santos Oliveira na escola, após a permissão da Gestora Sirleide Dantas (Vide termo de Anuência no Anexo B, pág. 417) tiveram como objetivo utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia. A escolha do público alvo, ou seja, estudantes do 1º ano do ensino médio foi intencional, pois, como se sabe, nesta série estão aqueles que estão tendo o primeiro contato com o pensar mitológico e filosófico. Portanto, as intervenções se tornaram uma porta de entrada para estes dois mundos cheios de saberes próprios.

Referindo-se ainda ao público da escola cidadã integral, é necessário ressaltar que ele apresenta grandes dificuldades relacionadas ao desenvolvimento das habilidades e competências em diversas disciplinas advindas de lacunas na aprendizagem que não foram desenvolvidas durante o ensino fundamental, o que prejudica o seu desempenho escolar afetando a aprendizagem em Filosofia.

5.3 Materiais e Método

Os materiais são recursos e instrumentos utilizados para coletar, analisar e interpretar os dados necessários para responder às questões da pesquisa e, consequentemente, atingir os objetivos do estudo. Devido a amplitude destes recursos, adotamos os que nos pareceram mais eficazes para a metodologia escolhida, como também para atingir o objetivo almejado.

Partindo deste pressuposto, escolhemos o questionário enquanto ferramenta, pois acreditamos que, à medida que o estudante o respondia, ele estava refletindo sobre o objetivo de nossa pesquisa.

De fato, o questionário não pode ser visto como decisivo na pesquisa, mas tem como funcionalidade sondar o perfil do estudante, pois, segundo Thiolllent (2011, p. 64):

> Seja quais forem as técnicas utilizadas, os grupos de observação compostos de pesquisadores e participantes comuns procuram a informação que é julgada necessária para o andamento da pesquisa, respondendo a solicitações do seminário central. É claro que os grupos

> podem fornecer outras informações que não estavam previstas, o que permite aumentar a riqueza das descrições.

Portanto, qualquer método pode ter uma participação ativa e construtiva dos sujeitos das situações investigadas quando existe um foco para o objetivo da pesquisa.

Ainda no que diz respeito aos materiais utilizados, após a utilização do questionário, foi de nosso interesse, enquanto fonte secundária, pesquisar artigos acadêmicos e livros relevantes para este momento da pesquisa sobre mitologia e filosofia. Com isso, entendemos que os materiais da pesquisa foram essenciais para garantir que a coleta e a análise dos dados fossem feitas de forma rigorosa e científica levando à validade e confiabilidade dos resultados que se desejava alcançar. Por isso, a escolha dos materiais ocorreu de forma planejada com base no objetivo da pesquisa, ou seja, na utilização da mitologia enquanto ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia, como também nas questões a serem investigadas e na metodologia adotada.

No intuito de trabalhar com uma metodologia mais ativa, escolheu-se realizar uma pesquisa caracterizada numa abordagem qualitativa/descritiva. Segundo Gil (2002, p. 17) ela “é requerida quando não se dispõe de informações suficientes para responder ao problema [...]”. Também de acordo com Minayo, este tipo de pesquisa (2009, p. 21-22) “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações [...]”. Já enquanto procedimento, ela se caracterizou como uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa pode promover ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar. Segundo Thiollent (2011, p. 8):

> A Pesquisa-ação pode ser concebida como método, isto quer dizer um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos. Do lado dos pesquisadores, trata-se de formular conceitos, buscar informações sobre situações, do lado dos atores, a questão remete à disposição a agir, a aprender, a transformar, a melhorar, etc.

Este tipo de metodologia que se configura como um tipo de pesquisa participante engajada é caracterizada pela colaboração ativa entre pesquisadores e participantes, ela se coloca em oposição à pesquisa tradicional positivista onde o pesquisador mantém uma distância dos sujeitos da pesquisa para evitar influências subjetivas e garantir a objetividade dos dados coletados. De fato, é uma pesquisa-ação que procura unir a pesquisa à ação ou a prática desenvolvendo o conhecimento e a compreensão como parte da prática. Para Mosaner (2008, p. 83) “Ela é a busca de elos entre a teoria e a aplicação da prática, e surge exatamente da necessidade de superar lacunas entre o ensino e a pesquisa, portanto entre teoria e prática”.

No âmbito da educação, até o final do século XIX e início do século XX, a teoria e a prática não eram percebidas como partes conectadas da vida de um professor. Diante deste contexto, a pesquisa-ação começou a ser desenvolvida com a intenção de ajudar os docentes na solução de seus problemas em sala de aula, tornando-os agentes ativos da pesquisa promovendo uma cultura de colaboração e reflexão contínua. Assim, este tipo de pesquisa se tornou atrativa pelo fato de se poder levar a um resultado específico no âmbito do ensino aprendizagem. Além disso, a pesquisa-ação em sala de aula também tem se mostrado como um instrumento eficiente para o desenvolvimento profissional dos professores. Por exemplo, ao serem protagonistas da pesquisa, os professores ganham autonomia e se sente empoderados para tomar decisões sobre suas práticas educativas. De fato, cada professor se torna um pesquisador no contexto da pesquisa-ação assumindo diferentes papéis diante da realização de todo processo de pesquisa, como: colaborador, inovador, implementador, avaliador, etc. Neste sentido, afirma Barbier (2007, p. 18):

> O pesquisador desempenha, então, seu papel profissional numa dialética que articula constantemente a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a autoformação e a heteroformação, a ciência e a arte.

De fato, a dialética configura-se como o equilíbrio dinâmico que o pesquisador deve manter entre estar envolvido emocional e contextualmente com o objeto de

estudo e, ao mesmo tempo, ser capaz de analisar e refletir sobre ele de forma objetiva e crítica.

Neste sentido, o pesquisador deve ter uma postura ativa, a fim de buscar soluções aplicáveis e acompanhar todo o processo para que possa, no final, ter condições de fazer uma avaliação relacionada ao problema que foi evidenciado. Neste sentido, ele precisa oferecer meios para a participação dos atores envolvidos no processo investigativo. No entanto, segundo Barbier (2002, p. 19) ele deve lembrar que:

> [...] não é nem um agente de uma instituição, nem um ator de uma organização, nem um indivíduo sem atribuição social; ao contrário, ele aceita eventualmente esses diferentes papéis em certos momentos de sua ação e de sua reflexão. Ele é antes de tudo um sujeito autônomo e, mais ainda, um autor de sua prática e de seu discurso.

Portanto, o pesquisador tem sua autonomia apesar de poder atuar em diferentes papéis, sendo o principal responsável por sua prática e por como articula e comunica suas descobertas e pensamentos.

Mediante a busca pelo conhecimento e pelo aprender como uma ação inerente ao desenvolvimento histórico e social da humanidade, a pesquisa-ação se torna uma metodologia eficaz por meio da qual pesquisadores podem fazer a interlocução entre os objetivos propostos da pesquisa e seu objeto de estudo, pois ao mesmo tempo ela altera a pesquisa em curso e sofre influências pelo contexto e pela prática observada procurando fornecer novas aprendizagens para o aprimoramento das próximas ações não só realizadas pelos sujeitos, ou seja, pelos diferentes grupos ou indivíduos envolvidos no processo da pesquisa, mas também pelo pesquisador.

No tópico posterior irá se apresentar as intervenções que foram feitas em sala de aula enquanto ações planejadas e implementadas tendo em vista o objetivo da pesquisa.

5.4 Intervenção Pedagógica

A nossa pesquisa “O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um Estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes

Araújo em Santa Rita - PB" teve como objetivo utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia.

O processo de intervenção na escola foi dividido em cinco etapas. A primeira consistiu numa roda de conversa sobre mitologia e filosofia grega. A segunda, foi a exibição do filme "A Odisseia" como forma de ilustrar e provocar através das imagens um melhor entendimento sobre a mitologia que seria trabalhada. Já a terceira, foi a criação de um deus por parte dos estudantes. Esta ação teve total conexão com a disciplina de arte. A quarta, também buscando fomentar a criatividade, consistiu na construção de histórias mitológicas por parte dos estudantes. Já a quinta intervenção consistiu num debate filosófico inspirado nos mitos. Por meio das narrativas de Prometeu Acorrentado de Ésquilo e Édipos Rei de Sófocles, os estudantes puderam debater questões filosóficas. A dinâmica foi fundamentada na prática dos sofistas. Como se sabe, eles foram os pioneiros a enfatizar a importância da argumentação lógica e a habilidade de convencer através do discurso que foi essencial para o pensamento crítico. Nesta intervenção, os estudantes se sentiram motivados para externar seus posicionamentos gerando o diálogo.

Nos 1os anos A e B do ensino médio, a primeira etapa da intervenção teve início com rodas de conversas sobre o que os estudantes entendiam acerca da mitologia. Após as falas de cada um, o professor trouxe uma definição sobre o que era mitologia. Ele tomou por referência o que diz a filósofa Chauí (2003, p. 28):

> Um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc)

Logo após trazer a definição sobre o que era o mito, o professor motivou os alunos a refletirem sobre a importância da filosofia grega para a história da humanidade devido a sua influência em diversas áreas do conhecimento, da cultura e da vida intelectual. Esta parte da discussão se tornou muito oportuna, pois todos os que ali estavam passaram a compreender a relevância do legado deixado pelos gregos no que diz respeito à mitologia e a filosofia. De fato, a mitologia deixou uma rica tapeçaria de narrativas que continuam a inspirar e a ensinar. Já a filosofia

estabeleceu os alicerces do pensamento crítico e racional que moldaram a compreensão do homem e do mundo. Juntos, estes legados oferecem uma herança cultural e intelectual que permanecem influenciando e enriquecendo a humanidade.

Figura 2 – Roda de conversa com os estudantes sobre mitologia e filosofia

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

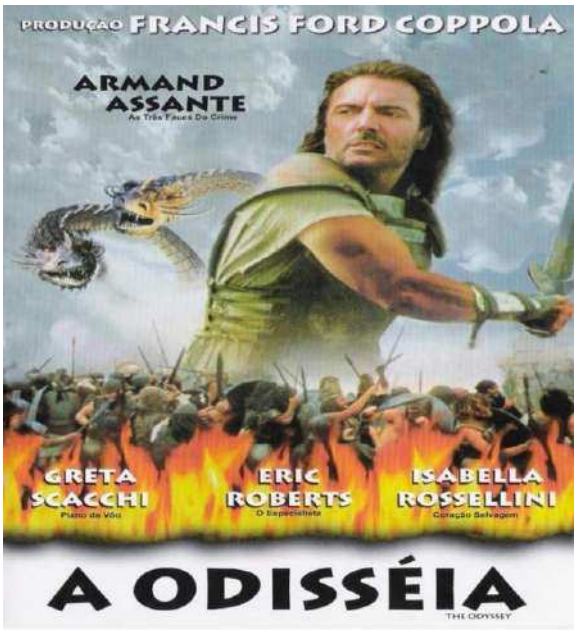
A segunda intervenção foi muito significativa. Ela foi intitulada como: “Descobrindo o Filme: A Odisseia”. Nela, houve a exibição do longa-metragem que foi lançado no ano de 1997. A trama contou a história de Odisseu que desejava voltar para o seu lar em Ítaca após a Guerra de Troia, mas por desobedecer aos deuses em várias ocasiões em sua longa jornada, como por exemplo, quando ele e seus homens entraram na caverna do ciclope Polifemo, filho de Poseidon e consumiram sua comida sem permissão, passou a sofrer as suas punições. De fato, o longa evidenciou várias temáticas, inclusive, a busca da realização do projeto de vida, pois na história, o personagem principal, teve como objetivo voltar para casa e, consequentemente, para a sua família, mesmo diante dos impedimentos que encontrava, ou seja, as intervenções divinas, os desafios mitológicos como testes de inteligência, coragem e determinação, a desobediência de seus homens e suas próprias decisões erradas. Este fator foi essencial, pois no modelo das escolas

cidadãs integrais o projeto de vida dos estudantes é o elemento principal para a sua aprendizagem e protagonismo. Após a exibição, foi entregue aos alunos um questionário com perguntas sobre o filme (para consultar todos vide Anexo C, p. 418). Eles responderam e, por fim, houve uma socialização das respostas onde cada estudante foi motivado a falar o que tinha escrito no questionário. A atividade se tornou muito oportuna, pois todos os estudantes não conheciam a obra de Homero, a Odisseia, retratada pelo filme e a sua riqueza no que diz respeito às informações sobre a mitologia grega.

Na atualidade o poder da imagem tem se desenvolvido cada vez mais, tendo maior alcance que a escrita, especialmente, entre os jovens devido a ser impulsionado pela rapidez e facilidade de consumo, impacto emocional, cultura digital e ferramentas de criação acessíveis. Portanto, com este tipo de recurso acreditamos que houve uma melhor difusão do conhecimento, de modo especial, o conhecimento filosófico facilitando a sua compreensão, relevância e interesse.

Mas, ressalta-se que trabalhar um tema nas aulas de filosofia por meio de um filme requer a responsabilidade por parte do professor, pois um longa-metragem como a Odisseia, por exemplo, sem o contexto das narrativas de Homero pode correr o risco de perde o seu sentido enquanto metodologia motivadora da aprendizagem.

Figura 3 – Poster do filme



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

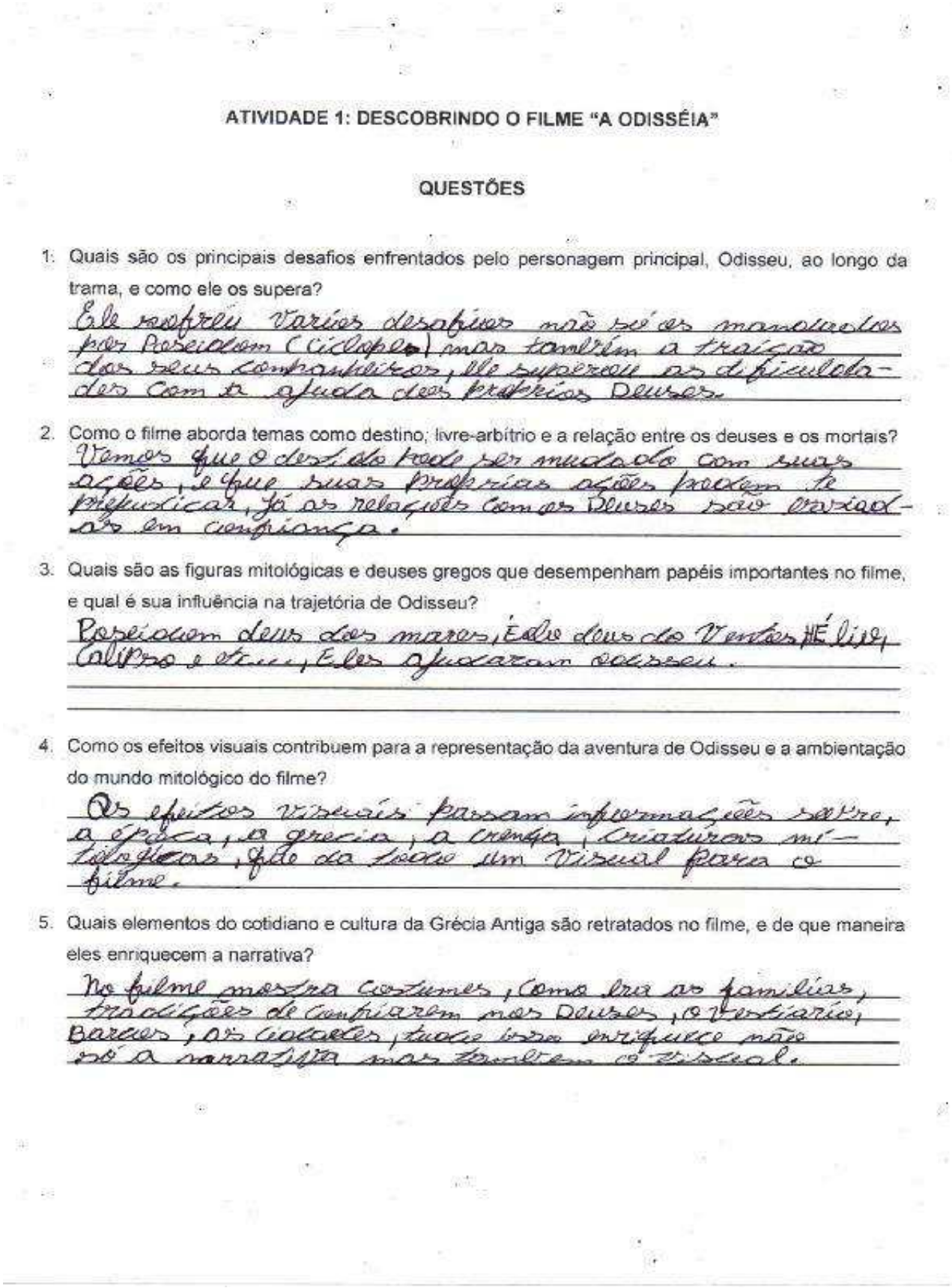
Figura 4 – Exibição do filme “A Odisseia”

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 5 – Estudantes assistindo o filme “A Odisseia”

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 6 – Questionário com perguntas sobre o filme



ATIVIDADE 1: DESCOBRINDO O FILME "A ODISSÉIA"

QUESTÕES

1. Quais são os principais desafios enfrentados pelo personagem principal, Odisseu, ao longo da trama, e como ele os supera?

Ele sofreu varios desafios não só os mandados por Poseidom (Ciclope) mas também a traição dos seus companheiros, ele superou as dificuldades com a ajuda dos proprios Deuses.

2. Como o filme aborda temas como destino, livre-arbítrio e a relação entre os deuses e os mortais?

Vemos que o destino pode ser mudado com suas ações, e que suas proprias ações podem te prejudicar, já as relações com os Deuses são baseadas em confiança.

3. Quais são as figuras mitológicas e deuses gregos que desempenham papéis importantes no filme, e qual é sua influência na trajetória de Odisseu?

Poseidom deus dos mares, Éolo deus do Ventos, Hélio, Calipso e etc..., Eles ajudaram odisseu.

4. Como os efeitos visuais contribuem para a representação da aventura de Odisseu e a ambientação do mundo mitológico do filme?

Os efeitos visuais passam informações sobre, a época, a grecia, a crença, criaturas mitologicas, que da todo um visual para o filme.

5. Quais elementos do cotidiano e cultura da Grécia Antiga são retratados no filme, e de que maneira eles enriquecem a narrativa?

No filme mostra costumes, como era as familias, tradições de confiarem nos Deuses, o vestiario, Barcos, as cidades, tudo isso enriquece não só a narrativa mas também o visual.

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Uma terceira intervenção muito importante para a nossa pesquisa foi a atividade “Criando um Novo Deus”. Na oportunidade os estudantes, inicialmente assistiram à exibição de um vídeo intitulado “As 10 principais divindades da mitologia grega”, disponível no canal “Universo Expresso” (https://www.youtube.com/watch?v=mlKpdW9T3x4&t=346s). As divindades mostradas foram: Zeus, Hades, Poseidon, Dioniso, Hefesto, Morfeu, Apolo, Ares, Esculápio e Pã. Logo depois da exibição eles foram divididos em grupos. Após as orientações do Professor, cada grupo foi criando o seu próprio deus mitológico (para consultar as demais criações vide Anexo D, p. 422). O Resultado teve muita criatividade gerando interdisciplinaridade com a disciplina de Arte.

Figura 7 – Estudantes assistindo o vídeo sobre as divindades gregas

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

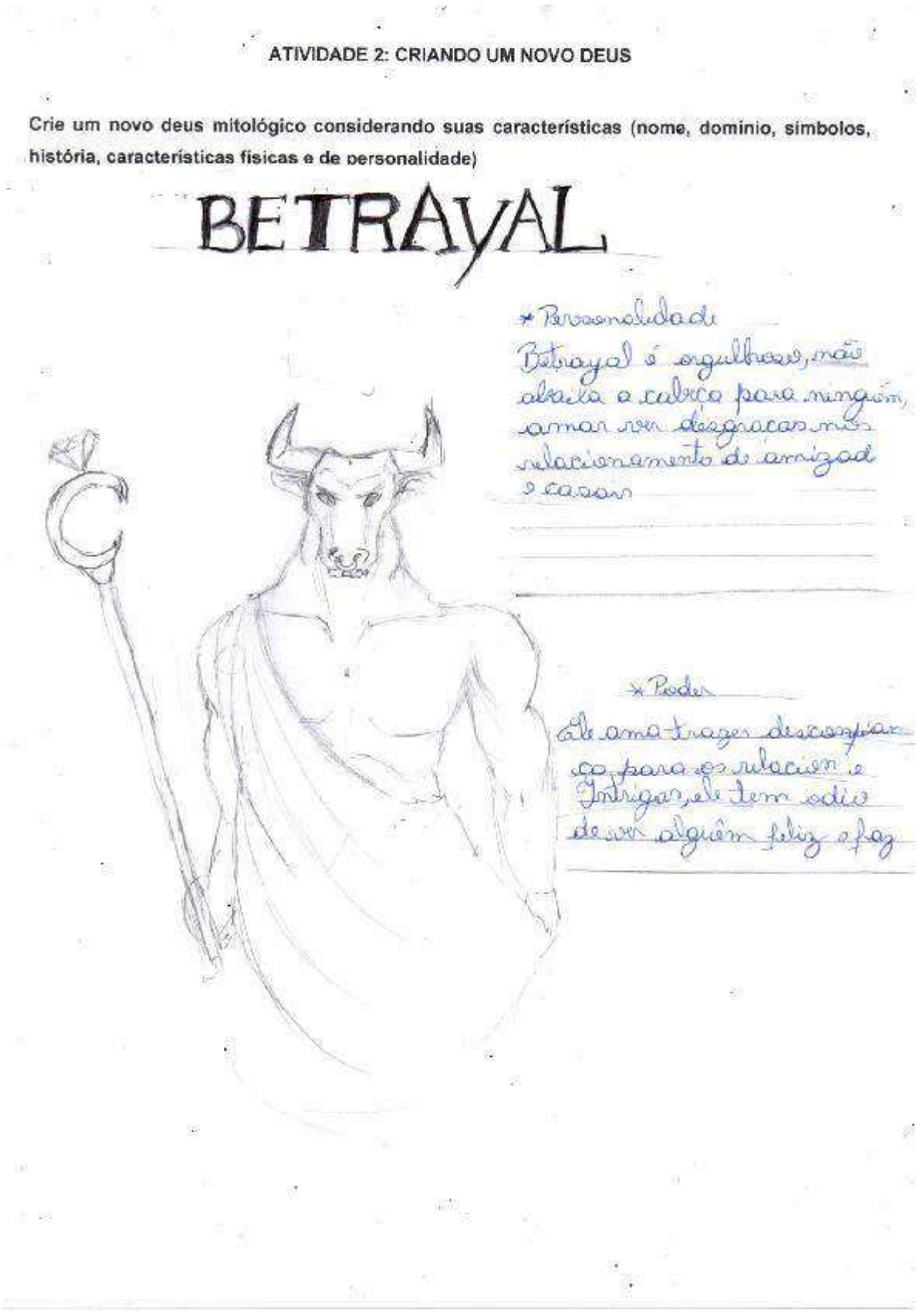
Figura 8 – Estudantes divididos em grupos para a criação da atividade

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 9 – Estudantes divididos em grupos para a criação da atividade

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 10 – Desenho produzido por um dos grupos dos estudantes



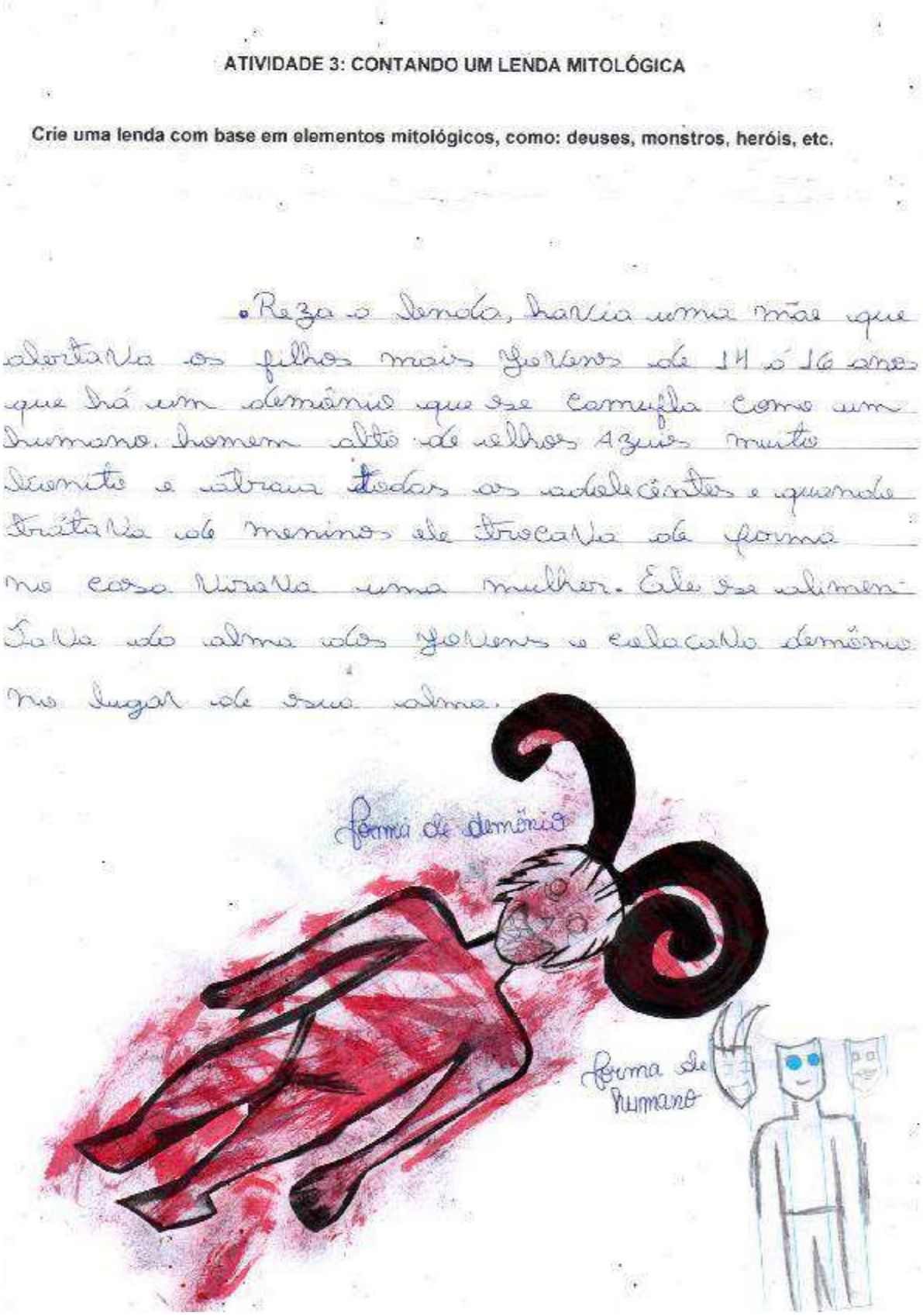
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Também foi do nosso interesse, na pesquisa, que os estudantes construíssem histórias mitológicas usando a sua criatividade. Esta foi a quarta intervenção em sala de aula. Ela teve como título: “Contando uma Lenda Mitológica”. Na oportunidade, antes do início da intervenção, o professor explicou a diferença entre o mito e a lenda como consta na pág. 21 desta dissertação. Esta ação teve total conexão com a ação anterior, pois primeiro os estudantes, criativamente, construíram um deus mitológico e, depois, criaram uma história seja deste mesmo deus ou de um outro criado (para consultar as demais criações vide Anexo E, p. 428). Neste sentido, os estudantes foram divididos em grupos para facilitar o êxito da proposta e promover as sugestões que cada um podia compartilhar no momento.

Figura 11 – Estudantes, em grupo, construindo a atividade

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 12 – Desenho produzido por um dos grupos dos estudantes



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

A última intervenção da nossa pesquisa foi intitulada: “Debate Filosófico inspirado nos Mitos”. O Professor dividiu a turma em dois grupos. A um grupo foi dado o mito de Prometeu Acorrentado de Ésquilo e a outro o Mito de Édipo Rei de Sófocles. Cada grupo teve uma função, primeiro ler o mito e depois escolher um dos participantes para debater questões filosóficas extraídas da narrativa. Estas questões foram: justiça, liberdade, sofrimento, destino e livre arbítrio. O resultado foi uma discussão construtiva mediada pelo Professor, pois teve como base a prática dos sofistas. Com isso, os estudantes tiveram a oportunidade de exercitar a sua argumentação lógica e a capacidade de convencer através dos discursos como forma essencial para provocar o pensamento crítico. Ainda eles tiveram a possibilidade de vivenciar a experiência dos gregos que faziam os seus debates em praça pública (Ágora) promovendo a democracia, ou seja, a diversidade de opiniões e, consequentemente, a liberdade de expressão.

Figura 13 – Palavras iniciais do Professor motivando a ação
e explicando a sua importância

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 14 – Estudantes participando do debate

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Vale ressaltar que, desde a sensibilização que foi feita a partir da roda de conversa sobre mitologia e filosofia grega, houve uma excelente participação dos estudantes. Pequenos sinais de resistência por parte de uma minoria dos estudantes como apatia a temática e dinâmica trabalhada, sonolência e evasão da sala de aula, não danificaram o desenvolvimento de cada etapa da pesquisa.

Após a exposição das intervenções que foram feitas em sala de aula com os estudantes, no próximo tópico será realizada uma explanação da aplicação do questionário enquanto ferramenta para a auxiliar no resultado do objetivo da pesquisa.

5.4.1 Aplicação do Questionário de Pesquisa

A aplicação de questionários em pesquisa científica se mostra essencial devido a sua eficiência, versatilidade e capacidade de fornecer dados que sejam estruturados e comparados. Eles permitem ao pesquisador coletar uma grande quantidade de informações eficazes proporcionando compreensões valiosas sobre os participantes. A sua utilização adequada, incluindo o seu planejamento

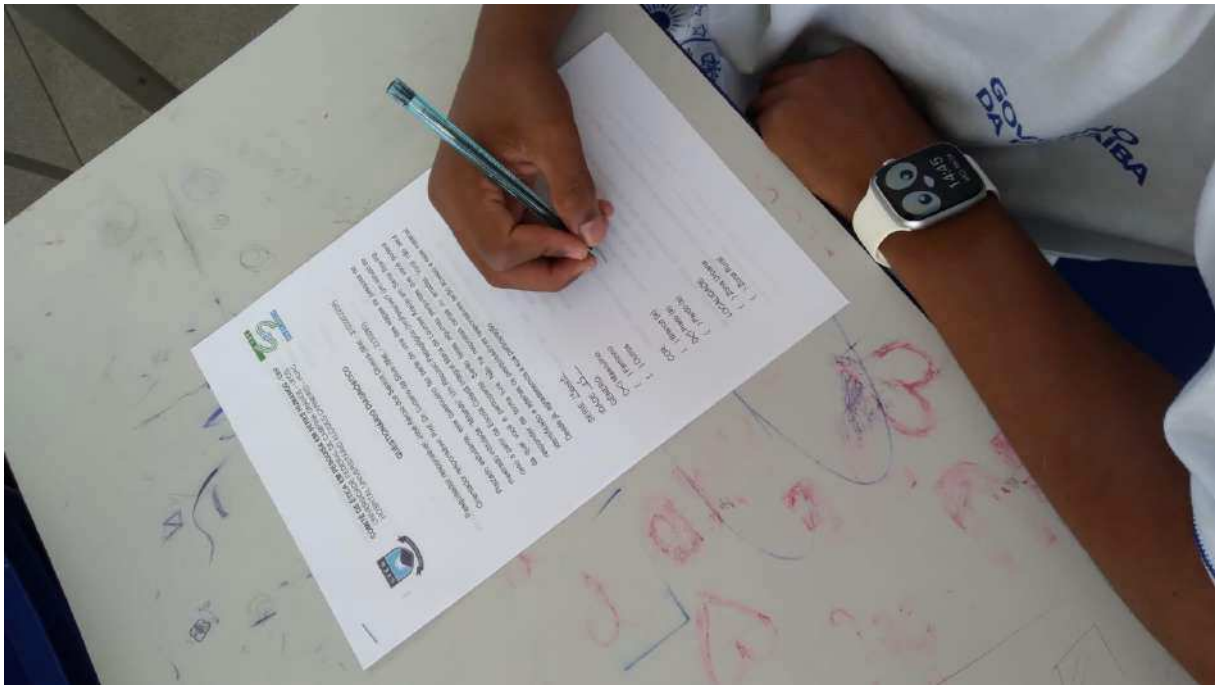
cuidadoso, a validação e a análise criteriosa dos dados, se torna fundamental para garantir a qualidade e a utilidade dos resultados. Neste sentido, foi de nosso interesse, desenvolver a pesquisa escolhendo os instrumentos que julgamos adequados para atingir o objetivo esperado.

Referente às aplicações dos questionários, elas aconteceram em duas fases: uma em 2023 e a outra em 2024, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos - CEP/HUAC (vide Anexo A, pág. 414) e a devolutiva dos termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) pelos pais ou responsáveis (vide Apêndice A, pág. 173).

O primeiro questionário, com a participação de 20 estudantes de ambos os sexos do 1º ano A e B do ensino médio da ECI Maria de Lourdes Araújo teve em sua estrutura 05 itens sócios demográficos para serem assinalados, 05 questões de múltipla-escolha e 4 questões abertas. Ele teve como objetivo identificar o perfil do estudante que iria participar da nossa amostra e sondar os seus conhecimentos sobre a mitologia e a filosofia grega (Para consultar todos os questionários que foram aplicados vide Apêndice B, pág. 273).

.

Figura 15 – Estudante respondendo o 1º questionário

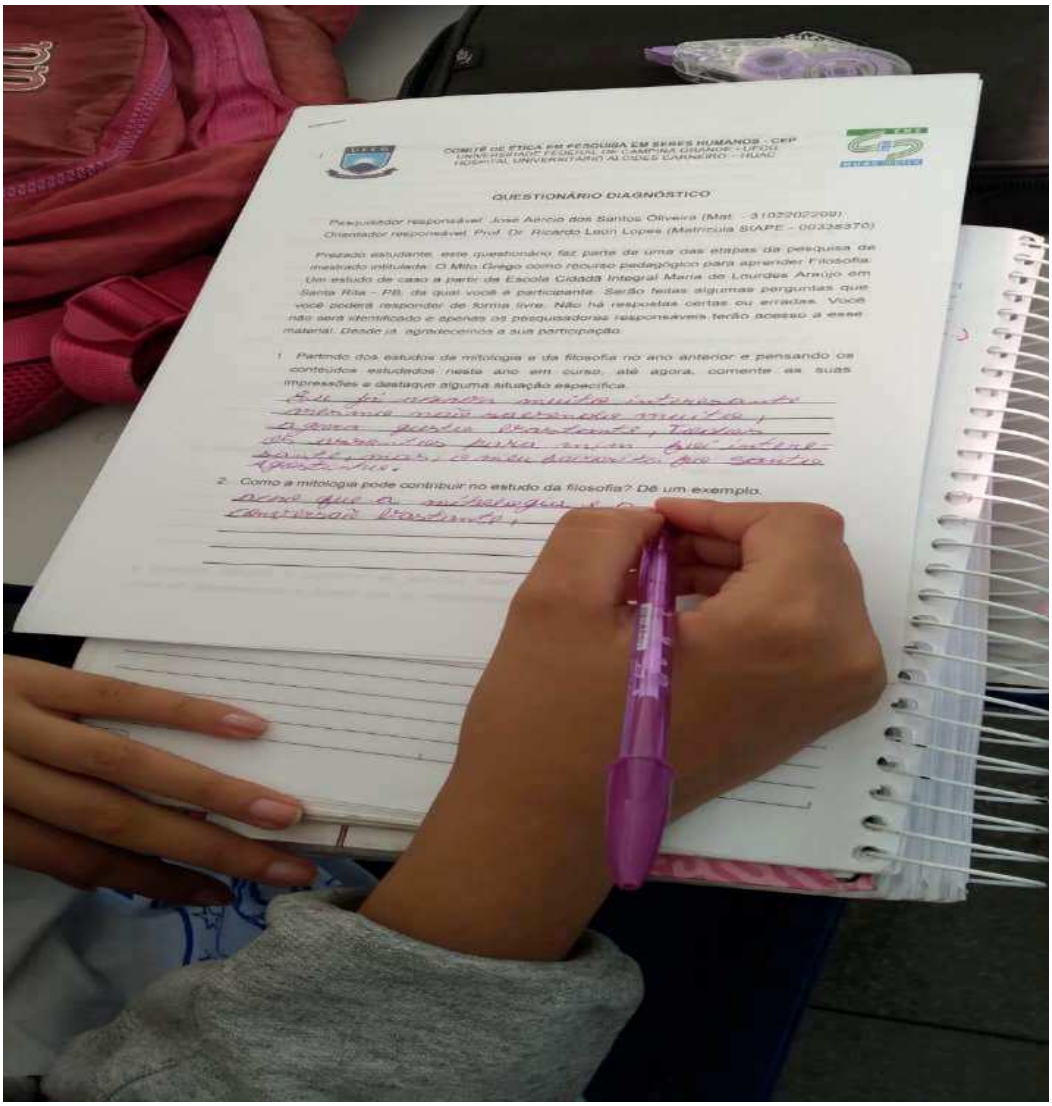


Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Já o segundo questionário, com a participação de 16 estudantes que participaram da primeira etapa e estavam cursando o 2º ano A e B, teve em sua estrutura 08 questões abertas com o objetivo de sondar os conhecimentos e a relevância da mitologia e da filosofia na sua aprendizagem (Para consultar todos os questionários que foram aplicados vide Apêndice C, pág. 333).

.

Figura 16 – Estudante respondendo o 2º questionário



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

A diminuição no número de participantes na segunda aplicação ocorreu pelo fato de 04 dos estudantes que participaram da primeira etapa deixarem a instituição. De fato, no que diz respeito ao modelo das escolas cidadãs integrais este fenômeno se dá devido a alguns discentes não conseguirem se adaptar ao chamado “ano de

sobrevivência” que corresponde ao 1º ano do ensino médio. Nele, se encontram todos os desafios que os estudantes não vivenciaram no ensino fundamental. Aqui se pode elencar: nove aulas por dia, provas semanais, trabalhos pedidos pelos professores das diversas disciplinas, disciplinas da parte da diversificada do modelo, como: estudo orientado, eletivas, protagonismo juvenil (disciplina que visa capacitar os estudantes a serem agentes na construção de sua própria vida), projeto de vida, dentre outros. No entanto, estas desistências não danificaram o desenvolvimento da pesquisa, pois a análise dos dados foi possível desde a primeira etapa até a segunda, como se verá no tópico a seguir.

5.4.2 Análise dos Dados

Mediante ao que já foi mencionado na página 145 referente ao primeiro questionário, é importante salientar que, sobre as questões subjetivas, foi respeitada a própria escrita dos estudantes, portanto, sem a necessidade de revisão, pois entendemos que foi a maneira pela qual eles se expressaram durante o preenchimento do nosso instrumento de pesquisa. Após verificação cuidadosa, a análise das respostas foram as seguintes:

Os dados sócio demográficos:

20 estudantes responderam. Sendo 10 do sexo feminino e 09 do masculino. Apenas 01 participante assinalou o quesito “outros”. No item cor, 07 participantes se identificaram como pardos, 08 como brancos e 05 como pretos. No que diz respeito à localidade, 19 participantes disseram fazer parte da zona urbana e apenas 01 não respondeu este item.

As perguntas objetivas:

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de filosofia?

Neste item, 10 participantes disseram que ela é boa, 06 disseram que ela é excelente, 03 razoável e 01 péssima. Nenhum participante marcou a opção “ruim”. Percebe-se que a disciplina de filosofia é amplamente bem recebida e apreciada

pelo fato da maioria dos participantes a considerarem boa ou excelente. No entanto, uma pequena parcela a considera razoável, certamente, enxergando aspectos positivos, mas ainda com espaço para melhorias. Destaca-se apenas um participante considerar a disciplina péssima o que indica uma insatisfação isolada. As opiniões razoáveis e a negativa podem ajudar a fortalecer ainda mais a qualidade do ensino de filosofia em sala de aula, garantindo que ele atenda às expectativas e necessidades de todos os alunos.

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

Os 20 participantes disseram que não. A resposta unânime foi bastante positiva. Este resultado se tornou indicador de que os estudantes se sentem engajados na disciplina, o que mostra um ambiente favorável de ensino e da abordagem pedagógica utilizada. A ausência de respostas negativas apontou para vários fatores positivos, como a eficácia dos métodos de ensino, por exemplo. Como também a relevância percebida dos conteúdos filosóficos, e a qualidade da interação professor e estudante em sala de aula. Este contexto foi promissor indicando um ambiente de aprendizado positivo e, por isso, crucial para a absorção de conceitos e o desenvolvimento do pensamento crítico que são fundamentais para os estudos de filosofia.

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

15 participantes disseram que conseguem entender os conteúdos tranquilamente, 03 disseram que conseguem entender em partes, 02 disseram ter dificuldade em entender os conteúdos e ninguém disse que não entendia os conteúdos. Os participantes que disseram entender em partes os conteúdos sinalizaram que os métodos de ensino não estão sendo eficazes para todos os estudantes, sugerindo a necessidade de revisão ou até mesmo de reforço de conteúdos no plano de curso do 1º ano do ensino médio. (Para consultar os conteúdos das aulas de filosofia, vide o plano de curso da disciplina no Apêndice D, pág. 381)

4. É importante aprender filosofia? ( ) Sim ( ) Não. Porquê?

19 participantes disseram que sim, nenhum disse que não e apenas 01 não respondeu. No que diz respeito às justificativas, 11 disseram que é para compreender melhor o mundo, 08 que é importante para a formação do cidadão e apenas 01 para ser aprovado na escola e no ENEM. Nenhum estudante marcou o item: Não é importante para a vida.

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender a filosofia?

09 participantes assinalaram a indisciplina dos estudantes em sala de aula e 06 o barulho externo na escola (carros, motos, etc). 01 participante marcou o item conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola e também 01 participante marcou o item ausência de uma estrutura de sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores), configurando, assim, um empate. Apenas 03 participantes assinalaram o item forma de ensino do professor. O barulho externo na escola foi apontado como um obstáculo, indicando que o ambiente físico afeta negativamente a concentração dos alunos em absorver os conteúdos de filosofia. Isto se explica pelo fato da escola está situada numa rua principal do bairro de Tibiri II, em Santa Rita, na qual trafega, diariamente, carros de som fazendo propagandas de estabelecimentos comerciais da própria localidade. Já os que assinalaram a forma de ensino do professor, indicam que as metodologias poderiam ser melhoradas para faciliar a compreensão dos conteúdos. Diante deste resultado, cabe ao professor buscar novas práticas de ensino em sua docência.

As perguntas subjetivas:

6. Quais os assuntos de filosofia que você viu no ensino fundamental?

A resposta que mais ganhou destaque neste item foi: “Eu não tive aula sobre filosofia no ensino fundamental”, “no ensino fundamental, nada. Só vim vê no EM”. Foram 17 participantes que seguiram a mesma linha de raciocínio. 02 disseram ter visto: “Os pré-socráticos”, “Socrates e talles”. E 01 participante disse: “Não tive aula desta disciplina no ensino médio, porque a escola não procurava o professor para

ensinar”. O participante não soube se expressar em sua resposta. Ele deveria ter dito que não teve aula da disciplina no ensino fundamental. De fato, na rede de ensino estadual da Paraíba, a filosofia é oferecida apenas no ensino médio.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

Todos os 20 participantes afirmaram ter tido um contato com a mitologia, as respostas foram variadas: “Sim, e uma das primeiras formas que tive contato com a filosofia foi por meio do estuido a mitologia. Simplesmente um conteúdo único, diverso e super curioso”, “Um pouco, mas conheço várias, como nordica, grega e até mesmo um pouco do tupi guarani”, “Sim, bom tive contato na minha família e na escola na disciplina de história. Gosto da mitologia porque tenta explicar algo”, “Sim. Conheci a mitologia pelos jogos”. Foi citado até mesmo a internet como um canal de conhecimento da mitologia: “Sim. O meu contato com ela foi através das lendas brasileiras. E logo após, no ensino médio, e em um blog da internet chamado: ”Portal dos Mitos”. Partindo deste pressuposto, fica claro que os estudantes já tinham um contato prévio com a mitologia advindo de suas várias vivências, o que pode ser benéfico para a aprendizagem de filosofia.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor filosofia? Justifique.

19 participantes afirmaram que a mitologia pode ajudar a aprender melhor filosofia. Dentre as respostas, destaca-se: “acredito que sim, principalmente alguns mitos que falam sobre assuntos importantes”, “sim talvez porque talvez elas passam ter um grau de parentesco que pode ajudar a aprendizagem”, “Acredito que sim, a mitologia pode ser bem importante para a filosofia”, “Sim, a mitologia é algo pensando é um uma forma de pensar, ela tenta desvendar várias coisas, um ato que a filosofia também faz”, “Sim, a curiosidade sobre a história dos deuses, abre caminho para entender a filosofia”. Apenas 01 participante expressou não compreender a relação entre mitologia e filosofia no que diz respeito à aprendizagem. Sua resposta foi: “acho que não, pelo fato de eu não gostar muito”.

Em linhas gerais, as respostas refletiram um reconhecimento da utilidade dos mitos na educação filosófica, tendo, a maioria dos estudantes, feito uma clara

conexão entre os dois campos, sugerindo que a integração de mitologia no currículo de filosofia pode se tornar uma abordagem eficaz para engajar os discentes e aprofundar seu entendimento. A visão divergente de um dos participantes ressaltou que a eficácia da mitologia como ferramenta pedagógica para aprender filosofia pode depender do interesse pessoal e da receptividade do estudante.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de filosofia?

Todos os 20 participaram responderam a esta questão. A maioria das respostas teve um viés positivo sobre a disciplina de filosofia. Algumas foram: “não existe crítica para essa disciplina, apenas elogios. Adoro assuntos principalmente ligado a religão. Em escola, sugiro explorar mais a área de religiões e mitologia”, “não tenho nenhuma reclamação achei a disciplina de filosofia ótima, o professor ensina bem, ela mudou até o meu jeito de pensar”, “não tenho reclamações sobre filosofia, mas queria que todos tivesse acesso, pois é algo libertador se questiona e buscar se reconhecer”, “No início eu achei que séria chato, mas, utimamente estou gostando muito e espero aprender mais com ela”. “É assunto complexo e vasto, eu tenho dificuldade, mas me esforço”. Um olhar mais negativo sobre a disciplina se mostrou nas seguintes respostas: “para mim eu acho que não, eu só não gosto muito” e “apenas uma, alguns nomes são dificeis de decorar, mas isso é relevante”.

A resposta do estudante sobre assuntos ligados à religião se tornou um fator motivacional para trabalhar melhor a temática nas aulas de filosofia. O tema “religiões” não compõem os conteúdos programáticos do plano de curso do 1º ano de 2004 na ECI Maria de Lourdes Araújo, mesmo sendo mencionado em sala de aula quando a discussão assim pede. Portanto, é necessário redescobrir o valor desta rica interação que leva a compreensão humana oferecendo múltiplas perspectivas sobre as questões da existência.

Destaca-se também a afirmação do estudante de que a filosofia tem o ajudado a mudar a sua forma de pensar. De fato, a filosofia tem este potencial de transformar a forma como o ser humano vê o mundo, levando-o a questionar as próprias crenças e a desenvolver habilidades de raciocínio crítico. O comentário do estudante sinaliza que a aula não apenas transmite conhecimento, mas também tem um impacto duradouro no seu desenvolvimento intelectual e pessoal.

É necessário ainda enfatizar a resposta do estudante referente a complexidade e vastidão dos assuntos da disciplina de filosofia. Ele teve uma atitude honesta e resiliente mediante a matéria que é profunda e abrangente por seus temas e questões trabalhados. Admitir dificuldade e persistir no esforço de aprender é um indicativo de um estudante comprometido buscando o seu sucesso acadêmico e intelectual.

O segundo questionário foi aplicado em 2024, como já foi mencionado na página 145 e teve em sua estrutura 08 questões abertas com o objetivo de sondar os conhecimentos e a relevância da mitologia e da filosofia na aprendizagem de cada um dos participantes. As respostas foram as seguintes:

As perguntas subjetivas:

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

Todos os 16 participantes responderam esta questão. Em sua maioria as respostas foram positivas sobre suas impressões. Elas foram: “A mitologia e a filosofia possuem uma relação bem próxima entre si, já que estimulam a reflexão nos indivídios sobre questões que envolvem diversos assuntos. Logo é bem interessante estudar e correlacionar essas duas áreas, uma situação que me chamou a atenção, foi quando o professor mencionou sobre os orixás em uma aula sobre cultura”. “Particularmente, em dois anos de estudos da filosofia, o ano que me senti mais conectado com ela foi neste ano. A filosofia em minha vida abriu os horizontes para que eu pudesse enxergar o mundo com outros olhos” “A mitologia não são necessariamente histórias mentirosas ou iverídicas, mas são contos sobre o sobrenatural que servem como fundamento para uma cultura”. “Eu já achava muito interessante mesmo não sabendo muito, agora gosto bastante, todos os assuntos para mim foi interessante, mas, o meu favorito foi Santo Agostinho”. “Já tive várias experiências interessantes, e várias me marcaram, e ano passado eu não sabia bem o que estava estudando, foram situações até esse ano que já tinha um pouco mais de noção, mas mesmo assim a situação que mais me marcou até hoje foi nos primeiros dias onde eu estava iniciando e foi incrível a experiência”. “No meu ponto

de vista ano passado foi ótimo e este ano está sendo também maravilhoso. Mas cada ano é uma fase então os assuntos mudam. Mas o professor sempre dá um jeito de nos ensinar da melhor forma para que todo o assunto fique bem óbvio".

A alusão feita pelo estudante sobre os orixás foi numa aula de filosofia numa eletiva que foi trabalhada em sala de aula sobre a mitologia africana no ano de 2022. Na oportunidade, foi feita uma exposição sobre a importância da mitologia africana, o que suscitou outras temáticas como preconceito racial, desigualdade de gênero, etc. O fato do estudante ter feito memória da temática, mostra o quanto ela foi relevante para o seu aprendizado. Já a menção feita pelo estudante sobre o fato de os mitos serem contos sobre o sobrenatural indica que ele está se referindo a elementos, forças ou entidades que estão além da compreensão e das leis naturais conhecidas. Certamente, em sua visão, os elementos não explicáveis pela observação empírica, como deuses, criaturas fantásticas, etc, têm um papel crucial em moldar as narrativas e os valores de uma cultura. Sobre a referência feita pelo estudante a respeito de Santo Agostinho, isto se deu pelo fato de o professor ter feito uma breve explanação destacando que, na idade média, Agostinho fez uma releitura da filosofia de Platão. A exposição da temática se tornou interessante e suscitou várias reflexões, especialmente, entre os estudantes cristãos que ali estavam. No entanto, o professor enfatizou que o filósofo Santo Agostinho e suas ideias seriam melhor trabalhadas no 2º ano do ensino médio.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

Todos os participantes responderam a esta questão. As respostas foram desde uma compreensão da pergunta até a sua fuga, pois os estudantes não citaram o exemplo que foi solicitado. Em linhas gerais, elas foram: "Através da mitologia, pode-se ter uma janela para a cosmovisão de uma determinada cultura e sociedade e, consequentemente, sua filosofia". "vendo possíveis origens das coisas, e fazendo pontes com o pensamento dos filósofos (Vide plano de curso no Apêndice D, pág. 381)". "para fazer os alunos se interessarem mais pela filosofia". "A passagem do mito para a filosofia não foi rápida, mas sim lento processo de transformação em que a mitologia deixa de ser entendida como uma verdade absoluta, possibilitando o surgimento da explicação racional da realidade e a natureza". "acho que a mitologia e a filosofia conversão bastante, a filosofia é um

pensamento lógico, já as mitologias são histórias passadas por gerações, acho que dar para usar a mitologia para estudar filosofia". "A mitologia pode contribuir com a filosofia porque é o que as pessoas acrediam é a filosofia da vida da pessoa". "Por trazer reflexões e hipóteses parecidas na qual o aluno pode compreender mais os assutnso abordados".

É importante ressaltar que esta fuga nas respostas do que foi solicitado na questão também é verificada no dia a dia em sala de aula. De fato, alguns estudantes possuem um comportamento inquieto, o que prejudica a sua concentração na resolução de provas ou até mesmo questionários de pesquisa de outras áreas do conhecimento. Já a referência feita pelo estudante de que a mitologia é uma janela para a filosofia de uma determinada sociedade lembra que estas narrativas refletem valores, crenças e preocupações de uma cultura. Como por exemplo, as questões morais e éticas: justiça, a honra, coragem e responsabilidade que são temas centrais também na filosofia, pois ela busca entender e definir os princípios que devem guiar o comportamento humano. A resposta do estudante no que diz respeito a mitologia ser a filosofia de vida das pessoas sugere que ele reconhece que os mitos fornecem um conjunto de valores, normas e explicações que guiam a vida cotidiana. De fato, as narrativas míticas explicam fenômenos naturais, legitimam sistemas sociais e oferecem modelos de comportamentos, funcionando como uma filosofia prática, ou seja, aplicada aos problemas e questões da vida cotidiana. Já a resposta do estudante sobre o fato da mitologia contribuir no estudo da filosofia por trazer reflexões e hipóteses parecidas, indica que ele compreende a interconexão entre estes dois campos do conhecimento. Ambas exploram, por exemplo, temas como o significado da vida, o bem e o mal, a natureza da realidade, etc. Assim, as narrativas míticas, mesmo de forma simbólica, podem levantar questões profundas que também são tratadas pela filosofia.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

Todos os participantes responderam esta questão. Houve um equilíbrio entre o mito e o conceito filosófico como se verá nas respostas, elas foram: "Gosto muito do Positivismo, ele quebra essa visão teológica e impõe outra forma de pensar e ver o mundo. A ciência começa a ganhar destaque e isso faz com que ela ajude mais

pessoas a ganhar um rumo na vida, principalmente pessoas fora do cristianismo", "Um mito relevante para a vida contemporânea é o mito da caverna, que tráz uma pespectiva interessante de mundo sobre sair da sua zona de conforto e explorar novos conhecimentos", "O mito de Adão e Eva, sobre a queda da humanidade, afetou profundamente a noção ocidental de pureza e conexão com o divino, sendo principalmente um bode expiatório para a misoginia perdurante por séculos", "Platão eu gostei muito da filosofia dele porque ele vivia muito dentro em relação as ideias eu achei isso muito interessante e as ideias a que nós humanos mais temos de uma certa forma então isso me chamou a atenção despertou curiosidade em mim em relação a filosofia dele", "O conceito filosófico de Santo Agostinho sobre a cidade de Deus, que a terra meio que é o lugar do pecado e o céu a cidade das almas salvas e limpas que realmente se arrependeram verdadeiramente. Acho esse conceito super verdadeiro e realista", "Se penso logo existo, afinal, o que seria existir? Acho importante pensar na existência e seus motivos. Trabalhar, voltar para casa e trabalhar novamente, isso seria viver ou requer mesmo existir?". Apenas um dos participantes respondeu de forma muito desconexa a questão, o que casou surpresa, pois os pré-socráticos fazem parte do plano de curso para o 1º ano do ensino médio (vide Apêndice D, pág. 381). Sua resposta foi: "Eu acho que um mito que acho importante é "zeus", pois ele foi um deus grego que é o deus da água".

A referência ao Positivismo feita pelo estudante se deve a breve explanação que foi feita numa das aulas de filosofia sobre mitologia grega. Na oportunidade, se falou dos três estágios do conhecimento de Comte, ou seja, o teológico, o metafísico e o positivo com destaque para a crítica que o filósofo fez aos mitos considerando-os irreais e fantasiosos conforme constante no tópico 2.1.1 desta dissertação. Neste sentido, também foi trabalhado o positivismo enquanto religião baseada na ciência e na razão fazendo um contraponto com o cristianismo.

A resposta do estudante sobre o mito de Adão e Eva sugere uma crítica sobre o impacto deste mito na cultura ocidental, mostrando como ele moldou conceitos de pureza e moralidade, como também serviu como instrumento para perpetuar a misoginia (discriminação, preconceito, propagação do ódio ou aversão praticados contra mulheres por razões da condição de sexo feminino). Esta resposta demonstra a importância de analisar os mitos não apenas como narrativas antigas, mas como influências persistentes na formação de atitudes e estruturas sociais. Já a menção do estudante sobre o "Penso, logo existo" certamente está ligada a René Descartes.

No entanto, o conhecimento da frase deve ter vindo por meio de outras fontes, como livros, redes sociais, etc, pois o filósofo é apresentado, em sala de aula, apenas no 2º ano do ensino médio como uma grande referência para se entender filosofia moderna.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de filosofia. Explique o motivo.

Os 20 participantes responderam esta questão. Elas foram desde os pré-socráticos até nomes contemporâneos voltados para a filosofia. As principais respostas, foram: “Heráclito com sua fala tudo munda nada é para sempre o mesmo, mas será mesmo? Muitos vivem em uma rotina de trabalho escravo e nada muda. Gostei dele por conta de seu pensamento lúcido, porém, questionável, gosto de questionar”, “Sócrates, ele me causou muita atenção porque ele vivia na busca pelo conhecimento através do método de questionamento e reflexão, conhecida como maiêutica. Ele acreditava que a verdade deveria ser descoberta por meio do diálogo e da investigação racional. Em vez de simplesmente aceitar as crenças tradicionais ou poplares”, *“*Platão, achei muito interessante seus conceitos e pensamentos e foi no qual eu realmente me peguei pensando e me fez gostar bastante*”,* “Santo Agostinho, um homem que mesmo cristão adotava alguns conceitos filosóficos, é interessante o quanto ele conciliava estes dois tópicos”, *“*Tomás de Aquino, pois suas 5 vias foram fundamentais para a provar a existência de Deus de forma simples, direto e conceitual*”,* “Auguste Comte, pois a sua visão acerca da evolução humana e suas etapas me chamaram a atenção”, “Thomas Hobbes, pois a sua filosofia se preocupa muito com as relações sociais e é um tema que me interessa”. Um estudante citou também: “Cortella, suas reflexões me geraram vários pensamentos e dúvidas”.

A referência do estudante sobre Santo Agostinho se deve as aulas sobre Platão que foram ministradas de acordo com o programa de curso para o 1º ano do ensino médio (vide Apêndice D, pág. 381). Na resposta sobre as cinco vias da prova da existência de Deus houve uma confusão por parte do estudante ao confundir Santo Agostinho com São Tomás de Aquino. A causa já foi mencionada nos comentários da questão 5 na página 146 desta dissertação. Já a ênfase dada pelo

estudante sobre o filósofo Mário Sérgio Cortella se tornou inesperada, pois ele não é mencionado no conteúdo programático do plano de curso para o 1º ano (vide Apêndice D, pág.381). Certamente, a resposta veio de outras fontes buscadas pelo discente, como, por exemplo, as redes sociais, onde as ideias de Cortella são demasiadamente propagadas.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

Nesta questão, 12 estudantes não conseguiram responder o que estava sendo solicitado, pois apenas falaram da mitologia e sua importância, mas sem fazer nenhuma relação com a filosofia e a educação. Neste sentido, algumas das respostas foram: “a mitologia pode ser muito importante por conta de suas culturas daquela época que é muito diferente de hoje em dia, e a mitologia é uma forma de pensar fora da caixa”, “A história tem muitas palavras e pode ajudar as pessoas pensarem sobre e até mesmo as críticas”. No entanto, 04 estudantes responderam de forma mais coerente ao que estava sendo solicitado. Eles disseram: *“*Com a promoção de obras de autores que foquem na mitologia, também obras cinematográficas que foquem em mitos, um exemplo disso é o filme “Kiriku e a Feiticeira”, o que é interessante para chamar a atenção do público infantil*”, “*Por meio de aulas lúdicas, leitura de gibis e reflexão pós leitura*”,* “Relatando sobre assuntos específicos, assim trazendo opiniões e pensamentos críticos, também depende muito na compreensão com base do debate” e “Como uma forma de reflexão e assimilação de assuntos”.

O fato dos estudantes não conseguirem responder o que estava sendo solicitado tem como causa o que já foi mencionado nos comentários da questão 5 na página 149 desta dissertação. No que diz respeito a expressão “pensar fora da caixa” mencionada pelo estudante, a mitologia, enquanto narrativas ricas e simbólicas, desafia os modos convencionais de raciocínio e interpretação, incentivando um pensamento criativo e crítico. Já os quatro discentes que foram coerentes com o que estava sendo solicitado na pergunta, apontaram estratégias eficazes para integrar a mitologia no currículo escolar de forma que se torne atraente e educativa para as crianças. De fato, a promoção de obras literárias e cinematográficas focadas na mitologia, junto com métodos lúdicos e interativos,

podem enriquecer o aprendizado, tornando-o mais envolvente e significativo. Estas abordagens não só atraem o interesse do público infantil, mas também facilitam uma compreensão mais reflexiva do mito, contribuindo para um desenvolvimento cognitivo e cultural abrangente de outros estudantes de diversas faixas etárias.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de filosofia?

Todos os 16 participantes responderam a esta pergunta. No entanto, 01 estudante não soube compreender o que estava sendo solicitado, passando apenas a falar da importância da filosofia e não de suas sugestões, questionamento ou críticas. Neste sentido, podemos destacar: “A filosofia é muito importante nos estudos nos fazendo entender muito sobre os grandes filósofos e seus conceitos que nos fazem aprender a questionar e nos perguntar”. Porém, os demais estudantes foram fiéis àquilo que estava sendo pedido. Alguns disseram não ter nenhuma crítica a fazer sobre a disciplina. No entanto, isto não foi empecilho para que houvesse posicionamentos por parte da maioria deles. As respostas foram: “A disciplina de filosofia é uma ciência que é essencial para que a sociedade se torne mais crítica. Muitas vezes me pergunto em como tal pensador chegou nesse raciocínio e não tenho nenhuma crítica a fazer”, “Acredito que deve haver mais interação e julgamento e para e com os alunos”, “é uma disciplina muito importante, porém é um pouco confuso para alguns alunos”, “Eu acharia bastante interessante a integração de filósofos brasileiros, principalmente se for fazer uma relação entre mito e filosofia, pois o Brasil que é rico em cultura, é de uma grande contribuição. E também instigar o senso filosófico nos estudantes”, “É uma disciplina interessante para quem gosta de dialogar sobre assuntos históricos dentro do assunto filosófico, não tenho críticas e sim desejar para aqueles que gostam desse assunto, consigam obter o conhecimento desejado”, “A disciplina maravilhosa não tenho o que criticar ou questionar. Mas assim a muita informação tem muita comparação a nossa vida contemporânea e também é uma motivação de vida para mim e uma motivação quem sabe interpretar se interessa e nesta atenção vai ver como é importante” e “Nenhuma, a filosofia faz um que pensarmos, aliás, o que seria do homem sem questionar? Apenas máquinas vivendo rotinas de séculos”

A resposta do estudante sobre integrar pensadores brasileiros no estudo da filosofia, especialmente na relação entre mito e filosofia, sugere uma abordagem enriquecedora e culturalmente relevante para o ensino de filosofia. Trazer o pensamento de filósofos brasileiros para dentro da sala de aula pode tornar a aprendizagem filosófica mais envolvente e significativa para os estudantes. Esta estratégia não só valoriza a diversidade cultural, mas também pode promover o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas essenciais para a formação cidadã. Particularmente, a resposta do estudante se tornou um convite a repensar o plano de curso de filosofia não só para o 1º ano, mas para as demais séries do ensino médio, pois não há neles a presença dos filósofos brasileiros.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contribuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto, bem como da escrita filosófica. Comente.

Todos os 16 participantes responderam a esta questão. Em sua maioria, foi enfatizada as contribuições da filosofia para o desenvolvimento da leitura e interpretação de texto, deixando de lado as contribuições da mitologia como aquela que também se torna uma facilitadora no processo. Apenas dois estudantes a mencionaram. A causa disto já foi mencionado nos comentários da questão 5 na página 149 desta dissertação. As principais respostas foram: “me auxiliaram no sentido de expandir minhas concepções e de instigar mais a reflexão acerva das problemáticas da sociedade”, “Eu era uma pessoa que nunca questionava as coisas e a partir do momento que eu abri minha mente para o estudo da filosofia, tudo começou mudar. Me tornei uma pessoa crítica e que questiona sem medo e sem vergonha”, “Através da interação com os textos originais, como a Ilíada e a Odisséia, há uma maior absorção de vocabulário antiquado, linguístico e cultural, bem como de cosmovisão da origem”, “com meu saber na filosofia eu tive mais vontade de procurar livros que envolvem os assuntos, vendo diversas mitologias e percebendo até comparações”, “Me ajudaram a prestar mais atenção, me fazendo querer me aprofundar mais no assunto, assim estudando mais”, “me ajudou muito na interpretação de textos, na leitura e na escrita também”, “com escritas de palavras nunca vistas antes, um aumento do vocabulário pessoal de cada um. Como consequência pode trazer uma retórica melhor de acordo com o conhecimento

adquirido e o interesse em compartilhar o assunto aprendido" e "Aumenta o vocabulário e a escrita, mesmo que não seja perfeito e me ajudou a compreender a mim mesmo com textos. Me apoio nas frases de pensadores, isso me ajuda a fazer boas redações no Enem e a me conhecer; Eles tem músculos e altura, eu possuo a mente". Apenas um estudante relatou a ausência das contribuições da mitologia e da filosofia no desenvolvimento da sua leitura e escrita. Ele afirmou: "Não vou mentir, não me ajudou em quase nada, mas de certa forma busquei aprender mais sobre".

A resposta do estudante sobre nunca questionar e encontrar na filosofia uma forma de se tornar mais crítico, reflete a importância do ensino de filosofia para o desenvolvimento pessoal e intelectual. De fato, a filosofia não apenas amplia a compreensão de mundo, mas também forma o indivíduo para questionar, refletir e participar de maneira mais ativa e crítica na sociedade. Este tipo de transformação é fundamental para formar cidadãos engajados e conscientes, capazes de contribuir de maneira significativa para o debate público e a construção de uma sociedade mais justa e reflexiva. Por outro lado, a resposta do estudante sobre a ausência das contribuições da mitologia e da filosofia no desenvolvimento de sua leitura e escrita, por meio da expressão "não me ajudou em quase nada", destaca uma experiência pessoal nesse aspecto específico. No entanto, ele também menciona que, apesar disso, procurou aprender mais sobre o assunto, indicando uma busca autônoma pelo conhecimento. Esta realidade também aponta para a necessidade de uma abordagem pedagógica mais integrada, que demonstre objetivamente como a mitologia e a filosofia podem enriquecer as habilidades práticas, como a leitura e a escrita de cada estudante.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Um dos participantes não respondeu a esta questão. Ele não falou o motivo, mas apenas perguntou se podia deixá-la em branco. Pelo aspecto participativo do questionário, foi dito que sim. Os demais, ou seja, os 15, foram fiéis ao que foi solicitado. Houve uma diversidade de comentários desde a disciplina até a forma de ensinar do professor. As respostas foram: "Acredito que as escolas precisam de mais aulas de filosofia, com tempos de debates com professor e aluno, assim sendo

uma aula bem interessante", "Mais leitura e debates, pois é disso que se origina a filosofia", "Nosso professor é maravilhoso e sempre tirou dúvidas a respeito de qualquer tema, então, em relação ao modo do ensino, não tenho nada a dizer", "Muito importante e deveria ser mais valorizadoa, não só a área mas também os autores principalmente os brasileiros", "A filosofia faz pessoas ser muito reflexiva e pensativa, pois pra entender a filosofia precisa ter dúvida e dúvida sobre as coisas", "Eu gosto mais de filosofia do que da mitologia, é tão tal que em casa eu comentava com painho e mainha e ainda dizia tô filosofando", "no meu ponto de vista quem presta atenção consegue compreender de boa a questão e você estuda como se deve saber o quanto é importante a filosofia para nós e se prestarmos a atenção a filosofia existe muito no nosso cotidiano ela está muito presente na nossa vida" e "É necessário para que a gente tenha nossos próprios ideais, e que consigamos usar o pensamento lógico e consigamos viver em sociedade com nosso ideiais".

A resposta do estudante sobre a valorização da filosofia e, em especial, dos autores brasileiros, sublinha tanto a importância da disciplina quanto a necessidade de mais reconhecimento e valorização desses autores. O comentário revela uma percepção crítica sobre a atual abordagem da filosofia no sistema educacional e um desejo de maior inclusão e destaque de vozes nacionais em sala de aula. Esta valorização de autores brasileiros não só enriquece o currículo, mas também promove um senso de identidade e relevância cultural entre os estudantes.

O próximo tópico será reservado à exposição do produto pedagógico de nossa pesquisa. Na oportunidade, será mostrada a sua relevância como culminância das ações que foram executadas e a sua contribuição para a Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo.

5.5 Produto Pedagógico: A Cartilha Filosófica

A etapa final no curso do PROF-FILO tem como objetivo a elaboração de produto pedagógico que reúna teoria e prática por parte do mestrando no contexto educacional onde ele atua lecionando a disciplina de filosofia. Assim, a dissertação tem como objetivo alcançar resultados e suscitar discussões que promovam intervenções na qualidade do ensino de filosofia. Ainda no viés das intervenções, elaboramos uma cartilha filosófica a partir das discussões teóricas sobre a importância dos mitos para a aprendizagem da filosofia **(Para consultar a cartilha**

completa vide Apêndice E, pág. 385). É necessário ressaltar que não é de nosso interesse fazer desta cartilha uma substituição do livro didático, ela pode ser vista como uma ferramenta útil no contexto educacional para que professores de filosofia e de outras áreas de conhecimento, pesquisadores e estudantes tenham mais conhecimento sobre a mitologia grega e a filosofia.

A proposta da cartilha filosófica surgiu como resultado das intervenções práticas que foram feitas em sala de aula com os estudantes. Cada ação realizada mostrou a necessidade que eles tinham de conhecer mais a mitologia grega e a sua relevância como forma de introduzi-los na disciplina de filosofia.

Na realidade educacional contemporânea, a integração de conteúdos diversificados se torna muito importante para a formação dos estudantes. Uma cartilha filosófica destinada ao ensino médio pode se transformar numa ferramenta pedagógica necessária, proporcionando uma abordagem até mesmo interdisciplinar enriquecendo o currículo escolar. A cartilha não só amplia o conhecimento cultural dos estudantes, mas também desenvolve habilidades críticas e reflexivas essenciais para a formação de cidadãos conscientes e participativos.

Uma cartilha contendo mitologia grega e filosofia oferece aos estudantes a oportunidade de explorar narrativas fundamentais que moldaram a cultura e o pensamento no ocidente. A mitologia grega não se trata apenas de histórias fascinantes, elas são reflexos das crenças, valores e questionamentos existenciais. Através dos mitos se pode compreender melhor como os gregos viam o mundo e a si mesmos. Além disso, estas narrativas continuam sendo uma fonte rica de inspiração e reflexão, destacando a universalidade e a atemporalidade das questões que elas abordam. Portanto, conhecer os mitos permite aos estudantes entenderem melhor a evolução da sociedade grega e as suas raízes culturais que ainda influenciam o mundo atual. Soma-se a isso a filosofia que, desde seus primórdios na Grécia antiga até o seu desenvolvimento contemporâneo, oferece uma diversidade de pensamentos críticos e analíticos que desafiam os estudantes a questionar e refletir sobre a realidade, a ética e o conhecimento.

A utilização de uma cartilha que contém a mitologia e a filosofia pode ainda promover a interdisciplinaridade integrando conhecimentos. Com ela, os estudantes podem não só aprender sobre mito e filosofia separadamente, mas fazer conexões entre as diferentes áreas do saber. Esta forma de construção holística do saber é de

suma importância para a educação contemporânea formando indivíduos capazes de entender e analisar problemas complexos de maneira integrativa e multidimensional.

A cartilha também pode ser vista como um estímulo a criatividade e a imaginação, pois os mitos são narrativas repletas de uma variedade de elementos, a exemplo de heróis corajosos, deuses, criaturas extraordinárias, entre outros. Todos estes elementos estimulam a criatividade e a imaginação. De fato, ao estudar mitologias os estudantes são encorajados a criar suas próprias histórias, reinterpretar mitos clássicos e elaborar representações artísticas baseados nos temas mitológicos. Prova disso, foram as intervenções que fizemos em sala de aula. Já a filosofia, desafia cada discente a pensar de maneira não convencional, a explorar ideias abstratas e a conceber novos modelos de pensamento. Esta combinação de estímulo à criatividade e ao pensamento se torna essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes.

Entendemos este produto pedagógico final, fruto de todo o processo de nossa pesquisa, como uma iniciativa valiosa que pode trazer inúmeros benefícios educacionais não só para os discentes, mas também para os docentes de filosofia e áreas afins, como também para pesquisadores, fomentando o conhecimento cultural e histórico, como também habilidades críticas, reflexivas e criativas. Além disso, promovendo uma formação ética, moral e a integração interdisciplinar do conhecimento formando cidadãos informados e críticos diante dos desafios da contemporaneidade.

No próximo tópico será feita uma discussão sobre os resultados obtidos durante a pesquisa, como também será feito um relato da experiência do professor pesquisador em sala de aula.

5.6 Discussão

Esta seção chamada de discussão na estrutura da dissertação se torna crucial para a interpretação, a análise e a contextualização dos resultados obtidos na pesquisa. Ela ainda se torna importante porque explora o significado e as implicações destes resultados discutindo suas possíveis limitações e contribuições.

De início, é importante ressaltar que a presente pesquisa foi fruto de uma experiência feita em sala de aula por meio de uma eletiva que fez parte das disciplinas diversificadas do modelo das escolas cidadãs integrais. Essa eletiva

durou apenas o 2º semestre de 2023, mas foi o suficiente para mostrar que a mitologia grega poderia se tornar um relevante recurso pedagógico para que os estudantes pudessem aprender filosofia, pois alguns já tinham contato com este tipo de mitologia por meio de livros, séries, filmes ou desenhos. A partir deste contexto, foi idealizada a possibilidade de aprofundar a temática não mais como uma eletiva, mas como uma pesquisa que pudesse se tornar um referencial para professores, pesquisadores de áreas afins e estudantes. Neste sentido, a pesquisa começou a ser estruturada, inicialmente, por meio do questionário prévio para sondar os conhecimentos dos estudantes sobre a mitologia e a filosofia, depois por meio das aplicações das intervenções em sala de aula, em seguida pela aplicação de outro questionário para sondar nos estudantes seus conhecimentos referentes à relação entre mitologia grega e filosofia. E, por fim, através do produto pedagógico, ou seja, da cartilha filosófica tendo como finalidade deixar para a instituição escolar um subsídio que pudesse ser adaptado à realidade dos estudantes servindo de referencial para pesquisas futuras na temática abordada.

Como foi visto no item 5.4.1 os questionários que foram aplicados em dois momentos da pesquisa se tornaram fortes indicadores dos conhecimentos prévios que os estudantes tinham sobre a mitologia e, num segundo momento, sobre a auto percepção referente a relação entre a mitologia grega e a filosofia. Neste sentido, pode-se dizer que houve um considerável crescimento dos estudantes, pois, como foi visto nas respostas da análise dos questionários, de informações prévias sobre a mitologia grega, os estudantes passaram a fazer ligações sobre a sua importância para se aprender filosofia. Estas conexões foram possíveis graças a conteúdos trabalhados em sala de aula pelo Professor José Aércio que estava previsto em seu plano de curso de filosofia para o 1º ano do ensino médio (vide Apêndice D, pág.381), especialmente, a aula “Do Mito ao Logos” onde a passagem das narrativas míticas para a filosofia foi exposta e debatida.

No que diz respeito às limitações da pesquisa, é necessário enfatizar que a participação dos alunos não foi de forma integral devido ao fato do número de participantes ter diminuído como já foi citado anteriormente. A amostra teve início com 20 estudantes e, no segundo momento, apenas 16 estudantes participaram. Destaca-se também a própria infraestrutura da escola que, por falta de uma melhor acomodação devido a demora da reforma prometida pela Secretaria de Educação da Paraíba, terminou dificultando a atenção dos estudantes durante as intervenções

que foram feitas em sala de aula. De fato, o calor se tornou uma importante variável para dificultar uma melhor participação dos discentes. Houve muita reclamação neste sentido. No entanto, mesmo diante destas situações adversas a pesquisa transcorreu buscando alcançar o seu objetivo, ou seja, analisar o mito grego como recurso pedagógico para aprender filosofia.

Referente a minha experiência, mediante a todo processo da pesquisa, é necessário lembrar que introduzir o tema da mitologia grega e da filosofia se tornaram uma jornada transformadora tanto para os estudantes como para mim. A mitologia grega era um tema que sempre descartava em meu conteúdo programático em sala de aula. No entanto, foi a partir da experiência da eletiva que percebi o quanto a temática seria convidativa para os estudantes se interessarem pela filosofia. Foi gratificante ter tido a oportunidade de explorar estes dois temas que se conectaram nas turmas do 1º ano e depois, colher os resultados com as mesmas turmas que agora estavam no 2º ano. Isto se tornou surpreendente e enriquecedor.

A metodologia da pesquisa-ação foi essencial para todo o processo, unindo teoria e prática, fazendo com que todos se tornassem agentes aprendendo em cada momento que foi vivenciado. Desde a roda de conversa, às aulas teóricas e práticas, o debate até os recursos multimídia trouxeram o mito grego e a filosofia de forma muito criativa.

O envolvimento dos estudantes foi notável durante todo processo. Eles se viram refletidos nas histórias dos deuses gregos, o que facilitou a identificação com os conteúdos e o aumento do interesse em participar. Já a filosofia foi enfatizada nos temas que foram trabalhados fazendo-os pensar criticamente e questionar suas próprias crenças e valores. O resultado foi extremamente positivo.

Ao final de todo processo, tendo como culminância a cartilha filosófica, ficou claro que o estudo dos mitos gregos e da filosofia enriqueceu a formação dos estudantes. Muitos deles expressaram um novo interesse pelos temas destas duas grandes formas de conhecimento. Todo o processo demonstrou que quando apresentados de maneira envolvente e acessível, os mitos gregos e a filosofia podem ter um impacto profundo e duradouro na educação dos jovens, fomentando mentes curiosas e críticas preparadas para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com discernimento e sabedoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da nossa pesquisa foi verificar a utilização do mito grego como recurso pedagógico para se aprender filosofia. Ao longo desta dissertação, este recurso pedagógico ficou comprovado por oferecer a oportunidade de os estudantes explorarem narrativas fundamentais que moldaram a cultura e o pensamento no ocidente, também por promover a interdisciplinaridade integrando conhecimentos e estimulando a criatividade e a imaginação. De fato, ao integrar os mitos gregos no contexto educacional, foi possível não apenas transmitir conhecimento filosófico, mas também estimular o pensamento crítico por meio do debate e a reflexão entre os estudantes.

Ao longo do primeiro capítulo, explorou-se a definição de mito e as suas diversas interpretações, desde a crítica positivista de Comte, que o relega à fantasia, até as abordagens de pensadores como Mircea Eliade, Lévi-Strauss e Georges Gusdorf, que o valoriza como uma verdade essencial e uma estrutura fundamental para a compreensão da realidade. Conforme foi discutido, os mitos não se limitam a narrativas fabulosas, mas refletem verdades profundas e intuídas, fundamentais para a constituição do tempo histórico e das civilizações. A partir das epopeias de Homero e Hesíodo, observou-se que os mitos olimpianos e originários, ou seja, que tratam das origens do mundo, dos deuses, e das primeiras gerações de seres divinos e humanos respectivamente, desempenharam um papel central na formação do imaginário coletivo e na explicação dos fenômenos naturais e sociais da Grécia antiga. Já a tragédia grega, representada por Ésquilo, Sófocles e Eurípides, revelou a evolução do mito grego, destacando-se como um meio de reflexão crítica sobre a condição humana e as complexidades da existência. Assim, o mito transcendeu sua dimensão narrativa e se afirmou como um elemento fundamental na construção do pensamento e da cultura ocidental.

No segundo capítulo abordou-se a importância dos estudos de Jean-Pierre Vernant na compreensão dos mitos da Grécia. Em sua obra "Mito e Sociedade na Grécia Antiga"**,** ele demonstrou como as narrativas míticas não apenas refletiram a mentalidade coletiva dos gregos, mas também serviram como instrumentos de coesão social e de interpretação do mundo, como por exemplo, na explicação dos fenômenos naturais que eram, de outra forma, incompreensíveis. Além disso, ele também analisou a relação entre o mito e o logos que se mostrou tanto de

continuidade como de ruptura. A continuidade se manifestou na forma como o logos emergiu do contexto mítico e como os mitos continuaram a ser uma parte importante da cultura grega mesmo com o desenvolvimento do pensamento racional. Já a ruptura, por outro lado, foi vista na maneira como o logos eventualmente buscou se diferenciar e superar o mito, estabelecendo-se como uma nova forma de entendimento da realidade. De fato, seus estudos dos mitos gregos revelaram a profundidade e a complexidade dessas narrativas. Eles foram além de simples histórias ou fábulas, tornando-se narrativas carregadas de significados profundos que refletiam as tensões, as aspirações e realidades da antiga sociedade grega.

A influência do pensamento de Vernant no estudo dos mitos foi inegável, pois ele transformou a maneira como os mitólogos e historiadores abordaram essas narrativas, enfatizando a necessidade de considerar o contexto social e histórico em que os mitos foram criados e transmitidos. Ao relacionar os mitos com as estruturas sociais e as práticas religiosas da Grécia antiga, Vernant abriu novos caminhos para a investigação acadêmica, permitindo uma compreensão mais integrada e dinâmica dessas tradições. Por conseguinte, ao conectar seus estudos com o contar histórias míticas como forma de fazer “ninar” o seu neto, Vernant enfatizou a continuidade e a relevância dos mitos na formação do imaginário cultural, portanto, não apenas como elementos do passado, mas como narrativas vivas que continuam a moldar valores, crenças e identidades na sociedade contemporânea. Neste sentido, os mitos estudados por ele se mostraram atemporais, refletindo questões universais e oferecendo uma fonte inesgotável de sabedoria e reflexão para o mundo moderno.

No terceiro capítulo, procurou-se refletir sobre a transição crucial da cosmovisão mítica para o logos na Grécia antiga, um processo que marcou profundamente a evolução do pensamento ocidental. Antes do advento da filosofia, o mundo grego era amplamente interpretado através dos mitos, que ofereciam explicações simbólicas e narrativas para os fenômenos naturais e sociais, conectando os seres humanos ao divino e ao cosmos. Essa cosmovisão mítica era integral à compreensão do universo, fornecendo uma estrutura que, embora não sistemática, permitia a interpretação do mundo e da existência. Com o surgimento do logos, essa visão do mundo começou a ser questionada e transformada. Os filósofos como Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto e Anaxímenes de Mileto propuseram que a realidade poderia ser explicada por meio de princípios racionais, afastando-se das explicações meramente míticas e inaugurando uma nova era de

investigação filosófica. As contribuições dos sofistas também foram fundamentais, pois introduziram a ideia de que a verdade poderia ser relativa e que a habilidade de argumentar era essencial na vida pública e política, especialmente para persuadir em debates. Sócrates, por sua vez, ao enfatizar o autoconhecimento por meio de seu método de questionamento e diálogo, a maiêutica, promoveu o pensamento crítico e a autorreflexão, moldando de maneira profunda o pensamento filosófico. Essa transição do mito à filosofia não representou um rompimento abrupto, mas sim uma evolução gradual, porquanto o pensamento filosófico emergiu a partir das bases culturais e conceituais estabelecidas pelos mitos, reinterpretando-os e, muitas vezes, utilizando suas narrativas como ponto de partida para o desenvolvimento de explicações racionais sobre o mundo.

E no quarto capítulo, se destacou a importância de integrar o mito como ferramenta pedagógica no ensino de filosofia, especialmente no contexto do ensino médio. A nossa pesquisa desenvolvida na Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo, localizada no bairro de Tibiri 2, em Santa Rita, demonstrou que as narrativas míticas podem atuar como uma porta de entrada eficaz para a aprendizagem da filosofia. Partindo deste pressuposto, foi feita a intervenção com os estudantes dividida em cinco etapas, elas foram: roda de conversas sobre mitologia e filosofia grega, exibição do filme “A Odisseia”, a criação de um deus mitológico por parte dos estudantes, a construção de histórias mitológicas e o debate filosófico inspirado nas narrativas de Prometeu Acorrentado de Ésquilo e Édipos Rei de Sófocles. Esta dinâmica foi fundamentada na prática dos sofistas. Nesta intervenção, os estudantes se sentiram motivados para externar seus posicionamentos gerando o diálogo.

Como resultante desta pesquisa, a elaboração de uma cartilha filosófica como produto educacional, servirá para fornecer inúmeros benefícios educacionais não só para os discentes, mas também para os docentes de filosofia e pesquisadores de áreas afins, fomentando o conhecimento cultural e histórico, como também habilidades críticas, reflexivas e criativas. Portanto, a pesquisa, conclui que a utilização dos mitos em sala de aula é um recurso valioso para o ensino de filosofia, contribuindo para uma educação mais dinâmica e significativa por enriquecer a experiência de aprendizagem preparando os discentes para uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor.

Em suma, este trabalho não pretendeu fornecer conclusões definitivas, mas sim atuar como um ensaio motivacional, incentivando os educadores, os

pesquisadores e os estudantes a explorar, aperfeiçoar e expandir as propostas aqui apresentadas. Ao compartilhar as possibilidades e as experiências, esta dissertação buscou abrir portas para que a mitologia grega venha a ser mais do que apenas um conteúdo colocado num plano de aula, mas uma entrada acessível e envolvente para a filosofia. Com isso, espera-se que a mitologia possa servir como um meio para introduzir o pensamento crítico e o interesse filosófico nos estudantes. De fato, os mitos estão repletos de narrativas complexas e símbolos que podem ser desconstruídos e comprovados criticamente. Um exemplo seria o mito de Prometeu, pelo qual os estudantes podem explorar temas como rebeldia contra a autoridade, os limites do conhecimento humano e as consequências da inovação, incentivando a refletir e questionar sobre os conceitos de poder, liberdade e progresso. Assim, o trabalho se mostra como um caminho encontrado para utilizar a riqueza das narrativas míticas e tornar a aprendizagem da filosofia mais atraente para os estudantes.

REFERÊNCIAS

ADORNO; HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. Trad: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad: Maria Cecília Gomes dos Reis. 3. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores)

BARBIE, R. A **Pesquisa-ação**. Brasília, DF: Liber Livros Editora, 2007.

BONNARD, A. **A civilização grega**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro grego:** tragédia e comédia. 6. Ed. Petropólis: Vozes, 1996.

CASSIRER, E. **O Mito do Estado**. Trad: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

CÉZAR, Adelaide Caramuru. O trágico enquanto marca do texto literário. **Signum**: estudos literários, Londrina, n. 2, 1999.

CIVITA, Victor. **Mitologia**. 3. Vol. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o Espírito Positivo:** primeira parte. In: GIANNOTTI, José Arthur (Org). Comte. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva.** Trad: José Arthur Giannotti. In: Os Pensadores: Comte. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade** / Mircea Eliade; Trad: Pola Civelli. – São Paulo: Perspectivas, 2016. – (Coleção debates; 52).

ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 2000.

EURÍPEDES. **Medeia; Hipólito; As Troianas.** Trad: Mário da Gama Kury. Col. Tragédia Grega. Vol. III. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

ÉSQUILO. **O Prometeu acorrentado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FERREIRA, J. R. **A Grécia Antiga**: sociedade e política. Lisboa: Edições 70, 1992.

FINLEY, M. I. **O legado da Grécia**. Trad: Ivette V. P. de Almeida. Brasília: UnB, 1998.

FUNARI, P. P. **Grécia e Roma**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário de Mitologia Grega**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

GUSDORF, Georges. **Mito e Metafísica**. São Paulo: Ed. Convívio, 1980.

HARVEY, **Paul. Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Trad: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

HAUSER, A. **História da arte e da literatura**. São Paulo: Mestrejou, 1990.

HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos símbolos:** imagens e sinais da arte cristã. Trad: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os dias**. Trad: Mary de C.N. Lafer. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

HOMERO. **A Odisséia**. Trad: Fernando C. de Araújo Gomes. São Paulo: Ediouro, 2004.

JAEGER, W. **Paidéia – A formação do homem grego**. Trad: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

JÚNIOR, Tércio Sampaio Ferraz. **Introdução ao estudo do direito:** técnica, decisão e dominação. São Paulo: Atlas, 1993.

LESKY, A. **A tragédia grega**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

LEVI, M. A. **Péricles:** um homem, um regime, uma cultura. Brasília: Editora da Universidade de brasília, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Estrutura dos Mitos. In: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIDÓRIO, Ronaldo A. Conceituando a Antropologia. **Antropos – revista de Antropologia**, Brasília, v. 3, ano 2, p. 7 -15, dez. 2009.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. **In: MINAYO, M. C. S. (Org)**. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petropólis, RJ: Vozes, 2009.

MOSANER, E. **Arte-educação: leitura de obras e elaboração de propostas poéticas a partir do acervo da pinacoteca do estado de São Paulo.** 2008. 233 f.

Dissertação. (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Faculdade de Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2008.

MOSSÉ, C. **Atenas:** a história de uma democracia. 3ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

ROCHA, Everardo P. G. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROMILLY, J. **A tragédia grega**. Trad: Ivo Martinazzo. Brasília: UNB, 1998.

ROSTOVTZEFF, M. **História da Grécia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SÓFOCLES. **Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SÓFOCLES. **Édipo em Colono**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

THIERCY, Pascal. **Tragédias gregas**. Trad: P. Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação** / Michel Thiollent. – 18. Ed. – São paulo: Cortez, 2011.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos:** estudos de psicologia e história. Trad: Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. **O Universo, os deuses, os homens.** Trad: Rosa Freire d' Aguiar, - São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política**. Trad: Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

VERNANT, Jean-Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga I e II**. Trad: Anna Lia A. de Almeida Prado et. al. São Paulo: Perspectiva, 1999.

VOILQUIN, Jean e CAPELLE, Jean. **Arte retórica e arte poética**. Trad: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** a "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) **Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;**

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 16 / 05 / 2023.

[redacted]

( )Participante da pesquisa /(X)Responsável

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

PROF-FILO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas _____ (Participante/responsável)

_____ (Pesquisador)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

PROF-FILO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

( ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB,_____/____/_____.

[redacted]

( )Participante da pesquisa /( )Responsável

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

_____(Pesquisador)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira.

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

Rubricas _____ (Participante/responsável)

_____ (Pesquisador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted], abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted]

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 08 /05 /2023.

[redacted]

( )Participante da pesquisa /( )Responsável

[redacted]

Rubricas [redacted]

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira.

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted]

Rubrica [redacted] (Participante/responsável)

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 03/05/2022.

[redacted]

( )**Participante da pesquisa /( )Responsável**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas _____(Participante/responsável)

_____(Pesquisador)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted]

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, nº 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 17 /05/ 2023.

[redacted]

(X) Participante da pesquisa /( ) Responsável

Rubrica [redacted] (Participante/responsável)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em __/__/__, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted]

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) **Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;**

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, nº 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 15 / 05 / 2023.

[redacted]

( )**Participante da pesquisa /( )Responsável**

[redacted] (Participante/responsável)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira.

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

[redacted]

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted]

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) **Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;**

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB,_____/____/_____.

[redacted]

(X)Participante da pesquisa /( )Responsável

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

[redacted]

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted]
nascido(a) em __/__/__, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted] (Participante/responsável)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) **Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;**

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 16 / 05 / 2023.

[redacted]

( )Participante da pesquisa /(X)Responsável

[redacted]

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira.

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

[redacted] (Participante/assinatura)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

( ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB,_____/____/_____.

[redacted]

( )**Participante da pesquisa /( )Responsável**

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira.

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted] (Participante/responsável)

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

( ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) **Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;**

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 24 / 08 / 16 .

[redacted]

( )Participante da pesquisa /( )Responsável

[redacted] (Participante/responsável)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira.

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas x [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted], nascido(a) em __/__/__, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted]

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

( ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) **Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;**

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 19 / 05 / 2023.

x[redacted]

( )Participante da pesquisa /(x)Responsável

[redacted] (Participante/responsável)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

JOSÉ AÉRCIO DOS SANTOS OLIVEIRA

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas _____(Participante/responsável)

_____(Pesquisador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

Rubrica [redacted] (Participante/responsável)

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB,_____/____/_____.

[redacted]

( )Participante da pesquisa /( )Responsável

[redacted]

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira.

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas _____(Participante/responsável)

_____(Pesquisador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted]

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB,_____/____/_____.

x [redacted]

( )Participante da pesquisa /( )Responsável

[redacted]

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted] (Participante/responsável)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB,_____/____/_____.

[redacted]

( )**Participante da pesquisa /**( )**Responsável**

[redacted]

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

Rubricas [redacted]

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB,_____/____/_____.

[redacted]

(X)Participante da pesquisa /( )Responsável

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

PROF-FILO

UFCG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 03/10/25.

( )Participante da pesquisa /(X)Responsável

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted]
nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) **Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;**

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 04 / 05 / 2023.

[redacted]

( )**Participante da pesquisa /( )Responsável**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas _____ (Participante/responsável)

_____ (Pesquisador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) **Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;**

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 07 /05/ 2023.

[redacted]

( )Participante da pesquisa /(X)Responsável

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

JOSÉ AÉRCIO DOS SANTOS OLIVEIRA

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 07 / 05 / 2023.

[redacted]

( )**Participante da pesquisa /** (X)**Responsável**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira.

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa: **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB**, desenvolvido sob responsabilidade do Professor/pesquisador José Aércio dos Santos Oliveira, na Escola Cidadã integral Maria de Lourdes Araújo, localizado na Avenida João Pessoa, 188 – Tibiri II, Santa Rita – PB. Assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução CNS Nº 510/2016, normativa regulatória para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competênciasde 07 de abril de 2016, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu/Responsável, [redacted] nascido(a) em [redacted] abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que (nome do/a estudante) [redacted] participe da pesquisa **"Mitando": Um recurso pedagógico (im)possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

[redacted] (Participante/responsável)

I) **A pesquisa tem como principais objetivos:**

- Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia;
- Categorizar tematicamente o ensino de filosofia;
- Compreender, tematicamente, o contexto do ensino de filosofia na escola pública da Paraíba;
- Especificar a proposta da introdução dos estudantes no universo da filosofia por meio da mitologia.

II) **Justificativa e procedimentos metodológicos:**

É inegável o impacto que a mitologia tem provocado na história, na literatura, na cultura e na vida de todo o mundo ocidental. Realmente, ela moldou o mundo antigo e o mundo moderno e continua a influenciar a vida hoje. De fato, na própria história, podemos dizer que a Filosofia começou a dar razão a aquilo que o mito já tão bem expressava. Portanto, é necessário pensar filosofia pela visão da mitologia, pois são duas áreas de conhecimento que não se confundem, mas que cada uma com o seu objeto de estudo, tentam explicar o mundo e o homem de forma criativa e interessante. De fato, a mitologia pode ser um recurso valioso para fazer com que o aluno comece a gostar de estudar filosofia.

Para desenvolver a presente proposta de projeto, propomos uma abordagem qualitativa / descritiva. Já enquanto procedimento, será uma pesquisa-ação. Essa metodologia é muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois com ela os pesquisadores em educação estarão em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive a nível pedagógico. Portanto, este tipo de pesquisa promoverá ações e transformações de situações dentro do próprio ambiente escolar.

III) Nessa pesquisa são esperados os seguintes benefícios: conhecimento, reflexão e transformação da própria realidade escolar. Já enquanto risco: esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento

(questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa. Prezaremos pelo respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

IV) O participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

V) Asseguramos o sigilo e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, durante todas as fases da pesquisa;

VI) Garantimos que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica;

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

(X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Se julgar necessário, o participante dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

VIII) Garantimos o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e a posição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

IX) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. Campina Grande- PB. E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com, telefone: (83) 2101-5545.

X) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço: Rua Sebastião Ferreira dos Santos, n° 172, Tibiri II, Santa Rita – PB. E-mail- aerciosan@hotmail.com, telefone (83) 98874-8347.

Santa Rita – PB, 08 / 05 / 2023.

[redacted]

(X)Participante da pesquisa /( )Responsável

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

José Aércio dos Santos Oliveira.

Pesquisador responsável pelo projeto

José Aércio dos Santos Oliveira – Matrícula: 3102202209

Rubricas [redacted] (Participante/responsável)

(Pesquisador)

APÊNDICE B – 1º QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 2 9A
IDADE: 15
GÊNERO:
(X) Masculino
( ) Feminino
( ) Outros

COR:
(X) Branco (a)
( ) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
(X) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
(X) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Platão, Aristóteles e Aristófanes

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Sim. Por meio de artefatos da cultura pop (jogos, músicas, filmes e livros).

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Sim. Porque pode abrir um leque de conhecimentos que podem auxiliar na compreensão da Filosofia.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
Minha única reclamação é a falta de respeito por parte dos alunos.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 2º A
IDADE: 17
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros.

COR:
( ) Branco (a)
(X) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
(X) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

( ) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
(X) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

(X) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Só consegui ter contato com a filosofia no ensino médio.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Sim, já li vários tipos de mitologia, como mitologia grega, nórdica, egípcia e até africana, tenho contato com ela diariamente por meio de celular.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Sim, Essa é a junção perfeita, pois a filosofia ajudaria os leitores a entender melhor o que cada mitologia está expressando, o porquê de cada fato.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
As vezes, a filosofia me faz questionar as minhas crenças e tudo o que aprendi desde criança.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º ano
IDADE: 14
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros

COR:
(X) Branco (a)
( ) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
( ) Boa
(X) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
(X) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Eu não tive aulas de filosofia no ensino fundamental.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Sim. Eu gosto bastante e sempre me interessei muito, pois, sabe interessante a diversidade e as histórias de cada uma delas.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Sim, pois, a filosofia também contém algumas mitologias e estou estou achando muito interessante.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
Nenhuma.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 2°
IDADE: 19
GÊNERO:
(X) Masculino
( ) Feminino
( ) Outros

COR:
(X) Branco (a)
( ) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
(X) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

( ) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
(X) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
(X) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Filósofos pré-Socráticos, Sócrates, Aristóteles e Platão, além de um pouco de filosofia africana

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Meu contato com a mitologia se iniciou em mídias diversas e sempre foi uma área de grande interesse, independente das culturas a quais pertencem.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Sim, pois através dela vemos expostas as concepções e valores de diferentes povos, ~~apesar~~ principalmente suas morais e entendimento do mundo.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
Minhas críticas se dão a carência de exposição à filosofia além das salas de aula, acredito que os alunos se beneficiariam de uma maior "prática"

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º A
IDADE: 16
GÊNERO:
( ) Masculino
( ) Feminino
(X) Outros

COR:
(X) Branco (a)
( ) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
(X) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

( ) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
(X) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
(X) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

No ensino fundamental, não tive contato com a disciplina de filosofia. Mas tive fora da escola.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Sim, e uma das primeiras formas que tive contato com a filosofia foi por meio de estudo a mitologia. Simplesmente um conteúdo único, diverso e super curioso.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Com certeza, afinal, duvidar é uma forma (e a melhor) de filosofar. Existem variadas mitologias que fica dificil até saber por onde começar, mas no final, vale a tempo.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
Não existe crítica para essa disciplina, apenas elogios. Adoro assuntos principalmente ligado a religião. Em escola, sugiro explorar mais a área de religiões e mitologia.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º A
IDADE: 16
GÊNERO:
(X) Masculino
( ) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
(X) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
(X) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
(X) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, mótos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Só tive contato com a disciplina no ensino médio, a pesar de várias coisas no nosso cotidiano ser influenciado pela filosofia.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

Sim. O meu contato com ela foi através das lendas brasileiras. E logo após, no ensino médio e em um blog da internet chamado "Portal dos mitos".

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.

Sim. A mitologia possui histórias que "casam" com a filosofia. A filosofia procura compreender comportamentos, conceitos através de reflexões e a mitologia é como se fosse a resposta, apesar de que na filosofia não existe resposta absoluta, e sim respostas.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?

Sugestão: Seria interessante levantar reflexões acerca da filosofia e a sua relação com a mitologia. A mitologia é como se fossem respostas em forma de histórias aos questionamentos humanos.
Principalmente com a presença de deuses e mitos sobre eles, ou qualquer criatura.
É incrível como a mente humana sempre procurasse uma resposta para tudo.
Como exemplo, os mitos acerca de componentes da natureza, tipo histórias sobre aves, árvores.
E como o humano procura criar lendas acerca de algo que o assusta, para suavizar o seu medo.
Tipo, existe uma ave brasileira que produz um canto melancólico, e ela possui uma história sobre ela.
Provavelmente criada para explicar seu canto que talvez assustasse as pessoas.
É interessante ver que a gente sempre procura um significado.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º ano
IDADE: 16
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros

COR:
(X) Branco (a)
( ) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?
( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
( ) Boa
(X) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?
( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:
(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?
(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:
( ) Forma de ensinar do professor (a)
(X) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?
Não tive contato com a disciplina no ensino fundamental, apenas apartir do 1.ano do Ensino Médio.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Sim, apartir do inicio da Pandemia, fiquei interessada na origem dos Deuses Gregos.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Sim, a curiosidade sobre a história dos deuses, abre caminho para entender a filosofia.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
Acho que deveria ter mais aulas sobre filosofias de outros lugares

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º Ano
IDADE: 16
GÊNERO:
(X) Masculino
( ) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
( ) Preto (a)
(X) Pardo (a)

LOCALIDADE
( ) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
( ) Boa
(X) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
(X) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

No Ensino Fundamental, nada. Só vim vê no EM

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

Já sim, e gosto muito do assunto, na maioria das vezes por meio da internete

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.

acretido que sim, pricipalmente alguns mitos que falam sobre assuntos importantes

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?

acretito que essa materia deveria ser mais vista na escola pricipalmente no ensino fundamental.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1ºA
IDADE: 16
GÊNERO:
(X) Masculino
( ) Feminino
( ) Outros

COR:
(X) Branco (a)
( ) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?
( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
(X) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?
( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:
( ) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
(X) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?
( ) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
(X) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:
( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
(X) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?
No ensino fundamental, eu não tive matéria de filosofia, só tive contato no 1º ano até agora

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

Uma Pouca, mas conheço varias, como nordica, grega e até mesmo uma Pouca da tupi guarani

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.

Sim, pois a mitologia abre brecha sua mente, de forma uma forma de compreender melhor os outros

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?

não tenho reclamações sobre filosofia, mas queria que todas tivessem acesso, pois é algo libertador de questionar e buscar se reconhecer

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º Ano
IDADE: 15
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros

COR:
(X) Branco (a)
( ) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
(X) Razoável
( ) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
(X) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Não teve aula de filosofia no ensino Médio, Pois que a escola não procurou o Professor para ensinar.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

Sim, Pra falar a verdade eu não gostei muito da mitologia tem vários assuntos sobre ela.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.

acho que não, pelo fato de eu não gostar muito.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?

não tenho nenhuma reclamação acho a disciplina de filosofia ótima, o professor ensina bem, ele mudou até o meu jeito de pensar.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1° A
IDADE: 15
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
( ) Preto (a)
(X) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?
( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
(X) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?
( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:
(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?
( ) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
(X) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:
( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
(X) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?
nenhum, não vi nenhum assunto sobre filosofia até o 1º ano

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

Sim, mitologia é um assunto muito grande é muita diversidade, porém eu gosto mas não é algo que eu seja craque.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.

Sim, a mitologia é algo pensado é uma forma de pensar, ela tenta desvendar varias coisas, um oto que a filosofia também faz.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?

nenhuma, pra mim a filosofia já é algo bem estruturado, tenho nada a reclamar ou criticar sobre a

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1° A
IDADE: 16 anos
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
( ) Preto (a)
(X) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
(X) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
(X) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Eu não tive aula sobre filosofia no ensino fundamental.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Sim, meu contato com ela de certa forma anda um pouco confuso.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Acredito que sim, a mitologia pode ser bem importante na filosofia.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
No início eu achei que seria chato, mas, ultimamente estou gostando muito e espero aprender mais com ela.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1°
IDADE: 14
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
( ) Preto (a)
(X) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?
(X) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
( ) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?
( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:
( ) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
(X) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? ( ) sim ( ) não. Porquê?
(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:
(X) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?
Não vi, minha escola não tinha essa matéria

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

sim, mito é algo antigo e que é passado de tempos em tempos, eu acredito em muitos desses mitos

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.

acredito que sim, o contato com a mitologia muitas vezes tem conhecidencia na filosofia

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?

É assunto complexo e raso, eu tenho dificuldade mas me esforço

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º Ano
IDADE: 14
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
(X) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
(X) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

( ) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
(X) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
(X) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Não tive Filosofia no Fundamental.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Sim, bom Tive contato na minha família e na escola na disciplina de história, Gosto da mitologia porque tenta explicar algo.
8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Sim, pois com a mitologia você consegue refletir sobre fatos que ocorreram ou ocorrem
9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
Bom, para mim tá tudo ok não tenho nada a reclamar ou sugerir

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º B
IDADE: 14
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros.

COR:
( ) Branco (a)
( ) Preto (a)
(X) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
( ) Boa
(X) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

( ) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
(X) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

( ) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
(X) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
(X) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Na escola que eu estudava não tinha matéria de filosofia nunca ouvi falo e não sei agora.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
sim já ouvir falar bem meu contato é normal e sem falar que tem varias tipos de mitologia mé mais não tenho problema com a mitologia

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
sem talvez porque talvez eles possam ter um grau de aparencia que pode ajudar a aprendizagem

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
Eu não tenho nada contra a filosofia é uma disciplina maravilhosa muito interessante e importante para a vida estudos e sociedade pode ele ajudar a melhora a vida de muitas pessoas pode ensina a viver melhor.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º B
IDADE: 15
GÊNERO:
(X) Masculino
( ) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
(X) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
(X) Razoável
( ) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

( ) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
(X) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
(X) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Sócrates e Platão

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Sim, mitologia grega e a mitologia Africana

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Sim, pois a mitologia estão muito ligado a filosofia

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
Acho a disciplina muito legal, e não tenho dificuldade em aprender.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1ª B
IDADE: 17
GÊNERO:
( ) Masculino
(X) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
( ) Preto (a)
(X) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
(X) Razoável
( ) Boa
( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

( ) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
(X) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

(X) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
(X) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

A minha escola outro não tinha filosofia

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

Sim, o meu contato com mitologia
é ótimo eu gosto muito.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.

Sim, por causa da historia
que a má mitologia

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?

para mim eu acho que não,
eu bem não gosto muito.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1° ano
IDADE: 16 anos
GÊNERO:
(X) Masculino
( ) Feminino
( ) Outros.

COR:
(X) Branco (a)
( ) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?
( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
( ) Boa
(X) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?
( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:
(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?
( ) Para compreender melhor o mundo
( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
(X) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:
( ) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
(X) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?
Nenhum. Não tive professor de Filosofia no ensino fundamental

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.
Sim. Acho interessante esse assunto pois saber sobre alguns gato do passado.

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.
Sim. Pois irá trazer mais interesse a quem estuda.

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?
Não tenho sugestões, questionamentos e nem críticas.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º A
IDADE: 17
GÊNERO:
(X) Masculino
( ) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
( ) Preto (a)
(X) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima

( ) Ruim

( ) Razoável

(X) Boa

( ) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim

(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente

( ) Consegue entender os conteúdos em partes

( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos

( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

(X) Para compreender melhor o mundo

( ) Para ser aprovado na escola ou no ENEM

( ) É importante para a formação como cidadão

( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

( ) Forma de ensinar do professor (a)

( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola

( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula

(X) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)

( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

Não Tive. Não Tenhamos aula sobre isso, gostaria de Ter Tido.

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

Sim. Conheci a mitologia pelos os jogos

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.

Sim, ela pode. Quando entendemos o que é mitologia começamos a pensar, fazendo filosofia

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?

~~[illegible]~~ Apenas uma, alguns nomes são difíceis de decorar, mas isso é relevante.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Luciano da Silva (Mat. - 2133090)

Prezado estudante, este questioário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (Im)Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

SÉRIE: 1º ano B
IDADE: 15
GÊNERO:
(X) Masculino
( ) Feminino
( ) Outros

COR:
( ) Branco (a)
(X) Preto (a)
( ) Pardo (a)

LOCALIDADE
(X) Zona Urbana
( ) Zona Rural

1. Como você considera a sua relação com a disciplina de Filosofia?

( ) Péssima
( ) Ruim
( ) Razoável
( ) Boa
(X) Excelente

2. Você acredita que a sua relação com a disciplina de Filosofia prejudica ou pode vir a prejudicar na sua aprendizagem da filosofia?

( ) Sim
(X) Não

3. Em relação aos conteúdos de filosofia, você:

(X) Consegue entender os conteúdos tranquilamente
( ) Consegue entender os conteúdos em partes
( ) Tem dificuldade em entender os conteúdos
( ) Não consegue entender os conteúdos

4. É importante aprender Filosofia? (X) sim ( ) não. Porquê?

( ) Para compreender melhor o mundo
(X) Para ser aprovado na escola ou no ENEM
( ) É importante para a formação como cidadão
( ) Não é importante para a vida

5. Na sua opinião, quais os maiores obstáculos para aprender Filosofia:

(X) Forma de ensinar do professor (a)
( ) Conteúdos confusos dos livros oferecidos pela escola
( ) Indisciplina dos estudantes em sala de aula
( ) Barulho externos na escola (carros, motos, etc)
( ) Ausência de uma estrutura da sala de aula (carteiras, cadeiras, ventiladores)

6. Quais os assuntos que você viu de Filosofia no ensino fundamental?

As pré-socráticas

7. Você já ouviu falar em mitologia? Como se dá o seu contato com ela? Justifique.

Sim a mitologia estuda muito as atividades e desenvolve mais o aprendizagem

8. Você acha que a mitologia pode ajudar você a aprender melhor Filosofia? Justifique.

melhora muito a mitologia ajuda deixa a melhora e também ajuda na ~~mito~~ filosofia

9. Quais são as suas sugestões, questionamentos, críticas ou reclamações sobre a disciplina de Filosofia?

Nem uma a materia filosofia é muito boa materia excelente

APÊNDICE C – 2º QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

Achei que esse ano o assunto de filosofia estava muito prático.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

Contribui como uma grande contribuição para a filosofia, que pega muitos pontos importantes

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

Eu acho que um mito que eu acho importante é "Zeus", pois ele foi um Deus grego que é o "Deus da Água".

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Sócrates "O princípio da filosofia de Sócrates estava na frase conhece-te a mesmo"

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

A mitologia pode ser muito importante para conta de suas culturas daquela epoca que é muito diferente de hoje em dia, e a mitologia é uma forma de pensar fora da "caixa".

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

Acho a matéria de filosofia uma materia muito boa, e acho que em todas as escolas tem que ter essas aulas.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

A mitologia cai bem nas matérias de filosofia que era muito diferentes dessa época de hoje.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

O estudo de filosofia é muito bom para os alunos, saber como eram as coisas do passado

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

Eu já achava muito interessante mesmo não sabendo muito, agora gostei bastante, Todos os assuntos para mim foi interessante, mas, o meu favorito foi Santo Agostinho.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

acho que a mitologia e a filosofia conversão bastante, a filosofia é um pensamento logico, já as mitologias são historias passadas por gerações, acho que dar para usar a mitologia para estudar pela filosofia.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

acho importante que apesar de nossa fé e crenças, usarmos a filosofia, o pensamento racional para que a gente compreenda as coisas é tenhamos pensamentos racionais.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Santo Agostinho, por conta que apesar da sua religião ele ainda tinha o pensamento filosófico, e até usava a filosofia para explicar assuntos religiosos.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

A filosofia nos estimula a sempre duvidar e pensar as coisas fazendo um pensamento crítico. A mitologia ensina histórias de varios países cada um com seus características, fazendo a gente compreender um pouco de cada cultura.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

Acho que não tenho nenhuma.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Eu nunca fui muito de ler, e comecei a me interessar por alguns livros, que ajuda muito na leitura e consequentimente na escrita.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

É necessário para que a gente tenha nessas preferências ideais, e que consigamos usar o pensamento lógico e consigamos viver em sociedade com nossos ideais.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)

Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

Já tive várias experiências interessantes, e várias me marcaram, e ano passado eu não sabia bem o que estava estudando, foram situações engraçadas até o esse ano já tinha um pouco mais de noção mas mesmo assim a situação que mais me marcou e marca até hoje foi nos primeiros dias onde eu estava iniciando e foi incrível a experiência.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

Na questão de discutir, e opinar, assim podendo haver um debate filosófico muito interessante.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

O conceito é de questionar e perguntar a nós mesmos o sentido das coisas em nossa vida.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Santo Agostinho. Ele utilizou das teorias de platão para explicar o cristianismo, explicando como tudo funcionava.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

Relatando sobre assuntos específicos, assim trazendo opiniões e pensamentos críticos, também ajudando muito na compreensão com base do debate.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

Nenhuma.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Me ajudaram a prestar mais atenção, me fazendo querer me aprofundar mais no assunto, assim estudando mais.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Muita atenção e interesse pela disciplina.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

As minhas expectativas são ótimas. Amei minha experiência, a história ensina muitas coisas.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

A mitologia contribui com as histórias que são super interessante

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

mito e a filosofia protagonizam atualmente uma reconciliação.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Santo agostinho: Por que ele inventou a filosofia patristica e esse assunto me interessou bastante.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

A filosofia tem muitas palavras e pode ajuda as pessoas pensarem melhor e até mesmo os criticos.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

minhas sugestões são buscar esperar mais.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

A filosofia me ajudou bastante em relação a escrita e os meus pensamentos sobre o material.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Não tenho oque julgar, porque a filosofia me ajudou bastante!

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

No meu ponto de vista ano passado foi ótimo e esse ano está sendo também maravilhoso cada ano é uma fase então os assuntos mundam mas o professor sempre dar um jeito de nos ensina da melhor forma para que todo assunto figue bem ótimo.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

A passagem do Mito para a filosofia não foi rápida, mas sim um lento processo de transformação sendo a Mitologia deixa de ser entendida como uma Verdade absoluta, possibilitando o surgimento de explicações mas racionais da realidade e da natureza.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

Platão eu gostei muito da filosofia dele porque ele vivia muito dentro em relação as ideias e eu acrei isso muito interessante e ideias e ogue nós humanos nos temos de uma certa forma então isso me ceramou atenção despertou curiosidade em mim em relação a filosofia dele.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Sócrates ele me ceramou muita atenção porque ele vivia na busca pelo conhecimento através do método de questionamento e reflexão, conhecido como maiêutica. Ele acreditava que a verdade deveria ser descoberta por meio do diálogo e da investigação racional, em vez de simplesmente aceita as crenças tradicionais ou populares.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

A filosofia e a educação consiste em acompanhar, criticamente, a atividade educacional de forma explícita os seus fundamentos esclarecer a função e a contribuição das diversas disciplinas pedagógicas e avaliar o significado das soluções escolhidas a filosofia e de suma importancia em todas as fases da educação como todo. É nela que se desperta o aguçamento para o seu senso crítico.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

A disciplina e maravilhosa não tenho ogue criticar ou questionar mas assim e muita informação tem muita comparação a nossa vida contemporânea e também e uma ocatividade de vida para mim e uma ocatividade quem sabe interpretar se interessar e presta atenção vai ver como e importante.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

a pessoa que se interessar consegue interpreta bem eu me dedico muito para entender dar melhor forma a diciplina e tudo aquilo que ela nos traz basta você se entregar aquele assunto para compreender ele melhor com muita sabedoria dedicação e atenção sempre.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

no meu ponto de vista quem presta atenção consegue compreender de boa a questão e você estudar como se deve sobre o quanto e importante a filosofia para nós e se prestamos atenção a filosofia existir muito no nosso cotediano ela esta muito presente na nossa vida.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

   Confesso que acho a do 1º ano mais interessante do que à do 2º ano, tinha assuntos mais legais ano Passado.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

   Acredito que a filosofia já faça Parte do estudo, em algumas questões claro. Lembrando que a mitologia não acontecimentos fictícios.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

Um conceito que me chama atenção é a "teoria das ideias de Platão, ela só chama a minha atenção.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Platão, acho a filosofia dele massa.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

Existe algumas coisas que fazem a filosofia e a mitologia ficar interessante, e ajuda muito à abrir a nossa mente.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

Ano Passado a filosofia me chamou muito atenção, já no 2º ano a filosofia ainda tá chamando a minha mente.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Não vou mentir, não me ajudou em quase nada, mas de certa forma busquei aprender mais sobre

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Eu gosto mais da filosofia do que da mitologia, é tão tal que em casa eu comentava com painho e mainha e ainda dizia "tô filosofando".

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

   Gostei muito das nossas aulas, uma das coisas que eu me interessei mais foi sobre como Aristóteles me fez pensar muito sobre a igreja e oque eu estava fazendo por ela.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

   No meu ver a mitologia pode abrir varios portas para a filosofia, varias crenças e ideias. Tipo a ideia de matrix ou a coisa de deuses.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

O conceito filosofico de santo Agostinho sobre cidade de Deus, que é a terra meio que o lugar de pecados e o céu a cidade das Almas salvas e limpas, que realmente se arrependeram verdadeiramente. Acho esse conceito super verdadeiro e realista.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Santo Agostinho chamou minha atenção porque ele tentava converter os povos pagões ele combatia as heresias que era doutrinas contrarias aos dignos da igreja catolica

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

Elas podem promover ou implantar uma pequena duvida sobre as coisas aconteceram ou surgiu, pois mente pode ficar um povo confuso se perguntando "como?", "porque?" e "aonde?". Mas tambem pode fortalecer mais aquilo que você crêr.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

A filosofia é importante para tentar saber sobre o conceito inicial das coisas de como ocorreu e porque ocorreu, tipo o que santo Agostinho fez.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Me ajudou muito na interpretação de textos, na leitura e na escrita tambem.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

A filosofia tambem faz pessoas ser muito reflexiva e pensativa, pois pra entender a filosofia você precisa ter duvida e duvida sobre as coisa

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

São assuntos interessantes durante este curso que trazem curiosidades de interesse do aluno em descobrir mais características do determinado assunto abordado.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

Pode trazer reflexões e hipóteses parecidas em qual o aluno pode compreender mais os assuntos abordados.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

"Eu já entendi a Razão", essa é uma expressão bastante comum no período medieval, trazendo consigo dúvidas e reflexões para alguns. É um assunto importante pois com ele você pode ver o quanto se relaciona ou não estes assuntos.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Santo Agostinho, um homem que mesmo cristão adotava alguns conceitos filosóficos, é interessante o quanto ele concilia esses vertes dois tópicos.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

Como uma forma de reflexão e assimilação de assuntos.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

É uma disciplina interessante para quem gosta de dialogar sobre assuntos históricos dentro do assunto filosófico, não tenho críticas e sim desejo para aqueles que gostam desse assunto, consigam obter o conhecimento desejado.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Com escritas de palavras nunca visto antes, traz um aumento do vocabulário pessoal de cada um. Como consequência pode trazer uma retórica melhor de acordo com o conhecimento adquirido e o interesse em compartilhar o assunto aprendido.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Há pessoas que sentem um desejo de aprender cada vez mais. Há filosofia virá trazer consigo um conhecimento bastante interessante, fazendo o aluno ter mais sabedoria.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

Bom, até agora a minha impressão tem sido bem positiva, por estar compreendendo o assunto de forma leve.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

A mitologia pode contribuir com a Filosofia, porque é o que as pessoas acreditam é a "Filosofia de vida" da pessoa.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

O mito e a Filosofia apresentam algumas coisas em comum como o fato de como surgimos, a mitologia vem com deuses como Gaia e Urano já a Filosofia procura Fatos.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Platão, por conta que suas ideias são bastante reutilizadas por outros Filosofos como o mundo das ideias e o mundo material.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

Acredito que a Filosofia Trás um pensamento crítico já a mitologia é algo cultural. Mas pode ser feito alguma Filosofia em algum mito.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

A Filosofia deveria ser levada mais à sério do que as pessoas acham até porque a Filosofia pode mudar o jeito de pensar de alguém

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Quando eu leio algo eu acabo sendo um pouco mais crítica por conta da Filosofia.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Eu não tenho mais nada a comentar.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)

Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

A filosofia passada (1º A) nos fez questionar quem somos, apenas átomos em uma galáxia ou temos motivos para habitar tal lugar que é perfeito? A atual nós fez questionar nosso lugar na classe social, humanos ou máquinas do governo?

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

O uso do questionamento com a filosofia é de grande interesse para a vida, para respostas de perguntas, exemplo: O que seria amar? Questionando afrodite e sua filosofia própria, afinal, por que não questionar o "amor" sobre ele mesmo?

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

"Se penso logo existo", afinal, o que seria existir? Acho importante pensar na existência e seus motivos. Trabalhar, voltar para casa e trabalhar novamente, isso seria viver ou sequer mesmo existir?

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Heraclito, com sua fala "Tudo muda, nada é para sempre o mesmo", mas será mesmo? Muitos vivem em uma rotina de trabalho escrava e nada muda. Gostei dele por conta de seu pensamento lúcido, porém, questionável, gosto de questionar.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

A mitologia nórdica é uma boa referência sobre cultura, mesmo que antiquada. Podemos ver seus costumes e ações para elevar seu reino.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

Nenhuma! A filosofia faz com que ~~pensamos~~ pensamos, ádias, o que seria do homem sem questionar? Apenas máquinas e vivendo rotinas ridículas.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

Aumento do vocábulario e escrita, mesmo que não seja perfeito e me ajudou a compreender a mim mesmo com textos.

bem como da escrita filosófica. Comente.

Me apoio nas frases de pensadores, isso me ajuda a fazer boas redações no Enem e a me conhecer; eles têm musculos e a altura, eu possuo a mente.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Não há, já disse o que penso sobre filosofia.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)

Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

A mitologia e filosofia possuem uma relação bem próxima entre si, já que estimulam a reflexão nos indivíduos sobre questões que envolvam diversos assuntos. Logo é bem interessante estudar e correlacionar essas duas áreas, uma situação que me chamou ~~[illegible]~~ atenção, foi quando o professor ~~[illegible]~~ mencionou sobre os crixás em uma aula sobre cultura.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

A mitologia era e é uma forma de pensar acerca de dilemas que a sociedade antiga passava, e encontrava nos mitos uma forma de lidar com eles. Logo a mitologia contribue bastante para a filosofia pois os mitos trazem consigo uma exposição de problemáticas que estavam presentes na sociedade, só que de uma forma metafórica, utilizando divindades e entidades superiores.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

O Positivismo, pois foca na evolução do ser humano, e foca em uma visão mais racional.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Auguste Comte, pois a sua visão acerca da evolução humana e as suas etapas me chamaram atenção.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

Com a promoção de obras de autores que foquem na mitologia, também obras cinematográficas que foquem em mitos, um exemplo disso é o filme "Kiriku e a feiticeira", o que é interessante para chamar a atenção do público infantil.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

Eu acharia bastante interessante a integração de filósofos brasileiros, principalmente se for fazer uma relação entre mito e filosofia, pois o Brasil ~~tem~~ que é rico em cultura, é de uma grande contribuição. E também instigar o senso filosófico nos estudantes.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Me auxiliaram no sentido de expandir minhas concepções e de instigar mais a reflexão acerca das problemáticas da sociedade.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Muito importante e deveria ser mais valorizada, não só a área mas também os ~~os~~ autores, principalmente os brasileiros.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

Particularmente, em três anos de estudo da filosofia, o ano que eu me senti mais conectada com ela foi no segundo ano. A Filosofia em minha vida abriu os horizontes para que eu pudesse enxergar o mundo com outros olhos.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

Originalmente, os mitos foram criados para entender os problemas sociais e coisas que não tinham respostas e sempre envolvia uma lição de moral no final. Hoje em dia, isso fica a cargo da filosofia e de seus pensadores.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.
Gosto muito do Positivismo, ele quebra essa visão teológica e impõe outra forma de pensar e ver o mundo. A ciência começa a ganhar destaque e isso faz com que ela ajude mais pessoas a ganharem um rumo na vida, Principalmente pessoas fora do Cristianismo.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.
Frederic Nietzsche, é o filósofo que estou estudando no momento e é o que eu acho mais polêmico. Nietzsche rompe paradigmas e escreve sem medo de julgamento, além de ter uma visão de mundo crítica e que deixa qualquer um boquiaberto.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?
Por meio de aulas lúdicas, leitura de gibis e ~~reflexão~~ pós leitura.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?
A disciplina de Filosofia é uma ciência que é essencial para que a sociedade se torne mais crítica. Muitas vezes me pergunto em como tal pensador chega nesse raciocínio e não tenho nenhuma crítica a fazer.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Eu era uma pessoa que nunca questionava as coisas e a partir do momento que eu abri minha mente para o estudo da Filosofia, tudo começou a mudar. Me tornei uma pessoa crítica e que questiona sem medo e sem vergonha.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Nosso professor é maravilhoso e sempre tira nossas dúvidas a respeito de qualquer tema, então, em relação ao modo de ensino, não tenho nada a dizer.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

é uma matéria muito importante para o entendimento do mundo e para aplicar em outras matérias como redação.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

para fazer os alunos se interessarem mais pela filosofia

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

Um mito ~~da caverna~~ relevante para a vida contemporânea é o mito da caverna, que traz uma perspectiva interessante ~~[illegible]~~ o de mundo sobre sair da sua zona de conforto e aplicar novos conhecimentos

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Thomas Hobbes, pois a sua filosofia se preocupa muito com as relações sociais, e é um tema que me interessa.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

a mitologia pode servir de ponte para os alunos se interessarem pela filosofia, e pode ser utilizados como exemplos das visões dos ~~[illegible]~~ filosofos.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

é uma disciplina muito importante, porém é um pouco confuso para alguns alunos.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Foi importante para o entendimento de alguns conceitos.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)

Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

Quando Nietchsz (não lembro como escrevi) foi citado. Sendo cristão, senti um leve desconforto, mas compreendi.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

Vendo possíveis origens das coisas, e fazendo pontes com pensamentos filósoficos.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

Positivismo. Porque busca algo "bom" no que é ruim.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Cortella. Suas reflexões me geraram vários pensamentos e dúvidas.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

Servindo de base para demonstrar o conceito de "relativismo cultural".

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

Nada. Do jeito que está, é funcional e prático.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Bom, tenho algumas dificuldades de compreensão quando aparece termos técnicos.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Tenho a mesma opinião. Do jeito que vai, está sendo prático e funcional.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradeçemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

   A mitologia não são necessariamente histórias mentirosas ou inverídicas, mas são contos sobre o sobrenatural que servem como fundamento para uma cultura.

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

   Através da mitologia, pode-se ter uma janela para a cosmovisão de uma determinada cultura e período de, e consequentemente, sua filosofia.

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

O mito de Adão e Eva, sobre a queda da humanidade, afetou profundamente a noção ocidental de pureza e conexão com o divino, tendo principalmente um teor expiatório para a misoginia perdurante por séculos.

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Tomás de Aquino, pois suas 5 vias foram fundamentais para provar a existência de Deus de forma simples, direta e conceitual.

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

Através de uma ampla visão de diferentes perspectivas e opiniões para que se há debates internos e externos entre os alunos e abram sua mente para ideias diversas.

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

Acredito que deva haver mais interação e julgamentos para e com os alunos.

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Através da interação com os textos originais, como a Iliada e Odisséia, há uma maior absorção de vocabulário antiquado, linguístico e cultural, bem como da cosmo-visão da origem.

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Mais leitura e debates, pois é disso que se origina a filosofia.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Pesquisador responsável: José Aércio dos Santos Oliveira (Mat. - 3102202209)
Orientador responsável: Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (Matrícula SIAPE - 00338370)

Prezado estudante, este questionário faz parte de uma das etapas da pesquisa de mestrado intitulada: O Mito Grego como recurso pedagógico para aprender Filosofia: Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, da qual você é participante. Serão feitas algumas perguntas que você poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas. Você não será identificado e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a esse material. Desde já, agradecemos a sua participação.

1. Partindo dos estudos da mitologia e da filosofia no ano anterior e pensando os conteúdos estudados neste ano em curso, até agora, comente as suas impressões e destaque alguma situação específica.

Eu me surpreendi bastante com as novidades aprendidas neste ano com a filosofia, é interessante ver com varios filosofos pensam de uma forma diferente e como nos identificamos as vezes

2. Como a mitologia pode contribuir no estudo da filosofia? Dê um exemplo.

A mitologia é uma crença de um determinado povo, assim entendendo como eram as crenças e mitos, e claramente a filosofia faz parte sim desse mundo antigo

3. Cite um mito ou um conceito filosófico que você acha relevante para a vida contemporânea e explique por quê.

mito da caverna, pelo motivo de nos atuar a sair da zona de conforto para outros horizontes, nos encorajando a procurar sempre o melhor em vez de ficar dentro da "caverna"

4. Cite e comente um filósofo que lhe chamou a atenção durante seus estudos nas aulas de fillosofia. Explique o motivo.

Platão, acerei muito interessante seus conceitos e pensamentos e foi no qual eu realmente me peguei pensando e me fez gostar bastante

5. De que maneira a mitologia e a filosofia podem ser integradas na educação para promover o pensamento crítico e a compreensão cultural?

A mitologia em si é bem procurada pelos estudantes, utilizando-se da filosofia também nos ajuda a compreender muito sobre a mitologia

6. Quais são as suas sugestões, questionamentos ou críticas sobre a disciplina de Filosofia?

A filosofia é muito importante nos estudos, nos fazendo entender muito sobre os grandes filósofos e seus conceitos que nos fazem aprender a questionar e nos perguntar

7. No desenvolvimento dos seus estudos de mitologia e filosofia comente a contriuição delas no desenvolvimento de sua leitura e compreensão de texto,

bem como da escrita filosófica. Comente.

Com meu saber na filosofia eu tive mais vontade de procurar livros que envolvem os assuntos, vendo diversas mitologias e percebendo até comparações

8. Em desejando, faça outro comentário que julgue necessário sobre o estudo da disciplina filosofia.

Acredito que as escolas precisam de mais aulas de filosofia, com tempos de debates com professor e aluno, assim sendo uma aula bem interativa

APÊNDICE D – PLANO DE CURSO DAS AULAS DE FILOSOFIA PARA O 1º ANO

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO E
DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Somos todos PARAÍBA
Governo do Estado

16ª GERÊNCIA REGIONAL DE ENSINO
ECI MARIA DE LOURDES ARAÚJO
SANTA RITA /PB

PLANO DE CURSO – ANO LETIVO – 2024

COMPONENTE CURRICULAR:	Filosofia
ANO/SÉRIE:	1º ano
CARGA HORÁRIA:	41/ha
DOCENTE:	José Aércio dos Santos Oliveira
PERFIL DO DOCENTE:	Licenciatura Plena em Filosofia pela FAFIC; Bacharelado em Teologia pelo SAPIC, Bacharelado em Psicologia pelo UNIPÊ e Pós – Graduado em Psicanálise pela FAVENI.

EMENTA

As aulas de Filosofia para o 1º ano do ensino médio têm caráter introdutório. O estudante terá a oportunidade de compreender a Filosofia em sua própria história. Além disso, ele irá analisar a importância da contribuição dos pensadores: Sócrates, Platão e Aristóteles para construção das bases da Filosofia.

OBJETIVO GERAL

Analisar o surgimento da Filosofia em seu contexto histórico e compreender a importância dos pensadores clássicos: Sócrates, Platão e Aristóteles para a construção do pensar racional.

Conteúdos/Objetos do Conhecimento

1– Conhecendo a Filosofia
1.1. O que é Filosofia?
1.2. A Atitude Filosófica
1.3. Mito e Filosofia
1.4. Os Fatores que influenciaram o surgimento da filosofia
1.5. Os Pré-Socráticos

Competências BNCC	Analisar processos políticos, econômicos e sociais em diferentes tempos buscando compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles. (1)

2– Sócrates e sua Importância para a Filosofia
2.1. Os Pré-Socráticos
2.2. Os Sofistas
2.3. Sócrates
2.4. A Maiêutica Socrática

Competências da BNCC	Analisar processos políticos, econômicos e sociais em diferentes tempos buscando compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles. (1)

3– Platão e sua Importância para a Filosofia
3.1 Platão
3.2 O Mito da Caverna de Platão
3.3 Demiurgo e o Mundo
3.4 Os Reis Filósofos

3.5 A Felicidade segundo Platão 3.6 A Teoria das Almas	
Competências da BNCC	Analisar processos políticos, econômicos e sociais em diferentes tempos buscando compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles. (1)
4– Aristóteles e sua Importância para a Filosofia 4.1 Aristóteles 4.2 Matéria e Forma 4.3 Potência e Ato 4.4 Substância e Acidente 4.5 Ética e Política 4.6 A felicidade na concepção aristotélica	

METODOLOGIA DE ENSINO

- ✓ Ilustrar com imagens os temas trabalhados em sala de aula;
- ✓ Estudo dirigido;
- ✓ Leitura orientada;
- ✓ Aula dialogada ou conversação sobre o tema;
- ✓ Perguntas instigadoras de discussão;
- ✓ Desenvolver tarefas propostas pelo professor.

CRONOGRAMA

Primeiro bimestre 15/02 a 25/04/2024	- Vídeo: O que é Filosofia? - Aulas expositivas e dialogais - Rodas de conversas
Segundo bimestre 26/04 a 22/07/2024	- Aulas expositivas e dialogais - Rodas de conversas
Terceiro bimestre 23/07 a 02/10/2024	- Filme: Matrix - Aulas expositivas e dialogais - Rodas de conversa
Quarto bimestre 03/10 a 15/12/2024	- Aulas expositivas e dialogais - Rodas de conversas

AVALIAÇÃO

Atividades em grupo;
Trabalhos acadêmicos;
Seminários;
Debates;
Participação e produção nas disciplinas diversificadas

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARA OS PROFESSORES

CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia**: volume único, ensino médio / Marilena Chaui. – 3. ed. – São Paulo: Ática, 20016

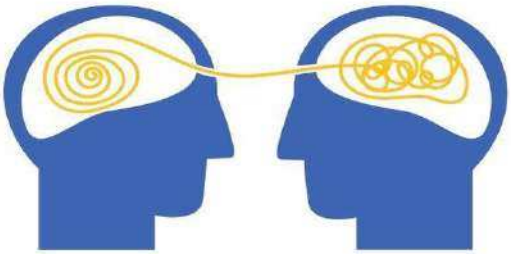
COTRIM, Gilberto. **Fundamentos de filosofia** / Gilberto Cotrim, Mirna Fernandes. – 1. ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

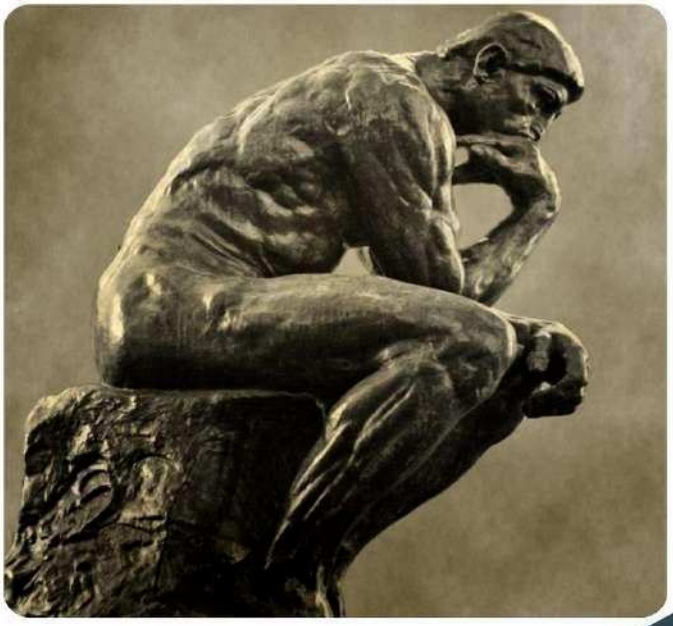
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARA OS ESTUDANTES

CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia**: volume único, ensino médio / Marilena Chaui. – 3ª. ed. – São Paulo: Ática, 20016

APÊNDICE E – A CARTILHA FILOSÓFICA (PRODUTO EDUCACIONAL)

CARTILHA FILOSÓFICA





PROF. JOSÉ AÉRCIO DOS SANTOS OLIVEIRA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....03

COMEÇANDO A CONVERSA.....04

MAS O QUE É MITO?.....05

MITO, VERDADE OU MENTIRA?.....05

ALGUÉM DEFENDEU OS MITOS?.....07

VAMOS VOLTAR AO PASSADO?.....09

MAS O QUE É UMA TRAGÉDIA?.....11

OS TRAGEDIÓGRAFOS E SUAS PEÇAS.....12

RESUMO DOS MITOS.....13

A IMPORTÂNCIA DE JEAN-PIERRE VERNANT PARA OS ESTUDOS DOS MITOS GREGOS.....17

A PASSAGEM DO MITO PARA A FILOSOFIA!.....20

CONCLUSÃO.....27

REFERÊNCIAS.....29

INTRODUÇÃO

Bem-vindo (a) à nossa cartilha filosófica! Aqui, embarcaremos em uma jornada fascinante pelo mundo dos mitos, explorando suas histórias antigas e sua ligação com a filosofia. Os mitos, com suas narrativas cheias de deuses, heróis e criaturas extraordinárias, não são apenas histórias encantadoras, mas também refletem os valores, crenças e questionamentos existenciais das civilizações que os criaram.

Nosso objetivo, nesta cartilha, é mostrar que os mitos e a filosofia não são apenas temas a serem estudados em sala de aula, mas ferramentas poderosas para pensar questões fundamentais sobre a existência de forma crítica, pois incentivam a investigação, a dúvida e a formulação de novas perguntas.

Prepare-se para expandir seus horizontes e explorar um universo onde a imaginação se encontra com a razão, revelando como cada história oferece uma nova visão para compreendermos nosso papel no mundo. Boa leitura!

COMEÇANDO A CONVERSA...

Mesmo tendo desempenhado um papel central na vida cultural, religiosa e social de várias sociedades, os mitos sempre foram associados ao domínio do fictício ou do fantástico. Por isso, historicamente, foi levantada a questão se eles eram verdades ou mentiras. Ou até mesmo se seriam compreendidos como lendas. A tentativa de resposta teria levado, a partir do século XIX, vários estudiosos a uma diversidade de interpretações.

MAS O QUE É MITO?

Segundo Chauí (2002, p. 23), "a palavra vem do grego Mythos, e deriva de dois verbos: Mytheio (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo Mytheo (conversar, contar, anunciar, nomear, designar)." Os mitos não foram considerados apenas explicações para fenômenos naturais e eventos históricos, mas tinham a força de articular valores, crenças e normas sociais. Eles desempenharam um papel fundamental na formação e sustentação das civilizações antigas ao oferecer uma narrativa para a origem do mundo e dos deuses.

MITO, VERDADE OU MENTIRA?

Dentre a diversidade de interpretações sobre o mito, destaca-se o Positivismo, movimento filosófico criado por Auguste Comte (1798 -1857) em 1855. Nele, o filósofo apresentou uma visão de mundo fundamentada em dados empíricos e científicos, defendendo que o conhecimento verdadeiro e confiável só poderia ser alcançado por meio da observação e experimentação. Por isso, criticou os mitos os concebendo como narrativas primitivas e irracionais que deveriam ser substituídas pela ciência.

Na primeira parte do livro Discurso Preliminar sobre o Espírito Positivo de 1844 que tinha como título "Superioridade Mental do Espírito Positivo", Comte lançou as bases de seu pensamento sócio-político-filosófico. Ele descreveu a trajetória histórica da evolução intelectual da humanidade adotando uma visão linear e evolucionista do conhecimento que, em sua visão, passou por três estágios teóricos, distintos e sucessivos. Eles foram: o teológico, o metafísico e o positivo.

O primeiro estágio intelectual na filosofia de Comte foi o teológico. Nele, as explicações para os fenômenos naturais e sociais eram atribuídas aos deuses, espíritos e forças sobrenaturais. Cada evento ou mudança do mundo era visto como resultado da intervenção direta de uma entidade divina. Na mitologia grega, por exemplo, Zeus, Hera, Poseidon e Atenas eram vistos como controladores de diferentes aspectos da natureza e da sociedade.

Segundo Comte (1983, p. 04):

> No estado teológico, o espírito humano, dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra para conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo.

O segundo estágio intelectual do conhecimento foi chamado de metafísico, se tornando um prolongamento do anterior e uma transição para o estágio positivista. No estágio metafísico, a imaginação sofreu uma transformação significativa. Em vez de ser usada para criar histórias e explicações baseadas em entidades divinas e sobrenaturais, ela se voltou para a criação de conceitos abstratos, como: essência, força vital e natureza. Como enfatizou Comte (1978, p. 46), "não é mais a pura imaginação que domina, embora não seja ainda a verdadeira observação".

Já o terceiro e último estágio da escada hierárquica do conhecimento, foi o estágio positivo. Nele, a inteligência humana se mostrou emancipada das especulações teológico-metafísicas, constituindo o que Comte chamou de sã filosofia, ou seja, o pensamento que não se baseava mais em suposições não verificáveis, mas sim em princípios científicos fundamentados em evidências concretas. O grande desafio para Comte foi elevar toda a humanidade ao estado positivo, mesmo reconhecendo que, levando em consideração a sua época, a humanidade ainda estava arraigada ao estado teológico, portanto, fantasioso e infantil. O terceiro estágio se distinguiu dos anteriores, pois embora não abandonasse a especulação, tomava como referência a observação sistemática e o modelo de racionalidade. Portanto, Para Comte, o estágio positivo levaria à plena comunhão intelectual entre os indivíduos e, consequentemente, à coesão social, sendo, portanto, mais eficaz que os estágios anteriores.

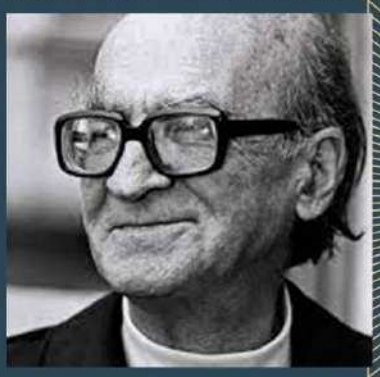
ALGUÉM DEFENDEU OS MITOS?

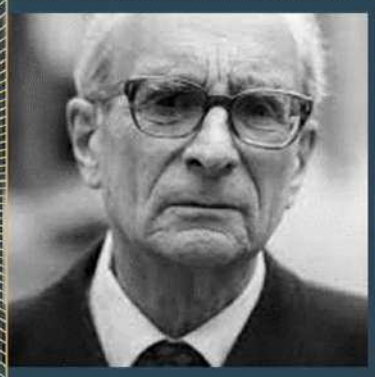
Em contraposição à visão Positivista de Comte, Mircea Eliade (1907-1986) que foi professor, cientista das religiões, mitólogo, filósofo e romancista, argumentou que os mitos eram verdadeiras expressões profundas e simbólicas da experiência humana, pois contavam a origem do mundo, dos deuses e da humanidade. Em sua visão, os mitos revelavam as verdades sagradas que ultrapassaram o tempo e espaço ajudando a humanidade a se compreender e encontrar o sentido de sua existência.

Eliade se tornou um referencial para afirmar que ao longo da segunda metade do século XX, especialistas em mitologia passaram a situar o mito numa perspectiva bem diferente daquela que se manteve no século XIX no qual ele foi tratado como "fábula, invenção e ficção". Assim, os mitos passaram a serem vistos como estruturas de sentido, que embora desafiassem a mentalidade racionalista moderna, exerceram uma função prática, no sentido de mediar as relações do ser humano com o mundo.

Portanto, o mito tinha poder grandioso. Quando recitado, tornava-se um modo de atualizar determinados fenômenos, compactuando com a constante manutenção ou continuidade do mundo. Para Eliade (1989, p. 120):

> O mito garante ao homem que aquilo que ele se prepara para fazer já foi feito, ajuda-o a dissipar as dúvidas que poderia ter quanto ao resultado do seu cometimento. Por que hesitar perante uma expedição marítima, uma vez que o Herói mítico já a efetuou num Tempo lendário? Basta seguir seu exemplo. Do mesmo modo, porque temer instalar-se num território selvagem e desconhecido, se se sabe o que é necessário a fazer? [...] O modelo mítico é susceptível de aplicações ilimitadas.





Outra contribuição para os estudos dos mitos veio com o francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009), que era antropólogo, professor, filósofo e sociólogo. Ele entendia o mito como uma estrutura universal da mente humana. Com sua abordagem estruturalista, Lévi-Strauss revelou os mitos em sua complexidade, profundidade e importância enquanto formas essenciais de pensamento e organização cultural. No século XX, ele foi considerado o fundador da antropologia estruturalista que teve como princípio a noção estrutural que partiu do intelecto, ou seja, esta antropologia se baseava na ideia de que existiam estruturas subjacentes e universais no intelecto humano que moldavam a forma como se percebia e se interpretava o mundo. Portanto, em sua visão, a mente humana funcionava através de estruturas binárias, exemplo: vida e morte, natureza e cultura, que eram comuns a todas as culturas. Para desenvolver tal metodologia estrutural, ele recorreu a duas fontes principais. Primeiro, à corrente psicológica criada por Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) e depois ao trabalho realizado no campo da linguística por Ferdinand de Saussure (1857-1913) que se chamou Estruturalismo. Segundo Lídório (2009, p. 8):

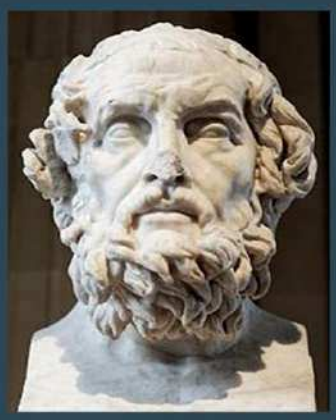
> O Estruturalismo dá um grande impulso à linguística de forma geral ao defender que é necessário compreender o padrão mental, de pensamento e comunicação de um povo, a fim de compreender a sua cultura. Nesta época, métodos fonológicos passam a ser aplicados para estudos culturais. A finalidade maior é encontrar o que foi chamado de pensamento coletivo, pois este aglutinaria impressões e valores de um povo. Valoriza-se o registro (interpretação) de lendas e mitos.

A partir do início da década de 50 Lévi-Strauss reintroduziu a questão do mito no rol de fenômenos passíveis de uma análise sistemática e racional dentro do seu projeto de retomada estrutural de temas de pesquisas etnológicas que historicamente estiveram marcados como ininteligíveis ou primitivos.

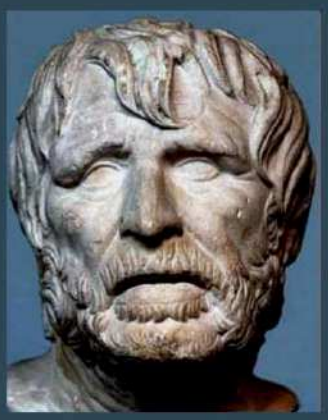
Já outro olhar valorizador dos mitos se deu com o filósofo e historiador Georges Gusdorf (1912-2000). Ele tinha uma perspectiva rica e profunda sobre os mitos os vendo como formas essenciais de expressão humana que carregavam significados profundos e universais. Para Gusdorf, os mitos não eram apenas histórias antigas, mas sim maneiras pelas quais as pessoas, ao longo do tempo, tentaram entender o mundo, a si mesmas e suas relações com os outros. Sobre a importância da mitologia e do mito enquanto certeza, afirma o filósofo:

> A mitologia é, com efeito, o repertório dos mitos de todas as idades e de todas as origens, destacados do seu contexto vivido, isto é, desnaturados. A empresa mesma de uma mitologia já é o fato de uma época posterior. Ela traduz uma iniciativa reflexiva, um desejo de sistematização ao qual o homem da idade mítica permanece ainda estranho. Para ele, o mito não é o mito, mas a própria verdade. O mito está ligado ao primeiro conhecimento que o homem adquire de si mesmo e de seu contorno: mais ainda, ele é a estrutura deste conhecimento. Para o primitivo, não há duas imagens do mundo, uma "objetiva", "real" e outra "mítica", mas uma leitura única da paisagem. O homem se afirma ao afirmar uma dimensão nova do real, uma ordem nova manifestada pela emergência da consciência. (Gusdorf, 1980, p. 23)

As análises das teorias de Mircea Eliade, Lévi-Strauss e Gusdorf buscaram uma melhor compreensão da função e do significado dos mitos na vida humana fazendo um contraponto à teoria crítica de Auguste Comte que tinha uma visão negativa destas narrativas ao entendê-las como crenças antigas e ultrapassadas de um tempo em que as pessoas não tinham conhecimento científico.



VAMOS VOLTAR AO PASSADO?



Na Grécia antiga, poetas como Homero (séc. VIII a.C) e Hesíodo (final do século VIII a.C) usaram os mitos para formar a cultura e a visão de mundo de seu povo. Suas histórias não apenas entretinham, mas também educavam e transmitiam os valores, as crenças e as práticas sociais importantes. Homero, por exemplo, criou narrativas épicas que mostravam os valores da sociedade grega, especialmente para a nobreza. Duas de suas obras mais famosas, "Ilíada" e "Odisseia," (750 a.C. a 700 a.C) são exemplos disso. Essas histórias falavam de heróis corajosos, como Aquiles e Odisseu, que enfrentaram grandes desafios e aventuras. Esses heróis se tornaram modelos de virtude e coragem, e suas histórias foram usadas por séculos como base para a educação dos jovens gregos. O comportamento dos heróis era representado por humanos excepcionais, aristocratas e nobres que serviam de referência para o comportamento de todos. Para Finley o mundo de Homero (1998, p. 87):

> É um mundo de heróis, uma classe guerreira cujos objetos de luxo e armas de guerra eram feitos de bronze. [...] Homero lembra-nos constantemente que está focalizando um passado deslumbrante, quando os homens tinham riqueza material, palácios de cinquenta aposentos, famílias patriarcalmente grandes e enorme força física.

Na obra "Ilíada," a guerra de Troia foi o cenário no qual a bravura e a honra dos heróis foram testadas. Já na "Odisseia," Odisseu enfrentou uma longa jornada de volta para Ítaca, cheia de obstáculos e monstros, mostrando sua inteligência e determinação. Essas histórias ensinavam aos jovens gregos quais eram as qualidades desejáveis e os comportamentos esperados, ajudando a formar o ideal de vida para aquela sociedade. De fato, essas narrativas míticas não só divertiam, mas também transmitiam importantes lições de vida, ajudando a moldar o caráter e os valores dos jovens, algo que podemos comparar ao jeito como hoje aprendemos através de livros, filmes e histórias. Já Hesíodo, ficou conhecido pelos seus principais poemas: "Teogonia" e "Os Trabalhos e os Dias" (700 a.C). No primeiro, Hesíodo contou a história da origem dos deuses e do mundo. Ele explicou como os deuses surgiram e como o universo foi criado a partir do caos. Já no segundo, ele ofereceu conselhos sobre a vida cotidiana, sobre como trabalhar na agricultura, sobre como ser justo e viver uma vida moral. Esse poema também falou sobre as dificuldades da vida e a importância do trabalho duro e honesto. Com esses textos, ele ensinou seus leitores sobre moralidade e forneceu histórias mitológicas sobre a origem do mundo e dos deuses. Embora não fosse tão famoso quanto Homero, seu trabalho representou uma forma diferente de educar, focada em lições práticas e valores morais. Enquanto os heróis da poesia de Homero eram nobres, aristocratas que viviam nos centros urbanos, os de Hesíodo estavam ligados à cultura rural. No entanto, os dois representaram as duas faces da vida grega primitiva. Assim, enquanto o primeiro celebrou as façanhas heróicas de personagens nobres e semideuses, o segundo, concentrou-se nos aspectos da vida cotidiana, particularmente no trabalho agrícola e nas questões de justiça social.

Colocando a força de sua poesia à serviço dos valores da vida rural e do campo, Hesíodo conseguiu fazer uma integração com o processo de formação do povo grego. Os elementos educativos do mundo rural trazidos pelo poeta revelaram um cenário muito distinto daquele da elite nobre enfatizada por Homero. Na concepção de Jaeger (1986, p. 95):

> A educação e a sabedoria da vida do povo não conhecem nada da equilibrada formação do homem na totalidade de sua personalidade, da harmonia do corpo e do espírito, das competências polivalentes do manejo de armas e da palavra, do canto e da ação, como era exigido pelo ideal cavalheiresco. Em contrapartida, aqui tudo está impregnado por uma mentalidade originária da terra, com os conteúdos materiais da vida iguais a séculos do homem do campo, como o trabalho diário de sua profissão. Tudo é mais real e próximo da terra, porém carecendo de um objetivo mais elevado e ideal.

Portanto, Hesíodo, enquanto poeta e educador, não teve um papel importante apenas na cultura dos nobres, mas também na dos trabalhadores ligados à vida do campo. Esta é a questão central: ele se inspirou em Homero e se serviu de sua arte poética. No entanto, ele mostrou que a educação era possível e tinha todo um sentido para setores humildes da sociedade.

Além de Homero e Hesíodo, os escritores de peças de teatro antigo Ésquilo (525 a.C. – 456 a.C), Sófocles (496 a.C. – 406 a.C) e Eurípedes (480 a.C. – 406 a.C) também usaram os mitos para explorar grandes questões sobre a vida e a condição humana. Eles faziam isso através de tragédias. Por isso ficaram conhecidos como tragediógrafos.

Mas o que é uma tragédia?

É um tipo de peça de teatro que conta histórias intensas e emocionantes, geralmente sobre pessoas que enfrentam grandes desafios e conflitos. Nessas histórias, os personagens enfrentam situações difíceis e muitas vezes acabam sofrendo de forma profunda. Mas não só eles, mas também a sua família. Esse efeito ampliado destaca a ideia de que as escolhas e os erros do indivíduo, especialmente em questões de honra, poder e moralidade, não são isolados, mas sim entrelaçados com os destinos daqueles à sua volta.

A tragédia surgiu no culto de Dioniso, o deus do vinho, da alegria, da exuberância, das potências geradoras, ou seja, das forças criativas e vitais que promoviam o crescimento, a fertilidade e a regeneração na natureza e na vida humana. Segundo Thiercy (2009, p. 15) "As Bacantes, um dos maiores dramas gregos, mostra a introdução difícil do culto de Dioniso na Grécia, na cidade natal do deus, Tebas. Ela foi escrita em 408-407 a.C, durante a temporada de Eurípides na corte de Arquelau, da Macedônia".

As tragédias tiveram seu momento de maior relevo no século V a.C, quando a melhor produção trágica grega se iniciava com os Persas (472) de Ésquilo, e encerrava-se com a representação póstuma de Édipo em Colono (401) de Sófocles.

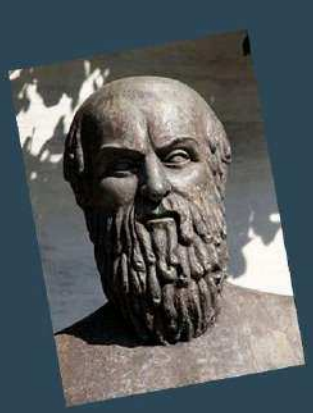
Quando elas aconteciam no festival, todo o povo era convidado. A entrada para assistir aos espetáculos era cobrada, porém para aqueles que não pudessem pagar, o Estado se responsabilizava pelas despesas e ainda contribuía com uma quantia em dinheiro para pagar os seus dias de trabalho. A própria cidade de Atenas, fazia-se presente, desde as mulheres e os escravos até mesmo os estrangeiros.

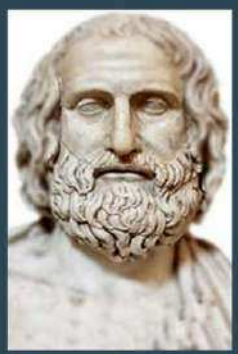
Ao final dos três dias do festival, um tribunal, que funcionava como o tribunal de Atenas, cujo corpo era formado por indivíduos representantes das diferentes tribos, decidia quem deveria ocupar o primeiro, o segundo e o terceiro lugar entre os competidores. "A divisão era assim a expressão do corpo cívico em seu conjunto" (Vernant, 2001, p. 361). Sobre o vínculo do Estado com a tragédia Vernant e Naquet (1999, p. 10), afirmam:

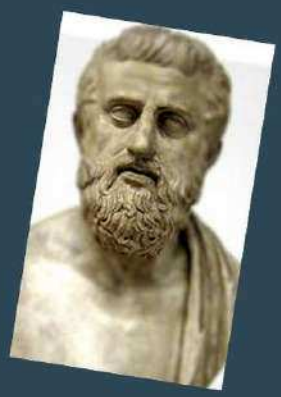
> A tragédia não é apenas uma forma de arte, é uma instituição social que, pela fundação dos concursos trágicos, a cidade coloca ao lado de seus órgãos políticos e judiciários. [...] um espetáculo aberto a todos os cidadãos, dirigido, desempenhado, julgado por representantes qualificados das diversas tribos, a cidade se faz teatro, ela se toma, de certo modo, como objeto de representação e se desempenha a si própria diante do público.

A ligação do Estado com a tragédia grega era profunda, refletindo o papel central que a tragédia causou na vida cívica da Atenas clássica. A tragédia não foi apenas uma forma de entretenimento, ela estava intrinsecamente ligada à religião, à política e à educação cívica, funcionando como um espaço onde questões fundamentais sobre a sociedade e o Estado podiam ser exploradas e debatidas.

As obras dos tragediógrafos, como Ésquilo, Sófocles e Eurípides preservaram mitos antigos, mas os reinterpretaram, expandindo seu significado para abordar as questões contemporâneas da sociedade grega. Eles utilizaram a tragédia como um veículo para discutir a justiça divina e humana, o poder e suas consequências, e as complexidades das relações familiares e sociais. Assim, os tragediógrafos se destacaram não apenas como autores literários, mas também como pensadores que ajudaram a moldar a tradição intelectual ocidental.







Os tragediógrafos e suas peças...

Ésquilo escreveu a peça "Prometeu Acorrentado", na qual ele explorou temas como poder, liberdade e moralidade. A peça mostra Prometeu, um titã que desafia os deuses para ajudar a humanidade, e acaba sendo punido por isso. Sófocles, por outro lado, é famoso por "Édipo Rei", uma história sobre a luta entre a vontade de uma pessoa e o destino que parece estar além de seu controle. A peça mergulha em temas como o destino e a culpa, mostrando as complexidades das escolhas humanas. Já Eurípides, trouxe uma perspectiva um pouco diferente com a peça "Medeia". Ele apresenta uma heroína, Medeia, que se vê num enorme conflito e acaba tomando decisões drásticas. A peça é conhecida por mostrar as complexidades e os dilemas éticos das pessoas, revelando a ambiguidade da natureza humana e as suas dificuldades.

RESUMO DOS MITOS

PROMETEU ACORRENTADO

É uma narrativa da mitologia grega que gira em torno do titã Prometeu, que desafiou Zeus, o rei dos deuses, ao roubar o fogo sagrado e entregá-lo aos humanos. Esse ato de rebeldia permitiu que a humanidade evoluísse, adquirindo conhecimentos e habilidades antes reservados aos deuses. Como punição, Zeus ordenou que Prometeu fosse acorrentado a uma rocha no alto de uma montanha, onde diariamente uma águia vinha devorar seu fígado, que se regenerava todas as noites, fazendo com que o sofrimento fosse eterno. A figura de Prometeu simboliza a resistência contra a tirania e a luta pela liberdade e progresso da humanidade, mesmo sob o risco de duras penalidades. Prometeu é libertado por Hércules, que mata a águia e quebra as correntes.

ÉDIPO REI

O mito começa com uma profecia que diz que Édipo mataria seu pai e se casaria com sua mãe. Para evitar esse destino, Laio ordena que o bebê seja abandonado para perecer, mas ele é resgatado e criado por outra família real em Corinto.

Já adulto e desconhecendo sua verdadeira origem, Édipo consulta o Oráculo de Delfos, que repete a terrível profecia. Acreditando que seus pais adotivos são seus verdadeiros pais, Édipo foge de Corinto para evitar cumprir a profecia. No caminho, ele encontra e mata um homem em uma briga, sem saber que é seu pai, o rei Laio.

Chegando a Tebas, Édipo resolve o enigma da Esfinge, que assola a cidade, sendo recompensado com o trono de Tebas e a mão da rainha viúva, Jocasta, que é, na verdade, sua mãe. Com o tempo, a verdade é revelada, levando Jocasta ao suicídio e Édipo a cegar a si mesmo em desespero. Ele então se exila, deixando Tebas, cumprindo tragicamente o destino que tanto tentou evitar.

MEDEIA

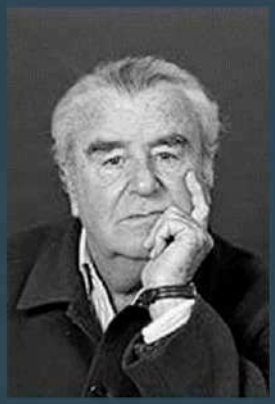
É uma das histórias mais trágicas da mitologia grega, centrada numa poderosa feiticeira e princesa da Cólquida. Medeia se apaixona por Jasão, líder dos argonautas, e o ajuda a conquistar o Velocino de Ouro, traindo sua família e abandonando sua terra natal. Em troca, Jasão promete casar-se com ela.

Após várias aventuras, Medeia e Jasão se estabelecem em Corinto, onde têm dois filhos. No entanto, Jasão decide abandonar Medeia para se casar com Glauce, filha do rei Creonte, buscando ascender politicamente. Traída e consumida pelo desejo de vingança, Medeia trama uma terrível retribuição: ela envia um vestido envenenado a Glauce, que causa a morte da princesa e de Creonte.

Em um ato final de desespero e fúria, Medeia mata seus próprios filhos, negando a Jasão qualquer legado. Após cometer esses atos, Medeia foge para Atenas em uma carruagem alada, protegida pelos deuses, deixando Jasão desolado.

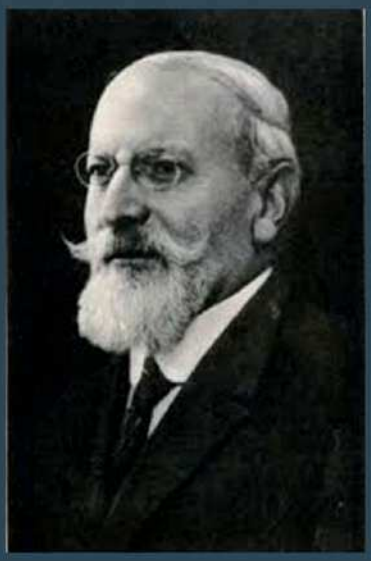
Essas peças ajudaram a entender como os antigos gregos viam o mundo e suas próprias vidas. Elas ainda são relevantes porque nos fazem pensar sobre questões importantes e universais nos dias de hoje. Agora veremos como os estudos de Jean-Pierre Vernant ofereceram uma compreensão da função dos mitos na Grécia antiga, destacando como essas narrativas ajudaram a moldá-la enquanto sociedade.

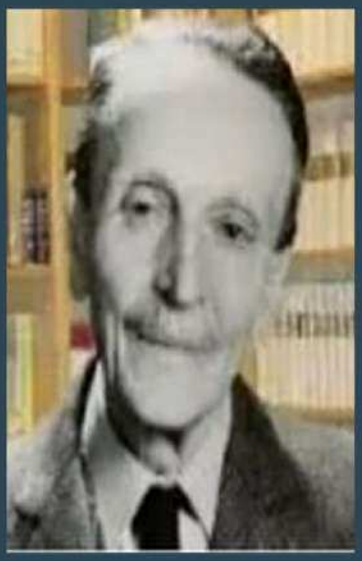
A importância de Jean-Pierre Vernant para os estudos dos mitos gregos



Jean-Pierre Vernant foi um importante estudioso que trouxe novas ideias para a análise dos mitos e da religião da Grécia antiga. Como historiador e antropólogo, ele combinou diferentes áreas do conhecimento, como história, sociologia e psicologia, para entender melhor a complexidade da cultura grega. Ele foi influenciado pelo Marxismo, uma teoria que ajuda a entender a história e a sociedade de forma materialista e dialética, ou seja, olhando para como as condições econômicas, sociais, políticas e religiosas de uma época influenciam as histórias e mitos que as pessoas criam. Ele acreditava que os mitos gregos não eram apenas histórias fantasiosas fora do tempo, mas reflexos das condições de vida das pessoas na época em que foram criados. Além disso, Vernant usou o Estruturalismo, uma teoria que sugere que os fenômenos culturais e sociais devem ser analisados como partes de uma estrutura maior, em vez de serem vistos individualmente. Isso o ajudou a entender os mitos gregos como sistemas de significados interligados. Ele acreditava que, ao analisar essas estruturas, poderíamos descobrir padrões universais de pensamento e comportamento humano, que se repetem em diferentes culturas e épocas. Essa abordagem inovadora permitiu que Vernant trouxesse uma nova compreensão dos mitos gregos, mostrando que eles são muito mais do que simples histórias, mas sim reflexos profundos das realidades sociais e culturais de seu tempo.

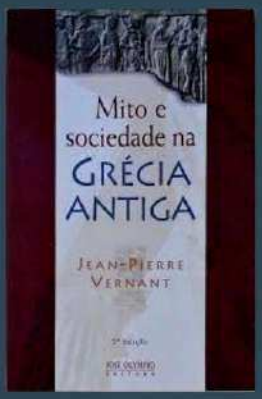
Dois estudiosos foram muito importantes para Jean-Pierre Vernant em sua jornada para entender os mitos gregos: Louis Gernet e Ignace Meyerson.





Com seus estudos, Louis Gernet levou Vernant a se aprofundar na análise das conexões entre os mitos, as práticas religiosas e as instituições sociais na Grécia antiga. Gernet o inspirou a desenvolver uma metodologia que reunisse várias disciplinas, como história, sociologia e religião, para entender de forma mais completa o ser humano na Grécia antiga. Já Ignace Meyerson, com seus estudos, levou Vernant a explorar os mitos como reflexos das mentalidades e dos estados psicológicos das sociedades antigas. Isso significa que, com a inspiração de Meyerson, Vernant passou a considerar a dimensão psicológica, ou seja, como as pessoas pensavam e sentiam na época, como uma parte importante da análise dos mitos e da cultura grega. Assim, com a influência desses dois estudiosos, Vernant conseguiu criar uma abordagem que combinava várias perspectivas para entender melhor a complexidade dos mitos e da cultura da Grécia antiga.

UMA DAS OBRAS MAIS INFLUENTES DE JEAN-PIERRE VERNANT: "MITO E SOCIEDADE NA GRÉCIA ANTIGA"



Nesse livro, ele explorou como os mitos e o pensamento racional (ou logos) se relacionavam na cultura grega. Esta relação foi marcada tanto por rupturas quanto por continuidades. A ruptura se deu, por exemplo, na nova forma de explicar o mundo que passou a ser fundamentada numa abordagem racional. No entanto, em sua visão, mito e logos não eram opostos irreconciliáveis, mas sim elementos interligados que coexistiam e se influenciavam mutuamente na construção do pensamento e da cultura grega. Os mitos, segundo Vernant, ajudaram a formar a base do pensamento racional. Eles ofereceram uma maneira de organizar o mundo, explicando características naturais, sociais e humanas através de narrativas simbólicas. Essas narrativas forneciam uma estrutura cognitiva que ajudava as pessoas a entender e a dar sentido à sua realidade. Ao fazer isso, os mitos estabeleceram categorias, relações causais e uma lógica interna, que, mesmo sendo simbólica, preparava o terreno para o desenvolvimento de uma forma de pensamento mais analítica e racional.

A influência de Jean-Pierre Vernant sobre o estudo dos mitos foi enorme. Ele trouxe uma nova maneira de pensar sobre eles, vendo-os não apenas como histórias antigas, mas como símbolos das experiências humanas e da sociedade em que foram criados. Sua abordagem mudou a forma como muitos estudiosos, como os antropólogos, interpretavam os mitos, entendendo-os como reflexos das estruturas sociais e culturais. No entanto, para Jean-Pierre Vernant, os mitos não eram apenas temas de estudo acadêmico. Eles também eram como histórias de "ninar" que ele contava para seu neto. Fazendo isso, ele mostrou como a transmissão oral dessas histórias era importante, ajudando a manter vivas as tradições e fortalecendo os laços familiares. Ao contar esses mitos, como por exemplo, o da ilha de Calypso, Vernant não só passava conhecimento, mas também adaptava essas histórias para que continuassem sendo significativas e relevantes para as novas gerações. Ele diz:

> Com o navio fulminado e quebrado, todos os marinheiros de Ulisses se afogam e ficam boiando como gralhas atiradas pelo mar de um lado a outro. Ulisses é o único sobrevivente. Agarra-se a um mastro, um resto de navio, e logo a corrente o leva na direção oposta, ou seja, para Caríbdis, onde ele enfrenta uma situação dramática. Escapa quase por milagre. Durante mais nove dias, sozinho, exausto, vive no meio das ondas, ao sabor das correntes, indo para o fim do mundo. Quando está quase se afogando, o navegador náufrago chega à ilha de Calypso. É uma ilha do fim do mundo, não se localiza nem sequer nos confins do espaço marinho, é separada tanto dos deuses como dos homens por imensidões de água. Não fica em lugar algum. Ulisses está ali deitado, exaurido, e Calypso o recolhe. Ao contrário do que acontecera na ilha de Circe, quando os marinheiros de Ulisses e o próprio Ulisses tinham ido até Ninfa implorar-lhe seu acordo, dessa vez é Calypso que salva Ulisses. Lá ele vai morar durante uma eternidade, cinco, dez, quinze anos, pouco importa, pois o tempo não existe mais. Ele está fora do espaço, fora do tempo. Cada dia é parecido com o outro. Ulisses vive um interlúdio amoroso com Calypso, um interlúdio contínuo, apaixonado, sem contato com quem quer que seja, sem mais ninguém, numa solidão total a dois. Num tempo em que nada se passa, em que nada ocorre e não há fatos, todo dia é idêntico aos outros. Com Calypso, Ulisses está fora do mundo, fora do tempo. Ela é extremamente amorosa com ele, muito solícita. Mas é também, como indica seu nome Kalypsó – que vem do verbo grego kalýptein, "esconder" –, aquela que está num espaço fora de tudo e esconde Ulisses de todos os olhares. (Vernant, 2000, p. 118-119)

Na ilha de Circe, Ulisses e seus homens foram inicialmente vítimas de sua magia. Circe transformou os companheiros de Ulisses em porcos, demonstrando seu poder e sua natureza ambígua. Somente após Ulisses, com a ajuda do deus Hermes, resistir aos encantos de Circe e forçá-la a reverter seus feitiços, é que ela se tornou uma aliada. Assim, a relação entre Circe e Ulisses começou com conflito e manipulação, mas evoluiu para uma espécie de acordo, onde Ulisses teve que tomar a iniciativa para obter a ajuda necessária. Em contrapartida, a relação entre Ulisses e Calypso era mais complexa e marcada por uma ambiguidade emocional. Calypso, ao encontrar Ulisses, não o enfeitiçou ou subjugou como Circe, mas o acolheu em sua ilha, oferecendo-lhe proteção e até a imortalidade, caso ele decidisse ficar com ela. A relação entre Calypso e Ulisses foi baseada na afeição, embora fosse também marcada pela tensão entre o desejo de Calypso de manter Ulisses e o desejo deste de voltar para sua casa e sua esposa, Penélope.

Depois de explorar como os mitos ajudaram a formar as primeiras civilizações, com destaque para os estudos de Jean-Pierre Vernant sobre as histórias da Grécia antiga e sua influência até hoje, vamos falar da passagem do mito à filosofia que foi um dos momentos mais importantes na história da Grécia, porque transformou a maneira como as pessoas pensavam e entendiam o mundo, trazendo novas ideias e formas de conhecimento.

A PASSAGEM DO MITO PARA A FILOSOFIA!

Antes do surgimento da filosofia, os mitos eram a principal forma de pensamento entre os gregos. Essas histórias, cheias de simbolismo e significados profundos, ofereciam explicações sobre a criação do universo, a natureza dos deuses e como o mundo funcionava. Os mitos eram passados de geração em geração por meio da palavra falada, e seu poder estava em ajudar as pessoas a se sentirem parte de algo maior, unindo-as através de uma visão comum do mundo e do seu papel nele. Além disso, os mitos ajudavam a ensinar valores e regras que guiavam a vida em sociedade.

O desenvolvimento das cidades-estado gregas, conhecidas como pólis, foi crucial para essa mudança. Com o crescimento das pólis, surgiram novos lugares de encontro, como a ágora (praça pública), onde as pessoas se reuniam para discutir e trocar ideias. Esse novo ambiente incentivou o diálogo e a argumentação, permitindo que a razão começasse a tomar o lugar das antigas histórias míticas, criando uma nova maneira de pensar. Para Vernant (2011, p. 41):

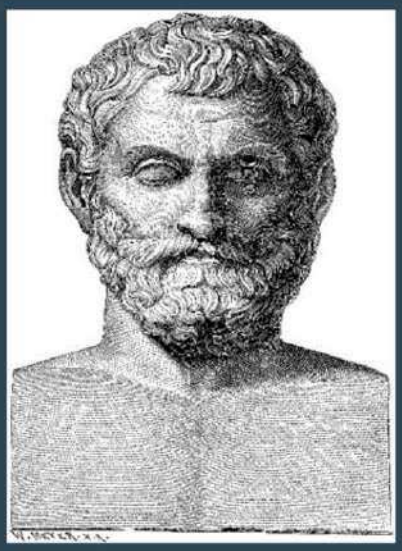
> O aparecimento da pólis constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, só no fim alcançará todas as suas consequências; a polis conhecerá etapas múltiplas e formas variadas. Entretanto, desde o seu advento, que se pode situar entre os séculos VIII e VII, marca um começo, uma verdadeira invenção; por ela, a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos.

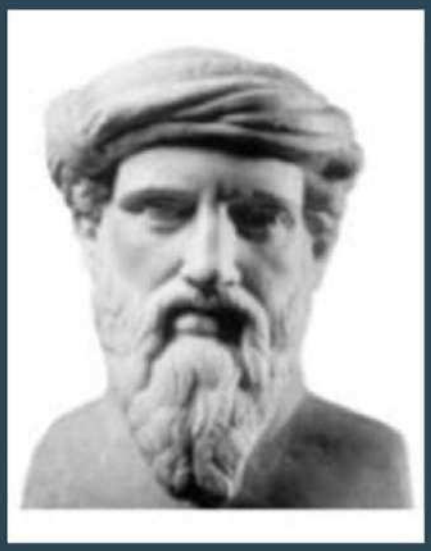
Na ágora, a política, o discurso e a oratória tiveram um palco. Nela, a palavra deixou de ser uma fórmula exata e ficou exposta ao debate, manifestando-se de forma autônoma. A palavra passou a ser valorizada e por isso foi transformada pelos gregos numa divindade, a Pheitó, que era uma das deusas Charites (Graças), que simbolizavam várias formas de beleza e encanto. Ela representava a força, a capacidade de persuasão moldando a opinião pública e alterando a dinâmica das interações sociais e políticas. Não era mais a palavra do rei divino, mas a palavra humana buscando, por meio dos conflitos da discussão e da persuasão, um sentido e um convencimento. A palavra passou a não ser mais uma forma justa, mas ficou exposta a contestação. A polêmica, a discussão, a argumentação passaram a ser as regras do jogo intelectual e político praticado na ágora e tinha como juíz o público, os cidadãos. Os conhecimentos, os conteúdos das culturas não eram mais do domínio daqueles que viviam no palácio, mas eram expostos em praça pública e submetidos à apreciação de todos, possuindo um caráter de publicidade, passando a serem objetos de análise e interpretação.

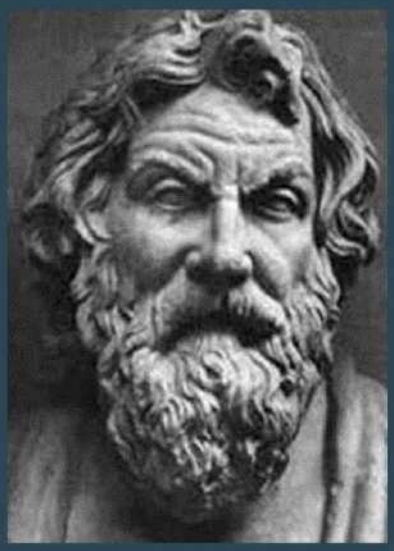
Na região da Jônia, na Ásia Menor, foi onde uma nova forma de pensar começou a surgir. Assim, podemos dizer que a filosofia teve data e lugar de nascimento. Ela se estabeleceu entre o final do século VII e início do VI a.C. segundo Vernant (1990, p. 476):

Tudo começou no início do século VI a.C, na cidade grega de Mileto, no litoral da Ásia menor, onde os jônios estabeleceram colônias ricas e prósperas. No espaço de cinquenta anos sucederam-se três homens, Tales, Anaximandro e Anaxímenes, cujas pesquisas são bastantes próximas pela natureza dos problemas abordados e pela orientação espiritual para que os tenham considerado, desde a Antiguidade, como os formadores de uma única e mesma escola.

Filósofos chamados de pré-socráticos, como Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto e Anaxímenes de Mileto, foram os primeiros a buscar explicações naturais e racionais para os fenômenos que antes eram explicados pelos mitos e religiões. Em vez de dizer que os deuses criaram e controlavam o mundo, Tales de Mileto, por exemplo, acreditava que a água era a substância fundamental de tudo e que os processos naturais, como a transformação da água em vapor e de volta ao estado líquido, poderiam explicar muitos dos fenômenos ao nosso redor. Anaximandro de Mileto, no entanto, propôs uma visão diferente. Ele argumentou que o princípio fundamental do cosmos não poderia ser algo tão específico e determinado como a água, ou qualquer outro elemento concreto, como a terra, o fogo ou o ar. Em sua visão, nenhum desses elementos poderia ser o arché (princípio), porque cada um deles era finito e limitado, e sua predominância absoluta não poderia explicar a diversidade e o equilíbrio do cosmos. Por isso, acreditava que o universo tinha uma origem indefinida e eterna, algo que ele chamou de "Apeiron". Para ele, tudo o que existe veio desse "Apeiron", e as coisas que vemos no mundo, como os elementos e as formas de vida, são transformações desse princípio indefinido. Ele também foi um dos primeiros a sugerir que a Terra flutuava livremente no espaço, sem ser sustentada por nada. Essa ideia foi revolucionária para a época, já que desafiava a visão comum de que a Terra precisava estar apoiada em algo, como a água ou uma grande criatura. O pensamento de Anaximandro se baseava na ideia de que a Terra estava em equilíbrio devido à sua posição central no cosmos. Ele acreditava que a Terra ocupava uma posição no centro de um universo esférico e que, por estar equidistante de todas as partes do cosmos, não tinha razão para se mover em nenhuma direção específica. Dessa forma, a Terra permanecia em uma posição estável, flutuando no espaço sem necessidade de um suporte físico. Ao propor que a Terra flutuava no espaço, ele também contribuiu para a ideia de que as leis naturais, e não as forças míticas, governavam o universo. Por outro lado, Anaxímenes pensava que o ar era a substância fundamental de tudo o que existe. Ele acreditava que o ar podia se transformar em outras coisas ao se condensar ou rarefazer. Por exemplo, quando o ar se condensa, ele se torna água, e se continuar a se condensar, pode se transformar em terra ou pedra. Já quando ele se rarefaz, se torna fogo. Anaxímenes usou essa ideia para explicar a formação e as mudanças que acontecem na natureza.







Esses filósofos pré-socráticos estavam mais focados em entender a natureza (physis) observando e usando o raciocínio lógico, em vez de contar histórias míticas. Um bom exemplo disso foi Anaximandro, que sugeriu que a vida começou a partir de formas simples e, com o tempo, evoluiu para formas mais complexas. Ele tentou explicar a origem e a organização do universo sem depender de intervenções divinas, acreditando que tudo se desenvolveu a partir de princípios naturais e indefinidos.

Com o advento dos sofistas no século V a.C a filosofia passou a abordar questões diretamente relacionadas ao ser humano e à sociedade. Sofistas como Protágoras (490 a.C. – 415 a.C.) e Górgias (485 a.C. – 380 a.C.) revolucionaram a abordagem da retórica, ética e política na Grécia antiga. Na retórica, eles mudaram a forma como os debates eram conduzidos e as decisões eram tomadas, enfatizando a persuasão sobre a busca pela verdade absoluta. Na ética, Protágoras aplicou o relativismo, argumentando que conceitos de bem e mal, justo e injusto, eram moldados pelas normas culturais e sociais, e não por verdades universais. Já na política, tanto Protágoras quanto Górgias sustentaram que o conhecimento e a verdade eram relativos, dependendo do contexto e da percepção individual, desafiando a ideia de uma verdade objetiva e universal e influenciando profundamente a prática política e social da época.

Este novo enfoque na retórica e na relatividade da verdade tornou-se particularmente relevante nas assembleias democráticas de Atenas onde era crucial falar bem, especialmente, a aristocracia eupátrida, ou seja, à classe social dominante formada pelos descendentes das antigas famílias de nobres que, tradicionalmente, detinham o poder político e social. De fato, os "bem-nascidos" tinham Skholê (ócio), ou seja, "escola", tempo livre para se dedicarem aos estudos, à formação que correspondia aos estudos de filosofia, ao treinamento da retórica, ao desenvolvimento das virtudes cívicas e morais, a apreciação das artes e o treinamento militar e estratégico. Com isso, estariam mais preparados para fazer valer os seus interesses nos debates da ágora. Já o grupo dos comerciantes tinha negócio, ou seja, a negação do ócio, por seus afazeres lhes preencher o tempo. No entanto, à medida que os comerciantes tiveram seus rendimentos ampliados, com a intensificação do comércio, sentiram a necessidade de ter seus interesses reconhecidos na ágora. Para isto, precisaram aprimorar-se no debate político. Dessa forma, o ensino dos sofistas foi essencial para os comerciantes mais ricos que passaram a contratar seus serviços. Aranha & Martins (2009, p. 152) afirmam:

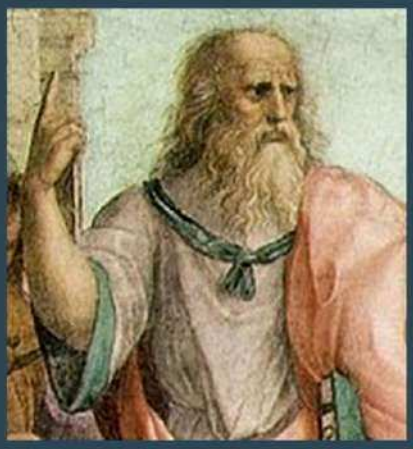
> Os sofistas elaboraram o ideal da democracia, valorizada pelos comerciantes em ascensão, cujos interesses passaram a se contrapor aos da aristocracia rural. Nessas circunstâncias, a exigência que os sofistas satisfazem na Grécia de seu tempo é de ordem essencialmente prática, voltada para a vida, pois iniciavam os jovens na arte da retórica, instrumento indispensável para que os cidadãos participassem da assembleia democrática.

Ao cobrarem por suas aulas, os sofistas as tornaram acessíveis para aqueles que podiam pagar. Com isso, não só os comerciantes se beneficiaram da educação dos sofistas, mas também a própria aristocracia, que por ser rica poderia usufruir dos seus serviços e se aprimorar ainda mais para a atividade política.

Mas apesar da importante contribuição dos sofistas em formar cidadãos democráticos, eles também foram criticados por Sócrates, Platão e Aristóteles. Estas críticas eram feitas devido ao fato deles cobrarem por seus ensinamentos, como também por defenderem o relativismo e não se preocuparem com a verdade objetiva e universal, que poderia ser descoberta através do raciocínio filosófico e do método crítico como fazia Sócrates.

As críticas produziram por muito tempo uma visão negativa em relação aos sofistas. No entanto, eles desempenharam um papel importante na história da filosofia. As suas lições visavam formar cidadãos capazes de atuar de maneira eficaz na vida pública, especialmente na esfera política e jurídica das cidades-estado gregas.

No entanto, esta educação era para aqueles que podiam pagar por ela. Em contraposição, Sócrates (470 a.C – 399 a.C) dizia realizar, como sua mãe, Fenareta, que era parteira, a arte de parir, mas não corpos e sim, ideias, através de questionamentos sistemáticos e a exposição de contradições, ajudando seus interlocutores a desenvolver um entendimento mais profundo e verdadeiro das questões discutidas. Este processo não apenas fazia surgir o conhecimento, mas também provocava a humildade intelectual e a busca contínua pela sabedoria. De fato, Sócrates estava em busca de conceitos verdadeiros e universais por meio de um método filosófico rigoroso que envolvia diálogo, questionamento e a procura pela clarificação de ideias. Esse método conhecido como dialética ou método socrático, era caracterizado por uma série de técnicas específicas que visavam alcançar a compreensão profunda e verdadeira dos conceitos morais e éticos. Diferenciando-se dos sofistas, a maiêutica de Sócrates era a busca pela epistéme, ou seja, o verdadeiro conhecimento que superasse a doxa, as opiniões superficiais, que não penetravam nas essências das coisas. Sócrates julgava tão importante a busca do conhecimento que adotou o imperativo que se encontrava no templo de Apolo em Delfos: "conhece-te a ti mesmo" como motivo da sua filosofia no sentido de que todos deviam fazer a sua jornada contínua de introspecção, aprendizado e autodescoberta. Ele também adotou outras duas máximas: "uma vida sem exame não vale a pena ser vivida" no sentido de que são necessários a reflexão crítica e o autoconhecimento como fundamento para uma vida significativa e ética. E "só sei que nada sei" na qual reconhecia a vastidão de sua própria ignorância e via isso como um ponto de partida crucial para a sabedoria. Sua preocupação foi com o conhecimento de si e das coisas humanas e para isso adotou o diálogo como forma de investigação através da dialética. Sua arte foi realizada gratuitamente, nas praças e nas ruas de Atenas. Ele necessitava apenas que o interlocutor tivesse tempo e disposição para acompanhá-lo.



Essa transição do mito ao logos foi realmente importante porque mudou a forma como as pessoas pensavam sobre o conhecimento. Antes, as histórias míticas eram a principal maneira de entender o mundo, explicando tudo com base em deuses e lendas. Com o surgimento da filosofia, a razão, ou logos, começou a ser vista como uma ferramenta muito mais poderosa para explorar e entender o universo. Em vez de depender apenas de narrativas antigas, os filósofos passaram a usar o raciocínio lógico e as observações para descobrir como as coisas funcionavam. Além disso, essa nova forma de pensar foi registrada por escrito, o que ajudou a espalhar e manter essas ideias por muito mais tempo, tornando o conhecimento mais acessível e duradouro.

A incrível mudança do mito para a filosofia na Grécia antiga aconteceu graças a vários fatores. Neste sentido, se pode destacar: transformações socioeconômicas, desenvolvimento da Pólis, mudanças na religião e na mitologia, invenção da escrita e difusão do conhecimento, influência das culturas externas e evolução das práticas educativas. Entender como isso ocorreu nos ajuda a apreciar a riqueza e a originalidade do pensamento grego, cujas ideias influenciaram a cultura ocidental. Ao explorar esse processo, conseguimos ver como a Grécia antiga passou de histórias mitológicas para um jeito mais racional e profundo de pensar, e como isso moldou o mundo em que vivemos.

CONCLUSÃO

Nesta cartilha, exploramos a rica e fascinante relação entre os mitos e a filosofia, dois elementos centrais na cultura da Grécia antiga. Começamos compreendendo que os mitos são histórias simbólicas que ajudaram a explicar o mundo natural, os fenômenos cósmicos e as forças invisíveis que influenciavam a vida humana. Vimos também que eles têm a função educativa de transmitir valores importantes ajudando a moldar o comportamento e a moralidade da sociedade que os criou. Portanto, ao contrário do que se pensa, os mitos não são apenas mentiras ou invenções, mas sim narrativas que oferecem uma visão profunda, ou seja, abrangente sobre as crenças, os valores, a identidade e a experiência humana.

Mircea Eliade, Lévi-Strauss e Georges Gusdorf contribuíram significativamente para nosso entendimento dos mitos. Eliade viu os mitos como verdades profundas que ajudaram a entender como se construiu as bases para as civilizações. Portanto, em sua visão, os mitos não apenas explicavam a origem do mundo e a ordem social, mas também permitiam que os indivíduos e as sociedades se conectassem com o sagrado, mantendo um sentido de continuidade e propósito ao longo do tempo. Já Lévi-Strauss os considerou como estruturas que refletiram as sociedades e suas maneiras de pensar, enquanto Gusdorf destacou como os mitos ajudaram a compreender a evolução do pensamento humano.

Respectivamente, Homero e Hesíodo, em suas obras como "Ilíada", "Odisseia", "Teogonia" e "Os Trabalhos e os Dias", desempenharam um papel crucial na formação da cultura grega ao abordar questões de moralidade, heroísmo e a ordem do cosmos, ou seja, a maneira como o universo foi organizado e estruturado, incluindo as leis que regem tanto o mundo natural quanto o comportamento humano. Na antiga Grécia, essa ordem cósmica era vista como um princípio fundamental que mantinha o equilíbrio e a harmonia do universo. Esses poetas ajudaram a estabelecer e reforçar os valores morais da cultura grega. Homero destacou a importância da honra, da astúcia e da justiça, enquanto Hesíodo enfatizou a justiça divina, o equilíbrio cósmico e o valor do trabalho e da piedade. Juntos, moldaram a moralidade grega, criando um sistema de valores que refletia tanto as exigências da vida cotidiana quanto às obrigações para com os deuses e a ordem universal. Assim, suas obras não foram apenas narrativas épicas, mas também lições que educaram e formaram a visão de mundo dos gregos antigos.

As tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides introduziram um novo jeito de explorar a condição humana, usando o mito para refletir sobre os temas universais como o poder, o destino e a moralidade. Neste sentido, vimos como suas peças "Prometeu Acorrentado", "Édipo Rei" e "Medeia" mostraram como os mitos podem ser usados para entender as complexidades da vida humana e da sociedade.

Jean-Pierre Vernant trouxe uma perspectiva inovadora ao mostrar a transição do mito para a filosofia. Em sua visão, essa mudança foi tanto uma ruptura quanto uma continuidade. A filosofia emergiu a partir dos mitos, transformando-os e reinterpretando-os, mas sem rompê-los completamente. Ocorreu um novo modo de pensar que combinava elementos narrativos e racionais. Essa perspectiva de Vernant revelou a complexidade da evolução do pensamento grego e a interdependência entre mito e logos no desenvolvimento da filosofia ocidental. A influência de Jean-Pierre Vernant na mitologia grega se deu também pelo modo como ele narrava histórias mitológicas para seu neto, utilizando uma linguagem acessível e cativante. Ele via os mitos não apenas como relatos antigos, mas como poderosas ferramentas para transmitir lições de vida e valores morais. De fato, ao contar essas histórias ao neto, Vernant não só compartilhava conhecimento, mas também fortalecia um vínculo profundo e inspirador de forma íntima e envolvente.

A passagem do mito para o logos, marcou também uma mudança significativa na forma como os gregos compreendiam o mundo, levando ao desenvolvimento de uma filosofia crítica e racional. De fato, o logos introduziu o hábito de questionar as explicações tradicionais e buscar causas racionais e naturais para os fenômenos do mundo. Assim, em vez de aceitar os mitos como verdade absoluta, os filósofos pré-socráticos começaram a procurar princípios universais que pudessem explicar a natureza e o comportamento do cosmos. Os sofistas também revolucionaram a abordagem da retórica, ética e política na Grécia antiga, transformando o modo como se pensava e ensinava essas disciplinas. Sócrates, por sua vez, contribuiu de forma significativa através de seus questionamentos sistemáticos e da exposição de contradições, ajudando seus interlocutores a desenvolver um entendimento mais profundo das questões tratadas.

Espero que esta cartilha tenha sido útil para estudantes de filosofia, professores, pesquisadores de outras áreas e para todos os interessados em explorar as discussões sobre mito e filosofia apresentadas aqui. Meu objetivo foi oferecer uma visão integrada desses temas, ajudando a apreciar a complexidade e a importância das narrativas míticas e filosóficas na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: *Introdução à Filosofia. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.*

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. *São Paulo: Ática, 2002.*

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o Espírito Positivo**: *primeira parte. In: GIANNOTTI, José Arthur (Org). Comte. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).*

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. *Trad: José Arthur Giannotti. In: Os Pensadores: Comte. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.*

ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito.** *Lisboa: Edições 70, 1989.*

FINLEY, M. I. **O legado da Grécia**. *Trad: Ivette V. P. de Almeida. Brasília: UnB, 1998.*

GUSDORF, Georges. **Mito e Metafísica**. *São Paulo: Ed. Convívio, 1980.*

JAEGER, W. **Paidéia – A formação do homem grego**. *Trad: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.*

LIDÓRIO, Ronaldo A. Conceituando a Antropologia. **Antropos – revista de Antropologia**, *Brasília, v. 3, ano 2, p. 7 -15, dez. 2009.*

THIERCY, Pascal. **Tragédias gregas.** Trad: P. Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

VERNANT, Jean-Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. *Rio de Janeiro: Difel, 2011.*

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política**. *Trad: Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.*

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**: *estudos de psicologia e história. Trad: Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.*

VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga I e II**. *Trad: Anna Lia A. de Almeida Prado et. al. São Paulo: Perspectiva, 1999.*

VERNANT, Jean-Pierre. **O Universo, os deuses, os homens.** *Trad: Rosa Freire d' Aguiar, - São Paulo: Companhia das Letras, 2000.*

30

ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UFCG - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. / HUAC - UFCG

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MITANDO: UM RECURSO PEDAGÓGICO (IM)POSSÍVEL? UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL MARIA DE LOURDES ARAÚJO EM SANTA RITA-PB

Pesquisador: José Aércio dos Santos Oliveira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 64775722.1.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.913.997

Apresentação do Projeto:

O projeto: "Mitando": Um Recurso Pedagógico (im)Possível? Um Estudo de Caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita-PB é fruto de uma vivência realizada na Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo.

Objetivo da Pesquisa:

Utilizar a mitologia como ferramenta pedagógica para introduzir os alunos na disciplina de filosofia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Houve reconhecimento da existência de riscos mínimos (Esta pesquisa possui risco mínimo aos participantes. Porém, na aplicação do instrumento (questionário), cada participante será informado dos riscos e benefícios da pesquisa, assim como terão conhecimento do sigilo nas respostas e da possibilidade de desistência a qualquer momento)

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem estruturada e atende aos requisitos exigidos pela Resolução 466/2012, apesar de demandar alguns ajustes

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE / HUAC - UFCG

Continuação do Parecer: 5.913.997

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram devidamente apresentados, mas alguns demandam ajustes

Recomendações:

Editar o TCLE de forma que a assinatura não fique isolada

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2012000.pdf	28/12/2022 17:08:24		Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_dos_Pesquisadores.pdf	28/12/2022 16:56:30	José Aércio dos Santos Oliveira	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_Institucional.pdf	28/12/2022 16:55:37	José Aércio dos Santos Oliveira	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta.pdf	28/12/2022 16:55:02	José Aércio dos Santos Oliveira	Aceito
Outros	Declaracao_Institucional.pdf	28/12/2022 16:54:29	José Aércio dos Santos Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	28/12/2022 16:51:12	José Aércio dos Santos Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/09/2022 08:35:29	José Aércio dos Santos Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.pdf	10/09/2022 10:13:20	José Aércio dos Santos Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE / HUAC - UFCG

CAMPINA GRANDE, 27 de Fevereiro de 2023

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

ANEXO B – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, Sirleide Dantas Lopes, Gestora da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "Mitando" - Um Recurso Pedagógico (Im) Possível? Um estudo de caso a partir da Escola Cidadã Integral Maria de Lourdes Araújo em Santa Rita - PB, que será realizada no período de fevereiro - novembro, tendo como pesquisador coordenador o Prof. José Aércio dos Santos Oliveira.

Santa Rita, 28 de dezembro de 2022.

CNPJ 01.566.745/0001-85
E.E.E.F.M. Maria de Lourdes Araújo
INEP 25099256
Av. João Pessoa, n.º 188
Tibiri II - CEP 58302-000
FONE 3217-1343 - SANTA RITA - PB

Sirleide Dantas Lopes
Diretora escolar
Mat.184549-7
AUT.GEAGE:11.683

Assinatura

ANEXO C – ATIVIDADE 01 (QUESTIONÁRIO SOBRE O FILME "A ODISSEIA")

ATIVIDADE 1: DESCOBRINDO O FILME "A ODISSÉIA"

QUESTÕES

1. Quais são os principais desafios enfrentados pelo personagem principal, Odisseu, ao longo da trama, e como ele os supera?

Odisseu enfrentou Ventanias sobre o seu navio, foi aprisionado junto com seu homens pelo ciclope, O seu navio foi arremessado para uma ilha onde havia uma bruxa que transformou seus homens em animais, Odisseu superou tudo isso com astúcia

2. Como o filme aborda temas como destino, livre-arbítrio e a relação entre os deuses e os mortais?

nas relações com os mortais e os deuses tudo se resume com a vontade dos Deuses, quanto o destino e o livre-arbítrio e sobre a vontade dos deuses, Os mortais não tinham muita escolha.

3. Quais são as figuras mitológicas e deuses gregos que desempenham papéis importantes no filme, e qual é sua influência na trajetória de Odisseu?

Os deuses são Zeus, poseidon, Atena e hermes, já também tem a Bruxa circe e o deus e senhor do Ventos-e éolo, na trajetória de Odisseu os deuses influenciam atrapalhando ou se não ajudando Odisseu na sua jornada

4. Como os efeitos visuais contribuem para a representação da aventura de Odisseu e a ambientação do mundo mitológico do filme?

Os efeitos visuais contribuem para que deixem a jornada de Odisseu, mais divertida mais detalhada e deixando o filme mais realista e bonito, quanto a ambientação deu para perceber que fez todo sentido com a personalidade de cada um dos deuses e seres mitológicos

5. Quais elementos do cotidiano e cultura da Grécia Antiga são retratados no filme, e de que maneira eles enriquecem a narrativa?

A cultura da Grécia, e o famoso cavalo de troia, a sua religião, música, comida e vinho lendas, enriquecem a narrativa pela diferença de cultura por se algo diferente.

ATIVIDADE 1: DESCOBRINDO O FILME "A ODISSÉIA"

QUESTÕES

1. Quais são os principais desafios enfrentados pelo personagem principal, Odisseu, ao longo da trama, e como ele os supera?

Enfrentar o ciclope, desafiar a feiticeira e enfrentar os mares revoltados. Para superar esses desafios, Odisseu dependeu da sua inteligência, coragem e habilidades estratégicas.

2. Como o filme aborda temas como destino, livre-arbítrio e a relação entre os deuses e os mortais?

Em resumo o filme trata pulmente à mitologia grega, retratando a luta de Odisseu para encontrar seu caminho de volta para casa, mesmo diante das intervenções divinas e dos desafios que ele enfrentou.

3. Quais são as figuras mitológicas e deuses gregos que desempenham papéis importantes no filme, e qual é sua influência na trajetória de Odisseu?

Atena, Poseidon, Circe, Zeus, eles desempenham papéis decisivos ao ajudá-lo ou colocá-lo em jornadas desafiadoras, fazendo as suas ações moldarem o destino de Odisseu.

4. Como os efeitos visuais contribuem para a representação da aventura de Odisseu e a ambientação do mundo mitológico do filme?

Eles são vida as criaturas míticas, destacam os eventos épicos da história.

5. Quais elementos do cotidiano e cultura da Grécia Antiga são retratados no filme, e de que maneira eles enriquecem a narrativa?

Arquitetura e vestimentas, o filme retrata a arquitetura típica da Grécia Antiga, com templos e palácios. Esses elementos enriquecem a narrativa ao fornecerem um contexto autêntico e detalhado para as aventuras de Odisseu.

ATIVIDADE 1: DESCOBRINDO O FILME "A ODISSÉIA"

QUESTÕES

1. Quais são os principais desafios enfrentados pelo personagem principal, Odisseu, ao longo da trama, e como ele os supera?

Incluem o encontro com Polifemo as Sereias, Cifa e Caribdis, o Ilha de Circe, a descida ao Hades e o enfrentamento dos pretendentes em Itaca. Odisseu supera esses obstáculos com uma combinação de astúcia, coragem e apoio divino.

2. Como o filme aborda temas como destino, livre-arbítrio e a relação entre os deuses e os mortais?

Odisseu está destinado a voltar para casa, mas seu caminho é cheio de desvios às intervenções divinas.

3. Quais são as figuras mitológicas e deuses gregos que desempenham papéis importantes no filme, e qual é sua influência na trajetória de Odisseu?

Poseidon, Atena, Hermes.

4. Como os efeitos visuais contribuem para a representação da aventura de Odisseu e a ambientação do mundo mitológico do filme?

Ajudam a criar um mundo mitológico vívido e envolvente.

5. Quais elementos do cotidiano e cultura da Grécia Antiga são retratados no filme, e de que maneira eles enriquecem a narrativa?

Cultura grega antiga, rituais religiosos, práticas sociais e costumes familiares, refletindo os valores da época, como honra, lealdade e coragem, aprofundando a cultura histórica permitindo que o público compreenda melhor o contexto.

ATIVIDADE 1: DESCOBRINDO O FILME "A ODISSÉIA"

QUESTÕES

1. Quais são os principais desafios enfrentados pelo personagem principal, Odisseu, ao longo da trama, e como ele os supera?

Ele começou a ver desafios ao enfrentar os deuses, ele supera seguindo enfrente com sua ideologia sobre o mundo e os deuses.

2. Como o filme aborda temas como destino, livre-arbítrio e a relação entre os deuses e os mortais?

Como Odisseu era destinado a fazer algo é uma ótima forma de mostrar como a ideia de destino é bem plausível no filme.

3. Quais são as figuras mitológicas e deuses gregos que desempenham papéis importantes no filme, e qual é sua influência na trajetória de Odisseu?

O deuses do vento é importante para guiar ele para Itália, a bruxa que o trancou por bastar mudou toda Olastória.

4. Como os efeitos visuais contribuem para a representação da aventura de Odisseu e a ambientação do mundo mitológico do filme?

São de suma importância para parecer uma época mais antiga e para a representação dos ~~deus~~ deuses

5. Quais elementos do cotidiano e cultura da Grécia Antiga são retratados no filme, e de que maneira eles enriquecem a narrativa?

A forma dos vestimentas é bem notória no cotidiano deles, com isso, dando uma imersão maior para quem ~~[illegible]~~ assisti

ANEXO D – ATIVIDADE 02 (CRIANDO UM NOVO DEUS)

ATIVIDADE 2: CRIANDO UM NOVO DEUS

Crie um novo deus mitológico considerando suas características (nome, domínio, símbolos, história, características físicas e de personalidade)

ATIVIDADE 2: CRIANDO UM NOVO DEUS

Crie um novo deus mitológico considerando suas características (nome, domínio, símbolos, história, características físicas e de personalidade)

ATIVIDADE 2: CRIANDO UM NOVO DEUS

Crie um novo deus mitológico considerando suas características (nome, domínio, símbolos, história, características físicas e de personalidade)

nome: intelectos

domínio: Total conhecimento.

Símbolo: Corvo

História: intectus nas cidade de atenas era uma pessoa fraca de corpo, mas, com uma mente superior. Com a seu corvo representando sua inteligência ele domina o conhecimento da grecia.

Características: Alto com cabelo preto e corpo definido e suas vestes roxas com tonalidade escura representando sua solidão.

Personalidade: pessoa que não liga para as coisas, resultado de sua inteligência que causa profundo tristeza

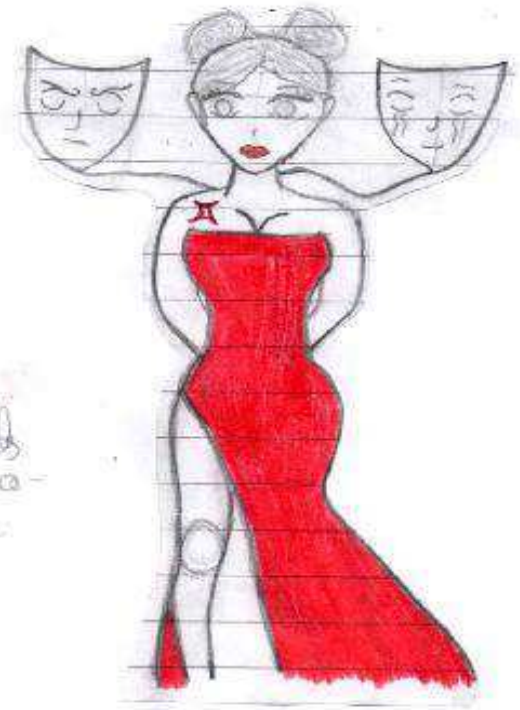
"A maior tristeza do mundo é saber demais"

ATIVIDADE 2: CRIANDO UM NOVO DEUS

Crie um novo deus mitológico considerando suas características (nome, domínio, símbolos, história, características físicas e de personalidade)

Nome: Lady
Domínio: mudança de personalidade

A Deusa da alta personalidade é uma Deusa que ajuda uma pessoa se ver melhor. Tipo ajuda a pessoa a alto se conhecer. Tipo ar se ver como uma pessoa extravertida disciplinada empreendente vitoriel e etc... Vários tipos de personalidade ela faz as pessoas se sentir nos conhecidos, com a sua aparência e personalidade.



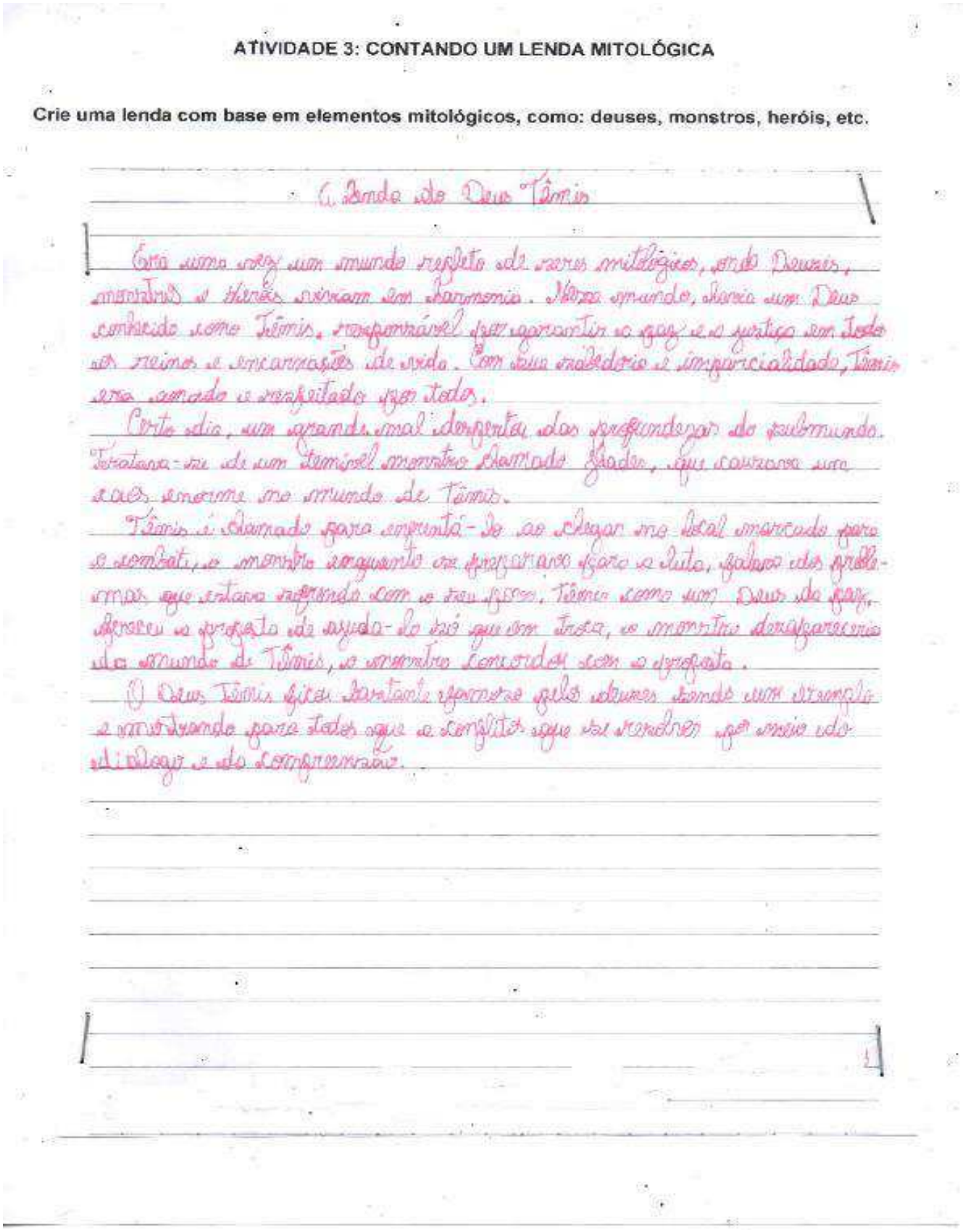
ATIVIDADE 2: CRIANDO UM NOVO DEUS

Crie um novo deus mitológico considerando suas características (nome, domínio, símbolos, história, características físicas e de personalidade)

Nome: Módula
Domínio: Moda

História:
Módula é uma Deusa, filha de Afrodite.
Módula é uma Deusa da moda e possui um... estilo encantador, reza a lenda que a mulher que for abençoada por módula terá um estilo de encantar todos do modo que quiser.

ANEXO E – ATIVIDADE 03 (CONTANDO UMA LENDA MITOLÓGICA)



ATIVIDADE 3: CONTANDO UM LENDA MITOLÓGICA

Crie uma lenda com base em elementos mitológicos, como: deuses, monstros, heróis, etc.

A lenda do Deus Têmis

Era uma vez um mundo repleto de seres mitológicos, onde Deuses, monstros e Heróis viviam em harmonia. Nesse mundo, havia um Deus conhecido como Têmis, responsável por garantir a paz e a justiça em todos os reinos e encarnações de vida. Com sua sabedoria e imparcialidade, Têmis era amado e respeitado por todos.

Certo dia, um grande mal despertou das profundezas do submundo. Tratava-se de um temível monstro chamado Glades, que causava um caos enorme no mundo de Têmis.

Têmis é chamado para enfrentá-lo ao chegar no local marcado para o combate, o monstro enquanto se preparava para a luta, falava dos problemas que estava sofrendo com o seu povo. Têmis como um Deus da paz, ofereceu a proposta de ajuda-lo só que em troca, o monstro desapareceria do mundo de Têmis, o monstro concordou com a proposta.

O Deus Têmis ficou bastante famoso pelos deuses sendo um exemplo e mostrando para todos que a conflitos que se resolver por meio do diálogo e da compreensão.

ATIVIDADE 3: CONTANDO UM LENDA MITOLÓGICA

Crie uma lenda com base em elementos mitológicos, como: deuses, monstros, heróis, etc.

afrodite a ~~[illegible]~~ deuza do amor, todo mundo fala que não existe melhor que ela, mas Bastéis, sua filha, sua única filha, Laena, por isso afrodite com inveja de sua filha, ~~[illegible]~~ Criou uma maldição, condenando Laena a se sentir feia e insegura, e mesmo Laena sendo a mulher mais exuberante, conseguiu ser a mais feia.

lição de Moral: se você Crie algo no seu coleço mesmo não sendo real, ele se torna real

ATIVIDADE 3: CONTANDO UM LENDA MITOLÓGICA

Crie uma lenda com base em elementos mitológicos, como: deuses, monstros, heróis, etc.

As Maldições de Shiliuza

Reza a lenda que maldições estavam aparecendo pelo Japão, criadas por sentimentos negativos, isso não é o maior Problema... existe um Rei entre as maldições, os arcanjos do céu lutam para que nenhum humano coloque seu amuleto, ao colocar, o Rei irá surgir, o maior entre as maldições.....

Na queda do império dos senpieres do Japão, um amuleto foi perdido e até hoje os arcanjos lutam para impedir que alguém troga o Rei de volta a vida.

Uma maldição que se despertado por sua força e aparência assustadora, principalmente sua melhor e maior Habilidade, a "Caçada da raposa" que permite roubar a força de uma pessoa, junto com seu "Toque congelante" fazendo as pessoas Virarem gelo Puro... matando na hora...

ATIVIDADE 3: CONTANDO UM LENDA MITOLÓGICA

Crie uma lenda com base em elementos mitológicos, como: deuses, monstros, heróis, etc.

Betrayal era um menino pobre que morava em gaza, era uma cidade bem pobre, eles viviam em uma região bem hulmide mas começou uma guerra na gaza e eles tiveram que sair muito rápido de lá, na fuga dá para sobreviver mas infelismente, os pais dele morreram e ele teve que se virar sozinho, vários anos se passaram e ele conheceu uma mulher que no início era o amor da vida dele, mas com o tempo esse amor foi sumindo, ele descobreu diversas traições ele adoeceu de tanto sofrimento no seu livro suas ultimas palavras foi "Eu vou voltar" e "Vou me vingar" logo depois que ele morreu ele reencarnou em um deus com todo seu odio na sua alma ele virou um deus do mal e começou a jogar suas pragas no relancionamento dos outros

ATIVIDADE 3: CONTANDO UM LENDA MITOLÓGICA

Crie uma lenda com base em elementos mitológicos, como: deuses, monstros, heróis, etc.

O demônio da garrafa uma criatura horrendos e misteriosos que pode ser invocado por parte de rituais isatânicos essa criatura tão poderosa e tão malefica que pode fazer o pior mal o mal mais obscuro que você possa imaginar para você falar ou pedir alguma coisa para ele você vai fazer uma miniatura da imagem do demônio da garrafa e colocá-lo dentro de uma garrafa dali vai fazer desejos e nos rituais pedir o que você quiser você colocar perto da casa de quem você pretende faz mal. Quando você fazer isso ele vai trazer doenças, desunião, brigas, raiva, ódio: todo mal que você possa imaginar

(O diabo da garra) nome dado a ele nome verdadeiro. Vistosan